



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG)
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO (CEPAE)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEEB)

SUZANA MIRANDA TELES

**A recepção de Clássicos da Literatura na Educação Básica:
desafios e possibilidades no âmbito da docência**

GOIÂNIA
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Suzana Miranda Teles

3. Título do trabalho

A RECEPÇÃO DE CLÁSSICOS DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO ÂMBITO DA DOCÊNCIA

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Ilma Socorro Gonçalves Vieira, Professor do Magistério Superior**, em 11/01/2023, às 10:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Suzana Miranda Teles, Discente**, em 11/01/2023, às 17:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3446571** e o código CRC **2CF201E**.

SUZANA MIRANDA TELES

**A recepção de Clássicos da Literatura na Educação Básica:
desafios e possibilidades no âmbito da docência**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes

Orientadora: Dra. Ilma Socorro Gonçalves Vieira

GOIÂNIA
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Teles, Suzana Miranda

A recepção de clássicos da Literatura na Educação Básica
[manuscrito] : desafios e possibilidades no âmbito da docência /
Suzana Miranda Teles. - 2023.
CLXXI, 171 f.

Orientador: Profa. Dra. Ilma Socorro Gonçalves Vieira.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Centro
de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa de Pós-Graduação
em Ensino na Educação Básica (Profissional), Goiânia, 2023.
Bibliografia. Anexos. Apêndice.
Inclui siglas, fotografias, abreviaturas, tabelas.

1. Docência. 2. Educação Básica. 3. Leitura de clássicos da
literatura. 4. Recepção do jovem leitor. I. Vieira, Ilma Socorro Gonçalves,
orient. II. Título.

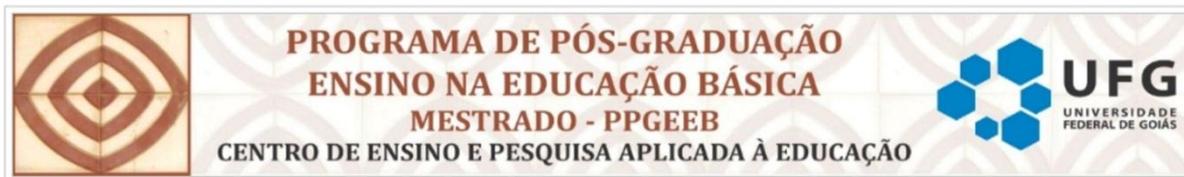
CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



ATA DE EXAME DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO E DO PRODUTO EDUCACIONAL

Aos vinte e quatro dias do mês de junho do ano 2022, às 08:00 horas, via teleconferência, foi realizada a **Defesa de Dissertação** intitulada "A RECEPÇÃO DE CLÁSSICOS DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO ÂMBITO DA DOCÊNCIA" e do produto educacional "Clássicos literários e memórias de leitura", pelo(a) discente **Suzana Miranda Teles**, como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestra em Ensino na Educação Básica. Ao término da defesa, a Banca Examinadora considerou a Dissertação e o Produto Educacional apresentados **APROVADOS**.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Proclamado o resultado, o(a) Presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata, juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Profa. Dra. Ilma Socorro Gonçalves Vieira (CEPAE/UFG) –presidente,

Profa. Dra. Célia Sebastiana da Silva (CEPAE/UFG) – membro interno,

Profa. Dra. Keila Matida de Melo (FE/UFG) -membro externo,

Profa. Dra. Vivianne Fleury de Faria (CEPAE/UFG)- membro suplente interno.

Profa. Dra. Maria Aurora Neta (UFG) - membro suplente externo.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Ilma Socorro Gonçalves Vieira, Professor do Magistério Superior**, em 24/06/2022, às 09:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Keila Matida De Melo, Professora do Magistério Superior**, em 24/06/2022, às 11:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Celia Sebastiana Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 11/07/2022, às 19:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2998568** e o código CRC **968F6915**.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão é para o meu Senhor, o Rei dos Reis, para aquele o qual deposito minha esperança, minha fé, aquele que me sustenta e me mantém de pé, que me deu a vida. Aquele que me capacitou na escrita desse trabalho de pesquisa, que me encheu de coragem e força nos momentos de fraqueza. Quando o cansaço, as dificuldades e a enfermidade me alcançaram, Ele me socorreu. Quando pensei em desistir, Ele me fortaleceu. Gratidão eterna, DEUS!

Agradeço a toda a minha família, amigos e a todos que de forma direta ou indireta me ajudaram na realização desse trabalho de pesquisa e pelos momentos de incentivo.

Sou imensamente grata ao meu filhinho amado Josué, por estar sempre ao meu lado, que mesmo sem entender ou conhecer, me motivou a seguir em frente, a resistir! Seu carinho, seu amor e sua dependência me fez acreditar que tudo daria certo.

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a minha orientadora professora Dra. Ilma Socorro Gonçalves Vieira pelo apoio contínuo na realização desse trabalho de pesquisa, por sua paciência quanto às imposições que vieram me sondar, por sempre me motivar e acreditar que eu seria capaz. Por contribuir com tamanho conhecimento na elaboração desse trabalho, mediando de forma a provocar em mim reflexões significativas. Serei eternamente grata!

Meus agradecimentos às professoras Dra. Célia Sebastiana e Dra. Keila Matida que compuseram a banca examinadora dessa pesquisa de mestrado, pelas brilhantes considerações e observações que me guiaram na produção final desse trabalho, me sinto muito privilegiada por ter alcançado tamanha estima. Minha gratidão vai além desse momento, vocês marcaram eternamente a minha vida, sempre estiveram de uma ou outra forma acompanhando minha trajetória de perto. Nunca me esquecerei dos momentos tão significativos que foram as aulas de Fundamentos Teórico-Methodológicos do Ensino de Literatura, ministradas pelas professoras Dra. Célia, Ilma e Vivianne Freury que fizeram despertar em mim o mais profundo do meu eu leitor.

Minha memória segue marcada por momentos inesquecíveis e é por isso e por demais outros motivos que eu não poderia deixar de mencionar as lembranças que tenho do meu primeiro seminário, o primeiro de muitos momentos em que apresentei meu projeto com meu filhinho nos braços, marcado pela presença da professora Dra. Keila Matida que foi

muito atenciosa, paciente, contribuindo para o amadurecimento desse trabalho desde o início dessa jornada acadêmica. Sempre e para sempre, grata!

Quero agradecer também ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, da Universidade Federal de Goiás (CEPAE/UFG) por proporcionar a oportunidade da realização de um sonho. GRATIDÃO!

Foi graças a todo o incentivo que recebi durante todos esses anos que consegui contemplar a realização de mais esse sonho e hoje, posso celebrar esse marco tão importante na minha vida. Sou imensa e eternamente grata a todos vocês!

DEDICATÓRIA

Primeiramente, dedico este trabalho ao meu Deus, pois sem Ele, isso não seria possível. Em segundo, ao meu filhinho amado, Josué, que foi sempre meu companheirinho durante a realização das disciplinas, nos eventos quando presenciais e também *on-line*, e em todo o decorrer da escrita desta pesquisa. Obrigada, meu amor! Aos meus pais, Ivan Teles e Rosimery Ribeiro, e a minha mãe do coração Nilza Luiza, que me fizeram entender que a simplicidade não nos impede de seguir nossos sonhos. Aos avós paternos do meu amado filhinho, Baltazar Ribeiro e Julenice Ribeiro, que também tiveram uma participação especial nos momentos de cuidado com meu príncipe Josué. Aos meus irmãos, Michael Teles, Dione Ribeiro e, especialmente, aquele que sempre me incentivou com relação aos estudos e acreditou no meu potencial, Lucas Teles. Vocês são especiais! A minha maninha do coração, Amanda Miranda, que sempre esteve ouvindo minhas palavras quando o desespero batia na minha porta, me aconselhando e me dando forças para seguir em frente, com palavras de carinho e muito amor, compartilhando também das minhas alegrias e conquistas. A minha amiga de longa data, Gisele Ribeiro, que sempre compartilhou comigo das mesmas angústias e das mesmas vitórias. A todos vocês a minha homenagem e o meu muito obrigada!

Em ciência leia sempre os livros mais novos. Em literatura, os mais velhos.

Millôr Fernandes

TELES, Suzana Miranda. **A recepção de clássicos da literatura na Educação Básica: desafios e possibilidades no âmbito da docência.** 2023. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

RESUMO

Esta dissertação é resultado do Curso de Mestrado Profissional *Stricto Sensu* do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, da Universidade Federal de Goiás (PPGEEB-CEPAE-UFG). Ela apresenta uma investigação sobre a recepção de clássicos da literatura na Educação Básica, desenvolvida com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola da Rede Estadual de Ensino, situada no Centro-Oeste goiano. Trata-se de uma pesquisa que buscou refletir acerca do processo de recepção, pelos alunos, das obras consideradas como patrimônio cultural, bem como sobre os desafios enfrentados pelos docentes em sala de aula, para promover a leitura de clássicos entre os jovens, sobretudo no atual contexto, em que se faz amplo o acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). O pressuposto é de que esse desafio pode ser superado, se criados contextos nos quais são rompidas barreiras para a recepção das obras, como as relacionadas aos aspectos históricos e linguísticos. A pesquisa foi de cunho qualitativo e fundamentada em teóricos que discorrem sobre a importância dos clássicos literários na formação do leitor, como Calvino (1997), Machado (2009) e Colomer (2017), e a respeito da recepção leitora, como Jauss (1979, 1990) e Iser (1996). Como *corpus* literário da pesquisa de campo foram selecionadas narrativas machadianas e das “Mil e uma noites”. A coleta de dados ocorreu a partir das atividades aplicadas no decorrer da pesquisa de campo e as análises e reflexões partiram da observação do envolvimento dos alunos participantes da pesquisa com os textos selecionados. O Produto Educacional consiste em livro intitulado *Classicos Literários e Memórias de leitura* constituído de textos produzidos pelos estudantes durante a pesquisa, e se apresenta em dois formatos: livro digital e livro impresso. Uma versão será disponibilizada nos meios digitais e a outra irá compor o acervo da biblioteca da escola-campo da pesquisa. Espera-se que a pesquisa realizada contribua com as reflexões acerca da importância da leitura de clássicos literários na Educação Básica e forneça elementos para se vislumbrar possibilidades para um ensino de literatura, na perspectiva da formação dos jovens leitores contemporâneos.

Palavras-chave: Docência. Educação Básica. Leitura de clássicos da literatura. Recepção do jovem leitor.

TELES, Suzana Miranda. **The reception of literature classics in Basic Education: challenges and possibilities in the field of teaching.** 2023. Dissertation (Masters in Teaching in Basic Education) – Postgraduate Program in Teaching in Basic Education, Center for Teaching and Research Applied to Education, Federal University of Goiás, Goiânia, GO.

ABSTRACT

This dissertation is the result of the *Stricto Sensu* Professional Master's Course of the Graduate Program in Teaching in Basic Education, from the Center for Teaching and Research Applied to Education, Federal University of Goiás (PPGEEB-CEPAE-UFG). It presents an investigation about the reception of classics of literature in Basic Education, developed with students of the 8th year of Elementary School of a school of the State Education Network, located in the Midwest of Goiás. This is a research that sought to reflect on the process of reception, by students, of works considered as cultural heritage, as well as on the challenges faced by teachers in the classroom, to promote the reading of classics among young people, especially in the current context, in which there is wide access to Information and Communication Technologies (ICTs). The assumption is that this challenge can be overcome if contexts are created in which barriers to the reception of works are broken, such as those related to historical and linguistic aspects. The research was qualitative and based on theorists who discuss the importance of literary classics in the formation of the reader, such as Calvino (1997), Machado (2009) and Colomer (2017), and about the reader reception, such as Jauss (1979), Iser (1990) and Iser (1996). As a literary corpus of the field research, Machadian and “One Thousand and One Nights” narratives were selected. Data collection took place from the activities applied during the field research and the analyzes and reflections started from the observation of the involvement of the students participating in the research with the selected texts. The Educational Product consists of a book entitled *Literary Classics and Reading Memories* consisting of texts produced by students during the research, and is presented in two formats: digital book and printed book. One version will be made available in digital media and the other will be part of the library collection of the research field school. It is hoped that the research carried out will contribute to reflections on the importance of reading literary classics in Basic Education and provide elements to envision possibilities for teaching literature, from the perspective of the formation of young contemporary readers.

Keywords: Teaching. Basic education. Reading classics of literature. Reception of the young reader.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1- A IMPORTÂNCIA DOS TEXTOS LITERÁRIOS CLÁSSICOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO LEITORA	14
1.1 Clássicos literários - "eternos e sempre novos"	19
1.1.1 O <i>iceberg</i> do texto literário	25
1.1.2 A função emancipadora da Leitura Literária.....	29
1.1.3 A recepção da obra literária	36
1.1.4 Memória	40
2- A ESCOLA CAMPO DA PESQUISA	44
2.1 A comunidade escolar	46
2.1.1 Ensino Fundamental – anos finais	47
2.1.2 Educação de Jovens e Adultos – 2ª Etapa (6º ao 9º ano do Ensino Fundamental)	47
2.1.3 Educação de Jovens e Adultos – 3ª Etapa (1ª à 3ª série do Ensino Médio)	47
2.1.4 Leitura literária e o ensino de literatura na escola campo da pesquisa	47
3- ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA DE CAMPO	51
3.1 Os protagonistas dessa "Odisseia"	54
3.2 Primeira etapa da pesquisa – introduzindo a prática	56
3.3 Segunda etapa da pesquisa	76
3.4 Quadro de análises dos dados da pesquisa de campo – modelo híbrido de ensino ...	81
4-O PRODUTO EDUCACIONAL	83
4.1 Memórias – primeira etapa	88
4.2 Memórias – segunda etapa	94
CONCLUSÃO	103

REFERÊNCIAS

APÊNDICES

Apêndice 1 : Termo de Consentimento livre e esclarecido – TCLE

Apêndice 2: Contos trabalhados na pesquisa de campo

Apêndice 3: Atividades desenvolvidas durante o modelo de ensino remoto

Apêndice 4. Atividades realizadas pelos alunos durante o modelo de ensino remoto

Apêndice 5. Atividades realizadas pelos alunos durante o modelo de ensino presencial

Apêndice 6. Produto Educacional

ANEXOS

Imagem 1. Certificado de registro do Programa de Bibliotecas

Imagem 2. Biblioteca escolar da escola campo da pesquisa

INTRODUÇÃO

O saber a gente aprende é com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes.

Cora Coralina

Este estudo sobre a recepção de clássicos da literatura entre jovens leitores é resultado de uma pesquisa que partiu da minha experiência em sala de aula, como professora regente da disciplina Literatura em turmas de alunos da segunda fase do Ensino Fundamental II-6º ao 9º ano (11 a 15 anos de idade), de uma escola da rede privada da cidade de Goiânia-Goiás. Em minha prática docente, não havia experimentado ministrar aulas de literatura como uma disciplina independente, pois, atualmente, as propostas curriculares não preveem essa disciplina trabalhada de forma isolada. Nas experiências anteriores, a abordagem do texto literário sempre esteve associada à disciplina de Língua Portuguesa e, geralmente, as aulas de literatura se baseavam nas propostas dos livros didáticos, voltadas para análises dos períodos literários ou a partir de recortes de obras literárias, para fins de atividades interpretativas.

No contexto da escola particular, ponto inicial de minha prática docente e de partida para esta pesquisa, existia o acolhimento do material impresso de obras clássicas da literatura publicadas pela editora “Prazer de Ler”, responsável pelos livros didáticos adotados na unidade de ensino. Dentre as obras se destacavam *Dom Casmurro*, *A mão e a Luva* e *O alienista*, da coleção de obras de Machado de Assis, bem como *Cinco minutos* e *A viuvinha*, de José de Alencar, *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, e *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto. Tais obras carregavam traços ilustrativos que permitiam ao leitor imaginar acerca da narrativa e ampliar sua experiência de leitura literária. A coleção continha também informações sobre o autor de cada obra, o contexto de sua produção e períodos literários relacionados. Havia, ainda, comentários a respeito de determinados trechos e referências a outros clássicos da literatura. Eram informações que o editor deixava à disposição do docente para serem usadas conforme lhe fosse mais adequado no processo de mediação da leitura literária.

Quando comecei a lecionar como professora regente de Literatura na escola da rede privada de ensino, com os estudantes do 6º ao 9º ano, foi possível observar logo nos primeiros momentos da aula, o desinteresse dos alunos frente à leitura de obras clássicas. Então, após introduções, indagações e questionamentos, outro fator foi observado, com os avanços das Tecnologias da Comunicação e Informação, era evidente que os estudantes

estavam mais interessados por outros tipos e suportes de leitura, inclusive de *best-sellers* e outras formas contemporâneas. Logo me questioneei: como atuar de modo a contribuir para que esses alunos desenvolvam o gosto pela leitura de obras consideradas como clássicas da literatura?

Várias foram as intervenções que procurei realizar. No início, adotei um projeto literário memorável, executado por uma professora de Literatura Infantil, no período em que cursei a graduação, apresentado como um passaporte de leitura literária. Abracei a ideia, na expectativa de despertar o interesse dos jovens leitores, e adaptei o passaporte para todas as turmas dos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). Nomeei a minha versão do projeto de “Passaporte de Literatura”.

Duas propostas foram lançadas: a primeira, para os estudantes do 6º ao 8º ano do Ensino Fundamental II, na qual os jovens leitores, ao final do segundo semestre, por votação, escolheriam o melhor livro clássico lido no decorrer do ano letivo. Após a seleção do livro literário, os estudantes deveriam seguir um roteiro de elaboração do Passaporte de Literatura que incluía resumo, cruzadinha, pinturas, colagens, entrevistas com o autor da obra, cartas, entre outras atividades. Na segunda proposta para o Passaporte de Literatura, incluía apenas os jovens leitores do 9º ano, fase final do Ensino Fundamental II que, em especial, além da proposta do roteiro de elaboração do passaporte, havia o planejamento de uma peça teatral adaptada pelos alunos, sob minha orientação, como evento de fechamento do ano letivo, destinado a todo o coletivo da unidade escolar. Os Passaportes de Literatura elaborados pelos estudantes eram no final do trabalho, editados pelos próprios estudantes e expostos para que todos no contexto escolar pudessem ter acesso e apreciar o material produzido. Os resultados observados foram significativos, de modo a se estabelecer a hipótese norteadora da pesquisa que aqui se apresenta: a de que a leitura de clássicos da literatura cumpre uma função muito importante na formação de jovens leitores e, para isso, a mediação docente é fundamental.

Nesse sentido, é possível afirmar que as reflexões desenvolvidas neste trabalho são resultados da pesquisa de campo realizada durante o curso do Mestrado, mas que tiveram início na minha experiência docente, antes do meu ingresso como discente do PPGEEB-Cepae-UFG. É importante enfatizar que o Passaporte de Literatura foi trabalhado apenas durante minha experiência docente na escola da rede privada de ensino, na cidade de Goiânia-Goiás, e, portanto, a análise de dados apresentada nessa pesquisa, todavia, diz respeito, exclusivamente, ao trabalho executado na escola campo da pesquisa, o Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas, localizado na cidade de Piranhas-Goiás, que tem como público-alvo alunos das zonas urbana e rural e de municípios vizinhos. Trata-se de uma pesquisa de

cunho qualitativo, realizada com o objetivo de contribuir com a Educação e o Ensino de Literatura, por meio da promoção da leitura de obras literárias clássicas aos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental.

Para a pesquisa de campo, foram escolhidos contos de Joaquim Maria Machado de Assis, considerado por Bosi (2017) um escritor de destaque na prosa e o mais equilibrado da ficção:

O seu equilíbrio não era o goethiano – dos fortes e dos felizes, destinados a compor hinos de glória à natureza e ao tempo; mas o dos homens que, sensíveis à mesquinhez humana e à sorte precária do indivíduo, aceitam por fim uma e outra como herança inalienável, e fazem delas alimento de sua reflexão cotidiana. (BOSI, 2017, p. 186).

Massaud Moisés (2012, p. 255) reafirma essa citação ao mencionar, em sua obra *A literatura brasileira através dos textos*, a trajetória e amplitude das produções de Machado de Assis, ao assinalar que o autor era senhor de um “Espírito polimórfico” e encontrava na literatura um estímulo para viver, pois “Somente a Literatura lhe ameniza a solidão irremediável”.

Desse modo, a seleção do *corpus* literário da pesquisa teve como primeiro critério a singularidade estética da produção do escritor brasileiro, a se ressaltar em cada obra, como um convite para leituras cada vez mais refinadas, nas quais é exigida do leitor, em alto grau, uma agudez dos sentidos, para um mergulho nas nuances do espírito humano. A esse critério seguiu-se o segundo, relacionado ao intuito de promover o acesso dos alunos a uma produção representativa da literatura brasileira. Outro critério empregado na seleção das obras foi a possibilidade de condensar as atividades e as discussões sobre cada uma delas, por isso a opção por contos, que são narrativas de menor extensão. Esse critério pôde ser articulado a mais um, que seria promover o acesso dos alunos também a clássicos da literatura universal, considerando a importância de determinadas produções na constituição do nosso imaginário coletivo.

Assim, foram selecionados os seguintes contos de Machado de Assis: “Adão e Eva”, a “Teoria do Medalhão” e “O espelho”, que apresentam, sobretudo, a visão do autor frente à condição humana, do homem e da mulher, bem como “A aparência superando a essência; a superfície subjugando a profundidade [...]” (HANSEN, 2015, p. 123). Trata-se, portanto, de narrativas que, de uma forma peculiar, dizem muito a respeito de uma sociedade que supervaloriza a imagem como evento principal da manifestação dos indivíduos. Da coleção árabe clássica *As mil e uma noites* foram selecionadas as narrativas: “As três maçãs” e “O

incômodo Cadáver”. O enfoque deste estudo é sobre a recepção dessas obras pelos jovens leitores participantes da pesquisa de campo.

O Produto Educacional da pesquisa consiste em um livro intitulado *Clássicos literários e Memórias de leitura* elaborado a partir de produções dos alunos e se apresenta em dois formatos: um digital e um material impresso que deve compor o acervo da biblioteca da escola campo da pesquisa.

No que diz respeito à pesquisa de campo, cumpre destacar que, em função da pandemia da Covid-19, as atividades foram realizadas de forma remota, em aulas *on-line*, com aulas gravadas (videoaulas) para a melhor explanação do conteúdo, os questionários foram aplicados pelo formulário do *Google Forms*, o serviço de comunicação do *Google Meet* foi utilizado como alternativa de aproximar os jovens leitores da realidade do contexto da sala de aula, as postagens das aulas foram realizadas pelo aplicativo do *Whatsapp*. Foram organizadas propostas de leitura individual, reflexão, diálogos e elaborados questionários voltados para o contexto da leitura literária, com indagações para investigar a maneira como ocorreu a recepção das obras literárias pelos jovens leitores participantes da pesquisa. Ao final, os estudantes realizaram as produções que compõem o Produto Educacional já mencionado. Ainda assim, é importante deixar evidente que, em geral, houve a necessidade de ampliar a proposta inicial da pesquisa, no que se refere às produções dos textos de memória, em razão das experiências leitoras dos estudantes se apresentarem restritas, dentro do contexto social e cultural da comunidade escolar. Em sua maioria, os alunos traziam memórias muito limitadas de momentos de leitura literária, em casa ou na escola, e isso fez com que as primeiras produções recolhidas não fossem, substancialmente, suficientes para a composição do Produto Educacional. Necessário se fez, portanto, estender os momentos previstos para a realização das atividades.

Na análise dos dados da pesquisa de campo, procurei dialogar com estudos de Calvino, de Colomer (2017) e de Machado (2009) sobre a importância da leitura dos clássicos literários. Retomei a história da Literatura Brasileira com Bosi (2017) e Moisés (2012) e busquei apontamentos que envolvem a teoria e a crítica literária, na perspectiva da formação e recepção de jovens leitores, sob o olhar de Iser (1996), Colomer (2003-2017), Cosson (2020), Jouve (2002-2012) e Todorov (2010-2019). Em relação à leitura literária na escola, à mediação do professor e o ensino de literatura, procurei embasamento nas concepções de Barthes (2013-2015), Bajour (2012), Zilberman e Rosing (2009), Zilberman (2012), Cademartori (2009), entre outros.

A Dissertação está organizada em quatro capítulos. O primeiro apresenta reflexões que abrangem discussões sobre a importância da leitura de clássicos da literatura, a recepção do jovem leitor em seu processo de formação, os desafios da promoção da leitura de clássicos na era digital e a constituição da memória de leituras literárias. No segundo capítulo, é apresentada a escola campo da pesquisa, são especificados os sujeitos envolvidos e é discutida a promoção da leitura literária na instituição. No terceiro capítulo, são contextualizadas e detalhadas as etapas das atividades realizadas com os alunos, para a coleta de dados, e explicitadas as análises dos resultados obtidos com a aplicação da pesquisa por meio remoto de ensino. No quarto capítulo, é apresentado o Produto Educacional da pesquisa de campo. Por fim, na conclusão, há reflexões acerca dos resultados obtidos com a pesquisa e o seu potencial para contribuir com a Educação Básica, em específico, com o ensino de literatura, tendo-se como referências obras clássicas para a formação de jovens leitores.

1- A IMPORTÂNCIA DOS TEXTOS LITERÁRIOS CLÁSSICOS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO LEITORA

*O mais difícil, mesmo, é a arte de desler.
Mario Quintana*

Promover o acesso das crianças e dos jovens à leitura literária é um importante dever da escola. O cumprimento desse dever, no entanto, é desafiador, sobretudo quando se trata da leitura de clássicos da literatura. Experiências em sala de aula têm demonstrado que, diante dos avanços das Tecnologias da Informação e Comunicação e do amplo acesso a elas, o jovem leitor, muitas vezes, não apresenta motivação para a leitura nos moldes convencionais, do livro impresso, do texto literário com as provocações da linguagem plurissignificativa. O espaço dessa leitura tende, nesse sentido, a ser preenchido pelos *best-sellers*, que, em grande parte, alimentam a indústria cinematográfica e inspiram jogos eletrônicos apreciados pelos jovens. A promoção da leitura de obras literárias consideradas clássicas torna-se, assim, um desafio a ser assumido por docentes que compreendem a importância e a necessidade de garanti-lo como um direito de todas as pessoas.

Para a realização da presente pesquisa, partimos da pressuposição de que o desafio em promover leitura de obras consideradas como clássicas pode ser superado, quando são criados contextos de recepção dos clássicos literários capazes de romper com as barreiras que, em geral, se apresentam durante o processo de mediação docente. Ao tratarmos da

importância dos textos literários clássicos, no processo de formação leitora, é fundamental partir da seguinte definição apresentada pelo escritor Ítalo Calvino (2017):

Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). (CALVINO, 2017, p. 9).

O trabalho com os clássicos na educação de jovens tem, portanto, uma grande relevância, pois, em sua riqueza, os clássicos constituem uma preciosa herança, que reflete aspectos culturais, históricos e linguísticos cultivados por gerações que antecederam a nossa. O acesso a essa herança é, desse modo, um importante meio para o reconhecimento dos laços que mantemos com os nossos antepassados e que resistiu as marcas do tempo, como uma fonte inesgotável, onde sempre podemos beber, sendo, portanto, indispensáveis.

Em estudo referente à importância do acesso aos clássicos universais, desde cedo, a escritora brasileira Ana Maria Machado (2009) reivindica que ler literatura, e aqui nos remetemos aos clássicos, é uma forma de demonstrar resistência, que é preciso dedicar um tempo e atenção aos livros de boa qualidade, destacando que “Direito e resistência são duas razões para a gente chegar perto dos clássicos. Mas há mais. Talvez a principal seja o prazer que essa leitura nos dá” (MACHADO, 2009, p. 19). Para a escritora, além do prazer simples de se emocionar, de se divertir, de sorrir, existe a satisfação em “se deixar transportar” para outras vidas, ou simplesmente, propiciar o descobrimento do próprio eu, de nossa própria experiência da realidade.

Ana Maria Machado (2009) menciona também que é muito prazeroso quando encontramos um livro misterioso, que traz consigo o prazer da decifração, da exploração, com obstáculos e são esses que nos dão prazer, que nos atrai “Como quem se apaixona. É uma delícia irresistível: ir se deixando fascinar, se permitindo ser conquistado por aquelas palavras e ideias, tentando ao mesmo tempo conquistar e vencer as dificuldades da leitura.” (MACHADO, 2009, p. 21). Construindo uma troca de prazer com sensibilidade, delicadeza e empenho, como uma forma de produzir sentido, uma vez que “Quando lemos um clássico, ele também nos lê, vai nos revelando nosso próprio sentido, o significado do que vivemos.” (MACHADO, 2009, p. 22).

A pesquisadora espanhola Teresa Colomer (2017, p. 127) também reflete a respeito da importância dos clássicos na formação do leitor, partindo da compreensão de que “Conhecer o legado literário tem sido uma das funções mais evidentes da educação literária na escola”. A estudiosa afirma:

[...] na atualidade aumentam as vozes que defendem a responsabilidade social de oferecer aos meninos e às meninas o acesso a uma tradição cultural compartilhada pela coletividade. Isso requer a criação de um horizonte de leituras “clássicas”, entendidas como um conjunto formado pelo folclore, os títulos mais valorizados da literatura infantil e o início da leitura das grandes obras universais. (COLOMER, 2017, p. 127, grifo da autora).

Colomer desenvolve seus argumentos em defesa da importância do acesso aos clássicos, com base em três razões fundamentais: a primeira se refere ao enlace que eles promovem entre os leitores, permitindo “compartilhar referências linguísticas, artísticas e culturais com as gerações anteriores” (p. 128); a segunda diz respeito ao enlace que evidencia, entre outros, “a existência de recursos comuns que foram utilizados incessantemente nas obras escritas ao longo dos tempos” (p. 129); e a terceira está relacionada ao enlace entre níveis culturais, à “capacidade dos clássicos para dar sentido de hierarquia entre os níveis de elaboração e significado dos produtos culturais” (p. 130).

Com as ideias desenvolvidas por Calvino, Machado e Colomer, confirmamos a relevância da literatura em vários aspectos da formação humana e a necessidade de encontrarmos possibilidades, no âmbito da docência, que favoreçam a construção de sentidos por parte dos jovens, para as leituras que realizam, sentidos esses, que vão além dos resultantes das chamadas “leituras de consumo”.

Quando se trata dos desafios envolvidos na formação de leitores, é válido lembrar que a prática da leitura tem o poder de despertar uma relação de proximidade com o interior, por enunciar, de forma peculiar, emoções, lembranças, realidades não vivenciadas, fazendo-as subsistir de forma direta ou indireta, como considera Todorov (2017, p. 27). O autor afirma que: “a literatura, sabemos, existe precisamente enquanto esforço do dizer o que a linguagem comum não diz e não pode dizer”. Assim, a literatura se revela singularmente importante, por impulsionar o uso criativo da língua, ao romper com paradigmas em todos os níveis da enunciação verbal e propor infinitudes de construções que fogem do uso cotidiano do idioma. A leitura dos clássicos, nesse sentido, permite, ainda, ampliar o repertório discursivo do leitor, porque possibilita o trânsito abrangente por diversas maneiras de se fazer uso da linguagem literária, conforme os aspectos envolvidos na produção das obras, como o tempo histórico e a cultura de origem delas e de seus autores.

João Luís Ceccantini (2015), pesquisador brasileiro com estudos voltados para a formação do leitor jovem, desenvolve suas análises e reflexões com ênfase na recepção dos

textos literários por esse leitor. Para Ceccantini, o texto literário possui uma função histórica, se considerarmos sua efetividade comunicativa:

Como vimos, na medida em que o texto é o campo do confronto dos horizontes de expectativas do leitor e do receptor, e de cuja fusão depende o próprio ato de recepção, não apenas os textos da literatura infanto-juvenil encontram-se sob o risco iminente de que não se venha a concluir o processo de comunicação literária. (CECCANTINI, 2015, p. 287).

O autor se manifesta atento ao fato de que, para cumprir essa função histórica, o texto literário precisa encontrar ressonância no horizonte de expectativa do jovem leitor. Ceccantini entende que, para que não haja o risco de não se concluir o processo de comunicação literária, é preciso levar em consideração os aspectos gerais da produção, o texto e sua recepção. Entendemos, desse modo, que a mediação exercida por um leitor experiente se faz necessária em muitas situações, no sentido de favorecer a interação entre o texto literário e o jovem leitor – seja fornecendo informações que extrapolam os limites do próprio texto e que contribuem para a construção de sentidos em relação a ele, seja propondo caminhos para o desvendamento dos enigmas que nele possam ser encontrados.

Nas palavras de Calvino (1997, p. 10), “Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos”. São, portanto, obras cujos sentidos podem ser atualizados e ampliados, infinitamente, permitindo que o leitor reelabore também, para si mesmo, o sentido de sua própria condição de sujeito, em cada nova leitura. Para isso, é importante que o acesso inicial aos clássicos ocorra de modo produtivo, capaz de promover um real encontro entre dois universos: o da obra e o do leitor.

Podemos inferir desse modo que é, portanto, por meio da leitura que podemos dar um sentido novo, inesperado e inédito aos textos literários. Sobre isso, Harold Broom (2001, p. 11) menciona que “Não existe apenas um único modo de ler.” E acrescenta que os fatores relacionados à leitura estão ligados aos motivos que levam os leitores a ler e que, a leitura precisa ser um ato de liberdade para aqueles que a apreciam.

Sobre o sujeito leitor, Umberto Eco (1989, p. 101) salienta que existem dois tipos de leitores: aquele que lê sob a perspectiva da narrativa, que não critica e não questiona, interessado apenas em “o que” o texto conta, conhecido, portanto, como leitor vítima (ou leitor ingênuo); Ou mais precisamente, aquele leitor que realiza uma interpretação semântica do que texto, em que diante da manifestação do texto, preenche-o de significados próprios.

Refletindo sobre esse modelo de leitor, é relevante tecer algumas observações voltadas para a escrita de textos diversos, em que, na literatura de consumo se inserem dois tipos de textualismo “O primeiro é o daqueles que não se ocupam com a intenção do autor e tratam o texto trabalhando sobre ele como se contivesse um princípio privilegiado de coerência interna, causa suficiente dos efeitos que provoca em seu suposto leitor ideal.” E “A segunda tendência seria exemplificada por aqueles críticos que consideram todo reading como um misreading e que, [...] não se voltam nem para o autor nem para o texto para perguntar quais sejam suas intenções” (ECO, 2015, p. 42/43).

Ainda nesse mesma linha de raciocínio, temos o segundo tipo de leitor, conhecido como leitor crítico, questionador e que se sente estimulado pelo modo da enunciação, ou seja, em “como” o texto narra. Sobre esse leitor, Eco (2015, p. 41) enfatiza que “A interpretação crítica ou semiótica é, ao contrário, aquela por meio da qual procuramos explicar por quais razões estruturais pode o texto produzir aquelas (ou outras, alternativas) interpretações semânticas.” Aquele leitor que procura na leitura do texto infinitos modos de interpretações, para Eco “Um texto pode ser interpretado tanto semântica como criticamente, mas apenas alguns textos (em geral os de função estética) preveem ambos os tipos de interpretação.” (ECO, 2015, p. 41). Podemos compreender que a função estética de um texto literário está relacionada à construção de um dizer literário, de algo que seja belo e envolvente, de uma forma sensível e profunda, e aqui, destacamos a premissa dessas características na leitura dos clássicos literários.

Sobre o leitor e o texto literário é importante ressaltar que, no processo de formação do jovem leitor, é imprescindível pensar em uma literatura que fuja do palatável, do gosto do leitor ingênuo. Uma leitura literária que traga desafios, que venham a oferecer certa resistência ao jovem leitor. Para Maria Tereza Andruetto (2017, p. 94) “[c]onverter-se em leitor leva seu tempo e é uma tarefa de alta intensidade; trata-se de dar saltos sobre si mesmo até uma consciência maior, de maior complexidade [...]”. Nesse trecho retirado do ensaio “Elogio da dificuldade: formar um leitor de literatura”, a autora faz um “apelo” para os riscos de se escolher obras mais condensadas, mais simples e de uma leitura de fácil compreensão.

Observamos que Humberto Eco considera que os dois tipos de leitores são conhecidos e aceitáveis, uma vez que os textos literários permitem interpretações diversas e cada leitura é uma nova experiência, que conduz a releituras, a partir da imaginação do leitor. Em um sentido de desertamento literário, o que interessa é potencializar a valorização do individual e o respeito pelas leituras que busquem contemplar a empatia, a reflexão do eu como indivíduo histórico e social e suas possíveis analogias.

Enquanto Maria Tereza Andruetto (2017) apresenta um alerta sobre a escolha da obra literária sobre a perspectiva do jovem leitor que eu quero formar. Trata-se de escolher obras que venham contribuir na formação da identidade leitora dos jovens, de grande valor estético e que tragam possibilidades significativas na vida dos nossos estudantes.

Assim, na pesquisa aqui apresentada, podemos concluir que a leitura literária de textos clássicos são de suma relevância para o processo de formação do jovem leitor e que, esse processo está intrinsecamente ligado a leitura, ao jovem leitor e a escolha dos textos literários clássicos que venha resultar em uma formação leitora capaz de contemplar diferentes níveis da fruição estética e da consciência crítica em relação aos aspectos envolvidos na construção e na recepção das obras.

1.1 Clássicos literários – eternos e sempre novos

Iniciemos essa discussão com uma citação da escritora Ana Maria Machado (2009):

[...] pode-se imaginar alguém que deseja muito melhorar de vida e tem na sala uma arca cheia de tesouros que os avós e os pais lhe deixaram. Mata-se de trabalhar, mas nunca supôs que aquele baú fosse mais do que uma caixa vazia. Jamais teve o impulso de arrombá-lo ou a curiosidade de procurar uma chave que o abrisse. Todo aquele patrimônio, ali pertinho, ao seu alcance, não lhe serve para nada. Um monumento à inutilidade. (MACHADO, 2009, p.17).

Na citação, temos um exemplo sobre como o leitor de literatura passa por situações semelhantes quando temos ao nosso dispor, como herança, obras com um imenso valor literário, que estão se acumulando e que, muitas vezes, nem temos a curiosidade de conhecê-las. Nesse tópico, “Clássicos literários – eternos e sempre novos”, recorro as palavras dessa autora que tem explorado e experimentado a grandeza e o prazer de ter os clássicos como herança e referências para as suas discussões sobre leitura e formação de leitores.

Para chegarmos a explorar diferentes concepções sobre as obras que consideramos como patrimônio cultural, os clássicos literários, desejo transportar essa beleza, trazendo, mesmo que brevemente, um pouco da história da literatura, como palavra mestra para todas as demais ramificações da expressão verbal. A literatura existe por dizer tudo o que nós não somos capazes de dizer, literatura é arte, é estética, é discurso, é história, é a transparência vívida nas palavras escritas de outrem, que transcorre no tempo, sem perder sua essência, suas características e suas memórias.

Vincent Jouve (2012, p. 29) aborda de forma breve a etimologia da palavra “literatura”. Segundo o autor, “vem do latim *litteratura* (“escrita”, “gramática”, “ciência”) forjado a partir de *littera* (“letra”)”. Jouve destaca que no século XVI, a palavra designava a produção artística e cultural como forma da *erudição*, ou seja, uma forma de produção feita para e das elites dominantes, quem tivesse literatura possuía saber, como consequência das leituras literárias. Naquele momento, literatura era posta como própria de certa elite, tomada como forma a poesia, visto que nem todos os indivíduos tinham acesso a ela. O autor ainda menciona que foi por volta do século XVIII, com a abrangente evolução das artes e do emergente crescimento dos gêneros, que se tornou necessária uma palavra que se enquadrasse de forma geral, chegando-se à palavra “literatura”.

Foi, portanto, com o decorrer dos séculos que a palavra “literatura” deixou de ser parte de um “ter literatura” (pertencente apenas as classes dominantes) para se tornar uma prática (de todos os leitores e classes), a literária. Ainda segundo Vincent Jouve (2012), a palavra engloba tanto a vocação intelectual quanto os textos da estética, históricos, de ficção filosófica, e até mesmo alguns do campo científico. Isso porque um texto, com o tempo, pode ganhar uma identidade literária que venha a ser reconhecida de forma coletiva. E foi a partir do século XIX, que a literatura entrou no campo moderno, correspondendo ao uso e à forma da “estética da linguagem escrita”, compreendido como a existência de um diálogo constante entre os sujeitos sobre a prática da escrita e da leitura em sua totalidade e que, ao mesmo tempo se interagem e se reconhecem como leitor e escritor, capaz de produzir cultura com foco na intenção do autor e na interpretação livre do texto literário.

Em um contexto histórico literário, Massaud Moisés (2012), em sua antologia intitulada *A Literatura Brasileira através dos textos*, menciona sobre as *origens e formação da literatura*, evidenciando que a história da literatura brasileira se iniciou no período de 1500 e 1601, primeiramente com a publicação da *Carta* de Pero Vaz de Caminha e, mais tarde, com a publicação do poema épico *Prosopopeia*, de Bento Teixeira. Segundo o mesmo autor, a pretensão de Pero Vaz de Caminha era notificar, com toda fidelidade, a verdade observada. Por toda a sua peculiaridade, a carta foi considerada um diário de viagem, por ocupar suas 27 páginas de escrita, com texto corrido de começo, meio e fim (p. 15/18), sendo um forte atrativo do campo estético literário, com uma predominante influência da Literatura Portuguesa.

Quanto ao poema de Bento Teixeira, Moisés (2012) destaca que *Prosopopeia* foi escrito em 1601 e tem como término 1768, no período mais conhecido como Barroco, com a publicação de *Obras poéticas*, de Claudio Manuel de Costa. A poesia, nesse contexto, tinha

muitas características espanholas, apenas em seu segundo momento, ela se desabrocha abraçando-se e, logo depois, surgem as academias literárias. A *Prosopopeia*, portanto, não deve passar despercebida pela sua precedência histórica. No mais, Moisés faz questão de destacar que essa obra não poderia representar o melhor da nossa literatura (p. 39).

Nesse mesmo viés, destacamos o estudo de Bosi (2017, p.11), em *História concisa da Literatura Brasileira*, no qual o autor destaca a problemática que envolve as origens da nossa literatura, considerando que ela não deve ser rotulada pelas características europeias, mas sim pelo complexo colonial de vida e de pensamento. O autor faz questão de mencionar a literatura americana que, segundo ele, parte de uma cultura do “outro” e que, no Brasil, se fez pela terra ocupada, do pau-brasil a ser explorado, da cana-de-açúcar a ser cultivada, do ouro a ser extraído, tornando esses processos sujeitos de uma história.

Bosi menciona ainda que houve vários escritos da nossa vida, que documentaram com precisão toda a natureza do Brasil e do homem brasileiro. Esses escritos foram denominados textos de informação (p. 13) e, portanto, não os ousam destacar como textos literários, mas, como uma concepção de crônica histórica. Quanto à Carta de Pero Vaz de Caminha e *Prosopopeia*, de Bento Teixeira, Bosi (2017) faz pontuações tão contundentes quanto as de Moisés (2012), no que se refere às características e colocações históricas literárias.

Esse breve histórico traz algumas compreensões acerca da evolução histórica da produção literária no Brasil, levando-nos a concluir que valores e cultura são indissociáveis, visto que mesmo com toda sua transformação e evolução, o termo “literatura” envolve “produção intelectual” e “patrimônio cultural” (Jouve, 2012, p.31). Antônio Candido (2000, p. 09) menciona que a literatura brasileira gerou-se no seio da literatura portuguesa, e dependeu de mais algumas literaturas para se constituir como tal. Outrossim, a literatura brasileira tem suas características próprias e não pode ser lida ou estudada em função ou com o valor estético das demais.

Para Souza (2013, p. 73):

Literatura é, sobretudo, engenharia das palavras. É a arte primitiva de colher e narrar acontecimentos de forma fantasiosa, que adquiriu ao longo da história diversas formas, como fábulas, lendas, canções de gesta, rapsódias, cânticos, historietas, parábolas, contos, novelas, um sem-fim de relatos orais e escritos. Seu universo é imenso e atravessa a história de todos os povos. Ela surge junto com os homens pela necessidade de registrarem e compartilharem suas experiências, fantasias e, mais do que isso, valores e ensinamentos, transmitindo-os para as gerações vindouras. (SOUZA, 2013, p. 73).

A literatura possui uma dimensão histórica e cultura com todos os seus componentes estéticos, seu caráter expansivo se dá justamente pelo fato de ela poder alcançar outros povos, outros costumes, outros tempos, outras vidas, outras distâncias. A literatura tem por finalidade atingir o leitor em sua sensibilidade, sobre horizontes diversos e, assim, aumentar seu repertório linguístico e de conhecimento do mundo, do homem e de sua história.

É tomando essa dimensão histórica que chegamos às obras consideradas como clássicos literários. No entanto, não temos aqui a pretensão de traçar uma definição etimológica da palavra “clássico”, pois, conforme compreende o escritor Jorge Luís Borges (2003), seria uma perda de tempo. A palavra, desde sua origem, vem sofrendo várias mudanças no campo conceitual, de modo que não se faz necessário elucidar seu conceito. Por outro lado, é indispensável ressaltar a relevância dos clássicos da literatura como objeto desta pesquisa. Para tanto, fundamentar-me-ei em estudos nos quais se investiu na busca de uma definição do termo e na defesa da importância dos clássicos na formação de leitores.

Começamos por aquele que considero celebrar de maneira vívida suas experiências de leituras, o escritor e amante dos clássicos literários, Ítalo Calvino (1997). Em sua obra intitulada *Por que ler os clássicos*, o autor começa dizendo que “Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: “Estou relendo...” e nunca “Estou lendo...” (CALVINO, 1997, p. 8). A partir desse posicionamento, o autor considera também o que venha a acontecer com aqueles que se consagram “grandes leitores”, uma categorização individual do próprio Calvino, que não pretendo estender, em decorrência da amplitude que julgo ter essa afirmação. Em diálogo com o autor é possível, no entanto, traçar uma compreensão de que uma obra clássica seja aquela que nos confere tanta grandeza como seres humanos, tirando-nos do nosso mundo cotidiano, insípido, sem cor, por alguns momentos, e que nos faz retornar cheios de intensidade, de expressividade e vivacidade.

Em outro momento, Calvino (1997) discute sobre como a leitura dos clássicos literários sempre se revela nova e inesperada. Martins (1994, p. 79), por sua vez, entende que “Assim como há tantas leituras quanto são os leitores, há também uma nova leitura a cada aproximação do leitor com um mesmo texto, ainda quando mínimas as suas variações”, já que, toda leitura nos proporciona algo de novo. A releitura nos oferece muitos benefícios e subsídios consideráveis, e para tanto, cada leitor precisa buscar o seu próprio jeito de ler, a fim de aprimorar-se, tornando suas leituras cada vez mais gratificantes.

Perceber o clássico como um legado literário, bem como a sua importância para a evolução da literatura e para a formação do jovem leitor é fundamental. Sobre a leitura do

clássico, podemos afirmar que existe um horizonte de plurissignificações que faz com que, no momento em que ela se realiza, várias funções, como a social, uma vez que a literatura é a expressão da sociedade e a cultural como representação artística literária em forma de recriação produzida artística e esteticamente, sejam cumpridas no contexto no qual fora criada, provocando reflexões e sensações no leitor literário.

A esse respeito, é imprescindível mencionar três razões primordiais para a leitura do clássico, frisadas na obra da pesquisadora espanhola Teresa Colomer (2017) *Introdução à literatura infantil e juvenil atual*. A primeira delas é que essa leitura favorece um *enlace entre leitores*, pois proporciona o acesso a um discurso coletivo, no qual são compartilhadas referências linguísticas, artísticas e culturais. A segunda razão se refere ao *enlace entre as obras*, como um instrumento de sentido, que trata da capacidade de levar o leitor a refletir sobre as características comuns das produções artísticas ao longo do tempo, como forma de entender o mundo, em busca de conexão e justaposição. Por fim, a terceira razão mencionada por Colomer consiste na atenção que se deve dar às obras tradicionais, como referências ao *enlace entre níveis culturais*, que oferece sentido e significado sobre a perspectiva tradicional das obras que se podem considerar como clássica.

Nessa perspectiva, observamos a importância da escolha dos clássicos literários como fonte inesgotável para o processo de formação do jovem leitor. É fundamental garantir que esse direito de conhecer sobre o discurso dos nossos antepassados, sua cultura e sua arte seja fonte de reflexão e compreensão. Que a leitura dessas obras faça sentido na vida dos nossos jovens leitores, como forma de fazê-los compreender o mundo e o seu lugar nele por direito, que a leitura de obras clássicas venha auxiliar na construção da sua identidade.

Nesse mesmo sentido, Ana Maria Machado (2009, p. 12-13) faz uma explanação muito relevante para o escopo deste tópico, ao discutir sobre a importância de se criar meios de aproximar os jovens leitores de obras da tradição literária, na perspectiva de promover uma compreensão da história da qual somos feitos. Segundo a autora, quando um leitor principia em conhecer obras clássicas desde “pequeno”, grandes serão as expectativas de que novas buscas por essas leituras venham a acontecer, quase que naturalmente. Percebe-se, portanto, que os clássicos podem exercer uma influência particular sobre cada leitor, por meio de uma leitura que pode se estabelecer como uma das mais importantes para a juventude, por possuir uma capacidade de comunicação inesgotável.

Como faz saber Todorov (2019, p. 92-93), ao destacar que o objeto da literatura está na condição humana, “aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano”. Ou, nas palavras de Borges (2003,

p.168), “Clássico é aquele livro que uma nação, ou um grupo de nações, ou o longo tempo decidiram ler como se em suas páginas tudo fosse deliberado, fatal, profundo como o cosmos e passível de interpretações sem fim.” Nessa perspectiva, existe um horizonte de comunicação que se concretiza na interação entre autor, obra e leitor, constituindo o que podemos compreender por estética da obra literária e da recepção literária.

Outro fator importante quando nos remetemos as obras literárias clássicas e a recepção leitora, é o papel que o espaço escolar cumpre na vida dos nossos jovens leitores. Sendo, portanto, um direito do estudante ter acesso a essas obras de suma importância para o seu processo de formação leitora, social e cultura, e é relevante que a escola garanta esse contato. Ana Maria Machado (2009, p. 19), cada um de nós tem o direito de conhecer, ainda que em linhas gerais, as grandes obras literárias do patrimônio universal. Por esta razão, torna-se um dever da escola abrir caminhos para o contato dos alunos com os clássicos, sinalizando que eles existem e que, além de proporcionarem ricas experiências estéticas, fazem refletir sobre valores e atitudes que podem acompanhar o jovem leitor durante toda a vida.

Assim concluímos que as obras consideradas como clássicas literárias conservam riquezas que ultrapassa as gerações que antecederam a nossa. São sempre eternos e são sempre novos, e temos neles por herança um patrimônio imenso que vem se acumulando por séculos. Proporcionar ao jovem leitor uma possibilidade de conhecê-las é uma forma de dar-lhe asas em mundo de infinitas possibilidades.

1.1.1 O *iceberg* do texto literário

O presente tópico apresenta algumas observações em relação à profundidade do texto, fazendo uma analogia a teoria do *iceberg*, proposta por Freud, ao estudar as camadas a mente humana. Na leitura do texto literário, podemos visualizar o *iceberg* sobre duas óticas: uma aparente e a outra secreta. Para chegar à parte submersa dele, o leitor precisará estabelecer uma conexão com a obra literária. A teoria do *iceberg* escolhida por Sigmund Freud foi utilizado para representar algo até então desconhecido, o universo da mente humana. Na sua representação, a ponta do iceberg é o consciente e a parte submersa representa o inconsciente, de difícil acesso.

Vários são os teóricos do campo da crítica literária, da linguística como Antônio Cândido, Humberto Eco, Marcel Proust, Alfredo Bosi, Ingedore Villaça Koch, Luiz Antonio Marcuschi e até mesmo da psicanálise, como Sigmund Freud, que se dedicaram a compreender as vertentes do texto como um todo, em especial, a literária. Sabemos que, para se chegar ao mais profundo do *iceberg*, é preciso tomar o topo como ponto de partida, e essa condição só é possível pelo ato da leitura, que aproxima o leitor do texto. A leitura literária, por sua vez, possui diversos níveis, já que se trata de um tecido discursivo plurissignificativo, que permite variadas interpretações.

A metáfora do *iceberg*, portanto, nos ajuda a pensar no aprofundamento nesses diversos níveis de leitura como meio para que o leitor alcance, o máximo possível, os sentidos que o texto literário permite construir. E, se toda obra nunca terminou de dizer o que poderia dizer, nada do que diz é absolutamente completo e acabado, de modo que, cada leitura traz a possibilidade de construção de novos sentidos e, por meio dela, o leitor se torna capaz de conhecer a profundidade do texto. Todo esse processo de intimidade acontece de diferentes formas, o que implica dizer que tudo dependerá, evidentemente, da atividade de interação entre o autor, o leitor e o texto, das experiências compartilhadas entre os sujeitos envolvidos.

Essa explanação que procuro fazer aqui, a respeito da amplitude da leitura do texto literário, se justifica, principalmente, a partir da minha experiência leitora, do que o texto traz para mim, do que ele me faz sentir, imaginar, acreditar, questionar, conhecer e aprender. Basta lembrar das colocações de Ana Maria Machado (2009, p.135), ao dizer que a leitura do texto literário clássico traz uma “experiência inigualável”, ou de Ítalo Calvino (1997), ao afirmar que os textos clássicos são sempre “novos e inesperados”, ou simplesmente destacar o que mencionou Tzvetan Todorov (2019), que a leitura do texto literário o “faz viver” e que a obra literária é um “organismo vivo” (p. 11).

Nesse sentido, conforme o leitor vai se aprofundando na prática da leitura, mais consegue compreender, conviver com ela e, até mesmo, modificá-la. Sobre a complexa relação entre leitor e texto, no ato da leitura, Eco (2015) afirma:

Podemos, igualmente, assumir um ponto de vista hermenêutico, admitindo, no entanto, que a interpretação tem por finalidade buscar o que o autor queria realmente dizer, ou então o que o Ser diz através da linguagem, sem, contudo, admitir que a palavra do Ser possa ser definida com base nas pulsões do destinatário. Seria mister, em seguida, estudar a vasta tipologia que nasce do cruzamento da opção entre geração e interpretação com a opção entre intenção do autor, da obra ou do leitor, sendo que, só em termos de combinatória abstrata, essa tipologia daria acesso à formulação de pelo

menos seis potenciais teorias e métodos críticos profundamente distintos. (ECO, 2015, p. 35).

Diante desse ponto de vista exposto pelo autor, é possível perceber que, no campo da recepção, há um leque de infinitas possibilidades de interpretação dos textos literários, que independem da intenção do autor, da obra ou do leitor, sendo, portanto, essa infinidade “aquilo que não tem modus. Foge à norma” (p. 52). Eco ainda prioriza o leitor sobre um ponto de vista hermenêutico pressupondo a comunicabilidade e a liberdade da interpretação de sentidos, que poderia ser um leitor modelo crítico ou um leitor modelo ingênuo.

Um leitor ingênuo é caracterizado como aquele que não presta atenção às palavras do texto, apenas no contexto da história narrada, enquanto que o leitor crítico pressupõe aquele modelo que procura desvendar os códigos secretos do texto, consciente de que “Um texto pode ser interpretado tanto semântica como criticamente, mas apenas alguns textos (em geral os de função estética) preveem ambos os tipos de interpretação” (p. 41). Para o leitor crítico, a leitura da obra suscita várias interpretações que favorece reflexões com mecanismos de compreensão do texto. O texto literário é capaz de reunir uma quantidade inesgotável de comunicabilidade.

O caminho que leva a “alcançar” o ponto imerso do *iceberg* se dá no processo da leitura, e é pelo ato de ler que os nossos sentidos, emoções e razões são despertados. Mas como isso pode acontecer? Quando nos propomos a comprar um livro, a primeira coisa que observamos é a capa, a forma, a cor, a textura, o volume, ou seja, primeiro realizamos uma análise da obra, explorando os sentidos. Esse primeiro contato com a obra nos desperta para a possibilidade de conhecê-la. Com as crianças, esse primeiro contato se faz ainda mais significativo, em razão da forma como os sentidos do mundo costumam ser acessados na infância. Além disso, trata-se de um estímulo inicial, que influenciará nas buscas futuras pelos bens culturais.

O sentido, portanto, é um domínio infinitamente vasto por sua diversidade e abrangência comunicativa no campo estético literário. Na perspectiva da leitura semiótica no texto literário, ou do leitor crítico, pode-se dizer que ele é capaz de assumir uma postura que contemple a camada mais profunda do texto literário.

Nessa linha de compreensão, o sentido emocional deve ser também considerado como forma de despertar para a apreciação do texto literário. Sobre isso, Martins (1994), menciona que a leitura emocional lida com os sentimentos. No entanto, esse fator pode ser um tanto quanto negativo, pois implica a falta de objetividade e subjetivismo. Nossas emoções muitas vezes escapam ao nosso controle, uma vez que, “Na leitura emocional emerge a

empatia, tendência de sentir o que se sentiria caso estivéssemos na situação e circunstâncias experimentadas por outro, isto é, na pele de outra pessoa” (p. 51-52). Daí também a necessidade de darmos atenção à leitura emocional, pois ela evidencia muito mais uma necessidade de desligamento do próprio leitor em relação ao mundo, fazendo-o consumir o texto “sem se perguntar como ele foi feito” (p.58). Além disso, “Ao preferir o desligamento de si e a imersão no universo do que é lido, deixa-se de estabelecer as relações necessárias para possibilitar a diferenciação e compreensão tanto do contexto pessoal e social quando do ficcional ou mistificador da realidade” (p. 59). O leitor se torna, desse modo, submisso, vulnerável e suscetível à manipulação e, conseqüentemente, desenvolve o gosto somente pelas leituras de obras consideradas como “leituras de consumo”, como a leitura de best sellers, resultando na resistência a leitura de obras tão relevantes para seu despertar literário, como as obras consideradas clássicas, sendo movidos, portanto, pelo o nível de leitura emocional.

Eis a relevância de despertar para outro nível básico da leitura: a leitura racional:

Importa, pois, na leitura racional, salientar seu caráter eminentemente reflexivo, dialético. Ao mesmo tempo que o leitor sai de si, em busca da realidade do texto lido, sua percepção implica uma volta à sua experiência pessoal e uma visão da própria história do texto, estabelecendo-se, então, um diálogo entre este e o leitor com o contexto no qual a leitura se realiza. Isso significa que o processo de leitura racional é permanentemente atualizado e referenciado. (MARTINS,1994, p. 65-66).

De uma forma geral, a leitura racional estabelece uma ponte entre o leitor e o texto, permitindo-lhe atribuir significados ao texto, de forma a questionar o próprio eu frente ao universo das relações existentes no mundo. Nesse nível de despertar, é possível alargar os horizontes de expectativas do leitor, uma vez que este é capaz de ampliar suas possibilidades de leitura frente à sua própria realidade, acrescentando, assim, à leitura emocional e à leitura emocional.

Retomando a ideia de alcance da ponta do *iceberg*, em se tratando da leitura do texto literário, é ilustrativa a estrofe do poema “O *iceberg* imaginário”, de Elizabeth Bishop (2012):

O *iceberg* nos atrai mais que o navio,
mesmo acabando com a viagem.
Mesmo pairando imóvel, nuvem pétrea,
e o mar um mármore revolto.
O *iceberg* nos atrai mais que o navio:
queremos esse chão vivo de neve,
mesmo com as velas do navio tombadas
qual neve indissoluta sobre a água.

Ó calmo campo flutuante,
sabes que um *iceberg* dorme em ti, e em breve
vai despertar e talvez pastar na tua neve?
[...]
É por dentro que o *iceberg* se faceta. (BISHOP, 2012, p. 75).

No poema, Bishop (2012) parece nos questionar sobre quem atrai mais: o navio ou o iceberg? O iceberg nos atrai e nos questiona a respeito do que tem na sua parte imersa. Em um sentido figurativo, essa massa de gelo gigante desafia a sua própria definição. Na leitura literária, esse iceberg citado pela autora, se torna misterioso e aguça a imaginação pois, seu trunfo está naquilo que não pode ser visto.

Na condição de leitores, quando olhamos para um livro, formamos ideias em relação a ele, e essa reação poderia ser comparada à ponta do *iceberg*. A parte invisível só é possível descobrir depois que realizamos a leitura da obra literária, como parte das ideias, pensamentos e emoções que descobrimos após o ato de ler. Quando projetamos a imagem de um *iceberg* em um sentido físico, é possível sentir certo espanto, ficamos impressionados em relação à sua profundidade, extasiados pela sensação do novo e inesperado. Assim, podemos considerar que o alcance da ponta do *iceberg do texto literário* ocorre com a fusão que nós, como leitores, fazemos entre nossas leituras e experiências anteriores e aquilo que imaginamos e formamos a partir do encontro com a obra literária clássica.

Assim, nesse trajeto o iceberg do texto literário é metaforicamente representado pela parte imersa do iceberg e, é a partir do ato da leitura e da relação que o jovem leitor consiga estabelecer com a obra literária clássica, que ele será capaz de extrair da obra determinado sentido, com uma infinidade de interpretações, compreensão e comunicação, de forma a contribuir com a formação do jovem leitor.

1.1.2 A função emancipadora da Leitura Literária

No presente século, muito se tem falado a respeito da formação do leitor literário. Muitos estudiosos do campo têm se dedicado a analisar os efeitos da leitura literária no processo de desenvolvimento do jovem leitor. Várias são as colocações que procuram, cada vez mais, discutir a importância da interação entre leitor e obra literária, do material impresso, da relevância dos clássicos literários para o amadurecimento da identidade pessoal, social e cultural dos jovens.

Ricardo de Azevedo (2004) faz uma valiosa indagação: “Mas o que é exatamente um leitor?” e, logo em seguida, responde:

De um certo ponto de vista, é possível dizer que leitores são simplesmente pessoas que sabem usufruir dos diferentes tipos de livros, das diferentes “literaturas” – científicas, artísticas, didático-informativas, religiosas, técnicas, entre outras – existentes por aí. Conseguem, portanto, diferenciar uma obra literária e artística de um texto científico; ou uma obra filosófica de uma informativa. Leitores podem ser descritos como pessoas aptas a utilizar textos em benefício próprio, seja por motivação estética, seja para receber informações, seja como instrumento para ampliar sua visão de mundo, seja por motivos religiosos, seja por puro e simples entretenimento. (AZEVEDO, 2004, p.1-2).

Desse modo, podemos compreender que o leitor é aquela pessoa que consegue, pelo ato da leitura, estabelecer uma interação com o texto, ter uma ligação de prazer, de identificação, de liberdade de interpretação e de cumplicidade com o texto lido. É importante estabelecer uma relação com o texto e o contexto no qual a obra foi produzida, daí a importância do ato de ler e reler obras clássicas. Sobre a formação leitora, vale salientar as seguintes colocações de Zilberman (2012):

A apropriação do texto se dá de modo praticamente ritualístico: primeiro, ele apalpa a obra, sentindo-a de modo tátil e explicitando a natureza carnal do livro. Depois, procura figuras, detendo-se nas imagens visuais, para só então mergulhar nas letras, que o conduzem a universos fantásticos, distantes no tempo, no espaço e nas ideias, mas próximos dele, dada a materialidade do livro, para onde o leitor, apaixonado, sempre retorna. (ZILBERMAN, 2012, p. 47).

Tais colocações se formam como imagens em nossa memória, devido à profunda identificação que temos com a descrição feita no momento da escolha de uma obra literária. Essa sensação de encantamento vivenciado só confirma a ideia de que é preciso formar leitores que possa ter esse prazer e a experiência de conhecer mais sobre as obras consideradas clássicas, uma vez que essa leitura nos permite viajar e conhecer outros mundos, novas histórias, outras culturas e povos, fazendo com que o jovem leitor experimente novas experiências, adquira novas memórias, contribuindo para a sua formação leitora.

Com efeito, é importante refletir sobre o poder da literatura como evento comunicativo do ato de ler, que envolve uma relação com a história. Brioschi e Di Girolamo (1988, p. 49) dizem que, para entendê-la, é preciso possuir uma bagagem de conhecimentos históricos e culturais. E nesse momento, é preciso pensar sobre a falta de acesso que muitos jovens têm em relação a essas obras consideradas como patrimônio cultural. Muitas vezes, isso ocorre não somente pela falta de incentivo do ambiente escolar, mas, também, devido a fatores de precariedade. Muitos jovens não têm condições de ter bens básicos para a

sobrevivência como alimentação e saúde, nem condições de vida digna. Sendo assim, esse acesso aos bens culturais se torna mais distante ainda.

Sem dúvida, fatores contextuais são de suma importância para a condição do indivíduo em sociedade, assim como para sua formação leitora. A literatura vem de gerações que antecederam as nossas e nunca se faz morta, pois consegue assegurar que nada ficará ou estará perdido, por isso, seu efeito transformador na vida daqueles que a têm. A linguagem literária possui plurissignificações, nela podemos observar os códigos da língua e as tradições literárias, traços artísticos, ideológicos, todos os reflexos do sistema cultural da sociedade, das condições históricas. Desse modo, a literatura nos permite conhecer o mundo em seu viés modelador e configurador, estabelecendo para nós algum sentido. A leitura literária, portanto, é uma experiência que pode libertar o leitor da vida unívoca, alargando o seu campo de conhecimento e comportamento social.

Para Jaus (1975):

O horizonte das expectativas da literatura distingue-se do horizonte de expectativas da vida prática histórica, porque não conserva experiências passadas, mas também antecipa a possibilidade irrealizada, alarga o campo limitado do comportamento social a novos desejos, aspirações e objetivos e com isso abre caminho às experiências futuras. (JAUSS, 1975, p.150).

Nessa afirmação, o autor considera que, por intermédio da leitura, a literatura assume um papel emancipador e essa função emancipatória só acontece em virtude da genuína experiência do leitor frente às expectativas da vida prática, pré-estabelecendo a compreensão do mundo, suas formas e comportamentos sociais.

A leitura literária proporciona a possibilidade de emergir um novo significado para o texto, de acordo com a posição ocupada pelo leitor, seu contexto social e experiência literária e de vida. Uma vez que quando a obra literária passa de um contexto histórico para outro, novos significados podem dela ser extraídos pelo horizonte de expectativas da obra com o leitor, no ato da prática da leitura. Essa experiência permitiu que o leitor consiga conquistar aos poucos, o seu papel como produtor de sentidos, permitindo assim, que a literatura assumisse seu papel emancipador.

Valorizar a literatura é, nesse sentido, um ato de resistência, pois ela expande o conhecimento ideológico da sociedade, tornando-se uma ação emancipadora. Nas palavras de Zilberman (2012, p. 66): “A promoção da leitura resulta, em uma primeira instância, dessa situação cultural até então desconhecida. Porém, a prática da leitura se difunde como hábito e necessidade em decorrência também de outros fatores, a maior parte de ordem social”.

De fato, a leitura literária precisa ser percebida como um caminho para novos horizontes, ler é um convite para a imaginação, aos sonhos e à vida. É como uma necessidade universal, como um mecanismo de instrução ou, uma forma de escape aliada a descoberta de novas realidades. Por isso, a imposição da leitura como uma prática cotidiana, que precisa ser apreciada no contexto da sala de aula, no seio da família, nas conversas entre amigos, para que de fato, a leitura literária exerça seu papel emancipador, sua função geradora e transformadora na vida do jovem leitor. É necessário o estímulo para a apreciação da obra, o que pode acontecer por meio da apresentação de seus aspectos artísticos, linguísticos e estilísticos, além do compartilhar do prazer de sua leitura. Esse prazer, pode ser relacionado a satisfação do ato de ler, em querer conhecer obras literárias diversas, no despertar do indivíduo para o mundo, na contemplação do eu literário, do eu enquanto gerador de reflexão, de conhecer a ti mesmo e o espaço que o cerca, no despertar emocional, de uma razão despertada ou, de uma sensação aguçada. O prazer que a leitura de clássicos proporciona ao jovem leitor está além da capacidade da escrita em reproduzir, explicar ou explanar prazeres diversos.

A leitura é, portanto, uma atividade com várias facetas. Para Jouve (2002, p. 17), “A leitura é antes de mais nada um ato concreto, observável, que recorre a faculdades definidas do ser humano”. Ler é, sobretudo, uma percepção da identificação de signos diversos que permanecem na memória. A percepção é muito mais uma condição de ler e reler para conseguir decifrar o texto literário, é no processo de perceber e decifrar que o leitor encontrará sua significação.

A respeito desse processo, Oliveira (2007) esclarece:

Quando, ao ter uma sensação, o observador faz uma representação, de modo que esta aconteça apenas no âmbito do conhecimento, tem-se o fenômeno da percepção, que consiste em apanhar, receber, considerar as impressões, os estímulos sensoriais, as representações, de tal forma que elas permaneçam no plano da constatação. (OLIVEIRA, 2007, p. 26).

No entendimento do trecho, se no decorrer da leitura de determinada obra, o leitor se sentir preparado, conseqüentemente, descobrirá uma dimensão simbólica do texto, de seus personagens e das demais relações que integram a atividade humana, na relação entre a linguagem e instauração histórica e cultural, ou com a parte anímica do leitor, revelando sua sensibilidade e efetividade e todas as demais formas de consumação das sensações próprias do ser humano. Teremos, então, não somente o ato da percepção, mas também da apercepção, que consiste, segundo Oliveira (2007), na consumação dos deleites reportados anteriormente.

Em um sentido concreto, a leitura é considerada, portanto, uma atividade que antecipa, estrutura e interpreta, em decorrência de ser uma atividade crítica e social.

Nessa perspectiva, os usos da leitura estão ligados à situação; são determinados pelas histórias dos participantes, pelas características da instituição em que se encontram, pelo grau de formalidade ou informalidade da situação, pelo objetivo da atividade da leitura, diferindo segundo o grupo social. Tudo isso realça a diferença e a multiplicidade dos discursos que envolvem e constituem os sujeitos e que determinam esses diferentes modos de ler. (KLEIMAN, 2004, p. 14).

A autora, nesse trecho, trata a respeito do leitor enquanto sujeito inserido e cooperante nas atividades sociais e culturais. Atualmente, esse modelo de leitura tem sido analisado em um novo contexto, o das ações sociointerativas. Isto significa dizer que ocorre pela interação entre leitor e texto, associados aos conhecimentos pré-estabelecidos pelo jovem leitor, para se alcançar o essencial do texto literário.

É sabido que, para a compreensão do texto, seja ele qual for, o leitor precisa possuir certa competência, um saber ínfimo para conseguir prosseguir numa leitura. Em um processo afetivo, por exemplo, a simpatia pela leitura parte das emoções que ela suscita a partir das atividades efetivas do leitor. Segundo Jouve (2002, p.19), “As emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção”. O autor acrescenta que, em um sentido histórico, a leitura se instaura no contexto cultural do jovem leitor, pois toda leitura interage com a cultura e os traços dominantes de um meio ou uma época, um traço simbólico do imaginário coletivo.

Reconhecemos, assim, a importância da leitura como um percurso que contribui na formação do leitor, de modo particular, por ser uma forma de interagir com o real e o imaginário. Pelo ato de ler nos tornamos capazes de extrair de cada texto uma lição, um ensinamento ou acontecimento como aprendizagem, mas essa experiência se torna de fato formativa, quando nos permite ampliar os sentidos em relação ao mundo e a nós mesmos, quando “não se reduz [...] a um meio de se conseguir conhecimento” (LARROSA, 2002, p. 133-134), pois, do contrário,

[...] a leitura tampouco nos afeta dado que aquilo que sabemos se mantém exterior a nós. Se lemos para adquirir conhecimento, depois da leitura sabemos algo que antes não sabíamos, temos algo que antes não tínhamos, mas nós somos os mesmos que antes, nada nos modificou. E isso não tem a ver com conhecimento, senão o modo pelo qual o definimos. (LARROSA, 2002, p. 133-134).

A leitura, no sentido exposto por Larrosa, tem a intenção de agregar ao saber que já possuíamos pela nossa experiência social e cultural como leitores. Fica evidente, no entanto, a compreensão de que se espera da leitura algo além de uma mera forma de comunicação ou de busca por informações, que seja instaurado por meio dela um processo de compartilhamento de saberes, em uma atmosfera de diálogo e liberdade para a construção de novos sentidos.

A esse respeito, destaca-se também a abordagem de Eco (2015) sobre o que ele chama de *Intentio Operis versus Intentio Auctoris*, ao refletir sobre a liberdade de produção de uma obra literária e do seu público leitor. Em outras palavras, podemos compreender as colocações de Humberto Eco como a intenção da obra *versus* a intenção do autor. Eco menciona que “o texto é uma obra independente de seu autor”, portanto, é aberto a uma pluralidade de leituras, pois, “esse texto será interpretado não segundo suas intenções mas segundo uma complexa estratégia de interações que coenvolve também os leitores, juntamente com a competência destes em relação à língua como patrimônio social” (p. 117).

A leitura literária, e aqui destacamos a clássica, portanto, é um direito e deve, evidentemente, ser considerada em seu potencial formativo, que mobiliza e amplia conhecimentos e, de forma fértil, afeta os sujeitos leitores de várias maneiras. Com base nessa compreensão, passamos a refletir sobre o processo de formação leitora, frente ao desenvolvimento crescente das Tecnologias da Informação e Comunicação.

Na contemporaneidade, a maior parte da vida social foi mediatizada, levando-se em consideração que, em pleno século XXI, os contatos estabelecidos por grande parte dos estudantes acontecem por intermédio do computador, celular, ou mais precisamente, de aplicativos de comunicação, tais como o *WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook*, entre tantos outros que há ao nosso dispor.

Nesse processo, temos também a formação da identidade dos jovens leitores, que compreendemos ser dividida entre identidade pessoal e a identidade social, formadas a partir da interação e relação pessoal consigo mesmo e da influência externa da sociedade. Mas nesse momento, quando nos remetemos aos avanços das tecnologias de comunicação, podemos dizer que outra forma de identidade tem se formado, a identidade digital, que carrega em si traços da identidade pessoal e social, fazendo com que o indivíduo nativo digital venha estabelecer uma conexão entre o mundo real e o mundo digital.

Em decorrência dessa evolução, os jovens leitores têm buscado cada vez mais leituras de *best-sellers*, popularmente conhecidos como leitura de massa, de entretenimento ou de mercado. Cortina e Silva (2004) têm realizado algumas observações em relação a essa

indústria literária, apontando, dentre tantos outros fatores, que seu consumo decorre em virtude de sua linguagem ser considerada de fácil compreensão.

Trazendo para o universo de interesse deste trabalho – o livro –, arriscaria dizer que o leitor comum apropria-se de seu conteúdo como que adquire um produto. E esse produto não pode lhe apresentar resistência, pois senão causa o efeito contrário da aproximação. A leitura difícil é um anátema, desestabiliza e causa inquietude; a leitura fácil dá conforto e estabilidade àquele que se apropria do texto. (CORTINA; SILVA, 2004, p. 3).

Além das razões evidentes nessa era na qual os jovens leitores contemporâneos têm nascido, eis, portanto, mais uma explicação para que essas leituras sejam amplamente cultivadas, pois elas servem ao gosto padrão. Outra ideia que podemos ter em relação a essa leitura está relacionada à adaptação do livro para o cinema, muitas vezes, a estória sofre uma distorção demasiada, mas, de fato, essa transposição de linguagem parece ser mais um elemento a contribuir para a busca por essas leituras. Ainda segundo Cortina e Silva (2004, p. 5), “A ideia de *best seller* tem seu germe no século XVIII”. E anterior a esse momento, cada obra gozava da sua autenticidade como criação artística e literária.

Nesse sentido, ler obras consideradas como patrimônio cultural na era do consumo tem sido cada vez mais desafiador, é preciso reconhecer que os professores precisam repensar sua relação com a literatura, frente a essa nova moldura tecnológica. Um dos aspectos que podemos assinalar sobre esse novo cenário é a estimulação da leitura literária de clássicos, que precisa ser pensada, primeiramente, sobre a ótica da relação entre a nova era e nós mesmos, como mediadores desse processo.

A relação que mantemos com a literatura faz parte das nossas mais relevantes conquistas durante a vida, das nossas experiências singulares com o livro e a leitura. Por isso, trata-se de um direito imprescindível a ser assegurado a todas as pessoas. Nesse sentido, é importante investir para que, mesmo dentro deste contexto de contínuos avanços da cultura digital, a leitura literária de clássicos esteja no horizonte de expectativas dos jovens, ainda que os suportes eletrônicos se sobreponham ao livro impresso, para o acesso às obras. Mais que qualquer outro gênero, o texto literário clássico é capaz de resgatar o leitor da fugacidade das leituras que, no dizer de Larroza (2002), não nos afetam, como as leituras literária de consumo, e ainda propõe desafios que nos projetam para além do imediatismo dos nossos dias. Mais que qualquer outro gênero também o texto literário contribui para que possamos alcançar um olhar atencioso, perspicaz para diferir o que pode ser duradouro do que pode ser passageiro, o que é importante do que é indiferente.

Cadernatori (2009) aponta que:

O processo de aprender e o processo de esquecer não escapam, portanto, da influência desse tempo acelerado e da sucessão de urgências reais ou falsas. Aprende-se rápido, mas se pode esquecer velozmente. A leitura literária requer que o leitor se conceda a liberdade de ter um tempo mais lento. (CADERMATORI, 2009, p. 125).

Nesse mesmo sentido, a autora esclarece sobre a influência das transformações do nosso tempo e seu reflexo em nossa vida, considerando que existem muitas informações ao nosso redor, muito ruído, e algumas pessoas menos adeptas a essa realidade sofrem certo atordoamento. É por isso que precisamos distinguir o que nos é relevante ou não, o que merece ser ouvido ou não, sendo fundamental que nós, professores mediadores, venhamos auxiliar os jovens leitores a ter clareza quanto ao que é essencial ou o que merece a atenção deles, frente a suas necessidades de ser e existir nesse meio tão influenciado pela veiculação abundante e acelerada de informações, por meio das tecnologias digitais.

A esse respeito, são interessantes as pontuações feitas por Zilberman e Rosing (2009):

Nesse sentido, entre as tantas antevisões, muitas vezes hiperbólicas e catastróficas, que as distopias podem representar, um aspecto parece ser indiscutível: o livro jamais deixará de ser um suporte imprescindível de leitura, malgrado todas as inovações tecnológicas. De alguma forma, é lugar da ficção literária, mesmo sob as ameaças de novas possibilidades midiáticas. E isso talvez também explique o fato de a ficção literária, mesmo sob a hegemonia da era digital e internética, ainda não ter encontrado outro suporte com maior eficiência como a página impressa. (ZILBERMAN/ROSING, 2009, p. 183).

Como abordado pelas autoras, mesmo diante de toda essa evolução tecnológica, é válido refletir sobre o lugar do livro impresso na atualidade, considerando a inexistência de uma literatura de consumo digital que venha a dialogar com os leitores, de modo a despertar os sentidos necessários para se alcançar a fruição estética. Além disso, a leitura por meio da *internet* é realizada a partir de uma projeção de textos via tela de um computador ou celular, interrompendo o contato com um suporte de maior eficiência como a da obra impressa.

Desse modo, é compreensível dizer que quando pensamos na leitura literária da obra clássica, tanto as versões impressas quanto digital são de suma importância para o conhecimento literário do jovem leitor, no entanto, é inegável o valor do material impresso, assim como a necessidade da mediação docente entre livro e leitor. É importante reconhecer, portanto, a força humanizadora do livro literário, da riqueza dos sentidos sensoriais,

emocionais e racional que ele desperta. É importante também recordar que a leitura literária proporciona sobre a ótica da sensibilidade, da estética e da arte, a capacidade de pensar, de refletir, de buscar sentido para a vida, do jovem leitor. Como afirmam Zilberman e Rosing (2009, p. 184), “é pelo livro que se chega à literatura, é pela literatura que se pensa o mundo”.

Assim, concluímos que no processo de formação do leitor literário é inegável e imprescindível destacar a importância do trabalho com a leitura de obras consideradas como clássicas para o processo de formação leitora, sobre a perspectiva da interação entre leitor e obra literária, da experiência do contato com o material impresso, sobre a ótica da sensibilidade e fruição estética literária. Diante das possibilidades apresentadas, é indiscutível, o efeito transformador e emancipador da leitura literária de obras consideradas como patrimônio cultural na vida dos jovens leitores.

1.1.3 A recepção da obra literária

Para compreendermos o processo de recepção da obra literária é relevante considerá-la em um sentido duplo. Ceccantini (2015, p. 269), em seus estudos sobre as instâncias da recepção, frente às postulações de Hans Robert Jaus, menciona que, esteticamente, deve-se compreender que existem dois horizontes de expectativas: o texto e aquilo que o leitor traz para suas leituras. Nas palavras de Jaus (1990):

O leitor começa a compreender a obra nova ou que lhe era ainda estranha à medida que, prendendo-se aos pressupostos que orientaram sua compreensão, ele reconstitui o horizonte especificamente literário. Mas a relação com o texto é sempre ao mesmo tempo receptiva e ativa. (JAUS, 1990, p. 259).

Compreendemos, assim, que embora os avanços tecnológicos, de modo geral, tenham alterado a maneira como os leitores realizam suas leituras, o efeito produzido pelo contato direto com a obra literária, em material impresso, ocorre de forma a tornar a recepção mais ativa, em razão da variedade de sentidos despertada.

Uma vez que, o processo de recepção está diretamente ligado à transmissão da obra literária, quando relacionada ao contexto da sala de aula, ocorre pela mediação docente que, por sua vez, proporciona uma leitura gradual e entusiasmada, a fim de explorar, debater e

compreender o mais profundo do texto lido, constituindo um horizonte de expectativas literárias, que se estabelecem entre o texto e o leitor.

Proporcionar aos jovens leitores o contato com obras clássicas da literatura é um direito, é ético e uma ação humanística. É notável que a leitura literária clássica produz um efeito transformador quando alcança o mais íntimo do jovem leitor, quando se torna arte em que a lê, e quando a arte se torna sonhos para quem a possui. Portanto, é lúcido inferir que a recepção está diretamente ligada a indubitável sensibilidade que a leitura literária produz.

Outro ponto importante a ser destacado no que diz respeito à recepção dessas obras, entendida como um processo no qual está envolvido todo o conjunto de experiências trazido pelo leitor, no ato de ler, que, como destaca Paulo Freire (1989), se inicia antes mesmo da leitura da palavra escrita. Podemos compreender, portanto, que as obras clássicas da literatura são mediadas em todos os espaços, momentos e circunstâncias da vida do jovem leitor. O contato com a obra literária não acontece exclusivamente no contexto da sala de aula ou da escola.

A recepção da leitura literária se principia no instinto materno, no primeiro contato com o mundo, no lar, na primeira infância em contato com os pais, irmãos, avós, com os tios, primos e amigos, como resultado do ouvir, se aperfeiçoa na escola e se desenvolve pela vida afora. Nesse sentido, por sua inquestionável relevância, na ampliação da experiência existencial humana, como aborda Todorov (2019), a recepção literária não pode prescindir do contato com a obra em sua totalidade, porque o acesso baseado em fragmentos do texto compromete a construção de sentidos por parte do leitor, além de gerar uma concepção estreita da literatura e reduzir a experiência estética ao imediatismo característico das transformações assistidas no mundo moderno. O contato com o livro impresso é, desse modo, algo em que se deve investir, como um caminho para uma formação abrangente dos jovens leitores.

Com efeito, cada obra literária desenvolve um valor estético em seu leitor, pois, como arte, a literatura traz em si o traço da universalidade, ao mesmo tempo em que dialoga de forma particular com o universo de cada leitor. Antonio Candido (2006), em *Literatura e Sociedade*, nos esclarece a respeito das várias amplitudes da obra literária, desde os aspectos sociais, culturais, interno e externo, estético e de criação. Segundo o autor, a literatura desnuda os costumes, os valores, os saberes, as transições, o complexo do ser humano, em suma, é a arte prefigurada na forma da escrita.

O processo de recepção que envolve a literatura e o leitor é uma das correntes do campo literário que vem sendo investigada por teóricos estudiosos da estética literária, como

Hans Robert Jauss (1979; 1990), que tem se preocupado em analisar o processo de recepção, considerando-o a partir da expectativa do horizonte artístico e estético da obra literária. Jauss (1979) destaca que a relação com o texto permite a experiência da fruição estética, que consiste na libertação do sujeito leitor pela imaginação e pela criatividade, a partir da leitura pessoal de mundo e do texto literário. A leitura se torna, então, a experiência estética, uma vez que o ato de ler permite viajar por dimensões e mundos diversos, permite enriquecer a experiência do leitor sobre a realidade, frente a um universo fictício e possível pela ficção.

Wolfgang Iser (1996), por sua vez, em *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*, preocupa-se com o efeito que cada obra causa em seus receptores e com o ponto de vista histórico da recepção, a partir das diferentes interpretações. Sobre a recepção, Iser (1996) destaca:

A recepção, no sentido estrito da palavra, diz respeito à assimilação documentada de textos e é, por conseguinte, extremamente dependente de testemunhos, nos quais atitudes e reações se manifestam enquanto fatores que condicionam a apreensão de textos. Ao mesmo tempo, porém, o próprio texto é a “prefiguração da recepção”, tendo com isso um potencial de efeito cujas estruturas põem a assimilação em curso e a controlam até certo ponto. (ISER, 1996, p. 7).

Observando o exposto pelo autor, podemos perceber que a estética da recepção está ligada a dois princípios básicos mencionados anteriormente: a recepção e o efeito de sentido produzido pela obra literária. Quando essas duas metas se encontram, conseguem atingir a mais abrangentes das dimensões literárias: a formação do leitor. Iser (1996, p. 11) destaca a importância da interação do texto com o mundo “extra-textual”, visto que os textos literários carregam em si características próprias da condição histórica, carregam a originalidade do autor frente ao mundo. Desse modo, o texto “ganha o caráter de acontecimento à medida que traz uma perspectiva para o mundo presente que não está nele contida”, mas se constrói a partir dele e precisa, portanto, provocar algum efeito que deve ser assimilado. Iser acredita ainda que todo e qualquer texto literário resiste às mudanças históricas e ao tempo, pois carrega em sua estrutura a possibilidade de representar épocas distintas, compartilhando os acontecimentos ficcionais do universo.

Uma vez que o texto literário só consegue produzir seu efeito a partir da prática da leitura, é na leitura que acontece a prefiguração do texto. Desse modo, a interação entre leitor e texto é primordial, pois a premissa do texto é a comunicação e é por ele que acontecem as intervenções no mundo e se torna possível evidenciar as intenções comunicativas, que se produzem por meio da consciência imaginativa do leitor, constituindo-se, por conseguinte, o

efeito estético. Zilberman (2012, p. 43) menciona que é “Da inter-relação do efeito condicionado pela obra com a modalidade de recepção trazida pelo público que nasce o diálogo entre o texto e o leitor, a integração ou o conflito entre esses dois seres vivos”. Ainda segundo a autora, esse ato dependerá da disponibilidade do leitor em aceitar todos os aspectos que lhe são disponibilizados no momento da apresentação da obra literária, visto que existe uma relação dialógica entre os dois sujeitos envolvidos na interação: o leitor e o texto.

Para Eco (2016, p. 19), a recepção “é “memória atual” e “permanente reevocação” do movimento produtivo que lhe deu a vida”. Assim, a experiência estética não deve ser arrolada a padrões normativos e seus fenômenos não devem ser definidos sobre um padrão unívoco, pois a obra precisa ser contemplada em sua totalidade, e isso só se torna possível frente à experiência leitora.

Sobre esse pensamento Judith Langer (2005) declara:

Caracterizo o modo como a nossa mente trabalha quando estamos engajados numa experiência literária como sendo um movimento na direção de um horizonte de expectativas. Nossa leitura progride em dois níveis ao mesmo tempo, como se estivéssemos, simultaneamente, massageando o estômago com uma mão e dando tapinhas na cabeça com a outra. Nossa compreensão momentânea e nossa compreensão do todo estão ambas em estado de mudança constante. (LANGER, 2005, 46-47).

De um modo geral, Langer (2005) observa que a nossa mente trabalha em torno de mudanças constantes, portanto, podemos dizer que a recepção da obra literária está estritamente ligada ao desenvolvimento e é guiada pela compreensão do todo. Nesse processo, criamos um horizonte de expectativas sobre o que eventualmente iremos construir, ou simplesmente, procuramos o que desejamos explorar. Essa experiência envolve também disposição para o novo.

Muitos são, portanto, os aspectos envolvidos no processo de recepção das obras. Por esta razão, nem sempre será possível atingir todos os níveis de expectativas dos jovens leitores, de modo que, na mediação docente, o importante é traçar estratégias variadas, com objetivos diversos e pontuais, a fim de contribuir para a construção de significados acerca das obras e para que sejam expandidos os horizontes de expectativas de leitura dos estudantes.

1.1.4 Memória

As reflexões em torno deste tópico emergiram das memórias que trago das minhas vivências como leitora e das experiências que acumulei, na condição de estudante do curso de

Letras e professora de Literatura na Educação Básica, e que me proporcionaram o acesso a vários estudos teóricos importantes em minha formação acadêmica e profissional. Trata-se de estudos que trazem, entre outros, conceitos fundamentais para entendermos o sentido da palavra “memória”, em uma perspectiva discursiva, da palavra como arte. Por serem diversificadas e heterogêneas as definições dessa palavra, me embasarei nas reflexões sobre as transformações sociais, históricas e culturais para tratar da “memória” como parte do discurso literário, na perspectiva da evolução do efeito da palavra e da palavra enquanto arte. O ponto de partida para as discussões é a compreensão de que a memória cumpre papel fundamental na formação da identidade leitora dos indivíduos.

Quando proferimos à palavra “memória”, muitas indagações surgem, devido à complexidade que ela abarca e à variedade de estudos relacionados. Smolka (2000) destaca as muitas investigações acerca da “memória”, principalmente no sentido epistemológico da palavra, que envolve experiência, conhecimento, linguagem, funcionamento mental, cognição. Estudiosos do campo da Psicologia, da Filosofia e da História têm se preocupado em investigar como a memória tem sido compreendida e interpretada pelos indivíduos. Entre os muitos modos que podemos pensar a respeito de “memória”, aqui optarei, inicialmente, pelo sentido mais denotativo da palavra, uma vez que considero fundamental apresentar uma definição cujo sentido existe desde os primeiros tempos. Para tanto, tomo como embasamento as palavras de Ivan Izquierdo (2014) que, em sua obra *Memória*, traz uma relevante definição:

“Memória” significa aquisição, formação, conservação e evocação de informações. A aquisição é também chamada de aprendizado ou aprendizagem: só se “grava” aquilo que foi aprendido. A evocação é também chamada de recordação, lembrança, recuperação. Só lembramos aquilo que gravamos, aquilo que foi aprendido. (IZQUIERDO, 2014, p. 13, grifo do autor).

Ainda nas palavras do autor, “somos aquilo que recordamos”. Literalmente, é inegável dizer que podemos ser o que desconhecemos, falar do que não sabemos ou transmitir aquilo que não aprendemos, a não ser que tudo esteja gravado em nossa memória. Cada indivíduo possui sua própria memória e as construções da memória surgem por meio da evolução da história do indivíduo e suas experiências interacionais e discursivas, da palavra e da memória enquanto arte. Segundo Sérgio Roberto Costa (2014)

Conta a mitologia grega que a deusa da memória, Mnemosyne, protetora das artes e da história e musa da poesia narrativa épica, tornava imortal o humano que tivesse registrado em alguma obra um herói e seus feitos. Assim também hoje esse caráter reatualizativo do passado ganha imortalidade

quando se resgata um momento passado, esquecido em algum canto da memória, tornando-o eterno. (COSTA, 2014, p. 168).

Nesse sentido, é possível depreender pelas palavras do autor, que é por meio de nossas experiências passadas que somos capazes de resgatar um momento, acessar nossos dados e projetar ações futuras, sendo, portanto, a memória responsável por nossa formação iminente, e é a partir dela que ganhamos personalidade. A história do indivíduo tem evoluído com as transformações sofridas pelo tempo e pela evolução do ser humano, as ações de interação sociocultural têm contribuído com o caráter reatualizativo da memória, conforme apontado por Costa (2014) no trecho anterior.

De acordo com as colocações de Fernandes (2008, p. 43), em seus estudos reflexivos e introdutórios a respeito das noções ideológicas, históricas e da compreensão do discurso, frente a diversos contextos sociais, entendemos por história uma sucessão de acontecimentos desordenados, marcados por uma heterogeneidade em decorrência das relações em sociedade que podem sofrer continuidade, descontinuidade, dispersão, formação e transformação. No intuito de agregar as definições de Costa (2014), Fernandes (2008) ainda acrescenta que a noção de memória vai muito além de lembranças do passado e recordações de um indivíduo, pois devemos também considerar as experiências de uma memória coletiva, na qual todos os sujeitos podem exprimir suas memórias.

Orlandi (2002, p. 30) menciona que “a memória faz parte da produção do discurso”. A formação da memória é constituída de vários discursos, vivências e experiências leitoras, e nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso, ou seja, aquelas informações que já foram ditas, tornando possíveis todos os dizeres. Orlandi afirma que “O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa ‘nossas’ palavras” (p. 32,).

Para Carlos Alberto Faraco (2003), “Os enunciados manifestam-se fundamentalmente como uma tomada de posição axiológica, como uma resposta ao já-dito” (p.107). Nesse sentido, deve-se considerar os acontecimentos exteriores e interiores das diferentes forças sociais e da miscigenação como espaço de uma memória coletiva, num sentido de captar e exprimir as condições sociais, históricas e culturais. No viés contextualizador da história discursiva da memória, as experiências que sobrevivem ao tempo decorrem da evolução do contexto sociocultural quanto da formação do imaginário. Orlandi (2002) faz essa colocação acerca das relações discursivas por meio das imagens. Segundo a autora, são estas que constituem a identidade dos sujeitos, pois “O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não ‘brota’ do nada:

assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história” (p. 42), por meio das nossas experiências e das relações que mantemos com a memória. No contexto literário, o mundo é representado pelas imagens que fazemos daquilo que tomamos por experiência da leitura literária.

Zilberman (2012) se posiciona a respeito dessa colocação, dizendo que o mundo que é representando “corresponde a uma imagem esquemática, contendo inúmeros pontos de indeterminação. Personagens, objetos e espaços aparecem de forma inacabada e exigem, para serem compreendidos e introjetados, que o leitor os complete” (p. 42). Portanto, esses pontos que estão inacabados se materializam na memória no momento que ele se torna capaz de construí-los, dando espaço à imaginação.

Jouve (2002) vem dizer que

O imaginário próprio de cada leitor tem um papel tal na representação que quase se poderia falar de uma “presença” da personagem no interior do leitor. Essa sensação de consubstancialidade entre o sujeito que lê e a personagem representada nenhuma imagem óptica jamais poderá dar. (JOUVE, 2002, p. 116, grifo do autor).

Vale ressaltar que essa representação do imaginário mencionado por Jouve (2002), depende da disponibilidade do leitor em reunir suas experiências culturais, sociais e pessoais, dando espaço para a memória constituir novos significados pela incorporação de vivências, sensações e emoções que venham, até então, ser desconhecidas em sua vida pessoal. A representação é, desse modo, de suma relevância para a criação da identidade, visto que representar significa tecer um conjunto de significados que são refletidos pelo poder das imagens que fazemos do nosso meio sociocultural e discursivo (Silva, 2012).

Para Eni Orlandi (2002), “As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória” (p.43). O já-dito é constituído pelas relações heterogêneas e transferidas de modo a estabelecer novos significados. Quanto às lembranças literárias, Resende (2001) apresenta algumas possibilidades sobre a formação da memória leitora:

O leitor cresce, sua memória de leitor se amplia, renovando-se as leituras, inclusive intertextuais; alicerçam-se preferências e a perspicácia quanto ao gosto e ao valor estético e, com isso, ele, inevitavelmente, descobrirá nas obras já lidas mais sentidos, outros possíveis. As obras efêmeras tornam-se menores que o leitor; já as de consistência artística permanecem as mesmas, ele é que, crescendo com o tempo, inclusive internamente, estabelece relações mais maduras, ou seja, ao longo do processo evolutivo, desocultará significados que o esperavam para serem revelados; desata-os por vias não

exploradas ou reconhecidas até então – que a obra já permitia sem que ele os tivesse atingido ainda. (RESENDE, 2001, p. 74-75).

Conforme aponta Resende (2001), a memória do leitor se amplia conforme suas experiências de leitura literária se renovam, e, inevitavelmente, ele começa a atribuir mais sentido às obras já lidas, estabelecendo relações mais maduras com as leituras presentes em sua memória, sendo capaz de estabelecer novos significados.

Nora (1981) tece um comentário reafirmando as palavras de Resende (2001):

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, [...] se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. (NORA, 1981, p.13).

Na realidade social dos jovens da atualidade, tudo é muito efêmero e se perde rapidamente. Por isso, o momento presente se torna muito valorizado, de modo que esses lugares citados por Nora (1981) precisam ser sempre recriados. Assim, cumpre reconhecer o papel da memória para que seja assegurada a história de todos os sujeitos envolvidos neste contexto contemporâneo, uma vez que nossa memória é regada pelo coletivo, pelo meio no qual nos inserimos como indivíduos de uma coletividade. E é justamente por meio dessa coletividade que se criam afeições alojadas na memória do jovem leitor, revitalizando a imaginação, fazendo com que, ao passar dos tempos, elas sejam recordadas.

Esse processo propício ao amadurecimento do leitor em relação ao texto surge pela força da criatividade, das imagens que criamos, de emoções marcantes que são aspectos inerentes ao ser humano e da mente recriadora. Em outro momento, Resende (2001) proporciona uma reflexão sobre a importância da literatura para a renovação da memória

Penso que uma entre as possibilidades – o que cabe a cada ser vislumbrar a seu modo e de acordo com suas diferentes fases – é refazermos o nosso percurso existencial, reafirmando as nossas contradições, tais como: a do debate entre a solidão e a comunhão; a angústia (pela consciência da transitoriedade) e o conforto encontrado pela memória, em que se assenta algum sentido humano de perenidade. A palavra na arte pode mais que o tempo provisório de cada um, uma vez que a literatura, independente do destino limitado do homem, segue o seu através dos tempos com disponibilidade renovadora, ao se propor àqueles que a possuem, podendo imergir nela como forma de constante recriação do mundo e redescoberta de si mesmos. (REZENDE, 2001, p. 81).

Nesse sentido, as leituras que fazemos podem nos levar a reinventar nossa consciência, como imagens espelhadas das experiências que tivemos, suscitando a imaginação. Esse processo pode também ser relacionado ao amadurecimento da memória do leitor, em uma construção evolutiva. A literatura, por sua vez, é o lugar que carrega em si todas as culturas, imagem social, cultural, histórica e individual, sendo capaz de transmitir toda uma memória cultural, sem nem ter a intenção de fazê-lo.

Assim, a memória é fundamental na construção da identidade dos jovens leitores e, de modo especial, a leitura literária pode influenciar nesse processo de construção, uma vez que é capaz de proporcionar a reconstituição de lembranças, a descoberta de novos significados e, com isso, impulsionar a constituição da memória, que é também arte, é cultura, é vida.

2 A ESCOLA CAMPO DA PESQUISA

O Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas foi a escola escolhida para a realização da pesquisa de campo proposta neste trabalho. A instituição está situada na cidade de Piranhas-Goiás, localizada no sudoeste goiano, fazendo limite com as cidades de Bom Jardim, Caiapônia e Arenópolis. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2021 (IBGE), o município tem população estimada de 10.161 mil habitantes e sua economia é voltada para as atividades de pecuária e agricultura.

O Colégio é uma instituição de ensino sem finalidade lucrativa, de caráter público, fundado no ano de 1983, com sede na Rua São Miguel, 172, Setor Aeroporto. Anualmente, recebe cerca de 600 a 700 estudantes. No período de realização da pesquisa de campo, segundo dados apresentados no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da instituição, referentes ao primeiro semestre do ano de 2021, contava-se com um total de 612 alunos matriculados e com um quadro de profissionais bastante ampliado, composto por efetivos e contratos temporários. Conforme afirmado no PPP, a instituição possui uma estrutura física próspera e ampliada, sendo, portanto, considerado um dos maiores colégios da cidade e região. Oferece os cursos de Ensino Fundamental II, Ensino Médio, 2ª e 3ª etapas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e o Programa de Fortalecimento do Ensino Noturno (Profen).

Vale destacar que

O Projeto Político-Pedagógico Participativo do **Colégio Estadual “Francisco Magalhães Seixas” de Piranhas /GO**, é antes de tudo um instrumento ideológico, político, que visa, sobretudo, a gestão dos resultados da aprendizagem, através da projeção, da organização e acompanhamento de

todo universo escolar. Enfrentar os desafios do cotidiano da escola de uma forma sistematizada, consciente, científica e participativa. É o caminho mais acertado para reinventar a escola, ressignificando suas finalidades e objetivos. [...] deve representar o compromisso de um grupo com uma determinada trajetória no cenário educacional. Há necessidade, porém, de clareza sobre a força e os limites deste projeto. A corporeidade do projeto acontece na interação entre os sujeitos: professores, alunos, equipe de coordenação, diretoria geral da Escola, pais e funcionários. Mais do que um papel, o projeto compromete pessoas com ideias, libertadoras e transformadoras. A forma de firmar este compromisso implica planejamento, dando lugar e sentido a uma ação conduzida pelas diretrizes do Projeto Político-Pedagógico. (PPP, 2021, p. 7).

O excerto apresentado visa ao compromisso com o ensino e a aprendizagem dos alunos, com o incentivo, apoio, mediação e colaboração do corpo docente da unidade escolar, bem como de todos os demais profissionais nela atuantes. O colégio procura realizar seus trabalhos em conjunto com toda a equipe, buscando sempre os melhores e mais assertivos caminhos pedagógicos, no intuito de contribuir para o alcance de resultados positivos na educação dos jovens estudantes. O PPP se constitui, nesse sentido, como um valioso instrumento de auxílio para a realização dos trabalhos, no contexto da instituição.

O Colégio possui uma biblioteca com certificado de registro intitulada *Biblioteca Deputado Costa Lima*¹ com acesso pelo pátio e um acervo de obras literárias composto, predominantemente, de produções contemporâneas da literatura infantil e juvenil. A biblioteca tem o formato de uma oca, com o formato circular, como uma morada indígena com uma estrutura diversificada feita de galhos de árvore e de concreto, bem organizada e higienizada.

No momento de apresentação do projeto desta pesquisa e de proposição de um trabalho com clássicos da literatura, que inicialmente envolvia os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, o grupo gestor da escola se mostrou receptivo. A diretoria considerou a pesquisa muito relevante para o contexto da instituição e para o desenvolvimento dos estudantes que seriam envolvidos.

Diante de algumas modificações realizadas no decorrer desse trabalho e também, levando em consideração a mudança de modulação da docente pesquisadora, a pesquisa voltou-se para os estudantes do 8º ano da última fase do Ensino Fundamental, nas turmas do 8º ano “A” e 8º ano “B” conforme menciona no decorrer desse texto.

Nesse sentido, o Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas contribuiu de maneira significativa, em todo o decorrer desta pesquisa, oportunizando espaço para a realização das

¹ Documento inserido nos anexos. Certificado de Registro do Programa de bibliotecas sobre o Decreto nº 48.902, de 27 de agosto de 1960.

atividades previstas no projeto e oferecendo recursos para que a proposta se desenvolvesse. Cumpre ressaltar, ainda, que além de essencial para o levantamento de dados, a instituição se mostrou receptiva aos resultados apresentados.

2.1 A comunidade escolar

Como já informado, a escola campo da pesquisa, Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas, atende alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, do Ensino Médio, da EJA e do Profen. A comunidade escolar, em sua maioria, é composta por estudantes da cidade de Piranhas e da zona rural, onde se concentram as atividades econômicas, entre as quais se sobressaem a agricultura e a pecuária como fontes da renda do município. Grande parte das famílias se estabelece no campo.

A unidade escolar conta também com um Atendimento Educacional Especializado (AEE) e com um grupo de professores de apoio a alguns alunos com necessidades educacionais específicas. Esse grupo de professores está sempre à disposição, na busca por recursos pedagógicos que proporcionem acessibilidades e que venham romper com quaisquer barreiras para a participação desses estudantes nas aulas.

A seguir, temos algumas tabelas com a apresentação do quadro de estudantes da escola campo da pesquisa, extraídas do PPP, de acordo com o Sistema de Gestão Escolar (SIGE) referente ao primeiro semestre de 2021.

2.1.1 Ensino Fundamental – Anos Finais

Ano	Quant. Turmas	Turno	Nº de alunos
6º ano “A”	1	Matutino	19
7º ano “A”	1	Matutino	20
9º ano “A”	1	Matutino	32
6º ano “B”	1	Vespertino	29
7º ano “B”	1	Vespertino	36
8º ano “A”	1	Vespertino	29
8º ano “B”	1	Vespertino	27
9º ano “B”	1	Vespertino	44

Fonte: SIGE 2021/1

2.1.2 Educação de Jovens e Adultos – Segunda Etapa (1º ao 4º Segmento)

Ano	Quant. Turmas	Turno	Nº Alunos
III Semestre “U”	01	Noturno	23

Fonte: SIGE 2021/1

2.1.3 Educação de Jovens e Adultos – Terceira Etapa (1º ao 3º Segmento)

Ano	Quant. Turmas	Turno	Nº Alunos
1º Semestre “U”	01	Noturno	27
2º Semestre “U”	01	Noturno	19
3º Semestre “U”	01	Noturno	28

Fonte: SIGE 2021/1

2.1.4 Ensino Médio da 1ª a 3ª série

Fonte: SIGE 2021/1

Ano/série	Quant. Turmas	Turno	Nº Alunos
1ª Série “A”	01	Matutino	32
1ª Série “B”	01	Matutino	29
2ª Série “A”	01	Matutino	30
2ª Série “B”	01	Matutino	30
3ª Série “A”	01	Matutino	37
1ª Série “C”	01	Vespertino	38
2ª Série “C”	01	Vespertino	35
3ª Série “B”	01	Vespertino	31

Dessa forma, no período em que foi realizada a pesquisa de campo, a escola contava com um total de 612 estudantes matriculados e recebia um grupo diversificado de alunos e profissionais da educação, que buscavam sempre ampliar seus conhecimentos e adquirir novas experiências para oferecer um ensino e aprendizagem de qualidade para a comunidade escolar.

2.1.5 Leitura literária e o ensino de literatura na escola campo da pesquisa

A ficção do século XXI se encontra mais acessível e, muitas vezes, se apresenta em uma linguagem mais simples, se comparada às produções lidas por nossos antepassados (séculos XVIII e XIX), que englobavam, em sua maioria, obras com propósitos realistas, que

buscavam reproduzir, por meio das ações das personagens, comportamentos e circunstâncias sociais e a vida do homem comum. Com a ascensão da literatura e, conseqüentemente, do seu público leitor, muitas são as oportunidades de fortalecimento da ficção contemporânea, que merece receber grande atenção, sem, contudo, que seja desconsiderado o valor das obras clássicas na formação dos jovens leitores.

Em nossos dias, embora sejam preservadas certas características da tradição literária, é possível observar, no conjunto da literatura contemporânea, uma diferença incontestável, está mais acessível, em uma linguagem mais simples e em edições diversificadas, muitas delas com ilustrações. Além disso, uma variedade de produções é capaz de chegar até nós com grande rapidez, graças aos avanços das Tecnologias da Comunicação e Informação. No Brasil, por exemplo, existe um *site* governamental conhecido como “Domínio público”, por meio do qual é possível baixar obras diversas, principalmente de clássicos literários, como as obras Machadianas.

Nesse sentido, é reconhecível que a leitura literária, na atualidade, tem sido facilitada, inclusive por intermédio dos dispositivos e mecanismos tecnológicos, amplamente, acessados sobretudo pelos mais jovens. Todavia, os investimentos de várias editoras para que os grandes clássicos cheguem até as crianças e os adolescentes, em versões simplificadas, por um lado, evidenciam a riqueza das obras reconhecidas como clássicas, mas, por outro lado, comprovam o distanciamento observado entre os leitores contemporâneos e essas obras. A constatação dessa realidade se constituiu em um dos principais elementos motivadores desta pesquisa e, certamente, alimenta importantes debates entre professores e outros profissionais promotores da leitura literária.

Observando a estrutura e a organização da biblioteca da escola campo, bem como o acervo de obras que a compõe, concluiu-se que:

1° - a biblioteca possui uma estrutura no modelo de oca² e é bem organizada e higienizada, de acordo com a manutenção geral feita na instituição;

2° - há um acervo de obras literárias infantis e juvenis, constituído, predominantemente, de produções contemporâneas;

3° - em sua maioria, as obras do acervo foram disponibilizadas pelo governo do Estado;

4° - algumas das poucas obras disponíveis, consideradas como clássicos literários, são versões adaptadas;

² Em anexo – imagem 2.

5º - raras são as obras de autores consagrados da literatura brasileira, como o escritor Machado de Assis;

6º - há poucas obras de um mesmo autor, com um número amplo de livros, capaz de atender a um trabalho de leitura coletiva;

7º - é escasso o acesso dos alunos à biblioteca;

8º - a biblioteca não conta com a presença de profissional bibliotecário.

Durante o levantamento de dados, por meio de um diálogo, a direção do Colégio esclareceu que, diante da falta de investimento de recursos financeiros oriundos de políticas públicas comprometidas com a educação, a unidade escolar precisou buscar alternativas para ter uma biblioteca. Desse modo, compreendendo a importância desse espaço de leitura e de acesso à informação e tendo em vista a liberdade concedida pelo Poder Público, para a implementação e construção de qualquer espaço que venha favorecer o desenvolvimento e a formação do estudante, a direção providenciou a construção da biblioteca, por meio de um projeto interno, desenvolvido a partir de um investimento pessoal do grupo gestor. Essa ação ocorreu após a elaboração de um plano de ação, projeto esse em que todo o corpo docente da unidade escolar cooperou financeiramente, bem como alguns membros da Coordenação Regional de Educação da cidade de Piranhas-Goiás, além do apoio de alguns comércios locais.

Esse fator deixa evidente a carência de investimento de verbas públicas e, conseqüentemente, contribui com a falta de acesso a obras literárias e incentivo ao jovem leitor.

Segundo Fabiane Burlamaque (2006):

O primeiro passo para a formação do hábito da leitura na escola diz respeito à seleção de material, que deverá servir para informação e recreação, [...] uma vez que a passagem pela escola, muitas vezes, é a única oportunidade que o aluno tem de entrar em contato com a leitura. (BURLAMAQUE, 2006, p. 80).

Nesse sentido, ressalta-se a iniciativa da escola campo da pesquisa para garantir aos seus alunos o direito à leitura e a todos os outros serviços disponíveis em uma biblioteca. Mas não podemos deixar de registrar também o sério problema no fato de a construção desse espaço ter ocorrido mediante recursos pessoais de profissionais da educação – ainda que os seus salários fossem compatíveis com o valor simbólico das funções que exercem –, pois a garantia da estrutura física e dos recursos materiais para o funcionamento de uma instituição pública é dever intransferível do Poder Público.

Para as discussões desta pesquisa, destacamos a importância do empenho da escola para proporcionar o espaço da biblioteca a sua comunidade e conseguir material literário, com o intuito de aumentar o acervo disponível. Em se tratando da utilização desse acervo, percebe-se que, na proposta curricular para o Ensino Fundamental, existe a inserção do ensino de literatura para os jovens, no entanto, em alguns casos, observa-se que tal proposta se encontra descontextualizada, devido à falta de investimento em políticas públicas capazes de proporcionar o acesso a obras diversas a todos os estudantes da rede pública de ensino. A esse respeito, vale lembrar da afirmação de Antunes (2009, p. 186): “Esse ensino descontextualizado tem transformado em privilégio de poucos o que é um direito de todos: a saber, o acesso à leitura e à competência em escrita de textos”.

A realidade observada na escola campo da pesquisa permite concluir que a falta de políticas públicas e de um projeto interno em cada instituição, voltado para a promoção da leitura literária, tem causado um grande prejuízo aos jovens estudantes, trazendo um déficit no processo de formação leitora e, conseqüentemente, negando à comunidade escolar o direito à literatura. Ignorar essa realidade só reafirma o que diz Irandé Antunes (2009, p. 180): “Lamentavelmente, até o momento, aprender a ler, ou melhor, ser leitor, tem sido no Brasil prerrogativa das classes mais favorecidas”.

As abordagens de Antunes (2009) sobre essas questões nos ajudam a observar que, mesmo diante das transformações econômicas e tecnologias em um contexto mundial, é imprescindível que a escola proporcione aos estudantes o acesso à leitura de textos diversos, especialmente dos clássicos da literatura, que dificilmente serão buscados pelos jovens leitores, sem a criação de contextos que favoreçam a mediação produtiva de um leitor mais experiente, como se espera que seja o professor. É, enfim, indispensável que haja um olhar mais atento para a leitura, reconhecendo-se a sua importância no processo de formação humana e garantindo-se os investimentos públicos necessários para que seja possível contar, em cada instituição educacional pública, com acervos qualificados, compostos de obras de variados gêneros e com profissionais bibliotecários para atender à modalidade da Educação Básica.

Assim, a escola pode ou não ficar no meio do caminho: se cumprir sua tarefa de modo integral, transforma o indivíduo habilitado em um leitor; se não o fizer, arrisca-se a alcançar o efeito inverso, levando o aluno a afastar-se de qualquer leitura. Para evitar esse resultado, cabe entender o significado da leitura como procedimento de apropriação da realidade, bem como o sentido do objeto por meio do qual ela se concretiza: a obra literária. (ZILBERMAN/ROSING, 2009, p. 30).

É na escola, portanto, que muitas vezes acontece o primeiro contato do jovem com a obra literária. Essa concepção precisa ser compreendida de modo amplo, de forma a se estabelecer uma relação entre o papel da escola e a formação do leitor na Educação Básica. Esse contato que a unidade de ensino pode proporcionar ao estudante tem valor imensurável, por favorecer o encontro com culturas e mundos diversos, resultando na emancipação intelectual do jovem leitor, tornando-o capaz de formar suas próprias opiniões e de expandir seus horizontes de leitura.

3 ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA DE CAMPO

A presente pesquisa foi realizada no contexto da pandemia do coronavírus (Covid-19), que acometeu todo o mundo, em pleno século XXI. O primeiro relato sobre o vírus foi no exterior, logo em seguida, no mês de dezembro de 2019, fomos notificados sobre os primeiros casos do vírus SARS-CoV-2, no Brasil. Com o agravamento dos casos da Covid-19, houve a necessidade de suspensão das aulas presenciais de forma temporária, na escola campo da pesquisa, Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas. As aulas foram suspensas no dia 17 de março de 2020, inicialmente, por um período de 15 dias.

Com o aumento significativo dos casos de contágio e em decorrência das inúmeras mortes causadas pelo coronavírus, houve a necessidade de suspender as aulas por um período indeterminado. Diante dos dados expostos, compreendendo a necessidade de dar continuidade às aulas, foi proposto à rede estadual de ensino, pela Secretaria de Estado e Educação de Goiás, adotar um modelo de ensino que pudesse chegar a todos os estudantes. A alternativa foi recorrer ao modelo de ensino remoto, usando das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), como meio para chegar até os alunos.

Para isso, a Secretaria da Educação realizou algumas *lives*, como forma de orientar os professores para a nova proposta de ensino, visto que muitos profissionais da educação ainda sentiam insegurança quanto ao uso de recursos tecnológicos para ministrar as aulas de maneira remota.

No primeiro momento, usou-se do aplicativo do *WhatsApp*, considerando ser uma alternativa de rede social usada, de maneira geral, pela maioria dos alunos. A partir de então, foram criados grupos de conversa para cada turma. Com a novidade, vieram também os desafios dessa forma de ensino, e foi preciso adequar as postagens das aulas para cada turma, criando um novo cronograma de horário de aulas, que pudesse atender a realidade dos alunos.

Nos primeiros dias de ensino remoto, as aulas eram postadas nos grupos pelos professores, alguns tiravam fotos das atividades dos livros, gravavam vídeos explicativos; outros editavam e montavam suas atividades no *Word*, usavam de vídeos explicativos do *YouTube*, gravavam áudios, dentre outros meios que estivessem ao alcance dos docentes.

Com o passar dos dias, os docentes da instituição campo da pesquisa foram se reinventando, conheceram mais formas de trabalhar *online* e começaram a usar de aplicativos diversos, inclusive de jogos. Um recurso que veio auxiliar, significativamente, na metodologia *online* de ensino foi o uso do aplicativo do *Google Meet* e *Google Forms*, por serem plataformas que permitem elaborar atividades diferenciadas e que, de certa forma, permitiram, naquele contexto, chegar mais próximo dos alunos.

Muitos estudantes se recusavam a participar das aulas pelo *Google Meet*, por não terem familiaridade com essa forma de exposição da imagem ou por não conseguirem compreender as explicações, ou simplesmente por não se sentirem seguros com esse meio de interação. O uso exacerbado da *internet* fez com que se sobrecarregassem as redes de *wi-fi*, dificultando a compreensão das explicações, devido às inúmeras falhas de conexão. Além disso, muitos alunos da zona rural não contavam com acesso a internet devido a fatores relacionados a localização de suas moradias ou, até mesmo por condições econômicas..

A *internet*, naquele momento, foi uma forte aliada no processo de ensino e aprendizagem. No entanto, muitos foram os desafios enfrentados no contexto e, como já mencionado, muitos profissionais da educação não tinham conhecimento suficiente para dominar os meios tecnológicos e realizar, assim, um ensino com a mesma qualidade oferecida no contexto das aulas e da vivência em sala.

No âmbito desta pesquisa, um dos fatores que mais dificultaram o desenrolar dos trabalhos foi o fato de muitos alunos que faziam parte da turma pesquisada residirem na zona rural e, conseqüentemente, mesmo com os avanços das tecnologias no presente século, não terem acesso à *internet*. As atividades para esses alunos eram impressas e enviadas pelo ônibus do município até as famílias, o que dificultava ainda mais o contato com as turmas, além de acarretar em atraso nas devolutivas das atividades realizadas.

Outro fator dificultador para a realização dos trabalhos foi a insegurança por parte de muitos alunos, quando se fala em uma apresentação da sua imagem ou de sua participação por outros meios com os quais eles não estejam familiarizados ou que fogem às suas experiências, dentro ou fora da sua realidade escolar. Outros mencionavam que não conseguiam assimilar com clareza o que estava sendo proposto ou explicado, através da plataforma do *Google Meet*,

por questões de conexão com a *internet*, ou simplesmente, pela dificuldade em si da compreensão do conteúdo/assunto trabalhado no momento.

Nesse sentido, os dados aqui expostos são resultados de uma pesquisa realizada no contexto da pandemia da Covid-19, portanto, ocorrida em meio a vários fatores dificultadores, para que se obtivessem dados mais eficazes. Entre os desafios, destacaram-se os seguintes: o número reduzido de alunos que aceitaram participar da pesquisa; as dificuldades dos alunos na devolutiva das atividades propostas; o baixo domínio e acesso à *internet* por parte de vários alunos; a pouca quantidade de produções de memórias literárias recolhidas para a composição do Produto Educacional da pesquisa, em decorrência da necessidade de intervenções que, infelizmente, não puderam ser realizadas por meio do ensino remoto; além de outros fatores já existentes em outros contextos, como a marginalização do acesso aos livros literários clássicos pelos alunos da rede estadual pública de ensino.

3.1 Os protagonistas dessa “Odisséia”

Os leitores da obra *Odisséia* lembram que o poema épico narra a história de Ulisses, que demora 10 anos na Guerra de Troia e leva mais 10 anos para conseguir voltar para casa. A obra de Homero apresenta a história de Ulisses, um herói que passa por um percurso atribulado, cheio de desafios e peripécias durante seu retorno ao lar. Eis, portanto, a inspiração para a escolha do título desse tópico “Os personagens dessa ‘Odisséia’”, pois ele reflete todas as dificuldades enfrentadas durante a realização da pesquisa.

Vale realizar, de início, uma retrospectiva para situar a proposta inicial deste trabalho. No primeiro momento, a ideia era desenvolver uma pesquisa com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, visto que os alunos estavam saindo dessa fase final para adentrarem a realidade do Ensino Médio. Entretanto, entre o final do ano de 2019 e o início de 2020, houve a inesperada e mortal situação da pandemia do Coronavírus, que veio impondo algumas dificuldades para que o trabalho acontecesse conforme proposto. A condição do isolamento social, que se tornou uma necessidade para a humanidade, trouxe desafios além dos preexistentes no contexto escolar.

Então, como já mencionado no capítulo anterior, em relação a esse momento, as aulas começaram a ser ministradas de forma remota, no início do mês de abril de 2020. Diante dessa realidade, houve um momento de pausa nesta pesquisa, com a esperança de que a situação pudesse ou viesse a ser revertida, na expectativa de que acontecesse a coleta de dados conforme previsto no planejamento inicial para a pesquisa de campo.

Contudo, observando que a situação estava se agravando cada vez mais, procurei aplicar a pesquisa e realizar a coleta de dados com os estudantes do 9º ano de forma remota. O ensino remoto era novo para todos nós, professores, familiares e estudantes. A necessidade do aprender a lecionar e “dominar” as tecnologias foi um desafio muito grande. Primeiro, porque, raramente, os professores precisavam usar da *internet* além do essencial; segundo, porque poucas foram os cursos ou momentos de aprendizagem que os profissionais da educação recebiam para poder usar o digital dentro da proposta atual; terceiro, porque havia muita instabilidade por parte do grupo escolar e necessidade de adaptação ao cronograma e horário para as postagens das aulas, de forma a não sobrecarregar os estudantes.

Nesse sentido, semanalmente, passaram a ser ministradas seis aulas de Língua Portuguesa, de acordo com a matriz de aulas no Siape para as turmas do Ensino Fundamental II. Porém, com a nova realidade, esse número passou a ser trabalhado em um único dia da semana nos primeiros dias, o que dificultou ainda mais o andamento desta pesquisa. Apliquei a pesquisa com os alunos do 9º ano e, quando finalizei a análise dos dados coletados, concluí que os dados e as produções eram insuficientes para dar continuidade à escrita desta Dissertação e, principalmente, no que se refere à proposta do Produto Educacional da pesquisa: um livro de memórias constituído das produções realizadas pelos alunos na pesquisa de campo.

Novamente, outra inquietação veio à tona, como proceder agora? Eis que findava o ano de 2020 e os dados coletados eram insuficientes. Em conversa com a minha orientadora e diante da realidade, a alternativa era ampliar a pesquisa, estendendo as atividades a outras turmas. No ano de 2021, eu havia sido remanejada do 9º ano para o 8º ano, turmas A e B, vespertino, como professora regente de Língua Portuguesa, e foi em decorrência dessa nova modulação que se tornou possível completar a coleta de dados para a pesquisa.

No mês de abril de 2021, começamos novamente com o trabalho, por meio de um planejamento voltado para a realidade apresentada, uma vez por semana, às segundas-feiras. Durante o desenvolvimento das aulas *on-line*, o grau de dificuldades encontradas foi enorme, houve muita resistência por parte dos alunos e grandes desafios no acesso e uso da *internet*. Isso porque muitos dos estudantes residiam na zona rural e alguns ainda não possuíam acesso à *internet*, ou quando tinham acesso, a conexão não era eficaz. Desse modo, uma pesquisa que era para ser realizada em 8 aulas, levou mais de 2 meses para ser aplicada e, ainda assim, com muitos percalços, tanto devido à realidade da pandemia da Covid-19, quanto em razão da situação dos estudantes envolvidos nas atividades.

As palavras de Drummond, no seguinte poema, expressam em certa medida o sentido dos desafios enfrentados durante a realização desta pesquisa.

No meio do caminho tinha uma pedra
 Tinha uma pedra no meio do caminho
 Tinha uma pedra
 No meio do caminho tinha uma pedra
 Nunca me esquecerei desse acontecimento
 Na vida de minhas retinas tão fatigadas
 Nunca me esquecerei que no meio do caminho
 Tinha uma pedra
 Tinha uma pedra no meio do caminho
 No meio do caminho tinha uma pedra.

Rildo Cosson (2020, p. 128), ao analisar as escolhas que os leitores fazem de certos poemas, em determinadas circunstâncias, avalia que elas ocorrem não porque fazem parte de uma condição imposta, “mas porque os poemas dizem alguma coisa para eles naquele momento de suas vidas”. Dessa forma, a menção, aqui, ao poema de Drummond faz jus à trajetória singular de eventos inesperados que marcou a realização da pesquisa, as “pedras” no meio do caminho foram as dificuldades enfrentadas, que também fazem lembrar o poema épico de Homero, que aborda os tantos percalços pelos quais passou Ulisses, em seu retorno para casa. No contexto da pesquisa, os percalços confirmaram a necessidade de o pesquisador estar preparado para conduzir, com flexibilidade, as etapas previstas em seu projeto.

Assim, todo o trabalho da pesquisa de campo foi realizado com estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental, em duas fases: a primeira de forma remota e a segunda na modalidade híbrida. Participaram do segundo momento, em que houve a reaplicação das atividades, apenas os 18 alunos que estavam realizando suas atividades presencialmente.

3.2 Primeira etapa da pesquisa – introduzindo a prática

Em princípio, apresento os textos literários que compuseram o *corpus* literário da pesquisa de campo: os contos clássicos “Adão e Eva”, “O espelho” e “A Teoria do Medalhão”, de Machado de Assis, e os contos clássicos da literatura estrangeira “As três maçãs” e “O incômodo cadáver”, da coleção de textos árabes das *Mil e uma noites*.

A escolha desses textos se justifica pelo fato de os estudantes estarem em constante evolução, é importante conhecer dos mais variados textos literários e é fundamental proporcionar aos alunos novas versões de contos, além dos que estão sempre sendo trabalhados no contexto da sala de aula. Vale ressaltar, nesse sentido, a finalidade maior desta

pesquisa, que era levar o novo e inesperado e promover o acesso dos alunos a obras clássicas, sem a função de escolarizar, de forma didática e pedagógica, os textos.

No decorrer da pesquisa, além dos contos, os questionários trabalhados foram fundamentais, pois permitiram conhecer a realidade dos alunos daquela comunidade escolar, na condição de leitores literários.

Para um conhecimento prévio, foi trabalhado o fragmento abaixo do conto “Adão e Eva”, de Machado de Assis, como forma de identificar, preliminarmente, o que os alunos tinham de bagagem literária e analisar a recepção literária:

Veloso continuou dizendo que no sexto dia foi criado o homem, e logo depois a mulher; ambos belos, mas sem alma, que o Tinhoso não podia dar, e só com ruins instintos. Deus infundiu-lhes a alma, com um sopro, e com outro os sentimentos nobres, puros e grandes. Nem parou nisso a misericórdia divina; fez brotar um jardim de delícias, e para ali os conduziu, investindo-os na posse de tudo. Um e outro caíram aos pés do Senhor, derramando lágrimas de gratidão. ‘Vivereis aqui’, disse-lhe o Senhor, ‘e comereis de todos os frutos, menos o desta árvore, que é a da ciência do Bem e do Mal’.

Adão e Eva ouviram submissos; e ficando sós, olharam um para o outro, admirados; não pareciam os mesmos. Eva, antes que Deus lhe infundisse os bons sentimentos, cogitava de armar um laço a Adão, e Adão tinha ímpetos de espancá-la. Agora, porém, embebiavam-se na contemplação um do outro, ou na vista da natureza, que era esplêndida. Nunca até então viram ares tão puros, nem águas tão frescas, nem flores tão lindas e cheirosas, nem o sol tinha para nenhuma outra parte as mesmas torrentes de claridade. E dando as mãos percorreram tudo, a rir muito, nos primeiros dias, porque até então não sabiam rir. Não tinham a sensação do tempo. Não sentiam o peso da ociosidade; viviam da contemplação. De tarde iam ver morrer o sol e nascer a lua, e contar as estrelas, e raramente chegavam a mil, dava-lhes o sono e dormiam como dois anjos.

Naturalmente, o Tinhoso ficou danado quando soube do caso. Não podia ir ao paraíso, onde tudo lhe era avesso, nem chegaria a lutar com o Senhor; mas ouvindo um rumor no chão entre folhas secas, olhou e viu que era a serpente. Chamou-a alvoroçado. (ASSIS, 1994, V II).

Durante o momento inicial de aula *online*, pelo *Google Meet*, foi realizada a leitura oral desse fragmento com os estudantes, visto que o conto faz alusão à passagem bíblica sobre a criação do homem no livro de Gênesis, que é muito conhecido por quase todos os povos, mesmo aqueles que se consideram laicos, ateus, pagãos, católicos, entre outras crenças religiosas. Os alunos foram informados de que todas as obras que seriam trabalhadas na pesquisa seriam aqueles contos considerados como clássicos literários e que sempre seriam lançadas as versões integrais das obras, no grupo de estudo, para que tivessem conhecimento da obra em sua totalidade.

Sem pretensão religiosa, a escolha desse conto se justifica por se pressupor que ele se aproxima do leitor quanto a uma experiência pessoal, visto ser a história da criação do homem, portanto, uma narrativa de que, possivelmente, todos os jovens já tenham ouvido falar.

No debate que se seguiu, as seguintes perguntas foram realizadas:

1ª: O texto lido faz referência/intertextualidade a outro já existente? Explique.

2ª: O conto “Adão e Eva” é considerado um clássico da Literatura Brasileira. Temos também os clássicos da Literatura Infantil, como por exemplo, “Chapeuzinho vermelho”. Cite outros exemplos de clássicos infantis que você ouvia ou lia na sua infância.

As respostas dos estudantes envolvidos na pesquisa serão apresentadas por meio de siglas, visto serem mais apropriadas no momento e por assim se manter preservada a identidade de todos os alunos. Tivemos as seguintes respostas³

IMM – 1ª: Sim, com a história da criação dos homens e mulheres na bíblia.

2ª: Sim, chapeuzinho vermelho, Cinderela e três porquinhos
Em minha infância eu assistir muito chapeuzinho vermelho e três porquinhos na escola e em minha casa chapeuzinho vermelho marcou minha infância, fiquei com medo do lobo mal, por um período da minha infância

ANN – 1ª: ...

2ª: Branca de Neve, Frozen (vejo até hoje) etc.

RA – 1ª: Nesse trecho, o conflito se estabelece por conta da discussão acerca curiosidade, este aspecto era inerente do homem ou à mulher e identifiquem a relação com a criação do mundo em sete dias;

2ª: Mula sem cabeça, saci perere.

RO – 1ª: Não;

2ª: Os três porquinhos , o gato de botas , João e Maria etc.

JE – 1ª: Sim. Esse outro texto esta na bíblia;

2ª Quase não li muitos contos, não me interessei muito. Mas já li alguns na minha infância como três porquinhos e Adão e Eva.

Nas respostas dos alunos foi observado que a maioria já ouviu falar sobre a narrativa e fez inferência em relação à passagem bíblica. Um/a aluno/a não respondeu, um/a outro/a disse que o texto “Não” fazia referência a outro já existente ou não identificou aspectos intertextuais dentro do fragmento. A maioria respondeu conhecer algum clássico da literatura infantil e já teve a experiência da leitura na infância, dentre elas, a narrativa da *Chapeuzinho Vermelho e Os três porquinhos*.

³ As respostas apresentadas foram transcritas na íntegra e estão disponíveis na plataforma do *Google Forms* no endereço de e-mail 84175823su@gmail.com.

É importante mencionar que “Construir significados com outros sem precisar concluí-los é condição fundamental da escuta, e isso supõe uma consciência de que a construção de sentidos nunca é um ato meramente individual” (BAJOUR, 2012, p. 24). Portanto, todos os contos foram discutidos oralmente pela plataforma do *Google Meet*, os textos eram postados nos grupos de *WhatsApp* sempre com antecedência ao dia da aula da semana, considerando a dificuldade que os alunos tinham em acessar a *internet* ou participar das aulas. Os estudantes que se faziam presentes, quando nos encontrávamos pela plataforma, eram em um número bastante reduzido, o maior número de jovens que já tivemos girou em torno de doze, de uma lista de quase 60 alunos, o que dificultava a melhor qualidade da pesquisa e, conseqüentemente, o alcance de resultados mais promissores.

A participação dos estudantes nas atividades de escrita por meio da plataforma do *Google Forms* era mais numerosa, mas, neste trabalho, considerei registrar apenas as respostas daqueles alunos que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visto que muitos alunos não quiseram participar da pesquisa e não chegaram a assinar o termo, e outros gostariam de ter participado, porém, não conseguiram dar retorno sobre a autorização da sua participação assinando o TCLE.

A política de higiene sobre os materiais impressos era bastante rígida no contexto da escola, uma vez enviado o TCLE para os alunos da fazenda, seu retorno era bem demorado, e quando chegava até o contexto da unidade escolar, era preciso esperar no mínimo uma semana para manusear o material impresso do aluno, isto devido aos riscos de contaminação pelo Coronavírus. Quando conseguíamos ter acesso, faltava uma ou outra parte assinada. Então, até conseguirmos contatar o estudante e obter dele retorno, já havia passado o tempo proposto.

Em seguida, foi solicitado aos estudantes do 8º ano que respondessem algumas perguntas, a fim de obter informações sobre o conhecimento que os jovens possuíam em relação ao gênero “conto” e sobre o autor Machado de Assis. Foi realizada a postagem no grupo, agendado o horário de encontro e apresentado o gênero e o autor pelo *Google Meet*. Conversei com os alunos e expliquei a concepção do gênero e um pouco sobre a história do autor. Na plataforma do *Google forms*, postei um vídeo com explicações sobre o gênero em questão e outro vídeo retirado do *site Domínio público* sobre Assis, com as seguintes propostas de atividades:

- 1) A partir das informações apresentadas sobre Machado de Assis, escreva no espaço que segue as impressões que você teve a respeito do escritor, acerca do tempo que ele viveu e do trabalho que realizou.

2) Durante a vida escolar, vários são os momentos em que temos a oportunidade de ter contato com a leitura de obras literárias, tais como os contos. Nesse sentido, escreva abaixo um texto, relatando alguma experiência literária que você tenha lembrança.

As passagens seguintes são respostas apresentadas por alguns alunos:

NI – 1) Joaquim Maria Machado de Assis, mais conhecido como Machado de Assis, foi precursor do realismo brasileiro e fundador e presidente da Academia Brasileira de Letras, sendo esse um de seus maiores e mais importantes feitos. Publicou mais de 200 contos, 10 romances e demais publicações de diversos gêneros, como folhetins, peças teatrais, contos e crônicas, tornando-se grande referência como cronista de sua época. O autor presenciou acontecimentos históricos, como a abolição da escravidão e a passagem do Brasil Império para Brasil República. Machado de Assis e Joaquim Nabuco fundaram a Academia Brasileira de Letras (foto de Augusto Malta / Biblioteca Nacional) Sua carreira foi marcada por grandes feitos, sendo suas crônicas um deles. Machado falava muito sobre a sociedade local da época, tendo mais de 40 anos de observação e crítica da sociedade, o que resultou na produção de um total de mais de 600 crônicas. Ainda em vida conseguiu ascender socialmente, tendo em vista que era nascido de família humilde. Tornou-se um homem muito respeitado, ocupando diversos cargos públicos. Foi nomeado cavaleiro e, posteriormente, oficial da Ordem da Rosa. O escritor epilético, gago e descendente de escravos, nascido em 21 de junho de 1839 no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, viveu 69 anos, morrendo em 1908. Machado de Assis é considerado até hoje o maior escritor brasileiro

2) - Era uma vez três porquinhos irmãos que viviam com a mãe. Dois porquinhos não ajudavam em nada na casa, enquanto o terceiro porquinho sentia pena da quantidade de trabalho que a mãe tinha. Um belo dia, a mãe, ciente da maturidade dos filhos, orientou que os porquinhos saíssem de casa para construir suas próprias vidas. Ela fez um farnel para cada um deles e forneceu algumas economias para que comprassem material para construir as casas. O primeiro porquinho, preguiçoso, quis construir uma casa que não desse trabalho. Apesar da advertência dos irmãos, construiu uma casa de palha. O segundo porquinho, menos preguiçoso que o primeiro, resolveu construir uma casa de madeira. Apesar de mais segura do que a casa de palha, a de madeira não era boa para o frio e não era resistente o suficiente para impedir a entrada de um lobo. O terceiro porquinho, por sua vez, precavido e paciente, resolveu construir sua casa com tijolos. Enquanto os dois irmãos mais novos terminaram as construções de palha e madeira em uma manhã, o terceiro porquinho seguiu engajado na sua demorada construção. Em três dias o trabalho estava feito: ergueu uma resistente casa com tijolos e cimento. Algum tempo depois, um lobo surgiu na floresta. Percebendo a presença dos porquinhos foi logo bater na primeira casa, a feita com palha. O primeiro porquinho, em pânico, fugiu para a casa ao lado, a do irmão

que havia trabalhado com a madeira. O lobo dirigiu-se então para a segunda casa e, como os porquinhos não abriram a porta, ameaçou assoprar para destruir a construção. A casa de madeira, de fato, caiu com a rajada de vento. Aproveitando a falta de fôlego, os porquinhos correram para a casa do irmão mais velho. O irmão mais velho os abrigou e garantiu que tudo correria bem. Quando o lobo soprou novamente, a casa, feita de tijolos, sequer mexeu um milímetro. No dia seguinte, o lobo voltou a atacar a casa que restava, dessa vez tentou entrar pela lareira. Como o porquinho mais velho era muito precavido, deixou um caldeirão de sopa fervendo posicionado bem embaixo da lareira. O lobo, ao cair na caldeira, fugiu desesperado e os três porquinhos continuaram sãos e salvos.

GU – 1) Ele foi muito importante para a literatura, e fez um bom trabalho em todo o tempo que viveu.

2) Os três porquinhos, chapéuzinho vermelho, Peter pan, etc.

ARI – 1) Eu vejo que ele gostava do que fazia. E também sobre o que ele já trabalhou define que ele gostava de escrever contos.

2) Eu não me recordo de nenhuma que me faça sentir prazer pela leitura.

KARI – 1) A impressão que eu tive sobre o Machado de Assis, que ele era um dos maiores escritores do Brasil, e o seu primeiro poema foi em 1855, e antes dos 30 anos já era conhecido, mesmo ele sem os pais foi um grande guerreiro, e mesmo com a sua economia baixa ele conseguiu ser um grande escritor!

2) Eu lembro que quando estava no 6º ano, a gente teve que lê um livro e assim, a partir daquele dia eu comecei a pegar livros para ler e levar para casa, a leitura pode te ensinar várias coisas e também, pode te mostrar coisas inacreditáveis!

ELO – 1) Eu acho o trabalho dele muito lindo, a arte dele. Ele está de parabéns pelo o trabalho e o capricho dele, ele fala sobre o que ele passou na vida dele no Brasil.

2) Eu gostou de uma pedação de um livro que a professora contou no 6º ano, o nome do livro é A Poliana. Eu até queria encontrar esse livro mais não consegui, ele fala sobre uma menina que não tinha tristeza e etc.

Essas passagens demonstram o entendimento dos/a alunos/as sobre a intencionalidade das duas perguntas. Na primeira resposta, o/a aluno/a NI responde conforme o proposto, porém, é notório que não conseguiu expressar suas próprias impressões sobre o autor e, também, percebe-se que foi retirado um trecho da *internet* e colado na resposta. Na segunda questão, que sugere que o/a jovem elabore um relato breve sobre sua experiência com a leitura de algum conto, foi mencionada uma narrativa que o/a aluno trazia na lembrança, porém, observa-se que o texto também foi retirado da *internet*. Dessa forma, foi notório que o/a estudante se encontrava inseguro/a para usar suas próprias palavras naquele momento.

Nas respostas dos/as demais estudantes, foi observado que os/as jovens conseguem reconhecer a importância desse autor e de todo o seu trabalho para e na literatura brasileira, os relatos de experiência destacam outra lembrança literária com a narrativa de *Os três porquinhos* e dois com narrativas contemporâneas. O/a estudante ARI disse que não havia para ele/a nenhuma lembrança de leitura que tenha lhe proporcionado algum prazer. A fala desse/a aluno/a pode proporcionar variadas interpretações, desde a falta de contato com obras literárias diversas ou a falta de estímulos ou mediação de um leitor experiente, em momentos que poderiam ter marcado a memória do/a jovem e exercido papel de relevância imensurável em sua formação.

A esse respeito, vale destacar o que considera Roland Barthes (2015, p. 61): “Prazer do texto. Clássicos. Cultura (quanto mais cultura houver, maior, mais diverso será o prazer)”. O autor acrescenta que “O prazer do texto pode definir-se por uma prática (sem nenhum risco de repressão): lugar e tempo de leitura: casa, província, refeição próxima, candeeiro, família, lá onde é preciso, isto é, ao longe e não longe [...]”. Assim, é imprescindível saber e entender que esse prazer é individual e que, principalmente, pode ser revelado sem nenhuma repreensão ou crítica.

No terceiro momento de atividades com os jovens leitores participantes da pesquisa, foi apresentado o gênero “memória” e sua conceituação. Foram realizadas algumas intervenções, como por exemplo: Você já tinha ouvido falar sobre esse gênero? Já conhecia ou fez algum trabalho de escrita voltado para essa forma de produção de texto? Grande parte dos estudantes disse não ter conhecimento sobre o gênero e que ele não havia sido trabalhado. Um ou dois jovens haviam ouvido falar. Para esse momento, foi trabalhada a seguinte passagem de Geraldo Canuto (2010):

Memórias são textos produzidos para rememorar o passado, vivido ou imaginado. Para isso devem-se escolher cuidadosamente as palavras, orientados por critérios estéticos que atribuem ao texto ritmo e conduzem o leitor por cenários e situações reais ou imaginárias. Essas narrativas têm como ponto de partida experiências vividas pelo autor no passado, contadas como são lembradas no presente. Há situações em que a memória se apresenta por meio de perguntas que fazemos ou que fazem para nós. Em outras, a memória é despertada por uma imagem, um cheiro, um som. Esse tipo de narrativa aproxima os ausentes, compreende o passado, conhece outros modos de viver, outros jeitos de falar, outras formas de se comportar e representa possibilidades de entrelaçar novas vidas com as heranças deixadas pelas gerações anteriores. As histórias passadas podem unir moradores de um mesmo lugar e fazer que cada um sinta-se parte de uma mesma comunidade. Isso porque a história de cada indivíduo traz em si a memória do grupo social ao qual pertence. Esse encontro é uma experiência humanizadora. O autor de memórias literárias usa os verbos para marcar um

tempo do passado: pretérito perfeito e pretérito imperfeito. Eles indicam ações e têm a propriedade de localizar o fato no tempo, em relação ao momento em que se fala. O narrador em primeira pessoa é o narrador-personagem ou narrador-testemunha. No caso de memórias teremos, geralmente, o narrador-personagem, que tem por característica se apresentar e se manifestar como eu e fala a respeito daquilo que viveu. Conta a história dele sempre de forma parcial, considerando um único ponto de vista: o dele. (CANUTO, 2010. Disponível em: <https://generostextuais2010.blogspot.com>)

Realizamos a leitura dessa passagem e, contextualizando as memórias do autor, retomamos com os estudantes algumas lembranças que eles consideravam importantes, fossem eventos pessoais, sociais, experiências de leituras, lembranças da infância escolar e familiar. Não foquei esse momento em apresentar um conceito mais profundo sobre “memória”, o intuito principal consistiu em proporcionar esse contato e conhecimento aos estudantes, instigando a pensar sobre a importância de se reconhecer a relação que estabelecemos com frequência, mesmo que de forma inconsciente, com as lembranças e recordações armazenadas em nossa memória.

Depois, retomei com os alunos o texto “Adão e Eva”, de Machado de Assis, com a segunda questão: 1) O que o texto te fez pensar? Essa pergunta propicia ao jovem leitor pensar sobre os seus sentimentos, refletir sobre as reações e ações do outro e até dele mesmo, pois, conforme aborda Cosson (2020, p. 46), “Qualquer narrativa, por simples que seja, compõe um modelo do real e manifesta certo modo de interpretação de algo”. O autor ainda destaca que, para que essa interpretação funcione, é preciso que haja um universo de referências, que traga alguma identificação ao jovem leitor, possibilitando reações e ampliação de alguns conceitos por parte dele. Assim sendo, mesmo que o livro da Bíblia Sagrada não seja, necessariamente, uma obra literária, ainda assim, continua sendo o livro mais lido e suas narrativas as mais ouvidas de geração a geração, estabelecendo, portanto, um vínculo com a literatura e seus leitores.

Eis abaixo algumas das respostas dos envolvidos:

THA- Na minha infância, de quando eu era criança e etc.

ARI - Sobre a mente de tais outras pessoas, que acham que o mundo foi criado pelo diabo, sobre o início de tudo, o texto tem o intuito de trazer uma nova visão aos mesmos.

GU – Pensar, pensar... ele não me fez. Mas vamos refletir! Eu achei um belo texto o conto de Machado de Assis, a qual lembra a história de Adão e Eva que admiro muito. Foi isso professora.

FE - O que o texto me fez pensar não tem nada a ver com a bíblia. Quem criou o mundo foi Deus e o ser humano só foi se adaptando ao que Deus fez e o diabo só quis atrapalhar o que Deus criou para sermos felizes aqui na terra.

ELO - Eu entendi que o Machado de Assis no meio do texto ele fez tudo ao contrário da Bíblia ele pôs o que ele pensa.

KARY- Faz pensar que mesmo ela comendo a maçã o Adão também comeu, por amor e DEUS já sabia que eles não conseguiria ficar sem comer por que parecia muito bonita mais mesmo assim , Ele os perdoou.

MA- Que é um texto que fala sobre as lembranças.

Ao analisarmos as respostas dos estudantes, observamos que os/as estudantes THA, GU e MA empregam expressões ou palavras que remetem a recordações presentes em suas memórias acerca de uma história ouvida na infância. O/A estudante ELO, por sua vez, parece ter percebido a ironia Machadiana quando diz: “Eu entendi que o Machado de Assis no meio do texto ele fez tudo ao contrário da Bíblia, ele pôs o que ele pensa.” Sobre essa afirmação, Cadermatori (2009, p. 50) destaca que “O discurso literário só avança na contramão e é desse modo que consegue tornar audíveis as mais diferentes vozes, estabelecer diálogos diversos e inusitados, acolher o próximo e o distante, o estranho e o familiar.” Destaca ainda que é por apresentar as múltiplas interpretações e compreensões que a literatura oferece esse espaço de liberdade, uma aventura de sentidos. Para Marcuschi (2008, p. 242), “O texto é uma proposta de sentido e se acha aberto a várias alternativas de compreensão”. Essas várias alternativas de compreensão citadas pelo autor vão ao encontro das palavras de Cadermatori, por inferirem em torno dos efeitos de sentido produzidos pelo evento comunicativo do texto literário, em conjunto com o contexto de experiência pessoal e literária do jovem leitor.

No quarto momento de realização das atividades da pesquisa com os alunos, foi proposta uma produção de texto referente a alguma memória literária que os jovens tivessem guardada, com a finalidade de investigar as habilidades que eles já traziam quanto a esse tipo de produção escrita e tomar nota de suas memórias. A proposta apresentada foi a seguinte:

1) Após as leituras e comentários sobre as obras apresentadas na sala de aula virtual (*Google Meet*), elabore um texto de memórias literárias, contando sobre suas experiências de leitura na infância, sejam elas (re)contadas pelo/a professor/a, ouvidas no contexto familiar pela intervenção dos pais, avôs ou lidas por você, jovem leitor.

Para John Sutherland (2017, p. 116), “Ler foi sempre um ato intensamente privado. Mesmo num grupo de leitura, os integrantes trazem suas reações particulares ao encontro para ‘compartilhá-las’”. E para Assmann (2011, p. 15), a memória tem um caráter retrospectivo que é acionado quando a lembrança se baseia em uma experiência consolidada no passado. É certo que, analisando as manifestações dos jovens deste século, podemos inferir que eles

fazem parte de uma nova era, são filhos das tecnologias, logo, têm experiências que marcam de forma distinta suas memórias, se compararmos com as marcas das memórias das gerações, cuja juventude se passou em eras anteriores a esta.

Como em todo momento histórico, neste contexto, é importante conhecer o que os jovens trazem em suas memórias. Desse modo, dentre os textos produzidos, selecionei um que traz consigo marcas de valores e reconhecimento do efeito da literatura. Trata-se de uma produção de texto de memória do/a estudante EVE, de quatorze anos:

Eu conheci a leitura pela minha mãe, ela sempre lia livros pra mim, foi por causa dela que eu me interessei pela leitura, e com isso não tive nenhuma dificuldade em aprender a ler. A minha mãe sempre trabalhava, então ela não tinha muito tempo disponível, mais sempre que podia ela parava um pouco pra poder ler para mim, ela também me incentivava a aprender a ler. Eu gostava muito de ouvi-la contando a história da Chapeuzinho vermelho. Foi a minha melhor experiência com a leitura. Na escola também não foi diferente, desde que eu entrei eu aprendi a ler muito rápido, então a escola teve um papel importante para mim em relação a leitura, lembro que eu ficava na minha carteira quietinha só lendo algum livro. Sem contar com as professoras que gostavam da minha leitura e me incentivavam mais. Quando eu entrei na terceira série do ensino fundamental, comecei a ler livros médios, que não tinham muitas páginas e nem poucas. Fui me familiarizando ainda mais. Sem contar com as leituras de alguma atividade na sala de aula. Quando eu entrei no quinto ano eu já começava a fazer resumos dos livros que eu lia, um livro que eu realmente gostei foi “Tosco”, realmente gostei muito. No sétimo ano comecei a ler vários livros, um que também gostei muito foi “O BOM GIGANTE AMIGO: BGA” é um dos meus preferidos. E eu tenho certeza que no futuro vou continuar lendo livros, porque a literatura é realmente espetacular e maravilhosa. Início do amor pela literatura. (EVE-14 anos).

Ao lermos a experiência com a literatura do/a estudante EVE, é notório o gosto pela leitura, assim como é nítida a habilidade desse/a jovem leitor/a para escrever o texto, organizar as ideias, transmitir sua experiência com a leitura e o que ela lhe proporciona. No contexto da sala de aula, esse/a aluno/a é destaque entre seus colegas, tanto na compreensão das propostas de atividades, quanto nas respostas apresentadas. Chama atenção no relato a menção à participação da mãe no processo de formação leitora do/a estudante, em seu desenvolvimento do gosto pela leitura literária. Esses apontamentos são de suma relevância neste trabalho, pois deixam evidente a importância do incentivo da família no desenvolvimento dos filhos. O/a estudante menciona também que a mãe, mesmo diante do cansaço e a exaustão do trabalho, não mede esforços para tirar um tempo para ler para o/a filho/a. É interessante notar que o/a jovem leitor reconhece toda a dificuldade que a mãe passa em seu dia a dia e, ainda assim, investe para que não falte a leitura na vida de seus filhos.

Nesse mesmo sentido, é possível observar que o/a jovem leitor acredita ainda que a leitura literária teve forte influência em sua vida, em seu aprendizado, em sua alfabetização. Isso fica evidente, principalmente, no trecho em que o/a estudante menciona que não teve nenhuma dificuldade em aprender a ler. Assim, após a leitura desse relato de memória podemos, de fato, inferir que a leitura literária tem um papel fundamental na formação do jovem leitor.

Conforme já mencionado ao longo deste trabalho, muitos dos alunos da turma pesquisada não participavam das aulas via *Google Meet* e, portanto, foram realizadas algumas atividades de interpretação e compreensão dos textos na plataforma do *Google Forms*, para contextualizar as atividades e analisar as possíveis respostas e posicionamento dos estudantes durante a aplicação dessa pesquisa. Como as aulas aconteciam de forma remota, os textos eram lidos individualmente e, na sala virtual, aconteciam a socialização do texto lido e as discussões sobre ele, com base nas ideias, experiências e leituras realizadas pelos estudantes.

Dentre as abordagens realizadas temos:

1) Após a leitura do conto literário "A teoria do Medalhão" de Machado de Assis, responda:

Descrição (opcional)

a) O que é ser um medalhão? *

Texto de resposta curta

b) Como o autor Machado de Assis descreve a sociedade da época? Explique de acordo com sua compreensão da leitura do texto. *

Texto de resposta longa

2) Após a leitura do texto podemos perceber que Machado de Assis apresenta algumas características sociais, bem como tradições e costumes familiares. Nesse sentido, elabore um texto de memórias literárias de uma situação que você considerou muito importante na sua vida. (A atividade número 2 deve ser realizada no caderno)

Descrição (opcional)

Imagem 1

2) Sobre o conto "O espelho" de Machado de Assis, responda:

Descrição (opcional)

a) Qual é o espaço que acontece a narrativa? *

Texto de resposta curta

b) Escreva os nomes dos personagens envolvidos. *

Texto de resposta longa

c) Qual é o tema do conto? *

Texto de resposta curta

Imagem 2

Abaixo temos algumas respostas realizadas pelos estudantes em relação ao questionário referente à imagem 1 sobre o conto *A teoria do medalhão*, de Machado de Assis:

THA – a) O pai aconselha o filho tornar-se um medalhão ou seja alguém que conseguiu conquistar riqueza e Fama.

b) Machado falava muito sobre a sociedade local da época tendo mais de 40 anos de observação e crítica da sociedade o que resultou na produção de um total de mais de 600 crônicas.

KARY - a) Ser um “medalhão” é ser uma figura considerada na cidade, respeitada, querida pela maioria das pessoas. Isto para ser lembrado durante a vida e depois da morte também.

b) Ele descreve , Vinte e um anos, algumas apólices, um diploma, podés entrar no parlamento, na magistratura.

MAR- a) Pessoa importante; figurão: medalhão da política brasileira.

b) Sua própria trajetória de vida surpreende. De origem humilde, escreveu uma obra sofisticada, na qual transparece grande conhecimento acerca da literatura clássica e de alguns dos mais importantes escritores de sua época. Tanto em sua biografia quanto em sua obra, Machado de Assis parece desafiar os clichês e as frases feitas.

Durante as aulas virtuais, após as leituras dos textos, dialogávamos sobre os contos literários, chamando a participação dos alunos para aquele momento. Muitas vezes, eu pedia a algum jovem que nos recontasse a narrativa, de acordo com a compreensão da leitura. Depois, era solicitado a outro estudante que nos dissesse o que ele compreendia por “medalhão”, quais

as inferências que os estudantes faziam a partir do texto, os personagens envolvidos, o contexto de produção, como, por exemplo, se no texto havia algumas características das vivências dos indivíduos que se assemelhavam às interações e comportamentos contemporâneos.

Nas respostas acima, podemos perceber que, mesmo com toda a intervenção que procuramos realizar de forma remota, os jovens tiveram dificuldades em assimilar a proposta do questionário. Poucas são as passagens que observamos traços de uma resposta particular, ou seja, relacionada e escrita pelo próprio estudante. É perceptível que muitos recortaram suas respostas de outros meios de comunicação e informação, devido à presença dos fatores de concordância, compreensão e coerência que, de certa forma, considerando o grau de escolarização e contexto da pesquisa, fica duvidosa a originalidade das respostas.

Ligia Cadermatori (2009, p.121), no capítulo intitulado “Ler na era do consumo”, de sua obra *O professor e a Literatura: para pequenos, médios e grandes*, destaca sobre como é lidar com os indivíduos deste século, frente ao desenvolvimento dessa era mediatizada pelo computador e celular. Cadermatori menciona sobre os desafios de tornar o livro e a literatura em geral algo especial, considerando que esta era

[...] sinaliza o reconhecimento de que a relação do professor com a literatura precisa ser pensada na moldura da era do consumo em que vivemos e, mais que isso, que qualquer prática cultural que promova o discurso literário exigirá saber passar pelas frestas de um império. (CADERMATORI, 2009, p. 121).

Vale ressaltar que essa fala da autora foi registrada no ano de 2009, a partir de um trabalho com texto literário, no contexto da sala de aula. Diante disso e das respostas dos alunos ao questionário trabalhado na presente pesquisa, fica a pergunta: como não esperar realidade semelhante com os estudantes, onze anos depois? Principalmente no contexto da pandemia da Covid-19, em que os materiais impressos foram, deliberadamente, substituídos pelos suportes digitais.

De fato, tudo o que foi exposto é importante para entendermos o que não podemos ignorar, isto é, que há desafios para a realização desse trabalho de recepção dos clássicos literários com os jovens leitores da atualidade. Por outro lado, esses mesmos desafios podem nos impulsionar a buscar possibilidades para que a leitura de obras clássicas esteja ao alcance desses leitores.

Observamos as respostas dos mesmos estudantes que responderam ao questionário da imagem 1 sobre o texto literário “A teoria do medalhão”, relacionando as perguntas da imagem 2 do conto “O espelho”, também do escritor Machado de Assis:

THA – a) O cenário do conto é no Rio de Janeiro no Morro de Santa Teresa.
b) Jacobina Doutora Marcolina e Os Quatros rapazes que serviam o público para a história de Jacobin.

c) O espelho.

KARY – a) Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

b) Jacobina: Tinha entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, astuto, quando mais jovem nomeado alferes o que lhe trouxe muita vaidade, pois era elogiado demasiadamente pela família e amigos. D.Marcolina: Tia de Jacobina de quem gostava muito, viúva do Capitão Peçanha, também seu tio, um tanto patusca; Os quatro rapazes que serviram de público para a história de Jacobin.

c) “O Espelho” é um conto do escritor brasileiro Machado de Assis, publicado originalmente em 8 de setembro de 1882 no jornal Gazeta de Notícias, e recolhido no livro Papéis Avulsos, do mesmo ano. Na obra, é patente a exímia habilidade do escritor de desenvolver uma trama com pretensões filosóficas de profunda reflexão.

MAR – a) Quando o narrador fala sobre Jacobina.

b) Jacobina.

c) O espelho.

Percebemos que, nesse momento da pesquisa, os estudantes conseguiram identificar melhor os personagens, o espaço e o cenário da narrativa, participando de forma mais precisa e individual, principalmente o/a estudante THA, quando relacionamos as respostas do questionário sobre o conto “A teoria do medalhão” às respostas ao questionário sobre o conto “O espelho”, sendo possível notar traços de singularidade na segunda resposta. O/a estudante KARY, por sua vez, para responder sobre o cenário de produção da obra da imagem 2, busca suporte na internet, não conseguindo arguir sobre a pergunta com as suas próprias palavras. Nesse sentido, observa-se a falta de leitura da proposta e dos textos abordados sobre os contos e as características literárias das obras Machadianas, que foram trabalhadas no decorrer dessa pesquisa.

Quanto ao/a jovem MAR, podemos inferir que não conseguiu compreender a pergunta, ou não leu o texto com precisão, ou de fato, não identificou as respostas às perguntas do questionário a/b, no texto. Apesar da pergunta que trata sobre o tema do conto

trazer um sentido reflexivo, ambas as respostas destacam que o tema do conto é o espelho, mas não conseguem estabelecer uma relação a respeito do que realmente poderia representar “O espelho” na narrativa machadiana.

Sobre isso, Julio Cortázar (2006) esclarece:

Em suma, pode-se dizer que não há temas absolutamente significativos ou absolutamente insignificantes. O que há é uma aliança misteriosa e complexas entre escritor e certo tema num momento dado, assim como a mesma aliança poderá logo entre certos contos e certos leitores. (CORTÁZAR, 2006, p. 155).

Nessa perspectiva, o despertar para o tema é um ato individual, que parte do momento em que o próprio leitor se encontra na experiência de determinada leitura. Outrossim, como apresentado no trecho acima, é relevante destacar que mesmo não conseguindo identificar o tema no conto lido, o mais importante é mediar o acesso desses jovens leitores com a leitura literária, levando-os a suscitar o prazer pela leitura de obras clássicas, estabelecendo uma certa aliança entre os contos e os leitores.

Nesse mesmo viés reflexivo, as propostas trabalhadas, posteriormente, foram baseadas na coleção de contos clássicos das *Mil e uma noites*, com versões adaptadas. Nessa parte da pesquisa, foi esclarecido aos estudantes que a coleção é considerada uma das leituras estrangeiras clássicas, mais lidas de todos os tempos, de origem árabe, e que não se sabe ao certo de quem é a autoria. Os contos trabalhados são da versão francesa de Antoine Galland, traduzida por Alberto de Diniz (2017).

Por meio do questionário que segue foram realizadas as abordagens:

1) Após a leitura do conto "As três maçãs" da coleção de contos árabes , responda:

Descrição (opcional)

a) - O que você achou do texto? *

Texto de resposta longa

b) - O que o texto te fez pensar? *

Texto de resposta longa

c) - Como se sentiu após a leitura do conto? *

Texto de resposta longa

2) -Você já ouviu falar ou leu, outros contos da coleção de obras de ficção "As mil e uma noites"? Qual? *

Imagem 1 (conto “As três maçãs”)

Ao perguntamos “O que você achou do texto?” ou “O que o texto te fez pensar?”, podemos nos recordar das palavras de Ítalo Calvino (1997), quando o autor menciona que os textos clássicos são sempre novos e inesperados. O texto literário pode também provocar sentimentos e emoções no leitor, tudo dependerá do tipo de leitor que teremos. Selecionei, após a leitura, todas as respostas dos participantes da pesquisa, em relação ao conto “As três maçãs”, considerando as semelhanças entre as respostas, de modo mais ou menos categórico, para identificar o que a leitura da narrativa provocou nos leitores como um todo.

- EVE (a) Achei bem interessante o texto. O fato de o marido ter achado que a esposa tinha traído ele, mesmo sendo inocente.
 b) Não gostei de o marido ter matado a esposa, deveria ter ido mais além pra descobrir a verdade.
 c) É um conto bom, me senti bem interessada.
- 2) Não, só ouvi falar do conto mil e uma noites.
- GU (a) Eu achei ela engraçada, porem tristes.
 b) Que devemos pensar antes de executar.
 c) Triste.
- 2) felizmente não me recordo, talvez sim, talvez não.
- ELO (a) Eu achei bom mas um pouco triste .

- b) Me fez pensar que você precisa saber primeiro pra depois conversar.
- c) Me senti um pouco triste e um pouco feliz.
- 2) Não nunca li e nunca ouvir .
- THA (a) Muito interessante e legal.
- b) Do conto A Branca de Neve.
- c) Várias coisas.
- 2) Não .

Escolhi quatro respostas do questionário sobre o conto “As três maçãs” para análise e, observando-as, podemos perceber que a leitura desse conto clássico foi bem apreciado pelos estudantes em relação aos contos a “Teoria do Medalhão” e “O espelho” de Assis. A maioria disse que achou o texto interessante. Diante da pergunta “O que o texto te fez pensar?”, muitos conseguiram atribuir algum juízo de valor às ações dos personagens, tais como “pensar antes de agir”, “saber primeiro antes de conversar”, “ter ido além para descobrir a verdade”.

De fato, a pergunta anterior não é suficiente para que os jovens estudantes consigam medir o grau de percepção em relação ao texto, pois, é necessária muita experiência literária e de leitura para que qualquer leitor seja capaz de inferir todas as percepções que um texto literário é capaz de exprimir. Por outro lado, é inegável dizer que a pergunta reavivou a reflexão sobre a leitura e sobre as experiências da existência humana, assim como levou os leitores a recordarem outras leituras que estavam na memória, como, por exemplo, quando o/a aluna (o) THA rememora o conto “A Branca de Neve”. Em relação a apontamentos como esses, Culler (1999, p. 87) diz que “O que os leitores realmente encontram, entretanto, é o discurso de um texto: [...] a ideia dos acontecimentos elementares a partir dos quais esse enredo foi formado é também uma inferência ou construção do leitor”.

Quando o leitor consegue fazer essas inferências a partir do texto lido, sendo capaz de construir sentido para sua leitura e de dialogar com o enredo, ou melhor, uma vez que o estudante se reconhece capaz de ler uma narrativa e refletir sobre ela e para além dela, torna-se sujeito e senhor de suas leituras. Isso significa dizer que, nesse processo de recepção do texto literário pelo jovem leitor, a mediação tem papel fundamental, pois, por meio dela, o processo de formação do leitor literário pode avançar, gradativamente, a cada experiência proporcionada por um leitor mais experiente, que se sente comprometido com esse processo, em meio a essa geração que Marc Prensky (2001) chama de “nativos digitais”.

Quando falamos a respeito desse processo de recepção e formação, neste contexto de intenso uso de recursos tecnológicos, não pretendemos defender um rompimento com o digital em favor do uso exclusivo do material impresso, até porque as atividades da pesquisa

de campo, que resultarem neste trabalho, precisaram ser realizadas com o auxílio dos meios midiáticos. O que procuramos mostrar é que, pelo fato de os jovens da atualidade terem nascido com amplas oportunidades para aprender, desde cedo, a se conectar com o mundo usando aplicativos diversos, como *Instagram*, *WhatsApp*, *Facebook* e de jogos *online*, torna-se mais desafiador promover a leitura literária nos moldes convencionais, uma vez que, mesmo intermediada por aparelhos eletrônicos, como o computador, o tablet ou o celular, por exemplo, ela exige um envolvimento diferente do que exigem as atividades voltadas para o entretenimento.

Vejam os resultados das atividades com o último conto trabalhado na pesquisa de campo: “O incômodo cadáver”, da coleção de contos árabes *As mil e uma noites*. Foi apresentada uma versão adaptada e, na sequência, as seguintes questões:

The image shows a digital questionnaire interface with three question blocks. Each block contains a question, a description (optional), and a long text response field.

1) O que o título do conto lido "O incômodo cadáver" te fez pensar? Explique. *

2) Na leitura da obra, podemos identificar características relacionadas a condição humana, que demonstram atitudes que fazem parte do cotidiano dos indivíduos em sociedade. Nesse sentido, quais características você conseguiu identificar no texto lido? Explique-as. *

3) Você já leu algum texto semelhante a este "O incômodo cadáver"? Se sim, qual? *

Imagem 1 (conto O incômodo cadáver).

ARY 1) Me fez pensar sobre um humano morto mas com sua alma perturbada sobre algo.

2) Medo, inquietação, perturbação, etc...

3) As 3 maçãs e o atual agora.

GU 1) Que quando ele morreu, ele fez muito "incômodo". Kkkkkk

2) Por exemplo... ele iria cantar em troca de comida, então acho que isso já é meio que uma sociedade !

3) Provavelmente não, mas esses dias eu vi um vídeo que um homem falou assim: hoje de manhã meu cachorro apareceu com o coelho da vizinha morto em sua boca, ela amava ele como uma criança, então lavei ele, e pulei o muro e coloquei novamente na gaiola, não passou muito tempo e ela saiu correndo desesperada ! Eu fingindo que não sabia de nada fui lá e falei: ouque

aconteceu ? Ela disse: meu coelho morreu ontem, aí nós fizemos o interro dele, e agora ele apareceu na minha gaiola. Kkkkkkk o cachorro dele tinha só desenterrado ele.

EVE 1) Me fez pensar em morte primeiramente, não imaginava que ia ser engraçado, pelo o menos eu achei engraçado.

2) Eu acho que egoísmo, pois o alfaiate foi egoísta de não ter falado a verdade, eu acho que isso faz parte do cotidiano da sociedade, também medo pois os personagens do texto tiveram medo de não serem entendidos e acabarem sendo punidos, isso faz parte do nosso cotidiano.

3) Não, apenas os textos as três maçãs.

LU 1) Fez pensar que uma pessoa morta começou a incomodar os moradores de um bairro.

2) Que as pessoas fizeram coisas erradas mentindo e no final foram honestas admitindo seus erros.

3) Não.

Por meio dessa atividade, chegamos a um momento ápice da pesquisa, pois, comparando as respostas iniciais com essas últimas, podemos perceber que as leituras realizadas cumpriram o importante papel de despertar aqueles jovens leitores para a leitura dos clássicos. É perceptível que a leitura do conto “O incômodo cadáver” trouxe maior autonomia aos estudantes, fazendo com que respondessem de forma descontraída as perguntas. Para Bajour (2012, p.47), “sondar o que acontece com os leitores quando falam de livros se torna uma situação de construção de conhecimento”. Assim, quando retomamos a pergunta feita sobre o conto anterior, “O que o texto te fez pensar?”, chamaram atenção, sobretudo, as seguintes respostas: “humano morto com uma mente perturbada”; “Que quando ele morreu ele fez muito ‘incômodo’. Kkkkkk”; “Me fez pensar em morte primeiro, não pensei que iria ser engraçado”; “Me fez pensar em uma pessoa morta”. A partir dessas respostas, inferimos que a leitura do conto proporcionou aos estudantes um momento cômico, mas, antes de gerar esse efeito, convidou-os a refletir sobre o sentido da morte e a condição humana diante dela. Um amadurecimento na condição leitora daqueles/as estudantes pode ter sido, portanto, a grande contribuição das leituras dos clássicos realizadas durante a pesquisa de campo.

Quanto à questão de número dois (2), sobre os aspectos presentes no conto, que permitem correlacionar com a realidade, muitos responderam que associavam ao “medo”, ao “egoísmo”, à situação de “cantar pra conseguir comida”, “a mentira e a verdade”. De fato, “Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum” (LAJOLO, 2011, p.12). Desse modo, a partir das falas dos estudantes, podemos compreender que, no ato da leitura, eles conseguiram dinamizar suas visões de mundo e associar os textos de ficção com a realidade, mesmo que de forma simplória, pois, ainda que hoje os tempos sejam outros, “menos eufóricos e mais amadurecidos”, como menciona Lajolo (2011, p.15), os avanços na

formação dos leitores variam conforme as experiências de cada sujeito e as especificidades de cada grupo social. No caso dos/as participantes da pesquisa de campo, em sua maioria, traziam restrito contato com a leitura literária.

Finalizei o questionário com o intuito de identificar quais foram os contos trabalhados que mais marcaram os jovens estudantes durante a pesquisa. Retomei pontuando cada conto que foi trabalhado durante a pesquisa, no momento da aula ao vivo, registrando também no questionário da plataforma do *Google Forms*. Duas foram as perguntas apresentadas, de forma sucinta e simples, conforme demonstra a imagem seguinte:

4) Sobre os textos lidos:

- ADÃO E EVA - MACHADO DE ASSIS
- A TEORIA DO MEDALHÃO - MACHADO DE ASSIS
- O ESPELHO - MACHADO DE ASSIS
- AS TRÊS MAÇAS- Coleção da obra as Mil e uma noites. (Contos árabes)
- O INCÔMODO CADÁVER - Coleção da obra as Mil e uma noites. (Contos árabes)

a) Quais dos textos lidos você mais gostou ou se identificou? Por quê? *

Texto de resposta longa

...

b) Quais dos textos lidos você não gostou, ou, não se identificou? Por quê? *

Texto de resposta longa

LU 4ª) Gostei do incômodo cadáver porque no final as pessoas podem admitir seus erros e se arrepender e se tornar pessoas e bom coração.

b) Não gostei do espelho.

ANN -4ª) Adão e Eva de Machados e Assis, eu gostei mais desse conto porque eu já tinha lido mas foi na Bíblia, e eu gostei muito porque ele é um pouquinho diferente do que conta na Bíblia mas tem o mesmo enredo.

b) O espelho de Machado de Assis, porque no começo eu não estava entendendo nada.

EVE – 4 a) Eu gostei muito do texto "O incômodo cadáver", eu senti um humor no texto, achei muito legal a história.

b) Eu não gostei muito do conto as três maçãs porque o marido matou a esposa sem saber primeiramente a verdade.

GU – 4 a) Eu mais "gostei" do: O INCÔMODO CADÁVER.

b) O espelho, eu não intendi ele muito bem.

KARY – 4 a) A teoria do medalhão , por que me identifiquei mais.

b) O espelho , não sou muito fã.

ARY - 4 a) Eu gostei mais do Espelho, pois trata-se de um soldado que ele se olha em um espelho antigo de sua família e ele se revela a sua verdadeira "alma" para si mesmo.

b) Adão e Eva pois conta que o mundo foi criado pelo anjo caído (Diabo), um conto com a genérica da bíblia mas revertendo os deuses, o supremo sendo o mau, e o mau sendo o bonzinho(na minha opinião isso é coisa de retardado).

ELO – 4 a) Eu gostei mais das três maçãs por que um pouco eu achei bom, e um pedaço não .

b) Adão e Eva, por que o Machado de Assis pois o que pensa .

Observando as respostas relativas à pergunta sobre qual o conto literário que o jovem leitor mais gostou, constatamos que “O incômodo cadáver”, da coleção de contos de *As mil e uma noites*, se sobressai em relação aos demais contos, por motivos diversos, como a história em si, o arrependimento e o humor sugeridos. No total, três alunos/as disseram que gostaram mais dessa narrativa. Quatro estudantes não gostaram da leitura do conto “O espelho”, de Machado de Assis, por não se identificarem ou por não terem compreendido a narrativa, ou seja, pela complexidade que encontraram na leitura. Dois estudantes disseram que não apreciaram o texto de Assis “Adão e Eva” e, de certa forma, criticaram o enredo, em comparação à história apresentada na Bíblia Sagrada.

Quando analisada a participação dos estudantes nas atividades propostas, é possível concluir que a escolha desses textos clássicos da literatura brasileira e estrangeira proporcionou uma vigorosa satisfação, mesmo diante do contexto da realização da pesquisa, em virtude da pandemia da Covid-19. A maioria das respostas aqui apresentadas foi dos estudantes do 8º ano “A”, pelo fato de grande parte dos que aceitaram participar da pesquisa ser de alunos dessa turma. A participação desses estudantes foi de suma importância e contribuiu, de forma significativa, para a coleta e análise de dados, em um momento em que foi preciso ressignificar a proposta inicial da pesquisa, para a superar os desafios impostos naquele contexto e, assim, contribuir para o processo de recepção das produções literárias clássicas pelos jovens leitores.

3.3 Segunda etapa da pesquisa

De modo geral, esse segundo momento, que intitulei de “Introduzindo a prática – segunda etapa da pesquisa com os alunos do 8º ano”, buscou apresentar dados, comparando as atividades produzidas e respondidas pelos estudantes, no modelo híbrido de ensino, com as atividades realizadas no modelo remoto de ensino. De fato, o tempo estipulado para essa parte foi rigorosamente reduzido, devido à necessidade de cumprimento de determinadas atividades curriculares estabelecidas para as escolas da Rede Estadual de Educação do Estado de Goiás. Nesse sentido, buscamos dar conta de favorecer a recepção dos contos selecionados, sob uma

ótica mais sucinta, utilizando da rememoração dos textos, de forma oral, e trazendo dados que auxiliassem nas reflexões sobre eles.

No que diz respeito às etapas desse momento, dividi em:

1º - Retomada da leitura das obras abordadas no modelo de ensino remoto, destacando os contos machadianos “Adão e Eva”, “O espelho” e “A teoria do medalhão”, de modo que os/as alunos/as se recordassem das narrativas lidas e recuperassem elementos dos contos oralmente;

2º- Retomada da biografia do autor Machado de Assis, assinalando na lousa suas principais características;

3º- Diálogo com a turma, com o intuito de estimular os/as estudantes a revisitarem suas memórias acerca dos contos lidos e, na sequência, convite para alguns deles/as recontarem as histórias;

4º - Entrega de material impresso aos estudantes, com algumas definições orais a respeito do gênero memória/memória literária. Não foi trabalhado em nenhum momento dessa pesquisa o gênero de forma a apresentar sua estrutura de maneira ampliada;

5º - Leitura com os/as jovens de uma breve apresentação do gênero em estudo, feita por Geraldo Canuto, conforme apresentado no quadro abaixo. Após, retomamos algumas lembranças que eles tinham guardadas em suas memórias, acerca de algum evento que lhes marcou, no intuito de com que eles trocassem experiências passadas, que estavam guardadas em suas memórias.

Os caminhos que construímos são marcas das experiências que temos na memória. Pela memória somos capazes de conhecer povos, culturas, nações. A memória nos torna especial. Ela nos torna seres humanos! Nesse momento, convido você, jovem leitor, a conhecer um pouco mais sobre Memórias Literárias.

Memórias

Memórias são textos produzidos para rememorar o passado, vivido ou imaginado. Para isso devem-se escolher cuidadosamente as palavras, orientados por critérios estéticos que atribuam ao texto ritmo e conduzem o leitor por cenários e situações reais ou imaginárias. Essas narrativas têm como ponto de partida experiências vividas pelo autor no passado, contadas como são lembradas no presente. Há situações em que a memória se apresenta por meio de perguntas que fazemos ou que fazem para nós. Em outras, a memória é despertada por uma imagem, um cheiro, um som. Esse tipo de narrativa aproxima os ausentes, compreende o passado, conhece outros modos de viver, outros jeitos de falar, outras formas de se comportar e representa possibilidades de entrelaçar novas vidas com as heranças deixadas pelas gerações anteriores. As histórias passadas podem unir moradores de um mesmo lugar e fazer que cada um sinta-se parte de uma mesma comunidade. Isso porque a história de cada indivíduo traz em si a memória do grupo social ao qual pertence. Esse encontro é uma experiência humanizadora. O autor de memórias literárias usa os verbos para marcar um tempo do passado: pretérito perfeito e pretérito imperfeito. Eles indicam ações e têm a propriedade de localizar o fato no tempo, em relação ao momento em que se fala.

O narrador em primeira pessoa é o narrador-personagem ou narrador-testemunha. No caso de memórias teremos, geralmente, o narrador-personagem, que tem por característica se apresentar e se manifestar como eu e fala a respeito daquilo que viveu. Conta a história dele sempre de forma parcial, considerando um único ponto de vista: o dele.

Geraldo Canuto

Disponível em: <http://generostextuais2010.blogspot.com/> acesso em 30/08/2021.

memórias utilizados foram retirados de *sites* da *internet* e são escritos em uma linguagem mais simples, de leituras mais curtas, uma vez que o intuito era criar, por parte dos alunos, interesse e familiaridade com os relatos expostos.

Os textos são os seguintes: “Memórias de livros”, parte do livro *Um brasileiro em Berlim* (2011), de João Ubaldo Ribeiro; um trecho de “Memória do SR. BK”, de acesso pela *internet*; uma adaptação do livro *Por parte de pai* (1995), de Bartolomeu Campos de Queirós, e “A propósito da neve molhada”, do livro *Memórias do subsolo* (2009), de Dostoiévski. Este último foi o texto de memória mais extenso apresentado aos/às alunos/as.

Abaixo seguem apresentados, conforme distribuídos aos/às estudantes, os textos utilizados:

Alguns exemplos de textos de memórias literárias

Memória de livros

Não sei bem dizer como aprendi a ler. A circulação entre os livros era livre (tinha que ser, pensando bem, porque eles estavam pela casa toda, inclusive na cozinha e no banheiro), de maneira que eu convivía com eles todas as horas do dia, a ponto de passar tempos enormes com um deles aberto no colo, fingindo que estava lendo e, na verdade, se não me trai a vã memória, de certa forma lendo, porque quando havia figuras, eu inventava as histórias que elas ilustravam e, ao olhar para as letras, tinha a sensação de que entendia nelas o que inventara. Segundo a crônica familiar, meu pai interpretava aquilo como uma grande sede de saber cruelmente insatisfeita e queria que eu aprendesse a ler já aos quatro anos, sendo demovido a muito custo, por uma pedagoga amiga nossa. Mas, depois que completei seis anos, ele não aguentou, fez um discurso dizendo que eu já conhecia todas as letras e agora era só uma questão de juntá-las e, além de tudo, ele não suportava mais ter um filho analfabeto. Em seguida, mandou que eu vestisse uma roupa de sair, foi comigo a uma livraria, comprou uma cartilha, uma tabuada e um caderno e me levou à casa de D. Gilete.

João Ubaldo Ribeiro. *Um brasileiro em Berlim*
Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, pp. 106-107.

João Ubaldo Ribeiro, em “Memória de livros”, faz o registro literário de suas recordações de menino: o casarão onde morava em Aracaju (SE), os avós, os pais, a primeira professora, os livros e as revistas que lia, os cheiros dos impressos antigos, os gestos de leitura mesmo antes de ser alfabetizado. Trata-se, portanto, de um texto de **memórias literárias**. Ao se colocar como narrador-personagem – recurso muito utilizado em textos desse gênero – o autor recria o passado e procura transportar o leitor para o tempo e o espaço onde ocorreram os acontecimentos narrados.

Custo a acreditar que tudo aquilo que por nós, a molecada de minha infância, era tido como um paraíso, hoje já não o seja mais. É a influência do progresso... Tenho saudades daqueles tempos em que simplicidade das coisas e o valor a natureza, mesmo frente às dificuldades da vida, prevaleciam sempre.

O meu paraíso se encontrava em uma pacata cidade do interior do [Estado], cidade que carrega em si traços bastantes visíveis da colonização dos imigrantes poloneses, alemães e ucranianos.

Me lembro bem de cada trilha que era percorrida por mim e por meus amigos A e M... Em cada folha de árvore, misturado ao cheiro da mata, predominava o cheiro do poeirão. Toda vez era assim, e cada uma delas parecia única, no meio da trilha sentíamos um "click" que nos chamava para o mesmo lugar: a belíssima cachoeira do (...) rio que ficava próximo de minha casa. Lá brincávamos até o sol nos abandonar. (...).

Comparado, aos tempos de minha infância, [minha cidade] mudou muito. Hoje vivo com minha esposa e filhos procurando passar a eles um pouco dos ensinamentos que tive e do valor representado pelas coisas mais simples da vida (...).

Memórias do Sr. BK.

Disponível em: <https://sextasdocarlosdemoraes.files.wordpress.com/2014/07/untitled-21.jpg> acesso em 30/08/2021.

Na janela meu avô espreitava a rua da Paciência. Nascia lá em cima, entre as casas e se espichava, morro abaixo. Morria num largo com sapataria, armazém, armarinho, no Alto de São Francisco.

[...] Eu brincava na rua, procurando o além dos olhos, entre pedras calçando a rua da Paciência. Depois das chuvas, essas pedras ficavam lisas, cercadas de umidade. Nas enxurradas desciam lascas de malacheta brilhando como ouro e prata.

Texto adaptado do livro *Por parte de pai*, de Bartolomeu Campos de Queirós.

A PROPÓSITO DA NEVE MOLHADA

Naquele tempo, eu tinha apenas vinte e quatro anos. Minha vida era, mesmo então, desordenada e sombria até a selvageria. Não me dava com ninguém, evitava até conversar, e cada vez mais me encolhia em meu canto. No emprego, na repartição, forçava-me a não olhar para ninguém; mas notei muito bem que os meus colegas não só me consideravam um tipo original, como até — tinha esta impressão continuamente — pareciam olhar-me com certa aversão. Vinha-me à mente: por que ninguém, além de mim, sente ser olhado com aversão? Um dos meus colegas tinha um rosto repulsivo ao extremo, todo picado de varíola, com certa expressão de bandido até. Eu, segundo creio, não ousaria sequer olhar para alguém se meu rosto fosse tão indecente. Um outro tinha o uniforme (Os funcionários russos da época eram obrigados ao uso do uniforme. (N. do T.)) a tal ponto usado que perto dele já se sentia mau cheiro. No entanto, nenhum desses senhores ficava confuso, quer por causa do traje, quer do rosto, ou por algum escrúpulo moral. Um e outro não imaginavam sequer serem

olhados com asco; e, mesmo que imaginassem, pouco se incomodariam, contanto que os chefes não se lembrassem de os olhar. Atualmente percebo, com toda a nitidez, que eu mesmo, em virtude da minha ilimitada vaidade e, por conseguinte, da exigência em relação a mim mesmo, olhava-me com muita frequência, com enfurecida insatisfação que chegava à repugnância e, por isso, atribuía mentalmente a cada um o meu próprio olhar. Detestava, por exemplo, o meu rosto, considerava-o abominável, e supunha até haver nele certa expressão vil; por isso, cada vez que ia à repartição, torturava-me, procurando manter-me do modo mais independente possível, para que não suspeitassem em mim a ignomínia e para expressar no semblante o máximo de nobreza. “Pode ser um rosto feio”, pensava eu, “mas, em compensação, que seja nobre, expressivo e, sobretudo, inteligente ao extremo”. No entanto, com certeza e amargamente, eu sabia que nunca poderia expressar no rosto essas perfeições. Mas o mais terrível era que, decididamente, eu o achava estúpido. (...)

Dostoiévski F. *Memórias do subsolo*. Tradução de Boris Schnaiderman. 6º ed. Editora 34, São Paulo: 2009.

Em virtude da necessidade de retomar algumas pontuações sobre a recepção dos clássicos literários pelos/as jovens leitores, feitas na primeira etapa da pesquisa de campo, utilizei de um questionário impresso para investigar a respeito das leituras que fizeram parte da infância dos/as alunos/as, acerca do conhecimento ou desconhecimento da turma, quanto ao gênero memórias literárias, e sobre a familiaridade que ele/as tinham com os textos trabalhados, entre outros questionamentos que são apresentados no material a seguir:

Esse trabalho de pesquisa intitulado “**A recepção de clássicos da Literatura na Educação Básica: desafios e possibilidades no âmbito da docência**” tem por finalidade contribuir com o ensino de literatura na Educação Básica. Levando em consideração que a apresentação e introdução dessa pesquisa foram desenvolvidas no modelo de ensino remoto, esse questionário foi elaborado como requisito final para análise de dados, aplicado de forma presencial, levando em consideração a retomada das aulas no modelo híbrido de ensino. Dessa forma, você está sendo convidado a participar deste questionário que busca, sobretudo, auxiliar nas pesquisas relacionadas à Educação e ao ensino de literatura.

1)- Você já teve contato com o gênero “Memórias literárias”, antes da apresentação desse projeto de pesquisa?

() Sim () Não

2) – A leitura literária faz parte de sua rotina?

Sim Não

3) - Qual sua experiência com a leitura de clássicos literários?

- Nenhuma
 Pouca
 Razoável
 Muita

4) – Ao ler obras literárias você prefere ler o livro no

- formato impresso
 formato digital

5) - Quais das obras clássicas infantis apresentadas a seguir fizeram parte da sua infância?

- Cinderela
 Branca de Neve e os sete anões
 Chapeuzinho vermelho
 João e Maria
 Os três porquinhos
 Alice no país das maravilhas
 Pinóquio
 A bela e fera

6)- Em relação aos contos literários apresentados/trabalhados durante o período de aula remota, quais deles você mais gostou?

- “Adão e Eva” (Machado de Assis)
 “O espelho” (Machado de Assis)
 “A teoria do medalhão” (Machado de Assis)
 “As três maçãs” (Contos árabes – *Mil e uma noites*)
 “O incômodo cadáver” (Contos árabes – *Mil e uma noites*)

7) – Você acredita que a leitura desses contos clássicos contribuiu de alguma forma para a sua formação enquanto leitor literário?

Sim Não

Para melhor compreensão dos resultados da pesquisa, criei um quadro representativo, para ser utilizado nas análises dos trabalhos realizados no modelo de ensino híbrido, que estava sendo desenvolvido com um grupo de 57 alunos. Desse segundo momento, no entanto, apenas 18 alunos participaram, pelo fato de os/as demais ainda estarem em atividades de forma remota. Assim, o quadro 1 apresenta apenas os resultados referentes aos jovens leitores que estavam no contexto da sala de aula.

3.4 - Quadro de análises dos dados da pesquisa de campo – modelo híbrido de ensino

Quadro 1

ASPECTOS OBSERVADOS	DADOS QUANTITATIVOS	DADOS QUALITATIVOS	CONCLUSÕES GERAIS
Nº de alunos/as envolvidos/as	57	18 participaram efetivamente.	O ensino remoto dificultou a interação com os/as alunos/as e a participação deles/as nas atividades.
Textos abordados	5 contos clássicos	Todos foram abordados por meio de atividades remotas.	A participação dos/as alunos/as foi produtiva em parte, devido a fatores dificultadores.
Texto(s) mais apreciado(s) pelos alunos	3	Destacou-se o envolvimento com os contos: “Adão e Eva”, “As três maçãs” e “O incômodo cadáver”.	A leitura dos contos possibilitou maiores correlações com a realidade vivida pelos/as alunos/as.
Texto(s) que impôs/impuseram mais dificuldades aos/às alunos/os	2	Os contos “O espelho” e “A teoria do medalhão”, de Machado de Assis, demandaram maior tempo para serem lidos e discutidos.	A linguagem do texto, com termos distanciados do uso cotidiano da língua portuguesa, se ressaltou como fator dificultador, assim como o distanciamento literário e a falta de acesso a obras literárias consideradas como clássicos da literatura.
Alunos/as que responderam às questões propostas	18	18 respostas bem estruturadas e 39 respostas pouco estruturadas.	Na turma ainda há alunos/as com dificuldades de leitura e produção escrita.
Alunos/as com experiência de leitura literária	8	Dos 57 alunos, apenas 8 evidenciaram familiaridade com a leitura literária.	A pouca familiaridade com o texto literário, por parte da maioria dos alunos, revela falta de investimento na leitura do gênero no Ensino Fundamental.
Alunos/as com experiência de leitura de clássicos	5	Apenas 5 alunos disseram conhecer alguns clássicos da literatura. A maioria demonstrou apenas saber de referências de determinados contos, como: “Chapeuzinho Vermelho”, “Os três porquinhos” e “Branca de Neve e os sete anões”.	As referências de clássicos que grande parte dos alunos traz são de contos de fada abordados na primeira fase do Ensino Fundamental ou propagados em filmes do <i>Walt Disney</i> . Percebe-se a ausência de investimento na leitura de clássicos durante a segunda fase desse ensino.
Alunos/as que afirmaram que os textos abordados contribuíram para sua formação	17	A maioria dos alunos considerou que a leitura dos clássicos durante a pesquisa de campo contribuiu	Percebe-se a grande relevância da promoção da leitura de clássicos da literatura, nos anos finais do Ensino Fundamental, por

leitora		significativamente.	contribuir significativamente na formação do jovem leitor.
Memórias literárias dos alunos	18	8 relatos abrangentes; 8 relatos pouco abrangentes; 2 relatos curtos e vagos.	A abrangência dos relatos varia conforme as experiências de leitura literária de cada aluno.
Leituras mais mencionadas nos relatos	5	As produções mais mencionadas são <i>best-seller</i> e de leitura contemporânea.	Percebe-se influência da mídia e das produções cinematográficas sobre as escolhas de leitura feitas pelos/as jovens leitores/as.

O quadro nos apresenta de forma esquemática os resultados obtidos na pesquisa, com uma quantidade de 18 estudantes participantes, efetivamente, no contexto da sala de aula. Procurei traçar condições de envolvimento dos/as estudantes, na forma de um trabalho voltado para a interação, a rememoração e o reconto, por meio da oralidade, das histórias trazidas nos textos selecionados para a realização da pesquisa.

Os resultados apresentados reafirmam as respostas obtidas na etapa da pesquisa que ocorreu de forma remota e trouxeram mais esclarecimentos e evidências mais precisas. No tópico quatro (4) do Produto Educacional, foram registrados os textos dos/as estudantes, destacando-se os textos mais abrangentes e os menos abrangentes.

Assim, cada questão tem a função de apresentar dados que norteiam essa pesquisa a fim de contribuir significativamente com as reflexões que envolvem a importância do trabalho com as leituras de obras clássicas da literatura na fase final do Ensino Fundamental, bem como a relevância da mediação docente na promoção da leitura literária entre os jovens leitores, como forma de auxiliar no processo de formação individual e social.

4 O PRODUTO EDUCACIONAL

Este Produto Educacional é fruto da minha prática pedagógica, durante a realização da pesquisa de campo para conclusão do mestrado profissional pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, da Universidade Federal de Goiás (PPGEEB-Cepae-UFG). Para a elaboração deste Produto, foram cumpridas três etapas: planejamento, execução das ações previstas no projeto de pesquisa e organização das produções dos/as alunos participantes da pesquisa, em um livro de memórias, divulgado em dois formatos: livro impresso e livro digital. O Produto tem por objetivo contribuir com a prática dos profissionais que atuam na Educação Básica e integra a

Dissertação de Mestrado intitulada “A recepção de clássicos da literatura na Educação Básica: desafios e possibilidades no âmbito da docência”.

Sua construção se deu com alunos/as do 8º ano do Ensino Fundamental, no Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas da cidade de Piranhas-Goiás. As produções apresentadas estão divididas em duas partes: na primeira, consta o resultado das atividades realizadas por meio de ensino remoto, devido à pandemia da Covid-19; na segunda parte, consta o resultado das atividades realizadas em ensino presencial.

O primeiro momento de elaboração das atividades que compõem este Produto Educacional aconteceu durante as aulas de Língua portuguesa, por meio de aplicativos e plataformas digitais. Inicialmente, foi utilizado o aplicativo *WhatsApp*, como o principal meio de postagem das aulas remotas e de orientação para a realização das atividades. Em seguida, os/as alunos/as participavam das aulas síncronas pelo *Google Meet*, serviço de comunicação que possibilitava realizar as apresentações e introduzir os conteúdos que seriam abordados, explanar as propostas de atividades e, ainda, facilitava sanar as dúvidas dos/as estudantes, de maneira mais rápida e eficaz.

Durante esse momento, houve o cuidado em mencionar a proposta do trabalho de pesquisa, a relevância dos seus resultados e a importância da leitura literária, em especial dos clássicos, para a formação do jovem leitor. A ideia explorada foi de que a leitura literária pode ser considerada como um passaporte para outros mundos, como uma viagem que se inicia na primeira linha do texto, mas que não sabemos jamais onde terminará. Em se tratando da leitura dos clássicos, inserimos no diálogo com os/as alunos/as a noção de que temos um universo sem fim, assim como menciona Ítalo Calvino, um dos mais importantes escritores italianos do século XX que, em sua obra *Por que ler os clássicos* (1997), nos ajuda a pensar sobre “o que faz de um texto clássico um clássico”.

Aproveitamos também para o diálogo com os/as jovens leitores/as participantes da pesquisa o que mencionam Shwarcz e Mendes (2015):

Partindo da ideia de que um autor clássico é aquele que precisamos ler para constituir nossa formação como seres humanos, selecionamos esses “nossos clássicos”. Afinal, clássicos são os livros que nos põem em contato com modelos, valores, conceitos que plantam uma semente que será revisitada sempre que estivermos refletindo e assim reelaborando a compreensão de nossas vidas e experiências no mundo. (SCHWARCZ; MENDES, 2015, p. 10).

Ainda recorremos à ênfase dada por Calvino (1997, p. 9), ao dizer que “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. E, ao escolhermos os

contos literários que seriam trabalhados com os/as participantes da pesquisa, tivemos o cuidado em destacar aqueles considerados clássicos e que poucos/as estudantes (ou quase nenhum/a) haviam lido ou ouvido suas narrativas. Trabalhar com contos de Joaquim Maria Machado de Assis, considerado um dos maiores autores da literatura nacional, e com contos da coleção árabe *As mil e uma noites* foi uma opção da pesquisa. Os contos machadianos selecionados são os seguintes: “Adão e Eva”, “Teoria do medalhão” e “O espelho”. Os contos árabes são: “As três maçãs” e “O incômodo cadáver”.

O conto “Adão e Eva” foi publicado, inicialmente, na *Gazeta de Notícias*, em 1º de março de 1885, e em *Várias Histórias*, em 1895. Trata-se de uma proposta de reescritura de uma passagem do texto bíblico, para a qual Machado de Assis recria de forma humorada e pessimista “a queda do homem”. Sobre Machado de Assis, Oliveira (2010, p. 7) diz que “Ele faz uso da paródia, recriando um texto sagrado, vestindo-o de uma roupagem profana. Isso se constitui uma das marcas do estilo machadiano: parodiar textos, principalmente filosóficos e literários”. Portanto, pode-se considerar que a narrativa clássica “Adão e Eva”, de Machado de Assis, é uma paródia sobre a criação do mundo, a partir das personagens de Adão e Eva, em uma perspectiva realista.

Nesse mesmo sentido, nas mais diferentes formas de abordar os aspectos realistas da vida humana, Machado de Assis manifestou nos contos “Teoria do medalhão” e “O espelho”, presentes na coletânea *Papéis Avulsos*, publicada em 1882, uma visão mais cética e pessimista da vida do homem, uma vez que, na leitura desses dois clássicos, observa-se, por meio dos personagens centrais, a falta de sentido na vida. Hansen (2015, p. 123) destaca que: “A aparência superando a essência; a superfície subjucando a profundidade são temas dos conhecidos contos [...] os quais, portanto, têm muito a dizer a uma sociedade como a atual, que supervalorizada a imagem”. Desse modo, é possível destacar que os textos machadianos são marcados por temas diversos, uma vez que, em sua maioria, observa-se o predomínio do estilo irônico, traços determinantes das obras de Machado de Assis, autor de ação, com textos voltados para a vida prática, proporcionando uma leitura capaz de promover reflexões e de provocar ideias inovadoras, a partir da experiência do homem representada por meio de personagens memoráveis.

A obra *As mil e uma noites* foi escrita por volta do século XIII, mas foi apenas no século XIV que o livro estava completo e sua primeira tradução foi realizada por Antoine Galland, composta por uma coleção de narrativas que apresentam tramas diversas, marcadas pelos personagens de Sahriyar (sultão) e Sahrazad, esposa que envolve o sultão por meio da narrativa de vários contos, em busca de garantir sua sobrevivência. A respeito dessa obra, vale

recorrer às palavras de Leme (2018, p. 6) para enfatizar que os textos “As três maçãs” e “O incômodo cadáver” se inscrevem entre aqueles que têm “por objetivo enredar o leitor, tornando-o, da mesma forma que Sahriyar, sujeito ao desenrolar dos acontecimentos”. Assim, as seleções desses contos para o trabalho em sala de aula trouxeram, em certa medida, a perspectiva de envolver os/as alunos/as participantes da pesquisa em um universo em que a arte de narrar e ouvir histórias poderia ser recuperada.

No sentido de maximizar o entendimento dos contos “As três maçãs” e “O incômodo cadáver”, por parte dos/as estudantes, foram buscadas versões que favorecessem a leitura e, conseqüentemente, tornassem a assimilação das narrativas mais satisfatória, com enredos curtos, mas repletos de acontecimentos e personagens, com descrições que apontavam os desejos, anseios e sentimentos de cada um, possibilitando que o leitor se envolva de forma a criar expectativas em relação ao desenrolar dos fatos.

O segundo momento das atividades da pesquisa de campo se deu quando as aulas estavam retornando de forma híbrida, no segundo semestre do ano de 2021. Na ocasião, a escola estava oferecendo os dois formatos de ensino, remoto e presencial, sendo este último apenas para cinquenta por cento da capacidade de cada sala de aula, de modo que, cada turma era constituída de uma média de 18 estudantes, aproximadamente. Nesse momento, o intuito era analisar os resultados das atividades nos dois formatos de ensino. No entanto, as atividades precisaram ser realizadas de forma mais breve, vista a exigência em cumprir as propostas curriculares de ensino para a turma envolvida na pesquisa, conforme definido pela Rede Estadual de Educação do Estado de Goiás, com foco na superação das defasagens de ensino e aprendizagem, em decorrência da pandemia da Covid-19.

A Base Nacional Comum Curricular tem por finalidade garantir, sobre a forma da Lei, fixar conteúdos mínimo assegurando a formação básica sobre os valores culturais, artísticos, regionais e nacionais, para que sejam instituídos em todas as escolas do Brasil. Tais propostas visam, em primeiro plano, o respeito às diferenças regionais, no entanto, observa-se que, mesmo diante de uma pandemia, esses preceitos continuaram prevalecendo sobre todo e qualquer situação. Na condição atual, em que o mundo todo vive o caos da pandemia da Covid-19, as redes estaduais de educação visam dar continuidade em um plano de ação que desvirtua as necessidades apresentadas pelo novo coronavírus.

Assim, os/as estudantes foram esclarecidos/as de que retomaríamos a pesquisa, com o propósito de ampliar as informações obtidas, realizar novamente a leitura das obras clássicas trabalhadas no modelo de ensino remoto e finalizar as produções dos textos de memórias. O primeiro conto exposto foi o machadiano “Adão e Eva”. A partir da leitura compartilhada,

foram destacados e discutidos alguns aspectos da narrativa, tais como: personagens, tempo, espaço, enredo, ponto de vista da narração, clímax e desfecho. Os/As jovens leitores/as, em todos os momentos dessa leitura, demonstraram-se muito empolgados pelo fato de o texto de Machado de Assis fazer alusão ao texto bíblico sobre o “pecado”, tornando-o mais receptível no contexto da leitura.

A abordagem dos demais contos, “Teoria do medalhão” e “O espelho”, seguiu com um entusiasmo semelhante, embora alguns alunos demonstrassem maior dificuldade nas leituras, alegando ser a linguagem dos dois textos mais complexa. É importante ressaltar que esse posicionamento já era esperado, uma vez que, aquele fora o primeiro contato que o grupo de estudantes teve com tais obras clássicas. Foi preciso, portanto, realizar uma explanação, destacando os aspectos e partes do conto que cada estudante havia compreendido, em forma de esboço, e, no fim, retomar a narrativa de maneira que a turma toda conseguisse acompanhar e participar das discussões.

Igualmente, os contos “As três maçãs” e “O incômodo cadáver”, da coleção *As mil e uma noites*, foram bem recebidos pelos/as estudantes, que se envolveram nas leituras, acompanhando todo o enredo e se implicando nas questões suscitadas, ora se empolgavam, ora se identificavam com os personagens injustiçados. A partir da leitura e das discussões realizadas, conseguiram pontuar suas visões de mundo e compartilhar suas experiências, posicionando-se, criticamente, frente às narrativas.

Na sequência das atividades, houve a etapa das produções dos/as alunos/as, que resultaram neste Produto Educacional. Para tanto, foi trabalhado o gênero “memórias”, explorando-se alguns textos pouco extensos, considerando haver pouca ou nenhuma familiaridade dos/as alunos/as com o gênero.

Durante o processo de produção dos textos de memórias, os/as jovens leitores/as foram convidados/as a rememorar as narrativas literárias que haviam ouvido/lido durante os anos iniciais da vida escolar. Os destaques feitos por eles/as se limitavam a experiências baseadas em contos populares, como “Chapeuzinho vermelho”, “Branca de Neve e os sete anões”, “Os três porquinhos” e “Cinderela”.

Outro momento da pesquisa de campo, que muito colaborou para a finalização deste Produto Educacional, foi o destinado a provocar nos/as jovens leitores/as reflexões sobre suas leituras literárias realizadas nos Anos Finais do Ensino Fundamental. As experiências apresentadas confirmaram a importância do acesso aos contos escolhidos como suporte para a pesquisa, já que, a leitura deles proporcionou à turma do 8º ano conhecer mais sobre clássicos e, possivelmente, despertou interesse para a leitura de outros clássicos.

Assim, é possível considerar que este Produto Educacional é o resultado de uma pesquisa acadêmica com potencial transformador da realidade dos/as jovens leitores/as envolvidos nas atividades, pois é possível vislumbrar a busca futura entre ele/as por leituras de textos desafiadores, na forma e no conteúdo, como é o caso dos que se estabelecem como clássicos da literatura, brasileira ou estrangeira. Desse modo, o trabalho realizado na escola campo da pesquisa poderá continuar a reverberar e cumprir o importante papel de contribuir para que aqueles/as estudantes construam uma trajetória de formação leitora, que vá além das suas experiências na Educação Básica.

4.1 Memórias – primeira etapa

Quando pensamos na produção de trabalhos artísticos/literários, vemo-nos diante de algumas reflexões, principalmente ao realizá-los através da *internet*, com jovens estudantes que estão vivenciando uma nova realidade de ensino e aprendizagem, como ocorreu com ensino remoto, que se tornou a alternativa possível durante o ápice da pandemia da Covid-19. Entramos em um espaço desconhecido, movediço, em todos os termos, planejamento, condições de aplicação dos recursos, reflexão e estudo, saber qual a melhor estratégia e o momento adequado para a realização das atividades... Todo esse trabalho não foi fácil, principalmente diante de inúmeras possibilidades tecnológicas e digitais. Ainda assim, as produções relativas à primeira etapa da pesquisa de campo evidenciam que muitas barreiras podem ser vencidas, especialmente, se a mediação docente se fundamenta na aposta no potencial criativo dos/as alunos/as.

As seguintes produções de textos de memórias fazem parte da primeira etapa da pesquisa e são o que os/as estudantes puderam nos oferecer, frente aos desafios enfrentados no contexto de ensino remoto. Acreditamos que, embora uma série de fatores tenham influenciado nesse trabalho, os resultados poderão ser relevantes para profissionais que buscam um suporte de mediação, para o processo de ensino e aprendizagem.

A leitura

Rafael-13 anos

A leitura é muito importante, quando eu estava no quarto ano à professora me contou uma história e foi a partir desse momento que eu comecei a gostar da leitura. Eu achei bem interessante porque não tinha a oportunidade de ter uma escola para aprender a ler e, quando eu tive essa oportunidade eu fui. Achei muito interessante e me lembro de que o

meu pai me deu um livro e eu lia quase toda a noite. Sempre que acho alguma coisa interessante eu leio, principalmente agora que o mundo está sofrendo por causa da Covid-19. É bom ler algumas coisas para distrair a cabeça e também, a leitura é transformadora. Através dela o leitor pode frequentar cidades, viajar pelo mundo, imaginar e até mesmo criar um vínculo com os personagens dos livros. Um exemplo censurado por sua capacidade de influenciar as massas contra os governos opressores no Brasil, a difusão da literatura foi censurada em dois períodos durante o estado no qual Getúlio Vargas era presidente e durante os anos da ditadura militar e, também, a leitura é um fonte inesgotável de prazer. Mas por incrível que pareça, muitos não sentem essa sede em sua totalidade, não sabem a importância da leitura. Ler é exercitar a alma é coexistir com a história, é compreender que a leitura é sobre o ser humano e, somos da humanidade o incentivo a leitura. Além de ser uma importante ação cultural, promove também a inclusão social e o desenvolvimento de nossas ideias, a leitura é tão importante e útil ao nosso espírito, assim como a luz que nos livra da escuridão.

História Literária

Júlia-14 anos

Na minha infância ouvia minha mãe contar a história sobre a Cinderela. Na história, Cinderela era uma moça muito sonhadora e humilde, mas com a perda de seus pais ela sofreu com os maus tratos da madrasta que sempre a escravizou. Na história aprendemos que nunca devemos maltratar e ser egoísta com as pessoas, Cinderela sofreu bastante por conta de sua madrasta, que sempre quis ser superior e quis ter tudo de Cinderela, principalmente sua vida e beleza. Eu gostei da parte que Cinderela conheceu o príncipe e se casam. Eu aprendi que na vida nada se consegue humilhando as pessoas e trapaceando, quando você quer uma coisa, batalhe por ela.

Memória marcante

Júlia-14 anos

Algo que tenho na memória que marcou muita vida foi o falecimento da minha avó quando eu tinha três anos de idade. Um acontecimento que eu tento superar até hoje, isso marcou minha vida porque além de eu não ter aproveitado ela muito, eu a perdi cedo demais. Mas nada é para durar. “A vida é dor e sofrimento se você preferir, afinal de contas eu não lembro de ter sofrido antes de nascer, e tenho a nítida impressão de que não sofrerei depois de morrer.” A filosofia marca muito minha vida e eu acho que sem a filosofia estarei perdido,

então, esses são os caos que marcou minha vida. Eu comecei a ler filosofia pela internet, depois disso eu acabei pedindo um livro.

Memória de fábula

Júlia-14 anos

Quando eu fazia o sexto ano eu lia fábulas, gostava do Leão e o ratinho. Essa fábula as pessoas nunca esquecem, né?! Uma fábula que passa uma mensagem, uma respectiva moral que é “uma boa ação ganha outra”. Na fábula conta que uma vez o ratinho ficou preso na pata do leão, mas ele o soltou, ai certo dia o leão acabou sendo preso as redes dos caçadores e o ratinho na intenção de ajudar, roeu com os seus dentes afiados as cordas da armadilha e soltou o leão, por isso que a moral é “Uma boa ação ganha outra”. A fábula o “Burro e o leão” é bem interessantes porque a mensagem que passa diz que não devemos se importar para certas coisas que as pessoas dizem, e nem perder o tempo brigando com pessoas arrogantes. O burro simplesmente agride com palavras o leão, mas o leão não liga. Mora da história: “Não dê ouvidos a certas coisas”.

Valor da infância

Rodrigo – 12 anos

Eu morava na cidade de Correntina no estado da Bahia e estudava no período matutino; certo dia, na escola, chamei os meus amigos para ir à biblioteca ler um livro. Olhamos muitos livros mas nenhum me despertou interesse. Fiquei mais algumas horas procurando um bom livro mas não encontrei. Eu já tinha desistido de ler quando, um dos meus amigos me trouxe um livro que eu gostei muito.

No dia seguinte, comecei a ler o livro que chamava o Sítio do Picapau Amarelo. Demorei mais ou menos três semanas para ler o livro. O livro é uma série de 23 volumes de literatura fantástica, escrito pelo autor brasileiro Monteiro Lobato. Um pequeno resumo desse livro é: As histórias do Sítio do Picapau Amarelo são ambientadas no sítio de Dona Benta, uma simpática senhora que vive afastada da correria e do barulho da cidade. Ela conta com a amizade da Tia Anastácia, que cozinha com deliciosos quitutes para ela e sua neta Lúcia mais conhecida como Narizinho. As principais personagens do Sítio do Picapau amarelo são: Dona Benta, Pedrinho, Narizinho, Emília, Tia Anastácia, Visconde de Sabugosa, tio Basnabé, Marquês de Rabicó, o burro conselheiro e o rinoceronte Quindim.

O sítio do Picapau amarelo está marcado na minha vida até nos dias atuais. Pois eu gostei muito da diversidade cultural e da alegria dos personagens. Agradeço muito ao meu amigo por ter me apresentado o livro, porque se não fosse ele eu não teria conhecido essa obra tão especial para mim.

Viagem

Rodrigo – 12 anos

Eu era uma criança quando meu pai foi trabalhar na cidade de Piranhas-Goiás, três meses depois, decidimos nos mudar para lá. Essa foi a minha primeira viagem com 10 anos de idade. Viemos de carro próprio, sempre moramos na fazenda e, dessa vez, não foi diferente. Já morei em quatro fazendas diferentes, porém, nos mudamos há 2 anos. Assim que nos mudamos eu e minhas irmãs começamos a estudar. Hoje tenho doze anos e estudo no 8º ano “B” e sei dirigir a maioria das máquinas agrícolas aqui na fazenda. Essa viagem mudou a minha vida pois, através dela eu consegui ter mais conhecidos e aprendizado.

Pinóquio

Rodrigo – 12 anos

Pinóquio é uma história que trata de um menino feito de madeira, criado por Gepeto, em que o menino vem a ganhar vida pela a magia de uma fada azul. O garoto mentia para todos, cada vez que ele mentia seu nariz crescia um pouco. Depois de alguns dias, quando o Pinóquio já era um menino (humano), Gepeto vem a ser engolido por uma baleia e Pinóquio foi engolido logo após seu pai. Os dois foram salvos, expelidos da baleia e viveram felizes para sempre. Esse é um pequeno resumo do livro que eu li, faz algum tempo que eu li e por isso, não sei se o meu resumo está completamente correto.

Alguns dos detalhes que eu lembro é que quando eu morava no Estado da Bahia, fui na biblioteca da escola que eu estudava e encontrei esse livro do Pinóquio e comecei a ler. No início eu achei muito interessante o livro, porém, quando li mais algumas páginas não gostei das mentiras que o Pinóquio contava para as pessoas mas, na minha opinião, essa história foi uma lição. Porque a mentira trás apenas coisas ruins para a nossa vida.

Sempre que fizermos algo de errado, lembremos que essas atitudes sempre nos leva para um mal caminho porque mentir para as pessoas não seria uma boa ideia pois, as pessoas podem perde a confiança completamente em você. É importante falar sempre a verdade e isso, essa reflexão, foi o que o conto acrescentou para mim.

Minha experiência com Tosco

Anna Karla – 12 anos

Bom, meu nome é Anna Karla, nunca gostei de ler mas sempre lia com meus pais. Fui alfabetizada em casa com quatro anos, por isso, comecei a ler bem cedo com livrinhos de princesa como Branca de Neve e os sete anões, Cinderela entre outros. E com cinco anos de idade entrei no primeiro ano do Ensino Fundamental.

Na minha escola eles passavam quase todos os meses, livros para lermos e escrevermos relatos sobre o mesmo. Eu estudei em uma escola municipal até o quarto ano e depois essa escola virou municipal e militarizada então, as coisas mudaram um pouquinho; já em relação aos livros, continuou igual. Estudei lá só um ano, até o quinto ano. Ainda no meu último ano do ensino fundamental, estudei um livro muito bom chamado Tosco.

O livro traz uma mensagem muito marcante do cotidiano dos jovens. Lembro que o livro Tosco foi escrito por Gilberto Mattje em 2009. O personagem principal se sentia rejeitado pelos pais que vivia em brigas. Lembro também que o Tosco entrou no mundo das drogas e seu professor e um amigo, o ajudou a sair desse mundão.

Sempre imaginei esse amigo como um menino de cabelos ruivos e curtos, de pele não muito clara e de uma altura aproximada de 1,55 a 1,60. E o professor, com pele escura e de cabelos cacheados, um homem bem musculoso e alto, com seus 1,85 a 1,88 de altura. Hoje em dia, gosto mais de ler; só que não qualquer livro literário mas sim um chamado Fanfic.

Esse contexto consiste em uma pessoa escrever uma história que o personagem principal é o s/n (seu nome) e o seu ídolo. Não vou entrar em detalhe sobre esse gênero pois posso acabar escrevendo um livro de 500 páginas, mas de fato, é muito bom e nos ensina muitas coisas.

Amei a experiência de ler o livro Tosco e, portanto, cheguei a conclusão que todas as pessoas precisam de uma oportunidade de melhorar suas vidas, não necessariamente sobre riquezas, mas sobre condições de viver tranquilamente.

Início do amor pela Literatura

Evelyn – 14 anos

Eu conheci a leitura pela minha mãe, ela sempre lia livros para mim, foi por causa dela que eu me interessei pela leitura e com isso não tive nenhuma dificuldade em aprender a ler. A minha mãe sempre trabalhava então ela não tinha muito tempo disponível, mais sempre que podia ela parava um pouco pra poder ler para mim, ela também me incentivava a

aprender a ler. Eu gostava muito de ouvi-la contando essas histórias, me lembro até hoje de um dia em que ela me contou a história da Chapeuzinho vermelho.

Foi a minha melhor experiência com a leitura e na escola, não foi diferente. Desde que eu entrei eu aprendi a ler muito rápido, então a escola teve um papel muito importante para mim em relação a leitura. Lembro que eu ficava na minha carteira quietinha só lendo algum livro. Sem contar com as professoras que gostavam da minha leitura e me incentivam mais.

Quando eu entrei na terceira série do ensino fundamental, comecei a ler livros médios, que não tinham muitas páginas e nem poucas e fui me familiarizando ainda mais, sem contar com as leituras de alguma atividade na sala de aula. Quando eu entrei no quinto ano eu já começava a fazer resumos de livros eu lia, um livro que eu realmente gostei foi Tosco, realmente gostei muito. No sétimo ano comecei a ler vários livros, um que também gostei muito foi o “Bom Gigante Amigo: BGA” é um dos meus preferidos.

E eu tenho certeza que no futuro vou continuar lendo livros porque a literatura é realmente espetacular e maravilhosa.

Amizade na literatura

Evelyn – 14 anos

Uma vez, lá no 3º ano, eu tinha uns oito ou sete anos, eu estava meio triste porque eu era novata e não conhecia ninguém, ou seja, não tinha ninguém pra brincar, e eu era tímida. Até que uma garota (eu esqueci o nome) chegou perto de mim e começamos a conversar, aí ela perguntou se eu gostava de ler, eu respondi que sim. Então ela foi para a carteira dela e voltou com dois livros. Ela disse que tinha pegado na biblioteca e que a gente tinha que terminar de ler rápido para podermos devolver.

A gente ficou um tempo lendo os livros e depois que a gente terminou, começamos a comentar sobre eles. Depois disso nos tornamos amigas e sempre íamos a biblioteca juntas. Isso foi importante pra mim porque a literatura me deu uma amiga, a literatura me traz coisas boas.

Lembranças de um livro emocionante

Evelyn – 14 anos

Um livro que é muito memorável para mim é o livro “Tosco”, eu realmente gostei muito dele meio que conta a história de superação dele, faz muito tempo que eu li esse texto então talvez eu não me lembro muito. Eu me lembro que a vida dele com a família não era

muito boa, o seu pai era agressivo, e sua mãe não dava muita atenção. Ele era realmente muito sozinho, sofria calado, e chorava escondido e bem baixinho, para ninguém escutar. Começou a brigar para se sentir importante, dessa forma ele meio que se sentia “especial”, ele realmente ganhava muita moral com isso.

Até que ele começou a conhecer pessoas ruins como o Pitbull, e foi assim que ele começou a fumar e se drogar, começou a roubar. Ele entrou em um mundo que ele achava que era a melhor coisa. Ele era expulso das escolas, pois nenhuma suportava ele e a sua personalidade, e ainda mais sem nenhum apoio desde criança, claro que isso foi uma das causas dele ter se tornado aquilo. Até que um dia, um professor começou a ajudá-lo, o professor Jeferson realmente ajudou muito o Tosco a sair daquela vida. Tosco conseguiu um emprego, começou a tentar mudar a forma de vida dele, começou a tentar uma vida diferente daquela que ele vivia. E ele conseguiu se libertar de tudo que o atormentava.

Começou a fazer faculdade e trabalhar duro a noite. Até que ele conheceu Laura, um presente para Tosco que a fez mais feliz. Começou a realizar seus sonhos. Fez as pazes com a mãe, se formou e ainda se tornou professor de Educação física, e ainda se tornou pai. Essa é realmente uma história de superação, que tudo é questão de escolhas e que tudo tem o seu preço.

4.2 Memórias – segunda etapa

Escrevo porque à medida que escrevo vou me entendendo e entendendo o que quero dizer, entendo o que posso fazer.

Escrevo porque sinto necessidade de aprofundar as coisas, de vê-las como realmente são...

Clarice Lispector

A segunda etapa das produções dos textos de memórias ocorreu em um cenário de retomada gradual das aulas presenciais. O grupo de jovens leitores do 8º ano que participaram dessa etapa foi constituído conforme a capacidade da sala de aula. Ao todo, foram 18 alunos, variando algumas vezes, devido às restrições e necessidade de distanciamento social. Além de investigar possíveis discrepâncias entre as produções realizadas na primeira etapa da pesquisa de campo, ocorrida por meio de ensino remoto, e as últimas produções, realizadas no ensino presencial, havia o intuito de ampliar o número de produções para compor este Produto Educacional. Uma importante constatação foi de que o formato no qual foram produzidos os textos de memórias literárias, na segunda etapa, favoreceu, significativamente, o

acompanhamento do processo de produção dos/as alunos/as e a mediação das reflexões feitas pela turma, por parte da pesquisadora, aumentando-se, assim, as possibilidades de contribuir para a formação leitora dos/as envolvidos/as na pesquisa de campo.

Para tanto, os/as estudantes tiveram a liberdade de escrever textos de memórias diversos, destacando os fatos e detalhes mais marcantes em sua trajetória de vida e de leitura literária, incluindo relatos pessoais sobre o contato com clássicos na infância e as experiências de leitura dos contos clássicos trabalhados no contexto da pesquisa científica.

Tanto na primeira, quanto na segunda etapa da pesquisa de campo, foi possível constatar a relevância da experiência estética promovida pelo texto literário e o quanto a mediação docente é importante para que sejam rompidos os desafios acerca da recepção dos clássicos pelos jovens leitores, no contexto da sala de aula e para além dela. De fato, todo o cenário social e educacional está em constante mudança, e isso demanda que os mediadores de leitura literária – como é o caso da professora e do professor que atuam na Educação Básica, especialmente nos Anos Finais do Ensino Fundamental –, cultivem um olhar atento quanto às tendências de cada novo tempo e as possibilidades existentes em cada contexto histórico, para que o acesso e a promoção da leitura dos clássicos possam ser garantidos para as jovens gerações.

Seguem os textos de memórias literárias produzidos na segunda etapa da pesquisa de campo:

Adão e Eva – Machado de Assis

Jean Karllos – 13 anos

Quando eu tinha entre três a quatro anos, eu me lembro de ter ido em uma “escolinha” de alfabetização da minha igreja e lá foi onde eu comecei a aprender a ler e a escrever, além de ser o lugar onde eu entrei em contato com os meus primeiros clássicos. Eu me lembro que o primeiro clássico que me foi mostrado foi “Adão e Eva”. Eu me lembro da sensação de quando a professora leu esse texto para mim. Eu fiquei indignado de o porquê Adão e Eva pecaram mesmo tendo tudo, eu não conseguia entender o sentido deles terem feito isso e, ainda por cima, terem nos amaldiçoado no meio disso tudo! Até hoje não consigo entender ao pé da letra, mas graças a esse texto eu aprendi que as pessoas pensam de formas diferentes. Eu me lembro que aos 8 anos li novamente esse texto e dessa vez, fui discutir com minha mãe sobre o texto. Ela falou Eva pecou porque queria ser como Deus, mas eu os achava só uns idiotas e egoístas. Falei muita opinião sobre e minha mãe me ensinou que

cada um tem seu ponto de vista e que devemos respeitar. De qualquer forma foi esse texto que me ajudou a entender isso e sou muito grato.

A vida da gente

Kauã – 13 anos

Quando eu estava no jardim da infância eu conheci essa história, a professora me contou e prestei bastante atenção. Eu gostei do chapeuzinho vermelho e dos três porquinhos, eu me lembro que na história da chapeuzinho vermelho a mãe dela manda ela levar doce para a avó, no caminho, o lobo mal viu a menina com os doces e como ele estava como fome foi atrás dela bem escondidinho, conforme ela andava o lobo ia atrás. Quando estava perto da casa da avó dela, o lobo foi na frente, chegou lá e viu que a vovó estava doente e trancou-a no quarto e vestiu suas roupas se passando pela avó. Chegando na avó, a chapeuzinho achou estranho o jeito que a avó estava agindo e perguntou: _ Que nariz são esses que você tem, vovó? E perguntou várias outras coisas. A chapeuzinho surrou o lobo mal, pegou a vovó colocou na cama deu os doces pra ela. Eu gostei dessa história porque o lobo mal não tentou enganar a chapeuzinho vermelho mais.

A memória do espelho

Ariel – 12 anos

Bem, um conto que eu me lembro é sobre o conto “O espelho”, que se trata de um homem que foi nomeado como um “general” do exército. Ele foi aglomerado de elogios e carinho, ele foi tão...como eu posso dizer? Abençoado de todas as maneiras. Por ele ser um general, ele se denominava superior aos outros, até seus companheiros o elogiavam, todos os seus aliados e subordinados tinham inveja da maneira que o protagonista liderava os outros, o homem de que um dia teve origem da “plebe”, mas um dia ele viu um espelho antigo de sua família e quando ele viu seu reflexo, percebeu que deixou se levar pela luxúria e se esqueceu da sua verdadeira origem, de um homem pobre que não se autoproclamava superior a seus amigos e companheiros.

Memória vermelha

Ariel – 12 anos

Uma história infantil que marcou a minha infância foi a da Chapeuzinho Vermelho. Eu estava na quinta série quando isso me marcou, eu estava estudando quando a minha

professora falou para a turma que nós faríamos uma peça teatral sobre a história chapeuzinho vermelho. Ali, a minha professora designou os personagens, após ela contou a história detalhadamente, vou sobre eu interpreto a história infantil da chapeuzinho vermelho. Bem, a história gira em torno de uma garotinha cuja idade citada era entre 10 a 14 anos, ela se chama Chapeuzinho Vermelho porque ela usa uma capa vermelha. Continuando a história, certo dia, sua mãe pediu para ela levar uns doces e pães para a sua avó que estava com grandes enfermidades. Ela foi até a avó mas encontrou um lobo tentando enganá-la falando que era caminho mais curto, sendo que na verdade, era o mais longo e perigoso. Então, o lobo foi mais rápido a casa da avó e a devorou, colocou a roupa dela e, depois de um tempo, a Chapeuzinho chegou. Ficou conversando com o lobo e o lobo tentando enganá-la para devorar a garotinha; até que o lobo perdeu a paciência, começou a correr atrás da menina. Ali perto um caçador ouviu os gritos de socorro da garota e então, abriu o estômago do lobo e salva à vovozinha. Bem, esta história é da minha memória infantil.

Lembrança do conto “O incômodo cadáver”

Immanuel – 13 anos

No início de 2021, lembro que em uma das minhas aulas online de português, a minha professora me apresentou o gênero de memórias literárias. Isso era uma coisa nova para mim e acabou me lembrando como aprendi a ler, lembro que eu tinha 4 anos e estava no jardim 2 em uma creche. Minha professora apresentou contos e achei incrível aquilo e comecei a gostar muito, também lembro que no 1º ano minha professora mostrou uns contos literários como “A Chapeuzinho vermelho”, “Os três porquinhos” e a “Cinderela”, eu gostei muito desses contos. Lembro que em 2018, a noite, eu estava mexendo na minha televisão e achei o filme da Cinderela e isso me fez lembrar dos contos literários que ouvi no 1º ano. Minha professora me mostrou histórias em quadrinhos e ficamos dias estudando e recentemente, minha professora apresentou um novo conto “O incômodo cadáver”, este virou o meu conto favorito pois traz belas reflexões.

Esta história passa em capital da grande Tartária, em que um alfaiate honesto que se chamava Suliman estava em seu ateliê e escutou um corcundinha tocando e pensou em chamar ele para jantar em sua casa porque iria alegrar a sua esposa. Suliman chamou ele, o corcundinha aceitou. A noite, ambos já estavam esperando para jantar, a esposa de Suliman havia terminado de fazer o peixe e os serviu, o corcundinha comeu tão rápido que os espinhos ficaram em sua garganta e morreu. Suliman com medo de ser condenado a morte, carregou o corpo do corcundinha e colocou na casa de um médico perto de sua casa. O

médico ao sair de casa trombou no cadáver do corcundinha e fez ele cair abaixo e pensou que havia matado ele, o médico de ser condenado a morte colocou o corpo do corcundinha em uma chaminé de uma casa de um vendedor. O vendedor chegando em sua casa pensou que era um ladrão e bateu no corpo do corcundinha e percebeu que estava morto e achou que havia matado ele, ficou com medo de ser condenado a morte e colocou o corpo perto. Ao amanhecer, um homem encontrou o corpo e gritou chamando atenção dos guardas, os guardas levaram o homem para o Rei e lá descobriu que o corcundinha era o bobo da corte do rei e lá, o homem iria ser julgado a morte quando apareceu os outros e confessaram seus crimes.

Tive contato com esse texto em uma das minhas aulas de português via online durante a pandemia do Covid-19 e este texto me fez pensar em assumir erros e confessar. Sempre devemos assumir os erros, pois outras pessoas podem se achar culpadas.

Lembro que no início da pandemia fecharam as escolas e falaram que iria durar apenas 14 dias, mais sempre quando estava prestes a voltar às aulas, aumentavam o tempo para retornar e isso foi me deixando triste porque eu queria ver meus amigos, depois de 1 ano e 6 meses que as aulas retornaram. Fiquei muito contente por ver meus amigos, mais ainda temos que manter distanciamento.

Conto “Os três porquinhos”

Rodrigo – 13 anos

Em um belo dia sai da minha casa para ir para a escola, no intervalo do recreio tive uma ideia, chamei os meus amigos para ler um livro, poucos foram, procuramos um livro e achamos um que era muito interessante, começamos a ler o livro que se chamava “Os três porquinhos”. Ficamos admirados com a esperteza dos porquinhos para fugir do lobo, eu gostei muito desse livro porque ele me trouxe esperança e a nunca desistir dos seus sonhos, pois eles algum dia irão se realizar igual aconteceu com os porquinhos que, sonhou em fugir do lobo e se tornou verdade. Em seguida acabamos de ler o livro, fomos procurar outros mas nenhum nos interessou igual a dos três porquinhos.

Uma das partes que eu mais gostei no livro foi o fato de que ninguém havia ensinado eles a fazer nada, eles aprenderam as coisas sozinhos e eu aprendi com os porquinhos que na vida tudo que vem fácil vai fácil, então, não adianta querer tudo que vem fácil pois devemos começar com uma base bem feita.

A outra parte que eu gostei foi quando o lobo correu atrás dos porquinhos e quase matou eles, mas, felizmente o porquinho conseguiu se refugiar na casa do irmão que era bem

feita de tijolo. Eu acho interessante quando os porquinhos saíram de casa, mas será se eles fizeram certo?!

Memórias das três maçãs

Elloysa – 13 anos

Bom, quando eu era menor, eu estava aprendendo a ler. Eu gostava de ler aqueles livros infantis, eles tinham imagens e eu achava muito bom, agora que eu estou maior eu continuo gostando de livros infantis mais diminui muito o gosto pela leitura. Eu nunca estudei o gênero memória literária, estou no 8º ano e em 2020 veio um vírus para o Brasil chamado “Covid-19” e por causa disso, nós ficamos de quarentena e começamos com as aulas online e já estamos em 2021.

Bom, certo dia a professora passou o clássico das Três maçãs, como nós estávamos sem aulas presenciais nós estávamos fazendo online, então, a professora de português passa para os alunos fazerem tarefas e então ela passa o texto das três maçãs. O texto conta sobre uma mulher que está muito doente, e ela estava com desejos de comer uma maçã. O marido dela imediatamente foi ao mercado compra as maçãs e quando ele chegou ao mercado, não tinha maçãs. E um agricultor disse: Esta fruta é rara, só pode ser encontrada em Basra no jardim do Califa. O marido da mulher falou:

_ Por amor a minha mulher eu vou até Basra em quinze dias e quinze noites. Ele falou que ao voltar de Basra encontrou a mulher ainda mais doente. Ele disse que colocou as três maçãs de lado e ela não comeu. Ele falou que foi a loja dele e viu um escravo passando e esse escravo estava com uma maçã na mão. O marido da mulher perguntou ao escravo onde o senhor encontrou essa maçã e o escravo respondeu: _ Eu estava viajando e quando eu cheguei de viagem fui visitar minha amante e ela me deu uma das três maçãs, ela falou que o marido dela foi até Basra para pegar as maçãs. Ele falou que ao ouvir essas palavras o mundo ficou preto para ele, e ele fechou a loja e foi para casa. Ao chegar lá só tinha duas maçãs, ele perguntou a ela:

_ Cadê a outra maçã? E ela respondeu:

_ Não sei. Ai ele matou a esposa dele e jogou ela no rio tigre e depois, ele estava andando e viu o filho chorando. Ao ver o filho chorando perguntou:

_ O que foi filho? E ele respondeu:

_ É que passou um homem aqui e me tomou a maçã que o senhor tinha pegado, falei para o moço que o senhor tinha pegado em Basra. O pai no menino o que ele fez, sentido pelo o que o menino disse, ele se entregou ao rei. Fim!

Minhas memórias literárias

Ana Cristiny – 14 anos

Quando eu tinha 6 anos, eu estava no segundo ano do ensino fundamental, eu era uma menina que tinha muita dificuldade na leitura, mais eu sempre fui uma menina dedicada. Um dia, a professora contou uma história para nós. Eu me apaixonei na história, a obra se chamava a Bela adormecida que é um conto muito bom e eu recomendo. Então eu decorei a história da Bela adormecida. A professora vendo o meu esforço, me perguntou se eu podia me apresentar no festival no final do ano. Eu me lembro que eu estava com muito medo de passar vergonha, mas eu aceitei. No dia da apresentação, eu ensaiei tanto o conto que no momento da apresentação eu me sai muito bem. E a professora me deu os parabéns, a partir desse dia eu comecei a amar a leitura e, na época, eu pedia muito para a professora me deixar ir á biblioteca. Então, eu achei várias histórias infantis como a Branca de neve e os sete anões, Chapeuzinho vermelho e muitos outros. Então cada vez mais eu ficava boa na leitura. E até hoje eu sei a história da Bela adormecida de cor. E, por isso, que até hoje eu amo ler histórias infantis.

A literatura na minha infância

Esther Cristynny – 12 anos

(Aluna de inclusão)

Na minha infância, o primeiro contato que tive com os livros literários foi através do meu pai. Num belo dia ele chega em casa com um livro literário para mim da história da Bela e a fera. Ele leu a história para e eu fiquei encantada. A partir dai, ele lia essa mesma história quase todos os dias e eu fui aprendendo a ler também e a me encantar com a leitura literária. Tivemos bons momentos de descontração e aprendizado também. Posso dizer que na minha infância tive bastante experiência com livros literários. Porém, este gosto ficou só na infância mesmo porque fui crescendo e esse gosto diminuindo. Agora com as aulas sobre memórias literárias da professora Suzana estou começando a tomar gosto novamente.

Como eu conheci a literatura

Gustavo – 13 anos

Desde os três (03) anos de idade me recordo que todas as noites minha mãe fazia a leitura de um livro que eu pedia muito. Lembro-me que ele tinha 365 páginas, uma página

para cada dia do ano e o nome era “Smilinguido e sua turma”, foi meu primeiro contato com a literatura que me veio à memória.

Eu tinha muita vontade de ir para a escola, então aos três (03) anos minha mãe me matriculou em uma escola, não me lembro o nome dela mas lembro que todos os dias eu levava escova de dente para a escola pois era obrigatório. As professoras eram super legais e contavam histórias todos os dias, todos os anos nos participávamos da quadrilha (festa de São João) com várias danças e músicas, até hoje me lembro das roupas e pinturas que faziam nos rostos.

Quando mudei de cidade eu tinha quatro (04) anos e já tinha muito interesse em aprender a ler, e no primeiro (1º) ano do ensino fundamental já lia alguns pequenos livros como “Os três porquinhos”, que foi o primeiro que mais gostei de ler e contar a história para os meus coleguinhas.

O fato que quando aprendi a ler, fiquei muito entusiasmado, quando saía de casa, passava lendo todas as faixadas de comércios, farmácias e etc. Esses livros que minha mãe lia para mim foram muito importantes pois me proporcionou a facilidade de interpretar e compreender a leitura de textos diversos.

Memórias de Nicolle

Nicolle – 13 anos

Eu lembro que quando eu estava no primeiro ano, eu tinha várias experiências literárias e uma dessas experiências era sobre a história que minha avó me contou chamada “A Chapeuzinho vermelho”. Nessa história ela me falava que não poderíamos acreditar em estranhos, pois, foi por isso que o lobo comeu a avó da chapeuzinho. Eu me lembro que no 3º ano, as professoras pediram para fazer um resumo de sua história favorita. No 4º ano eu comecei a ler sozinha, somente eu e os livros, era uma coisa ótima. Lembro também que minha história preferida era “A Bela e a fera” e, foi assim que comecei a fazer minha coleção de livros. Eu lembro que no 6º ano eu comecei a ler na biblioteca, da história mais difícil e complexa para a mais fácil e racional. Nessa época eu fiz uma peça junto com meus colegas, a peça era uma peça literária e musical chamada “Dona baratinha”. No sétimo ano essa vontade de ler aumentou pois foi o início da quarentena e eu amava ler um livro chamado “Napo - o menino que não existe”, esse livro fez parte daquela época, junto com muitos outros livros e isso me inspirou a escrever e a desenhar. Escrevi um conto chamado “A fada malvada” e illustrei todo o livro. Essa vontade de ler livros foi aumentando e hoje em dia já li 15 livros mas os meus favoritos são os contos de Shakespeare, “O anjo rouco”,

“Napo-o menino que não existe”. Não gosto de ler pelo telefone pois, é no livro que está a magia da leitura. Quando for ler um livro, aproveite aquele momento só você e o livro. Eu lembro que o livro “Contos de Shakespeare” foi traduzido por Mário Quintana e tem 357 páginas, “Napo – o menino que não existe” foi traduzido por Edson Bueno e “O anjo rouco” foi escrito por Paulo Venturelli.

A história que mais marcou minha vida

Gabrielly – 14 anos

Eu me lembro que nunca gostei de ler mas minha mãe comprou um livro da “Cinderela” e pediu para mim ler o livro, na sexta-feira eu comecei a ler e gostei, fui lendo e me distrai tanto que li até no outro dia. Comecei a brincar de Cinderela, pegava meus sapatos e ficava fingindo ser meu sapatinho de cristal, era muito bom e foi assim que eu comecei a gostar de ler, sendo essa a história que marcou a minha vida. Essa história é muito interessante porque é de uma moça bem feliz, mas ela perdeu o pai e a sua mãe. Mas antes de seu pai morrer ele tinha se casado com uma mulher mal e ela tinha 2 filhas que eram ruins também. Cinderela vivia trabalhando, mas ela teve um final feliz. E foi por isso que eu gosto de ler, essa foi a melhor história que minha mãe me contou que marcou mais a minha vida. Obrigada pela oportunidade. Ler é muito importante e faz bem para a nossa vida.

CONCLUSÃO

A título de conclusão, essa pesquisa intitulada “A recepção de clássicos da literatura na Educação Básica: desafios e possibilidades no âmbito da docência” busca contribuir com a Educação e o Ensino de Literatura, apresentando dados que venham auxiliar nas reflexões em torno do ensino e da leitura literária para alunos do 8º ano do Ensino Fundamental. A pesquisa foi realizada no contexto da pandemia da Covid-19 e, em virtude desse fato alheio à minha vontade, foi preciso realizar a coleta de dados usando das tecnologias digitais e de metodologias aplicadas em duas modalidades: do ensino remoto e do ensino presencial.

As análises aqui apresentadas, que dizem respeito à primeira etapa da pesquisa de campo, são frutos do trabalho realizado *online* e os dados expostos são resultados das intervenções que realizei, utilizando das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), entre eles, o aplicativo *WhatsApp* e a plataforma do *Google Forms*, para as atividades escritas, e o *Google Meet*, para as atividades *online*. A segunda etapa, que por sua vez foi realizada a fim de complementar os dados iniciais, ocorreu na forma do ensino híbrido, o que permitiu a

coleta de dados com os/as dezoito estudantes participantes da pesquisa, presencialmente. Para essa etapa, foi retomada a proposta inicial, de forma a contextualizar e rememorar as leituras dos contos clássicos literários, dispondo, dessa vez, do material impresso.

Levando em conta as duas etapas dessa pesquisa, com todas as dificuldades impostas pelo contexto pandêmico, bem como os desafios de promover a recepção de clássicos da literatura, brasileira e estrangeira, pelos jovens leitores contemporâneos, é possível considerar que, mesmo com as aulas remotas ou híbridas, barreiras podem ser rompidas, quando criadas metodologias que venham ao encontro da realidade dos/as nossos/as alunos/as. Vale chamar atenção também para o fato de que esse trabalho esteve sempre propondo estratégias que visam à valorização das habilidades dos/as alunos/as envolvidos na pesquisa, a fim de desenvolver as práticas de liberdade nas leituras, incluindo diálogos, interação verbal e discussões acerca dos textos lidos. Nesse processo, os/as estudantes eram, constantemente, chamados a participar e suas colocações e compreensões das leituras eram valorizadas.

É importante destacar, ainda, as contribuições dos questionários elaborados para a pesquisa, pois, desenvolvidos na perspectiva de identificar as experiências leitoras que cada estudante carrega consigo, eles favoreceram as reflexões e auxiliaram na recepção dos contos clássicos, como demonstrou o quadro de análise de dados.

Foi observado, nas duas etapas da pesquisa, que o maior contato dos/as estudantes com a leitura de clássicos foi durante a fase da Educação Infantil, momento de apreciação de contos como *Chapeuzinho vermelho*, *Os três porquinhos* e a *Branca de Neve e os sete anões*. Conforme evidenciam os dados expostos, há carência de práticas pedagógicas voltadas para a formação do leitor literário, especificamente, no Ensino Fundamental, além de políticas públicas que assegurem às crianças e aos jovens o direito de acesso aos bens culturais.

A falta de contato dos estudantes com a leitura literária acontece, principalmente, por falta de investimentos para que a circulação de livros literários seja farta nas instituições de Educação Básica e, muitas vezes, por falta de projetos integrados ao Projeto Político-Pedagógico de cada escola ou instituição de Educação Infantil, projetos esses que tenham como objetivo promover a leitura de obras consagradas como literatura, consideradas como patrimônio cultural. Promover o acesso a essas leituras auxilia na construção do aprendizado, da identidade da criança e do jovem, ajuda a instituir um universo de possibilidades e reflexões que cooperam no processo de formação leitora e humana.

Podemos, por fim, reforçar que a recepção dos clássicos literários está, intrinsecamente, ligada à mediação docente. O êxito nesse processo depende das estratégias utilizadas pelo profissional da educação, no momento da promoção do acesso às obras. É

importante lembrar, todavia, que a produtividade dessa mediação parte da bagagem de leitura literária que esse profissional possui, por isso, é indispensável compreendermos que o professor mediador, antes de tudo, precisa ser um leitor.

Assim, concluímos a partir da análise dos dados da pesquisa de campo que, mesmo diante dos desafios impostos por escassez de recursos, pela falta de experiências de leitura literária por parte dos estudantes, mediante os avanços das Tecnologias da Informação e da Comunicação e a tendência de os jovens leitores procurarem por *best-seller*, as barreiras podem ser vencidas. Isso se houver uma visão atenciosa, sobretudo, no âmbito da docência, no qual nós, professores mediadores, podemos nos incluir também como leitores em formação, e com nossos/as alunos/as apreciarmos o maior número possível das obras consideradas como clássicos da literatura.

REFERÊNCIAS

- ANDRUETTO, María Teresa. *A leitura, outra revolução*. Tradução Newton Cunha. São Paulo: Editora do Sesc, 2017.
- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- _____. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro : Nova Aguilar 1994. v. II.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **No meio do caminho**. Disponível em <https://www.culturagenial.com/poema-no-meio-do-caminho-de-carlos-drummond-de-andrade/> acesso em 31/10/2021.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Tradução de Paulo Soethe. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitores e razões para a Literatura**. Artigo publicado em SOUZA, Renata Junqueira de. (org.) *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo, DCL, 2004.
- BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura**. Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- BARTHES, Roland. **Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977**. Tradução e posfácio de Leyla Perrone – Moisés. – São Paulo: Cultrix, 2013.
- _____. **O prazer do texto**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- Bishop, Elizabeth. **Poemas escolhidos**. Seleção, tradução e textos introdutórios Paulo Henriques Britto. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras completas II*. Rio de Janeiro/São Paulo: Globo, 2003. P. 167-169.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. – 21 ed. – São Paulo: Cultrix, 2017.

- BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. **Leitor formado, leitor em formação: a leitura literária em questão**. Maria Zaira Turchi, Vera Maria Tietzmann Silva (Org.). São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2006.
- CANUTO, Geraldo. **Definição de memória-teoria**. Disponível em: <https://generostextuais2010.blogspot.com/> Acesso em: 30 de Maio de 2021.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9ª edição revista pelo autor. Ouro sobre Azul, Rio de Janeiro: 2006.
- _____. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Companhia de bolso- 2ª reimpressão. Rio de Janeiro, 1997.
- CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CECCANTINI, João Luís Tápias. **A adaptação dos clássicos**. Proleitura. FCL, UNESP de Assis, ano 4, n. 13, p. 6-7, abr. 1997.
- _____. **Vida e paixão de Pandomar, o cruel de João Ubaldo Ribeiro: um estudo de produção e recepção**. UNESP de Assis, 2015.
- COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. Tradução de Laura Sandroni. – 1ª ed. – São Paulo: Global, 2017.
- _____. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**; tradução Laura Sandroni. – São Paulo: Global, 2003.
- COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. – 3. ed. rev. ampl.; 1.reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CORTINA, Arnaldo. SILVA, Fernando Moreno da. **Um olhar sobre a leitura de Best-Seller**. Pesquisa em Educação, Cultura, Linguagem e Arte. Travessias, 2004.
- CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. Tradução de Sandra Vasconcelos. – São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 199.
- DOSTOIÉVSKI, F. **Memórias do subsolo**. Tradução de Boris Schnaiderman. 6ª ed. Editora 34, São Paulo: 2009.
- ECO, Humberto. **A definição da arte**. Tradução de Eliana Aguiar – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2016.
- _____. **Os limites da interpretação**. Tradução Pérola de Carvalho. – São Paulo: Perspectiva, 2015. – (Coleção estudos ; 135 / dirigida por J. Guinsburg)
- FARAÇO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba – PR: Criar edições, 2003.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Editora Cultrix LTDA, 1957.
- GALLAND, Antoine. **As mil e uma noites**. Apresentação de Malba Tahan; tradução de Alberto de Diniz. – Rio de Janeiro: HarperCollins, 2017.
- GUDULE. **Contos e lendas das mil e uma noites**. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 31 a 39.

- HANSEN, Marise. **Clássicos brasileiros: orientação para o trabalho em sala de aula.** Organização e edição de Mariana Mendes. Caderno de leituras. Companhia das Letras, 2015, p. 117 a 129.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria de efeito estético.** São Paulo: Ed. 34, 1996. 1v.
- IZQUIERDO, Iván. **Memória** [recurso eletrônico] / Iván Izquierdo. – 2. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre : Artmed, 2014.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/piranhas/panorama>. Acesso em 28/10/2021.
- JAUSS, Hans Robert; LIMA, Luiz Costa. **A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção.** Rio de Janeiro: 1979. 213 p.
- JAUSS, Hans Robert. **Pour une esthetique de la reception.** Paris: Gallimard, 1990. 305 p.
- JOUBE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Marcos Bagno e Marcos Marcionilo, tradutores. – São Paulo: Parábola, 2012.
- _____. **A leitura.** Tradução Brigitte Hervot. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos.** 9.ed.,3º reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.
- KLEIMAN, Â. **Abordagens da leitura.** Vol. 7, nº 14, pp. 13-22. Scripta, Belo Horizonte: 2004.
- LACAN, Jacques. **O estádio do espelho como formador da função do eu.** In: ZIZEK, Slavoj. Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 29.
- LARROSA, J. **Literatura, experiência e formação.** In: COSTA, M.V. (Org.). Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. P. 133-160.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo / Marisa Lajolo - 1.ed. - São Paulo: Ática, 2011. (Educação em ação)**
- LANGER, Judith. **Pensamento e experiências literários.** Compreendendo o ensino de Literatura. Passo Fundo: UPF Editora, 2005.
- LEME, Elaine Cristina Senko. **UMA ANÁLISE HISTÓRICO-LITERÁRIA DA OBRA “AS MIL E UMA NOITES”.** Recôncavo: Revista de História da UNIABEU, Volume 8, Número 14, janeiro-junho de 2018.
- LISPECTOR, Clarice. **Sonhe.** Disponível em <https://www.refletirpararefletir.com.br/poemas-e-poesias-da-clarice-lispector> acesso em 31/10/2021.
- LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho.** V.2. Ilustrações Paulo Borges. São Paulo: Globo, 2007.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e Por que Ler os Clássicos Universais desde cedo.** 1º ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos.** – 29. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Cultrix, 2012.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** In. PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. (Pontifícia Universidade Católica). São Paulo, SP – Brasil, 1981.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** – Campinas, SP: Pontes, 4º edição, 2002.
- OLIVEIRA, Éris Antônio. Realidade e criação artística em *Grande Sertão: Veredas*. Goiânia: Ed. da UCG, 2007.

OLIVEIRA, Davi da Silva. **CONSIDERAÇÕES SOBRE A PARÓDIA BÍBLICA DA CRIAÇÃO DO MUNDO NO CONTO MACHADIANO “ADÃO E EVA”**. Acta Científica – Ciências Humanas – v.1, n.18, 1º Semestre de 2010.

O Que faz de uma obra um clássico? Revista Poiésis, n. 11, p.191-213, nov. 2008
PPP – Projeto Político Pedagógico – Col. Estadual “Francisco Magalhães Seixas-GO”.

PRADO, Jason (Org.); CONDINI, Paulo (Org.). **A formação do leitor : pontos de vista**. Rio de Janeiro : Argus, 1999. 320 p.

PRENSKY, M. **Digital Natives Digital Immigrants**. On the Horizon , MCB University Press, Vol. 9 No. 5, October, 2001.

PORTER, Eleanor H. **Poliana moça**. Adaptação de Giselda Laporta Nicoletis. São Paulo: Escala Educacional, 2006. (Série Reviver).

RESENDE, Vânia Maria. **Ética, estética e afeto na literatura para crianças e jovens**. Elizabeth D’Angelo Serra (org.). – São Paulo: Global, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. 11. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SILVA, Antônio Gonçalves da. **(Patativa do Assaré)- Inspiração Nordestina**. – Rio de Janeiro: Circuito, 2018. – 352 p.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. MOURA, Maria Aparecida. **A estética da recepção e as práticas de leitura do bibliotecário-indexador**. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 12, n. 1, p. 123-135, jan./ abr. 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. – 34º ed. – São Paulo: Cultrix, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. **A imaginação**. Tradução de Paulo Neves, - Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. MOURA, Maria Aparecida. **A estética da recepção e as práticas de leitura do bibliotecário-indexador**. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 12, n. 1, p. 123-135, jan./ abr. 2007.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural**. Educação & Sociedade, ano XXI, nº 71, Julho/00. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/KVJmJgPbDQt56Jz3XXK9BRF/?format=pdf&lang=pt>

SOUZA, Renata Junqueira de. (org.) Caminhos para a formação do leitor. São Paulo, DCL, 2004. ISBN 85-7338-927-3

SOUZA, Ana Aparecida Arguelho de. **Literatura infanto-juvenil** / Rony Márcio Cardoso Ferreira, organizador. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2013.

SUTHERLAND, JOHN. **Uma breve história da literatura**. Tradução Rodrigo Breuning. – 1º. ed. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. – 9º ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2019.

_____. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2017.

YASTES, Frances Amélia. **A arte da memória**. Trad. De Flávia Bancher. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tânia M. K. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. – São Paulo: Global, 2009.

_____. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: InterSaber, 2012.

ZUMTHOR, P. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

APÊNDICES

APENDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE -

Você na qualidade de responsável pelo (a), está sendo convidado (a) a consentir que o (a) menor participe, como voluntário/a, da pesquisa intitulada “A recepção de clássicos da Literatura na Educação básica: desafios e possibilidades no âmbito da docência”. Meu nome é Suzana Miranda Teles, sou o(a) pesquisador (a) responsável pelo projeto, e minha área de atuação é Letras-Português/Inglês e Respektivas Literaturas. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você consentir na participação de seu(ua) filho(a) neste estudo, assinie ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra ficará comigo. Esclareço que em caso de recusa na participação, não haverá penalização para nenhuma das partes. Mas se houver o aceite, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail suzitelles@hotmail.com ou através de contato telefônico para o número (62) 98417-5823, inclusive com possibilidade de ligação a cobrar. Ao persistirem as dúvidas sobre os direitos do seu(ua) filho(a) como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)3521-1215, de segunda a sexta-feira, no período matutino.

1 Informações Importantes sobre a Pesquisa:

O motivo para realização desta pesquisa é de estudar e aprofundar o conhecimento sobre o ensino de literatura, na perspectiva da formação de leitores literários, a partir da promoção da leitura de obras clássicas e da investigação do processo de recepção das obras, entre alunos dos anos finais do Ensino Fundamental.

A participação de seu(ua) filho(a) é importante para a realização desse projeto da pesquisa.

Caso seu(ua) filho (a) sinta constrangido(a), é garantida a total liberdade para se recusar participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem penalidade alguma. A participação na pesquisa será voluntária. Portanto, não haverá despesas pessoais ou gratificação financeira decorrente da participação. Caso ocorra algum dano o direito a pleitear indenização para reparação imediato ou futuro, decorrentes da cooperação com a pesquisa está garantido em Lei. O sigilo e anonimato da sua autorização e da participação da criança (ou adolescente) na pesquisa será preservada.

A divulgação do nome dele(a) somente acontecerá se for permitida por você, solicito que rubricue no parêntese abaixo a opção de sua preferência:

() Permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

() Não permito a identificação do meu(minha) filho(a) nos resultados publicados da pesquisa.

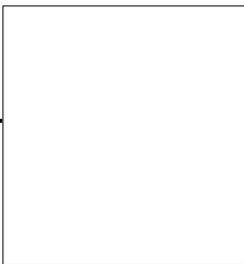
1.2 Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu, abaixo assinado, autorizo meu(minha), filho(a), a participar do projeto intitulado “**A recepção de clássicos da Literatura na Educação básica: desafios e possibilidades no âmbito da docência**”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que a participação dele(a) nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável **Suzana Miranda Teles** sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Piranhas - Goiás, de de

Assinatura por extenso do(a) participante

Assinatura por extenso do(a) pesquisador(a) responsável



Testemunha 1

Testemunha 2

Caso necessário: impressão digital

APÊNDICE 2: Contos trabalhados na pesquisa de campo

Adão e Eva

UMA SENHORA de engenho, na Bahia, pelos anos de mil setecentos e tantos, tendo algumas pessoas íntimas à mesa, anunciou a um dos convivas, grande lambareiro, um certo doce particular. Ele quis logo saber o que era; a dona da casa chamou-lhe curioso. Não foi preciso mais; daí a pouco estavam todos discutindo a curiosidade, se era masculina ou feminina, e se a responsabilidade da perda do paraíso devia caber a Eva ou a Adão. As senhoras diziam que a Adão, os homens que a Eva, menos o juiz-de-fora, que não dizia nada, e Frei Bento, carmelita, que interrogado pela dona da casa, D. Leonor:

– Eu, senhora minha, toco viola, respondeu sorrindo; e não mentia, porque era insigne na viola e na harpa, não menos que na teologia.

Consultado, o juiz-de-fora respondeu que não havia matéria para opinião; porque as cousas no paraíso terrestre passaram-se de modo diferente do que está contado no primeiro livro do Pentateuco, que é apócrifo. Espanto geral, riso do carmelita que conhecia o juiz-de-fora como um dos mais piedosos sujeitos da cidade, e sabia que era também jovial e inventivo, e até amigo da pulha, uma vez que fosse curial e delicada; nas cousas graves, era gravíssimo.

– Frei Bento, disse-lhe D. Leonor, faça calar o Sr. Veloso.

– Não o faço calar, acudiu o frade, porque sei que de sua boca há de sair tudo com boa significação.

– Mas a Escritura... ia dizendo o mestre-de-campo João Barbosa.

– Deixemos em paz a Escritura, interrompeu o carmelita. Naturalmente, o Sr. Veloso conhece outros livros...

– Conheço o autêntico, insistiu o juiz-de-fora, recebendo o prato de doce que D. Leonor lhe oferecia, e estou pronto a dizer o que sei, se não mandam o contrário.

– Vá lá, diga.

– Aqui está como as cousas se passaram. Em primeiro lugar, não foi Deus que criou o mundo, foi o Diabo...

– Cruz! exclamaram as senhoras.

– Não diga esse nome, pediu D. Leonor.

– Sim, parece que... ia intervindo frei Bento.

– Seja o Tinhoso. Foi o Tinhoso que criou o mundo; mas Deus, que lhe leu no pensamento, deixou-lhe as mãos livres, cuidando somente de corrigir ou atenuar a obra, a fim de que ao próprio mal não ficasse a desesperança da salvação ou do benefício. E a ação divina mostrou-se logo porque, tendo o Tinhoso criado as trevas, Deus criou a luz, e assim se fez o primeiro dia. No segundo dia, em que foram criadas as águas, nasceram as tempestades e os furacões; mas as brisas da tarde baixaram do pensamento divino. No terceiro dia foi feita a terra, e brotaram dela os vegetais, mas só os vegetais sem fruto nem flor, os espinhosos, as ervas que matam como a cicuta; Deus, porém, criou as árvores frutíferas e os vegetais que nutrem ou encantam. E tendo o Tinhoso cavado abismos e cavernas na terra, Deus fez o sol, a lua e as estrelas; tal foi a obra do quarto dia. No quinto foram criados os animais da terra, da água e do ar. Chegamos ao sexto dia, e aqui peço que redobrem de atenção.

Não era preciso pedi-lo; toda a mesa olhava para ele, curiosa.

Veloso continuou dizendo que no sexto dia foi criado o homem, e logo depois a mulher; ambos belos, mas sem alma, que o Tinhoso não podia dar, e só com ruins instintos. Deus infundiu-lhes a alma, com um sopro, e com outro os sentimentos nobres, puros e grandes. Nem parou nisso a misericórdia divina; fez brotar um jardim de delícias, e para ali os conduziu, investindo-os na posse de tudo. Um e outro caíram aos pés do Senhor, derramando lágrimas de gratidão. "Vivereis aqui", disse-lhe o Senhor, "e comereis de todos os frutos, menos o desta árvore, que é a da ciência do Bem e do Mal."

Adão e Eva ouviram submissos; e ficando sós, olharam um para o outro, admirados; não pareciam os mesmos. Eva, antes que Deus lhe infundisse os bons sentimentos, cogitava de armar um laço a Adão, e Adão tinha ímpetos de espancá-la. Agora, porém, embebiavam-se na contemplação um do outro, ou na vista da natureza, que era esplêndida. Nunca até então viram ares tão puros, nem águas tão frescas, nem flores tão lindas e cheirosas, nem o sol tinha para nenhuma outra parte as mesmas torrentes de claridade. E dando as mãos percorreram tudo, a rir muito, nos primeiros dias, porque até então não sabiam rir. Não tinham a sensação do tempo. Não sentiam o peso da ociosidade; viviam da contemplação. De tarde iam ver morrer o sol e nascer a lua, e contar as estrelas, e raramente chegavam a mil, dava-lhes o sono e dormiam como dous anjos.

Naturalmente, o Tinhoso ficou danado quando soube do caso. Não podia ir ao paraíso, onde tudo lhe era avesso, nem chegaria a lutar com o Senhor; mas ouvindo um rumor no chão entre folhas secas, olhou e viu que era a serpente. Chamou-a alvoroçado.

– Vem cá, serpe, fel rasteiro, peçonha das peçonhas, queres tu ser a embaixatriz de teu pai, para reaver as obras de teu pai?

A serpente fez com a cauda um gesto vago, que parecia afirmativo; mas o Tinhoso deu-lhe a fala, e ela respondeu que sim, que iria onde ele a mandasse, — às estrelas, se lhe desse as asas da águia — ao mar, se lhe confiasse o segredo de respirar na água — ao fundo da terra, se lhe ensinasse o talento da formiga. E falava a maligna, falava à toa, sem parar, contente e pródiga da língua; mas o diabo interrompeu-a:

– Nada disso, nem ao ar, nem ao mar, nem à terra, mas tão-somente ao jardim de delícias, onde estão vivendo Adão e Eva.

– Adão e Eva?

– Sim, Adão e Eva.

– Duas belas criaturas que vimos andar há tempos, altas e direitas como palmeiras?

– Justamente.

– Oh! detesto-os. Adão e Eva? Não, não, manda-me a outro lugar. Detesto-os! Só a vista deles faz-me padecer muito. Não hás de querer que lhes faça mal...

– É justamente para isso.

– Deveras? Então vou; farei tudo o que quiseres, meu senhor e pai. Anda, dize depressa o que queres que faça. Que morda o calcanhar de Eva?

Morderei...

– Não, interrompeu o Tinhoso. Quero justamente o contrário. Há no jardim uma árvore, que é a da ciência do Bem e do Mal; eles não devem tocar nela, nem comer-lhe os frutos. Vai, entra, enrosca-te na árvore, e quando um deles ali passar, chama-o de mansinho, tira uma fruta e oferece-lhe, dizendo que é a mais saborosa fruta do mundo; se te responder que não, tu insistirás, dizendo que é bastante comê-la para conhecer o próprio segredo da vida.

Vai, vai...

– Vou; mas não falarei a Adão, falarei a Eva. Vou, vou. Que é o próprio segredo da vida, não?

– Sim, o próprio segredo da vida. Vai, serpe das minhas entranhas, flor do mal, e se te saíres bem, juro que terás a melhor parte na criação, que é a parte humana, porque terás muito calcanhar de Eva que morder, muito sangue de Adão em que deitar o vírus do mal... Vai, vai, não te esqueças...

Esquecer? Já levava tudo de cor. Foi, penetrou no paraíso, rastejou até a árvore do Bem e do Mal, enroscou-se e esperou. Eva apareceu daí a pouco, caminhando sozinha, esbelta, com a segurança de uma rainha que sabe que ninguém lhe arrancará a coroa. A

serpente, mordida de inveja, ia chamar a peçonha à língua, mas advertiu que estava ali às ordens do Tinhoso, e, com a voz de mel, chamou-a. Eva estremeceu.

- Quem me chama?
- Sou eu, estou comendo desta fruta...
- Desgraçada, é a árvore do Bem e do Mal!
- Justamente. Conheço agora tudo, a origem das coisas e o enigma da vida.

Anda, come e terás um grande poder na terra.

- Não, pérfida!
- Néscia! Para que recusas o resplendor dos tempos? Escuta-me, faz o que te digo, e serás legião, fundarás cidades, e chamar-te-ás Cleópatra, Dido, Semíramis; darás heróis do teu ventre, e serás Cornélia; ouvirás a voz do céu, e serás Débora; cantarás e serás Safo. E um dia, se Deus quiser descer à terra, escolherá as tuas entranhas, e chamar-te-ás Maria de Nazaré. Que mais queres tu? Realeza, poesia, divindade, tudo trocas por uma estulta obediência. Nem será só isso. Toda a natureza te fará bela e mais bela. Cores das folhas verdes, cores do céu azul, vivas ou pálidas, cores da noite, hão de refletir nos teus olhos. A mesma noite, de porfia com o sol, virá brincar nos teus cabelos. Os filhos do teu seio tecerão para ti as melhores vestiduras, comporão os mais finos aromas, e as aves te darão as suas plumas, e a terra as suas flores, tudo, tudo, tudo...

Eva escutava impassível; Adão chegou, ouviu-os e confirmou a resposta de Eva; nada valia a perda do paraíso, nem a ciência, nem o poder, nenhuma outra ilusão da terra. Dizendo isto, deram as mãos um ao outro, e deixaram a serpente, que saiu pressurosa para dar conta ao Tinhoso.

Deus, que ouvira tudo, disse a Gabriel:

- Vai, arcanjo meu, desce ao paraíso terrestre, onde vivem Adão e Eva, e traze-os para a eterna bem-aventurança, que mereceram pela repulsa às instigações do Tinhoso.

E logo o arcanjo, pondo na cabeça o elmo de diamante, que rutila como um milhar de sóis, rasgou instantaneamente os ares, chegou a Adão e Eva, e disse-lhes:

- Salve, Adão e Eva. Vinde comigo para o paraíso, que merecestes pela repulsa às instigações do Tinhoso.

Um e outro, atônitos e confusos, curvaram o colo em sinal de obediência; então Gabriel deu as mãos a ambos, e os três subiram até à estância eterna, onde miríades de anjos os esperavam, cantando:

- Entrai, entrai. A terra que deixastes, fica entregue às obras do Tinhoso, aos animais ferozes e maléficos, às plantas daninhas e peçonhentas, ao ar impuro, à vida dos

pântanos. Reinará nela a serpente que rasteja, babuja e morde, nenhuma criatura igual a vós porá entre tanta abominação a nota da esperança e da piedade.

E foi assim que Adão e Eva entraram no céu, ao som de todas as cítaras, que uniam as suas notas em um hino aos dous egressos da criação...

... Tendo acabado de falar, o juiz-de-fora estendeu o prato a D. Leonor para que lhe desse mais doce, enquanto os outros convivas olhavam uns para os outros, embasbacados; em vez de explicação, ouviam uma narração enigmática, ou, pelo menos, sem sentido aparente.

D. Leonor foi a primeira que falou:

– Bem dizia eu que o Sr. Veloso estava logrando a gente. Não foi isso que lhe pedimos, nem nada disso aconteceu, não é, frei Bento?

– Lá o saberá o Sr. juiz, respondeu o carmelita sorrindo. E o juiz-de-fora, levando à boca uma colher de doce:

– Pensando bem, creio que nada disso aconteceu; mas também, D. Leonor, se tivesse acontecido, não estaríamos aqui saboreando este doce, que está, na verdade, uma coisa primorosa. É ainda aquela sua antiga doceira de Itapagipe?

Teoria do medalhão

Diálogo

– Estás com sono?

– Não, senhor.

– Nem eu; conversemos um pouco. Abre a janela. Que horas são?

– Onze.

– Saiu o último conviva do nosso modesto jantar. Com que, meu peralta, chegaste aos teus vinte e um anos. Há vinte e um anos, no dia 5 de agosto de 1854, vinhas tu à luz, um pirralho de nada, e estás homem, longos bigodes, alguns namoros...

– Papai...

– Não te ponhas com dengüices, e falemos como dois amigos sérios. Fecha aquela porta; vou dizer-te coisas importantes. Senta-te e conversemos. Vinte e um anos, algumas apólices, um diploma, podes entrar no parlamento, na magistratura, na imprensa, na lavoura, na indústria, no comércio, nas letras ou nas artes. Há infinitas carreiras diante de ti. Vinte e um anos, meu rapaz, formam apenas a primeira sílaba do nosso destino. Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos. Mas qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum. A vida, Janjão, é uma enorme loteria; os prêmios são poucos, os malogrados inúmeros, e com os suspiros de uma geração é que se amassam as esperanças de outra. Isto é a vida; não há planger, nem imprecicar, mas aceitar as coisas integralmente, com seus ônus e percalços, glórias e desdouros, e ir por diante.

– Sim, senhor.

– Entretanto, assim como é de boa economia guardar um pão para a velhice, assim também é de boa prática social acautelar um ofício para a hipótese de que os outros falhem,

ou não indenizem suficientemente o esforço da nossa ambição. É isto o que te aconselho hoje, dia da tua maioridade.

– Creia que lhe agradeço; mas que ofício, não me dirá?

– Nenhum me parece mais útil e cabido que o de medalhão. Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti. Ouve-me bem, meu querido filho, ouve-me e entende. És moço, tens naturalmente o ardor, a exuberância, os improvisos da idade; não os rejeites, mas modera-os de modo que aos quarenta e cinco anos possas entrar francamente no regime do aprumo e do compasso. O sábio que disse: "a gravidade é um mistério do corpo", definiu a compostura do medalhão. Não confundas essa gravidade com aquela outra que, embora resida no aspecto, é um puro reflexo ou emanção do espírito; essa é do corpo, tão-somente do corpo, um sinal da natureza ou um jeito da vida. Quanto à idade de quarenta e cinco anos...

– É verdade, por que quarenta e cinco anos?

– Não é, como podes supor, um limite arbitrário, filho do puro capricho; é a data normal do fenômeno. Geralmente, o verdadeiro medalhão começa a manifestar-se entre os quarenta e cinco e cinqüenta anos, conquanto alguns exemplos se dêem entre os cinqüenta e cinco e os sessenta; mas estes são raros. Há-os também de quarenta anos, e outros mais precoces, de trinta e cinco e de trinta; não são, todavia, vulgares. Não falo dos de vinte e cinco anos: esse madrugar é privilégio do gênio.

– Entendo.

– Venhamos ao principal. Uma vez entrado na carreira, debes pôr todo o cuidado nas idéias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente; coisa que entenderás bem, imaginando, por exemplo, um ator defraudado do uso de um braço. Ele pode, por um milagre de artifício, dissimular o defeito aos olhos da platéia; mas era muito melhor dispor dos dois. O mesmo se dá com as idéias; pode-se, com violência, abafá-las, escondê-las até à morte; mas nem essa habilidade é comum, nem tão constante esforço conviria ao exercício da vida.

– Mas quem lhe diz que eu...

– Tu, meu filho, se me não engano, pareces dotado da perfeita inópia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício. Não me refiro tanto à fidelidade com que repetes numa sala as opiniões ouvidas numa esquina, e vice-versa, porque esse fato, posto indique certa carência de idéias, ainda assim pode não passar de uma traição da memória. Não; refiro-me ao gesto correto e perfilado com que usas expender francamente as tuas simpatias ou antipatias acerca do corte de um colete, das dimensões de um chapéu, do ranger ou calar das botas novas. Eis aí um sintoma eloqüente, eis aí uma esperança, No entanto, podendo acontecer que, com a idade, venhas a ser afligido de algumas idéias próprias, urge aparelhar fortemente o espírito. As idéias são de sua natureza espontâneas e súbitas; por mais que as sofremos, elas irrompem e precipitam-se. Daí a certeza com que o vulgo, cujo faro é extremamente delicado, distingue o medalhão completo do medalhão incompleto.

– Creio que assim seja; mas um tal obstáculo é invencível.

– Não é; há um meio; é lançar mão de um regime debilitante, ler compêndios de retórica, ouvir certos discursos, etc. O voltarete, o dominó e o whist são remédios aprovados. O whist tem até a rara vantagem de acostumar ao silêncio, que é a forma mais acentuada da circunspeção. Não digo o mesmo da natação, da equitação e da ginástica, embora elas façam repousar o cérebro; mas por isso mesmo que o fazem repousar, restituem-lhe as forças e a atividade perdidas. O bilhar é excelente.

– Como assim, se também é um exercício corporal?

– Não digo que não, mas há coisas em que a observação desmente a teoria. Se te aconselho excepcionalmente o bilhar é porque as estatísticas mais escrupulosas mostram que

três quartas partes dos habituados do taco partilham as opiniões do mesmo taco. O passeio nas ruas, mormente nas de recreio e parada, é utilíssimo, com a condição de não andares desacompanhado, porque a solidão é oficina de idéias, e o espírito deixado a si mesmo, embora no meio da multidão, pode adquirir uma tal ou qual atividade.

– Mas se eu não tiver à mão um amigo apto e disposto a ir comigo?

– Não faz mal; tens o valente recurso de mesclar-te aos pasmatórios, em que toda a poeira da solidão se dissipa. As livrarias, ou por causa da atmosfera do lugar, ou por qualquer outra, razão que me escapa, não são propícias ao nosso fim; e, não obstante, há grande conveniência em entrar por elas, de quando em quando, não digo às ocultas, mas às escâncaras. Podes resolver a dificuldade de um modo simples: vai ali falar do boato do dia, da anedota da semana, de um contrabando, de uma calúnia, de um cometa, de qualquer coisa, quando não preferas interrogar diretamente os leitores habituais das belas crônicas de Mazade; 75 por cento desses estimáveis cavalheiros repetir-te-ão as mesmas opiniões, e uma tal monotonia é grandemente saudável. Com este regime, durante oito, dez, dezoito meses - suponhamos dois anos, - reduces o intelecto, por mais pródigo que seja, à sobriedade, à disciplina, ao equilíbrio comum. Não trato do vocabulário, porque ele está subentendido no uso das idéias; há de ser naturalmente simples, túbio, apoucado, sem notas vermelhas, sem cores de clarim...

– Isto é o diabo! Não poder adornar o estilo, de quando em quando...

– Podes; puedes empregar umas quantas figuras expressivas, a hidra de Lerna, por exemplo, a cabeça de Medusa, o tonel das Danaides, as asas de Ícaro, e outras, que românticos, clássicos e realistas empregam sem desar, quando precisam delas. Sentenças latinas, ditos históricos, versos célebres, brocardos jurídicos, máximas, é de bom aviso trazê-los contigo para os discursos de sobremesa, de felicitação, ou de agradecimento. Caveant consules é um excelente fecho de artigo político; o mesmo direi do Si vis pacem para bellum. Alguns costumam renovar o sabor de uma citação intercalando-a numa frase nova, original e bela, mas não te aconselho esse artifício: seria desnaturar-lhe as graças vetustas. Melhor do que tudo isso, porém, que afinal não passa de mero adorno, são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil. Não as relaciono agora, mas fá-lo-ei por escrito. De resto, o mesmo ofício te irá ensinando os elementos dessa arte difícil de pensar o pensado. Quanto à utilidade de um tal sistema, basta figurar uma hipótese. Faz-se uma lei, executa-se, não produz efeito, subsiste o mal. Eis aí uma questão que pode aguçar as curiosidades vadias, dar ensejo a um inquérito pedantesco, a uma coleta fastidiosa de documentos e observações, análise das causas prováveis, causas certas, causas possíveis, um estudo infinito das aptidões do sujeito reformado, da natureza do mal, da manipulação do remédio, das circunstâncias da aplicação; matéria, enfim, para todo um andaime de palavras, conceitos, e desvarios. Tu poupas aos teus semelhantes todo esse imenso aranzel, tu dizes simplesmente: Antes das leis, reformemos os costumes! - E esta frase sintética, transparente, límpida, tirada ao pecúlio comum, resolve mais depressa o problema, entra pelos espíritos como um jorro súbito de sol.

– Vejo por aí que vosmecê condena toda e qualquer aplicação de processos modernos.

– Entendamo-nos. Condeno a aplicação, louvo a denominação. O mesmo direi de toda a recente terminologia científica; deves decorá-la. Conquanto o rasgo peculiar do medalhão seja uma certa atitude de deus Término, e as ciências sejam obra do movimento humano, como tens de ser medalhão mais tarde, convém tomar as armas do teu tempo. E de duas uma: - ou elas estarão usadas e divulgadas daqui a trinta anos, ou conservar-se-ão novas; no primeiro caso, pertencem-te de foro próprio; no segundo, puedes ter a coquette de as trazer, para mostrar que também és pintor. De outiva, com o tempo, irás sabendo a que leis,

casos e fenômenos responde toda essa terminologia; porque o método de interrogar os próprios mestres e oficiais da ciência, nos seus livros, estudos e memórias, além de tedioso e cansativo, traz o perigo de inocular idéias novas, e é radicalmente falso. Acresce que no dia em que viesses a assenhorear-te do espírito daquelas leis e fórmulas, serias provavelmente levado a empregá-las com um tal ou qual comedimento, como a costureira esperta e afreguesada, - que, segundo um poeta clássico, Quanto mais pano tem, mais poupa o corte, Menos monte alardeia de retalhos; e este fenômeno, tratando-se de um medalhão, é que não seria científico.

– Upa! que a profissão é difícil!

– E ainda não chegamos ao cabo.

– Vamos a ele.

– Não te falei ainda dos benefícios da publicidade. A publicidade é uma dona loureira e senhoril, que tu deves requerer à força de pequenos mimos, confeitos, almofadinhas, coisas miúdas, que antes exprimem a constância do afeto do que o atrevimento e a ambição. Que D. Quixote solicite os favores dela mediante, ações heróicas ou custosas, é um sestro próprio desse ilustre lunático. O verdadeiro medalhão tem outra política. Longe de inventar um Tratado científico da criação dos carneiros, compra um carneiro e dá-o aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos. Uma notícia traz outra; cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo. Comissões ou deputações para felicitar um agraciado, um benemérito, um forasteiro, têm singulares merecimentos, e assim as irmandades e associações diversas, sejam mitológicas, cinegéticas ou coreográficas. Os sucessos de certa ordem, embora de pouca monta, podem ser trazidos a lume, contanto que ponham em relevo a tua pessoa. Explico-me. Se caíres de um carro, sem outro dano, além do susto, é útil mandá-lo dizer aos quatro ventos, não pelo fato em si, que é insignificante, mas pelo efeito de recordar um nome caro às afeições gerais. Percebeste?

– Percebi.

– Essa é publicidade constante, barata, fácil, de todos os dias; mas há outra. Qualquer que seja a teoria das artes, é fora de dúvida que o sentimento da família, a amizade pessoal e a estima pública instigam à reprodução das feições de um homem amado ou benemérito. Nada obsta a que sejas objeto de uma tal distinção, principalmente se a sagacidade dos amigos não achar em ti repugnância. Em semelhante caso, não só as regras da mais vulgar polidez mandam aceitar o retrato ou o busto, como seria desazado impedir que os amigos o expusessem em qualquer casa pública. Dessa maneira o nome fica ligado à pessoa; os que houverem lido o teu recente discurso (suponhamos) na sessão inaugural da União dos Cabeleireiros, reconhecerão na compostura das feições o autor dessa obra grave, em que a "alavanca do progresso" e o "suor do trabalho" vencem as "faucês hiantes" da miséria. No caso de que uma comissão te leve a casa o retrato, deves agradecer-lhe o obséquio com um discurso cheio de gratidão e um copo d'água: é uso antigo, razoável e honesto. Convidarás então os melhores amigos, os parentes, e, se for possível, uma ou duas pessoas de representação. Mais. Se esse dia é um dia de glória ou regozijo, não vejo que possas, decentemente, recusar um lugar à mesa aos repórteres dos jornais. Em todo o caso, se as obrigações desses cidadãos os retiverem noutra parte, podes ajudá-los de certa maneira, redigindo tu mesmo a notícia da festa; e, dado que por um tal ou qual escrúpulo, aliás desculpável, não queiras com a própria mão anexar ao teu nome os qualificativos dignos dele, incumbe a notícia a algum amigo ou parente.

– Digo-lhe que o que vosmecê me ensina não é nada fácil.

– Nem eu te digo outra coisa. É difícil, come tempo, muito tempo, leva anos, paciência, trabalho, e felizes os que chegam a entrar na terra prometida! Os que lá não penetram, engole-os a obscuridade. Mas os que triunfam! E tu triunfarás, crê-me. Verás cair

as muralhas de Jericó ao som das trompas sagradas. Só então poderás dizer que estás fixado. Começa nesse dia a tua fase de ornamento indispensável, de figura obrigada, de rótulo. Acabou-se a necessidade de farejar ocasiões, comissões, irmandades; elas virão ter contigo, com o seu ar pesadão e cru de substantivos desadjetivados, e tu serás o adjetivo dessas orações opacas, o odorífero das flores, o anilado dos céus, o prestimoso dos cidadãos, o noticioso e suculento dos relatórios. E ser isso é o principal, porque o adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica. O substantivo é a realidade nua e crua, é o naturalismo do vocabulário.

– E parece-lhe que todo esse ofício é apenas um sobressalente para os deficits da vida?

– Decerto; não fica excluída nenhuma outra atividade.

– Nem política?

– Nem política. Toda a questão é não infringir as regras e obrigações capitais. Podes pertencer a qualquer partido, liberal ou conservador, republicano ou ultramontano, com a cláusula única de não ligar nenhuma idéia especial a esses vocábulos, e reconhecer-lhe somente a utilidade do scibboleth bíblico.

– Se for ao parlamento, posso ocupar a tribuna?

– Podes e deves; é um modo de convocar a atenção pública. Quanto à matéria dos discursos, tens à escolha: - ou os negócios miúdos, ou a metafísica política, mas prefere a metafísica. Os negócios miúdos, força é confessá-lo, não desdizem daquela chateza de bom-tom, própria de um medalhão acabado; mas, se puderes, adota a metafísica; - é mais fácil e mais atraente. Supõe que desejas saber por que motivo a 7ª companhia de infantaria foi transferida de Uruguaiana para Canguçu; serás ouvido tão-somente pelo ministro da guerra, que te explicará em dez minutos as razões desse ato. Não assim a metafísica. Um discurso de metafísica política apaixona naturalmente os partidos e o público, chama os apartes e as respostas. E depois não obriga a pensar e descobrir. Nesse ramo dos conhecimentos humanos tudo está achado, formulado, rotulado, encaixotado; é só prover os alforjes da memória. Em todo caso, não transcendas nunca os limites de uma invejável vulgaridade.

– Farei o que puder. Nenhuma imaginação?

– Nenhuma; antes faze correr o boato de que um tal dom é ínfimo.

– Nenhuma filosofia?

– Entendamo-nos: no papel e na língua alguma, na realidade nada. "Filosofia da história", por exemplo, é uma locução que deves empregar com freqüência, mas proíbo-te que chegues a outras conclusões que não sejam as já achadas por outros. Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade, etc., etc.

– Também ao riso?

– Como ao riso?

– Ficar sério, muito sério...

– Conforme. Tens um gênio folgazão, prazenteiro, não hás de sofreá-lo nem eliminá-lo; podes brincar e rir alguma vez. Medalhão não quer dizer melancólico. Um grave pode ter seus momentos de expansão alegre. Somente, - e este ponto é melindroso...

– Diga...

– Somente não deves empregar a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos cépticos e desabusados. Não. Usa antes a chalaça, a nossa boa chalaça amiga, gorducha, redonda, franca, sem biocos, nem véus, que se mete pela cara dos outros, estala como uma palmada, faz pular o sangue nas veias, e arrebentar de riso os suspensórios. Usa a chalaça. Que é isto?

– Meia-noite.

– Meia-noite? Entras nos teus vinte e dois anos, meu peralta; estás definitivamente maior. Vamos dormir, que é tarde. Rumina bem o que te disse, meu filho. Guardadas as proporções, a conversa desta noite vale o Príncipe de Machiavelli. Vamos dormir.

O espelho

Esboço de uma nova teoria da alma humana

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. Como desse esta mesma resposta naquela noite, contestou-lha um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava ele) refletiu um instante, e respondeu:

– Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.

Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e não dois ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião, - uma conjetura, ao menos.

– Nem conjetura, nem opinião, redargüiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso

contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

– Duas?

– Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior aquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. "Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; é um punhal que me enterras no coração." Vejam bem esta frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

– Não?

– Não, senhor; muda de natureza e de estado. Não aludo a certas almas absorventes, como a pátria, com a qual disse o Camões que morria, e o poder, que foi a alma exterior de César e de Cromwell. São almas enérgicas e exclusivas; mas há outras, embora enérgicas, de natureza mudável. Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos. Pela minha parte, conheço uma senhora, - na verdade, gentilíssima, - que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino, a rua do Ouvidor, Petrópolis...

– Perdão; essa senhora quem é?

– Essa senhora é parenta do diabo, e tem o mesmo nome; chama-se Legião... E assim outros mais casos. Eu mesmo tenho experimentado dessas trocas. Não as relato, porque iria longe; restrinjo-me ao episódio de que lhes falei. Um episódio dos meus vinte e cinco anos...

Os quatro companheiros, ansiosos de ouvir o caso prometido, esqueceram a controvérsia. Santa curiosidade! tu não és só a alma da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia. A sala, até há

pouco ruidosa de física e metafísica, é agora um mar morto; todos os olhos estão no Jacobina, que conserta a ponta do charuto, recolhendo as memórias. Eis aqui como ele começou a narração:

– Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da Guarda Nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que esses perderam. Suponho também que uma parte do desgosto foi inteiramente gratuita: nasceu da simples distinção. Lembra-me de alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. Em compensação, tive muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação; e a prova é que todo o fardamento me foi dado por amigos... Vai então uma das minhas tias, D. Marcolina, viúva do Capitão Peçanha, que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda. Fui acompanhado de um pajem, que daí a dias tornou à vila, porque a tia Marcolina, apenas me pilhou no sítio, escreveu a minha mãe dizendo que não me soltava antes de um mês, pelo menos. E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda a província não havia outro que me pusesse o pé adiante. E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o "senhor alferes". Um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali morava, não me chamava de outra maneira. Era o "senhor alferes", não por gracejo, mas a sério, e à vista dos escravos, que naturalmente foram pelo mesmo caminho. Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. Não imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples... Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João

VI. Não sei o que havia nisso de verdade; era a tradição. O espelho estava naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos ângulos superiores da moldura, uns enfeites de madrepérola e outros caprichos do artista. Tudo velho, mas bom...

– Espelho grande?

– Grande. E foi, como digo, uma enorme fineza, porque o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa. Mas não houve forças que a demovessem do propósito; respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas, e finalmente que o "senhor alferes" merecia muito mais. O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?

– Não.

– O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade.

Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Custa-lhes acreditar, não?

– Custa-me até entender, respondeu um dos ouvintes.

– Vai entender. Os fatos explicarão melhor os sentimentos: os fatos são tudo. A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada; e, se bem me lembro, um filósofo antigo demonstrou o movimento andando. Vamos aos fatos. Vamos ver como, ao tempo em que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. As dores humanas, as alegrias humanas, se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática ou um sorriso de favor. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes. Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia grave; uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte.

Adeus, sobrinho! adeus, alferes! Era mãe extremosa, armou logo uma viagem, pediu ao cunhado que fosse com ela, e a mim que tomasse conta do sítio. Creio que, se não fosse a aflição, disporia o contrário; deixaria o cunhado e iria comigo. Mas o certo é que fiquei só, com os poucos escravos da casa. Confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno de mim. Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais. O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil. Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida.

Notei mesmo, naquela noite, que eles redobravam de respeito, de alegria, de protestos. Nhô alferes, de minuto a minuto; nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser coronel; nhô alferes há de casar com moça bonita, filha de general; um concerto de louvores e profecias, que me deixou extático. Ah! pérfidos! mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados.

– Matá-lo?

– Antes assim fosse.

– Coisa pior?

– Ouçam-me. Na manhã seguinte achei-me só. Os velhacos, seduzidos por outros, ou de movimento próprio, tinham resolvido fugir durante a noite; e assim fizeram. Achei-me só, sem mais ninguém, entre quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada. Nenhum fôlego humano. Corri a casa toda, a senzala, tudo; ninguém, um molequinho que fosse. Galos e galinhas tão-somente, um par de mulas, que filosofavam a vida, sacudindo as moscas, e três bois. Os mesmos cães foram levados pelos escravos. Nenhum ente humano. Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? era pior. Não por medo; juro-lhes que não tinha medo; era um pouco atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas. Fiquei triste por causa do dano causado à tia Marcolina; fiquei também um pouco perplexo, não sabendo se devia ir ter com ela, para lhe dar a triste notícia, ou ficar tomando conta da casa. Adotei o segundo alvitre, para não desamparar a casa, e porque, se a minha prima enferma estava mal, eu ia somente aumentar a dor da mãe, sem remédio nenhum; finalmente, esperei que o irmão do tio Peçanha voltasse naquele dia ou no outro, visto que tinha saído havia já trinta e seis horas. Mas a manhã passou sem vestígio dele; à tarde comecei a sentir a sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular. O irmão do tio Peçanha não voltou nesse dia, nem no outro, nem em toda aquela semana. Minha solidão tomou proporções enormes.

Nunca os dias foram mais compridos, nunca o sol abrasou a terra com uma obstinação mais cansativa. As horas batiam de século a século no velho relógio da sala, cuja pêndula tic-tac, tic-tac, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade. Quando, muitos anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow, e topei este famoso estribilho: Never, for ever! - For ever, never! confesso-lhes que tive um calafrio: recordei-me daqueles dias medonhos. Era justamente assim que fazia o relógio da tia Marcolina: - Never, for ever! - For ever, never! Não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochicho do nada. E então de noite! Não que a noite fosse mais silenciosa. O silêncio era o mesmo que de dia. Mas a noite era a sombra, era a solidão ainda mais estreita,

ou mais larga. Tic-tac, tic-tac. Ninguém, nas salas, na varanda, nos corredores, no terreiro, ninguém em parte nenhuma... Riem-se?

– Sim, parece que tinha um pouco de medo.

– Oh! fora bom se eu pudesse ter medo! Viveria. Mas o característico daquela situação é que eu nem sequer podia ter medo, isto é, o medo vulgarmente entendido. Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico. Dormindo, era outra coisa. O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: - o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono a consciência do meu ser novo e único -porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... Não tornava. Eu saía fora, a um lado e outro, a ver se descobria algum sinal de regresso. Soeur Anne, soeur Anne, ne vois-tu rien venir? Nada, coisa nenhuma; tal qual como na lenda francesa. Nada mais do que a poeira da estrada e o capinzal dos morros. Voltava para casa, nervoso, desesperado, estirava-me no canapé da sala. Tic-tac, tic-tac. Levantava-me, passeava, tamborilava nos vidros das janelas, assobiava. Em certa ocasião lembrei-me de escrever alguma coisa, um artigo político, um romance, uma ode; não escolhi nada definitivamente; sentei-me e tracei no papel algumas palavras e frases soltas, para intercalar no estilo. Mas o estilo, como tia Marcolina, deixava-se estar. Soeur Anne, soeur Anne...

Coisa nenhuma. Quando muito via negrejar a tinta e alvejar o papel.

– Mas não comia?

– Comia mal, frutas, farinha, conservas, algumas raízes tostadas ao fogo, mas suportaria tudo alegremente, se não fora a terrível situação moral em que me achava. Recitava versos, discursos, trechos latinos, liras de Gonzaga, oitavas de Camões, décimas, uma antologia em trinta volumes. As vezes fazia ginástica; outra dava beliscões nas pernas; mas o efeito era só uma sensação física de dor ou de cansaço, e mais nada. Tudo silêncio, um silêncio vasto, enorme, infinito, apenas sublinhado pelo eterno tic-tac da pêndula. Tic-tac, tic-tac...

– Na verdade, era de enlouquecer.

– Vão ouvir coisa pior. Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso

inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação.

Então tive medo; atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; recei ficar mais tempo, e enlouquecer. - Vou-me embora, disse comigo. E levantei o braço com gesto de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro; o gesto lá estava, mas disperso, esgaçado, mutilado... Entrei a vestir-me, murmurando comigo, tossindo sem tosse, sacudindo a roupa com estrépito, afligindo-me a frio com os botões, para dizer alguma coisa. De quando em quando, olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos... Continuei a vestir-me.

Subitamente por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo, lembrou-me... Se forem capazes de adivinhar qual foi a minha idéia...

– Diga.

– Estava a olhar para o vidro, com uma persistência de desesperado, contemplando as próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes, quando tive o pensamento... Não, não são capazes de adivinhar.

– Mas, diga, diga.

– Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão sem os sentir...

Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas.

As 1001 noites - As estranhas coincidências da vida

As três maçãs

Ao inspecionar certo dia o seu reino, acompanhado por seu vizir Jafar, o califa Harun Ar-Rachid viu, sendo retirado do rio Tigre, o corpo de uma mulher assassinada. O califa comoveu-se e disse a Jafar:

– Se não descobrires o assassino desta pobre mulher, serás enforcado no seu lugar.

Jafar teve sorte, pois o assassino se apresentou por si mesmo ao califa e contou a seguinte história: "Sabei, ó Comandante dos Fiéis, que esta mulher era minha mulher, mãe de meus três filhos. Amava-a, e ela me amava. No início deste mês, adoeceu e disse-me: 'Tenho, ó Ali, o desejo de comer uma maçã.' Corri ao mercado, determinado a comprar maçãs até por um dinar a unidade. Mas não havia maçãs no mercado. E um agricultor me disse: 'Esta fruta é rara. Só pode ser encontrada em Basra no jardim do califa.' Por amor à minha mulher fiz a viagem até Basra em quinze dias e quinze noites. E convenci o jardineiro do califa a me vender três maçãs por três dinares cada. Ao voltar, encontrei minha mulher ainda mais doente. Colocou as três maçãs de lado e não as comeu." Fui à minha loja e comecei a comprar e vender quando vi passar um negro alto e forte, segurando na mão uma das três maçãs. Disse-lhe: 'Ó bom escravo, conta-me onde conseguiste esta maçã para que consiga outra igual para mim.' Respondeu: 'Foi-me dada por minha amante. Voltei ontem de viagem e fui visitá-la. Encontrei-a doente com três maçãs a seu lado. Ela me disse: 'Meu marido foi até Basra comprá-las para mim.' Comi, bebi e dormi com ela, e fiquei com uma das três maçãs.'

"Ao ouvir estas palavras, ó Comandante dos Fiéis, o mundo ficou preto aos meus olhos. Fechei minha loja e voltei para casa. Lá, vi apenas duas maçãs. 'Onde está a outra maçã?' perguntei à mulher. Respondeu languidamente que não sabia. Convenci-me de que as palavras do escravo eram verídicas e, na minha raiva, saquei de meu punhal, matei minha mulher e joguei-a no Tigre. De volta para casa, achei meu filho mais velho chorando. 'Por que está chorando, meu filho?' perguntei-lhe'. Respondeu: 'Tomei uma das três maçãs da mamãe para brincar com ela; mas um negro alto e forte arrancou-a das minhas mãos. Chorei e contei-lhe que meu pai tinha ido até Basra comprar três maçãs para curar a doença de mamãe. Mas ele não me deu atenção. Levou a maçã e foi embora.' Aí, entendi a trama e lamentei meu erro. Mas era tarde demais. Sou culpado. Mereço a morte, ó Comandante dos Fiéis," concluiu o comerciante.

O califa ficou furioso contra o escravo caluniador e mandou Jafar descobri-lo dentro de três dias. "Senão, serás enforcado em seu lugar."

Jafar não teve sorte desta vez. Procurou em vão pelo escravo criminoso. No terceiro dia, estava se despedindo da família antes de se apresentar à força quando, ao abraçar a filha, sentiu algo redondo dentro de sua roupinha.

– O que é isto, minha filha? perguntou.

– É uma maçã, respondeu. Rohan, nosso escravo, trouxe-a há quatro dias e só aceitou me dar contra dois dinares. Jafar chamou seu escravo e perguntou-lhe:

– Onde conseguiste esta maçã?

– Ó meu amo, – respondeu –, a mentira às vezes nos salva. Mas eu falarei a verdade. Há cinco dias, passando na rua, vi-a nas mãos de um menino desconhecido e arranquei-a. O garoto chorou e disse que seu pai tinha ido até Basra comprar três maçãs para curar a mãe doente. Mas não me importei. Trouxe a maçã e dei-a a esta minha pequena ama.

Jafar ficou abismado ao saber que toda a tragédia fora causada por seu escravo. Levou o escravo ao califa e fê-lo repetir a história. O califa maravilhou-se com tantas coincidências e riu até que as lágrimas lhe vieram aos olhos. Perdoou o escravo e fez um rico presente ao viúvo infeliz.

O incômodo cadáver

Havia antigamente em Casgar, capital da Grande Tartária, um honesto alfaiate chamado Suliman. Um dia em que ele costurava em seu ateliê, um corcundinha passou por ali tocando tamborim e cantando com uma voz agradável. Suliman ficou feliz em ouvi-lo e pensou que um pouco de música divertiria sua mulher.

“Ei, homem”, gritou, “venha jantar na minha casa, você pagará com canções!”

O corcunda aceitou de bom grado e, à noite, os dois foram para a casa do alfaiate. Um delicioso aroma os esperava.

“Minha mulher preparou um peixe ao açafrão”, alegrou-se Suliman. “É meu prato predileto.”

“É o meu também”, aprovou o corcunda.

Sentaram-se à mesa com grande apetite. Infelizmente, o corcunda comeu com tanta voracidade que uma espinha se plantou em sua garganta e ele morreu na mesma hora.

É fácil imaginar o pavor dos anfitriões.

“Se descobrirem esse cadáver na nossa casa, seremos acusados de tê-lo matado”, disse a mulher.

“E cortarão nosso pescoço”, acrescentou o marido.

Eles se lamentaram em coro sobre esse injusto destino, quando o alfaiate teve uma ideia.

“Vamos levá-lo ao médico da medina. Ele nos dirá o que fazer.”

E ei-los de saída, levando o corcundinha, um segurando-o pelos pés, a outra pela cabeça.

A casa do médico ficava no alto de um morro a que se chegava por uma escada de pedra.

“Vamos colocar o morto no alto dos degraus, e pernas pra que te quero”, sugeriu a mulher. “Isso nos evitará perguntas embaraçosas!”

A ideia era sensata; eles a seguiram e voltaram para casa aliviados daquele grande peso.

Ora, pouco depois o médico saiu. No escuro, não viu o corpo que barrava seu caminho. Tropeçou nele com um movimento tão estabonado que o chutou e o corpo foi rolando escada abaixo. Apavorado, o médico foi socorrer a vítima e, ao verificar que ela não respirava mais, começou a gemer:

“Ai, sou um miserável! Sem a menor dúvida esse pobre doente se arrastou até a minha porta e, em vez de ajudá-lo, eu o matei. Se isso chegar aos ouvidos do sultão, vão me pegar e me jogar na prisão.”

Por precaução, levou o corpo para o quarto de sua mulher, que, diante daquela visão, quase desmaiou.

“Não podemos guardar esse cadáver aqui!”, ela exclamou. “Precisamos nos livrar dele o quanto antes!”

Era mais fácil dizer do que fazer. No entanto, depois de refletir prudentemente, o médico exclamou:

“Já sei: vamos subir com ele para o terraço; de lá o jogaremos na chaminé do nosso vizinho, o comerciante de óleo.”

Tendo assim procedido, foram embora muito aliviados.

Nessa noite, o comerciante se demorou na taberna e voltou para casa ligeiramente bêbado. Ao perceber, graças ao clarão da lua, uma silhueta de pé dentro de sua lareira – pois o médico e a mulher passaram uma corda sob as axilas do corcunda e tomaram o cuidado de deixá-lo escorregar bem devagarinho até o chão –, pensou que fosse um bandido. Pegando um grande porrete, se precipitou para cima dele e o moeu de pancada.

“Ah, maldito!”, gritou. “Flagrei-o roubando meu óleo! Tome isso, e isso, e mais isso! Que esse castigo possa tirar para sempre a sua vontade de voltar aqui!”

Mas, como o cadáver caíra de boca para o chão, a mão do comerciante ficou mais leve.

“Levante-se”, disse, “e desapareça da minha frente antes que eu arrebente o seu crânio!”

Como o corcunda não obedecia, o comerciante, espantado, olhou-o mais de perto. Ao verificar que estava morto, chorou lágrimas amargas.

“Que fiz eu?”, gemia. “Matei um homem... Oxalá eu tivesse voltado mais tarde, pois não teria flagrado esse ladrão! Nessas alturas, estaria pobre mas não seria um assassino! Que será de mim se descobrirem meu crime?”

Depois de tergiversar longamente, resolveu tirar o cadáver de sua loja e largá-lo um pouco mais longe. Por sorte a rua estava deserta. Carregando nas costas o corcunda, o comerciante correu até a mesquita e encostou seu fardo contra a parede do lugar santo, de modo que, no escuro, o confundissem com um mendigo; e voltou para casa para se deitar.

Toda manhã, Ali, o carregador de água, homem muito piedoso, ia à mesquita antes de se dirigir ao poço. Portanto, nos primeiros clarões do amanhecer fez como de costume. Ao se inclinar para tirar suas babuchas, roçou no cadáver, em quem não tinha reparado, e o corpo caiu sobre suas costas. Convencido de estar sendo atacado, Ali se defendeu dando tantos gritos que o guarda acorreu.

Separaram os combatentes... antes de perceberem que um deles estava morto.

“Pela barba do Profeta”, disse o tenente de polícia a seus esbirros, “ponham este criminoso na prisão até que o sultão decida sua sorte!”

Ora, por cúmulo do azar o corcunda era o bobo da corte. Ao saber da história, o sultão explodiu de raiva.

“Decapitem imediatamente esse carregador de água!”, decretou.

Por mais que Ali alegasse legítima defesa e garantisse que, para sucumbir a uns reles socos, o corcunda já devia estar muito doente, de nada adiantou. Um cadafalso foi montado na mesma hora, em praça pública, e para lá arrastaram o condenado aos prantos. Mas quando o carrasco afiava seu trinchante, uma voz elevou-se na multidão:

“Espere! Espere! Você vai castigar um inocente!”

Era o comerciante de óleo, que, tomado de remorso, foi se jogar aos pés do sultão para lhe contar a verdade – ou, pelo menos, o que ele imaginava ser a verdade.

“Muito bem”, disse o sultão depois de escutá-lo atentamente. “Eis minha sentença: que o carregador de água vá em paz e que o comerciante morra em seu lugar.”

Porém, mal este último colocou a cabeça sobre o cepo, um grande grito ecoou:

“Suspendam a execução, pois sou eu, e só eu o culpado!”

E o médico se adiantou, de cabeça baixa, dando todos os sinais de uma profunda aflição.

Assim que o médico acabou de narrar sua própria versão dos acontecimentos, o sultão disse ao carrasco:

“Agarre-o, solte o comerciante, e que seja feita a justiça!”

O carrasco se preparava, pela terceira vez, para cumprir sua tarefa quando, novamente, foi interrompido.

“Não matem esse homem, ele não fez nada!”

E Suliman, por sua vez, se prosternou diante do sultão.

“Você confessa seu crime, patife?”, o sultão suspirou, já começando a achar a farsa meio azeda.

“Não, não, Vossa Graça, juro sobre o Alcorão!”

“Então, quem matou o meu bufão?”

“A fatalidade, Majestade.”

Assim fez-se a luz sobre essa história cujas curiosas peripécias ainda hoje são contadas na Grande Tartária, e até mesmo nos confins do Oriente, levadas pelos viajantes. Quanto ao sultão, como não pode vingar o corcunda, ofereceu-lhe suntuoso funeral, pois raros são os bufões que continuam a ser engraçados até na maneira de morrer!

Apêndice 3: Atividades desenvolvidas durante o modelo de ensino remoto

8º ano B-19/04/2021 - Língua Portuguesa/Literatura.

Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas.
Piranhas, 19 de Abril de 2021.
Disciplina: Língua Portuguesa e Literatura.
Professora regente: Suzana Miranda Teles
Gênero literário: Conto.

EIXO TEMÁTICO

☒ Prática de Leitura.

***Obrigatório**

1. Nome completo *

Leia o fragmento do conto Adão e Eva, de Machado de Assis.

TEXTO I

"Veloso continuou dizendo que no sexto dia foi criado o homem, e logo depois a mulher; ambos belos, mas sem alma, que o Tinhoso não podia dar, e só com ruins instintos. Deus infundiu-lhes a alma, com um sopro, e com outro os sentimentos nobres, puros e grandes. Nem parou nisso a misericórdia divina; fez brotar um jardim de delícias, e para ali os conduziu, investindo-os na posse de tudo. Um e outro caíram aos pés do Senhor, derramando lágrimas de gratidão. 'Vivereis aqui', disse-lhe o Senhor, 'e comereis de todos os frutos, menos o desta árvore, que é a da ciência do Bem e do Mal'. Adão e Eva ouviram submissos; e ficando sós, olharam um para o outro, admirados; não pareciam os mesmos. Eva, antes que Deus lhe infundisse os bons sentimentos, cogitava de armar um laço a Adão, e Adão tinha ímpetos de espancá-la. Agora, porém, embebiam-se na contemplação um do outro, ou na vista da natureza, que era esplêndida. Nunca até então viram ares tão puros, nem águas tão frescas, nem flores tão lindas e cheirosas, nem o sol tinha para nenhuma outra parte as mesmas torrentes de claridade. E dando as mãos percorreram tudo, a rir muito, nos primeiros dias, porque até então não sabiam rir. Não tinham a sensação do tempo. Não sentiam o peso da ociosidade; viviam da contemplação. De tarde iam ver morrer o sol e nascer a lua, e contar as estrelas, e raramente chegavam a mil, dava-lhes o sono e dormiam como dois anjos. Naturalmente, o Tinhoso ficou danado quando soube do caso. Não podia ir ao paraíso, onde tudo lhe era avesso, nem chegaria a lutar com o Senhor; mas ouvindo um rumor no chão entre folhas secas, olhou e viu que era a serpente. Chamou-a alvoroçado."

Disponível em: https://pt.wikisource.org/wiki/Ad%C3%A3o_e_Eva. Acesso em: 18 mar. 2021.

1) Após a leitura do fragmento do conto Adão e Eva, de Machado de Assis, responda:

2. a) O texto lido faz referência/intertextualidade a outro já existente? Explique. *

3. b) O conto Adão e Eva é considerado um clássico da Literatura Brasileira. Temos também, os clássicos da literatura Infantil, como por exemplo, Chapeuzinho vermelho. Cite outros exemplos de clássicos infantis que você ouvia ou lia na sua infância. *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

8º ano A -26/04/2021-Língua Portuguesa/Literatura.

Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas.
Piranhas, 26 de Abril de 2021.
Disciplina: Língua Portuguesa/Literatura.
Professora regente: Suzana Miranda Teles
Conteúdo: Conto/Vida e obra de Machado de Assis

*Todas as informações sobre a vida e obra de Machado de Assis estão disponíveis em:
<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>

***Obrigatório**

1. Nome completo *

Copie no caderno, as informações apresentadas sobre o gênero conto.



[Wg8G0](http://www.youtube.com/watch?v=Wg8G0)

<http://youtube.com/watch?v=fjqv4->

Assista ao vídeo sobre a vida de Machado de Assis.



[v=k5vBLxpBxI4](http://www.youtube.com/watch?v=k5vBLxpBxI4)

<http://youtube.com/watch?>

2. 1) A partir das informações apresentadas sobre Machado de Assis, escreva no espaço que segue, as impressões que você teve a respeito do escritor, do tempo que ele viveu e o trabalho que realizou. *

3. 2) Durante a vida escolar, vários são os momentos que temos a oportunidade de ter contato com a leitura de obras literárias, tais como os contos. Nesse sentido, escreva abaixo um texto, relatando alguma experiência literária que você tenha lembrança. *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

8º ano A - 03/05/2021-Língua Portuguesa/Literatura.

Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas.

Piranhas, 03 de Maio de 2021.

Professora regente: Suzana Miranda Teles

Disciplina: Língua Portuguesa/Literatura.

Conteúdo: Memórias Literárias.

*Obrigatório

1. Nome completo *

Memórias — Teoria

Texto 1

Memórias são textos produzidos para rememorar o passado, vivido ou imaginado. Para isso devem-se escolher cuidadosamente as palavras, orientados por critérios estéticos que atribuem ao texto ritmo e conduzem o leitor por cenários e situações reais ou imaginárias. Essas narrativas têm como ponto de partida experiências vividas pelo autor no passado, contadas como são lembradas no presente. Há situações em que a memória se apresenta por meio de perguntas que fazemos ou que fazem para nós. Em outras, a memória é despertada por uma imagem, um cheiro, um som.

Esse tipo de narrativa aproxima os ausentes, compreende o passado, conhece outros modos de viver, outros jeitos de falar, outras formas de se comportar e representa possibilidades de entrelaçar novas vidas com as heranças deixadas pelas gerações anteriores. As histórias passadas podem unir moradores de um mesmo lugar e fazer que cada um sinta-se parte de uma mesma comunidade. Isso porque a história de cada indivíduo traz em si a memória do grupo social ao qual pertence. Esse encontro é uma experiência humanizadora.

O autor de memórias literárias usa os verbos para marcar um tempo do passado: pretérito perfeito e pretérito imperfeito. Eles indicam ações e têm a propriedade de localizar o fato no tempo, em relação ao momento em que se fala.

O narrador em primeira pessoa é o narrador-personagem ou narrador-testemunha. No caso de memórias teremos, geralmente, o narrador-personagem, que tem por característica se apresentar e se manifestar como eu e fala a respeito daquilo que viveu. Conta a história dele sempre de forma parcial, considerando um único ponto de vista: o dele.

Geraldo Canuto

Disponível em: <http://generostextuais2010.blogspot.com.br/2010/03/blog-post_2077.html>. Acesso em: 30 de Maio de 2021.

O gênero memórias literárias

Texto 2

Memórias literárias são textos produzidos por escritores que dominam o ato de escrever como arte e revivem uma época por meio de suas lembranças pessoais. Esses escritores são, em geral, convidados por editoras para narrar suas memórias de um modo literário, isto é, buscando despertar emoções estéticas no leitor, procurando levá-lo a compartilhar suas lembranças de uma forma vívida. Para isso, os autores usam a língua com liberdade e beleza, preferindo o sentido figurativo das palavras, entre outras coisas. Nessa situação de produção, própria do gênero memórias literárias, temos alguns componentes fundamentais:

um escritor capaz de narrar suas memórias de um modo poético, literário;
um editor disposto a publicar essas memórias;

leitores que buscam um encontro emocionante com o passado narrado pelo autor, com uma determinada época, com os fatos marcantes que nela ocorreram e com o modo como esses fatos são interpretados artisticamente pelo escritor.

A situação de comunicação na qual o gênero memórias literárias é produzido marca o texto. O autor escreve com a consciência de que precisa encantar o leitor com seu relato e que precisa atender a certas exigências do editor, como número de páginas, tipo de linguagem (mais ou menos sofisticada, por exemplo, dependendo da clientela que o editor procura atingir).

Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/index.php?view=article&catid=23%3Acolegao&id=215%3Ao-genero-memorias-literarias&option=com_content&Itemid=33>.

Acesso em: 30 de Maio de 2021.

Leia o texto original "Adão e Eva" de Machado de Assis e responda:

2. 1) O que o texto te fez pensar? *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

	Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas
	Professora regente: Suzana Miranda Teles Disciplina: Língua Portuguesa Série: 8º ano ____ Data: 10/05/2021 Aluno: _____
ATENÇÃO: <input type="text" value="A atividade deve ser realizada no caderno conforme apresentada."/>	
<input type="text" value="Produção de texto. Gênero: Memórias literárias. Atividade 1."/>	
PROPOSTA	
1) Após as leituras e comentários sobre as obras apresentadas na sala de aula virtual (google meets), elabore um texto de memórias literárias contando sobre suas experiências de leitura (s) na infância, sejam elas (re) contadas pelo professor (a), ouvidas no contexto familiar pela intervenção dos pais, avós ou lidas por você, jovem leitor. (no mínimo uma página e meia. Caneta azul ou preta)	

8º ano A-17/05/2021-Língua Portuguesa.

Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas.

Piranhas, 17 de Maio de 2021.

Disciplina: Língua Portuguesa

Professora regente: Suzana Miranda Teles

*Obrigatório

1. Nome completo *

- 1) Após a leitura do conto literário "A teoria do Medalhão" de Machado de Assis, responda:

2. a) O que é ser um medalhão? *

3. b) Como o autor Machado de Assis descreve a sociedade da época? Explique de acordo com sua compreensão da leitura do texto. *

- 2) Após a leitura do texto podemos perceber que Machado de Assis apresenta algumas características sociais, bem como tradições e costumes familiares. Nesse sentido, elabore um texto de memórias literárias de uma situação que você considerou muito importante na sua vida. (A atividade número 2 deve ser realizada no caderno)

8º ano A- 24/05/2021-Língua Portuguesa.

Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas.

Piranhas, 24 de Maio de 2021.

Disciplina: Língua Portuguesa.

Professora regente: Suzana Miranda Teles

Gênero: Conto/Memórias Literárias.

*Obrigatório

1. Nome completo *

- 1) Sobre o conto "Adão e Eva" de Machado de Assis, responda:

2. a) Qual é o espaço que acontece a narrativa? *

3. b) Escreva os nomes dos personagens envolvidos. *

4. c) Qual é o tema do conto? *

- 2) Sobre o conto "O espelho" de Machado de Assis, responda:

5. a) Qual é o espaço que acontece a narrativa? *

6. b) Escreva os nomes dos personagens envolvidos. *

7. c) Qual é o tema do conto? *

3) Sobre o conto "A teoria do Medalhão" de Machado de Assis, responda:

8. a) Qual é o espaço que acontece a narrativa? *

9. b) Escreva os nomes dos personagens envolvidos. *

10. c) Qual é o tema do conto? *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

8º ano A- 31/05/2021-Língua Portuguesa.

Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas.

Piranhas, 31 de Maio de 2021.

Disciplina: Língua Portuguesa

Professora regente: Suzana Miranda Teles

Gênero conto- As três maçãs

*Obrigatório

1. Nome completo *

- 1) Após a leitura do conto "As três maçãs" da coleção de contos árabes , responda:

2. a) - O que você achou do texto? *

3. b) - O que o texto te fez pensar? *

4. c) - Como se sentiu após a leitura do conto? *

5. 2) -Você já ouviu falar ou leu, outros contos da coleção de obras de ficção "As mil e uma noites"? Qual? *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

8º ano A - 07/06/2021-Língua Portuguesa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas.
Piranhas, 07 de Junho de 2021.
Disciplina: Língua Portuguesa
Professora regente: Suzana Miranda Teles
Tema: Gênero conto/ O incômodo cadáver .

***Obrigatório**

1. Nome completo *

Leia o conto "O incômodo cadáver" para responder as questões.

2. 1) O que o título do conto lido "O incômodo cadáver" te fez pensar? Explique. *

3. 2) Na leitura da obra, podemos identificar características relacionadas a condição humana, que demonstram atitudes que fazem parte do cotidiano dos indivíduos em sociedade. Nesse sentido, quais características você conseguiu identificar no texto lido? Explique-as. *

4. 3) Você já leu algum texto semelhante a este "O incômodo cadáver"? Se sim, qual? *

4) Sobre os textos lidos:

- ADÃO E EVA - MACHADO DE ASSIS
- A TEORIA DO MEDALHÃO - MACHADO DE ASSIS
- O ESPELHO - MACHADO DE ASSIS

- AS TRÊS MAÇAS- Coleção da obra as Mil e uma noites. (Contos árabes)
- O INCÔMODO CADÁVER - Coleção da obra as Mil e uma noites. (Contos árabes)

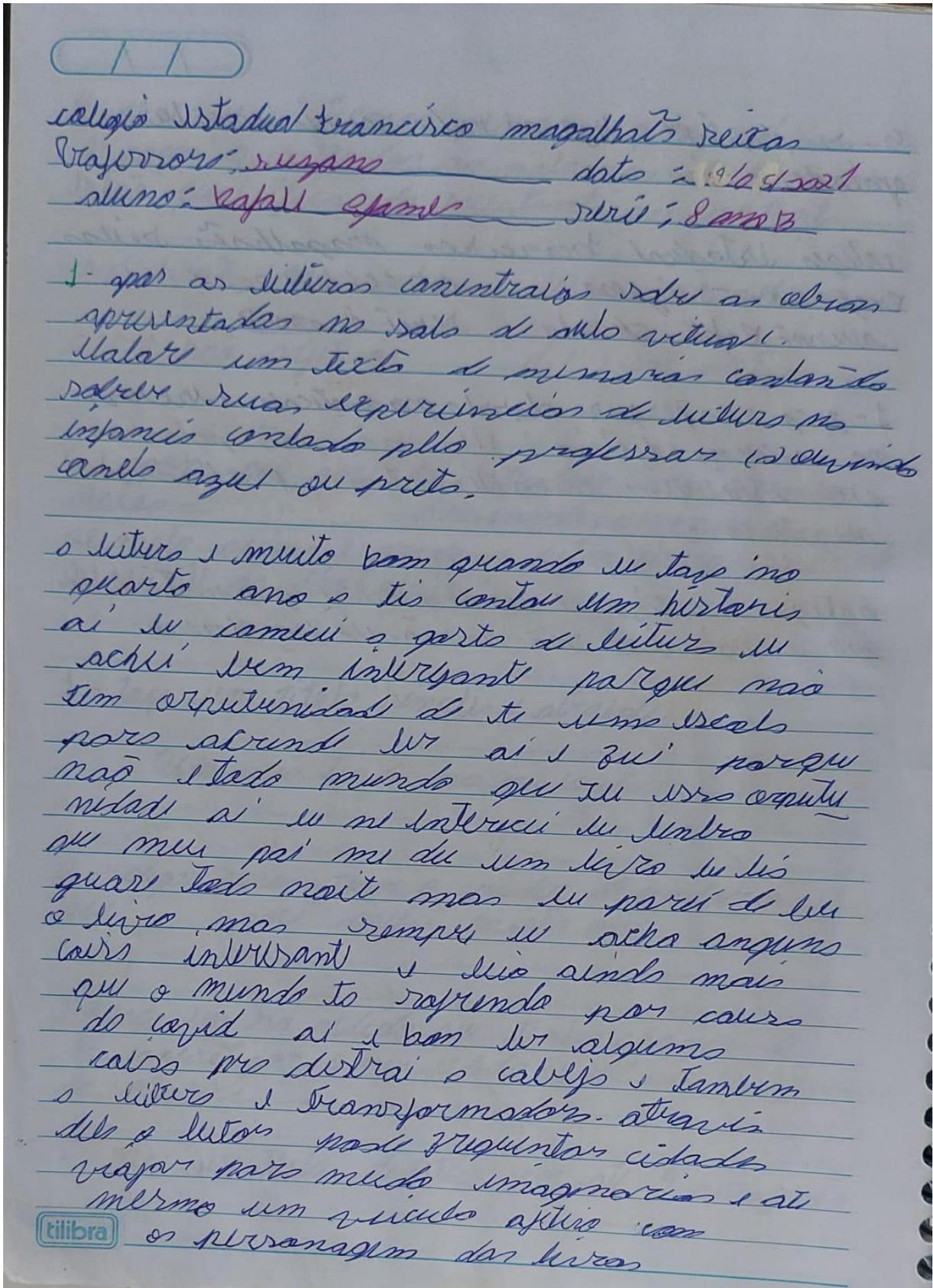
5. a) Quais dos textos lidos você mais gostou ou se identificou? Por quê? *

6. b) Quais dos textos lidos você não gostou, ou, não se identificou? Por quê? *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Apêndice 4. Atividades realizadas pelos alunos durante o modelo de ensino remoto



Um exemplo censurado por sua
 capacidade de influenciar as mudanças dentro
 do governo brasileiro na Brasil a defesa
 da literatura foi censurada em dois períodos
 durante o Estado novo no qual Getúlio Vargas
 era presidente e durante os anos
 do Estado militar - também o
 literário e um ponto importante de projeto
 mas por incrível que pareça o grau
 totalidade não senti isto ser
 a importância do literário em si secretário de
 e coexistiu com o literário e compreender que
 o literário sabe o seu momento e o senso de
 humanidade e incentiva o literário além de ser
 uma importância ação cultural promover também
 a inclusão racial e o fortalecimento de
 novas ideias o literário e tão importante e
 útil ao mesmo espírito assim como o literário
 que nos livros de escravidão

Puranhos 28/06/2021

Aluna: Julio Rodrigues Almeida Gouveia
8^ºB

Primeiro texto História Leticia

Na minha infância ouvia minha mãe contar a história sobre a Cinderela.

Na história Cinderela era uma moça muito sonhadora e humilde, mas com a perda de seu pai ela sofreu com os maus tratos da madrasta que sempre a esmagava.

Na história aprendemos que, mesmo que tenhamos maus tratos e ser egoísta com as pessoas, Cinderela sofreu bastante por conta de sua madrasta, que sempre quis ser superior e queria ter tudo de Cinderela principalmente sua vida e beleza.

Eu gostei da parte que Cinderela conheceu o príncipe e se casou.

E eu aprendi que no vida nada se consegue humilhando as pessoas e trapaceando, quando não quer uma coisa batalhe por ela.

Segundo texto literário.

Algo que marcou muito minha vida, foi o falecimento do meu avô quando eu tinha 3 anos de idade. Um acontecimento que eu tento superar até hoje, essa marcou minha vida porque além de eu não ter aproveitado ela muito, eu a perdi cedo de mais. Mas nada é para durar.

"A vida é dor e sofrimento se você preferir, afinal de contas eu não lembro de ter sofrido antes de morrer, e tenho a nitida impressão de que não sofri depois de morrer."

A filosofia marcou muito minha vida, e eu acho que sem a filosofia estarei perdido, então esse são as coisas que marcou minha vida.

Eu comecei a ler filosofia pela internet, depois disso eu acabei pedindo um livro. ;

Terceria texto literario

Quando eu fazia 6º eu lia fabulas gostava da Leão e o ratinho essa fabula as pessoas nunca esquecem? Uma fabula que passa uma mensagem, repetira moral, que e "Um leão agao ganha outra!"

Na fabula conta que uma vez o ratinho ficou preso no pata do leão, mas ele o solto, ai neste dia o leão acabou sendo preso nas redes dos caçadores, e o ratinho na intençao de ajudar, roeu com os seus dentes afiados as cordas do armadilha e solto o leão, por isso o moral e

"Um leão agao ganha outra!"

A fabula o "Burro e o leão" e bem interessante, porque a mensagem que passa se diz, que não devemos se importar pra contar coisas que as pessoas diz, e nem perde o tempo brigando com pessoas arrogantes

O burro simplesmente agude com palavras o leão, mas o leão não ligou

Moral: Não de ouvidos a certas coisas.

D S T Q Q S S

Projeto Estadual prêmios moçambicos
 pirâmides, 10 de maio de 2024
 Aluno: Rodrigo Lima dos Santos

Série: 8^o ano "B"

Atividade de Língua Portuguesa

1) Após os leituras e comentários sobre as obras apresentadas na sala de aula Virtual (google meet), elabore um texto de memória literária com tópicos sobre sua experiência de leitura (S) na infância, sejam elas (RE) contadas pelo professor (A), vividas no contexto familiar pela intervenção dos pais, avós ou lidas por você, serem leitor. (no mínimo uma página e meia, conta azul ou preta).

Valor da Infância

Rodrigo

12 anos de idade

Eu morava na cidade de Correntina no estado da Bahia.

Eu estudava no período matutino; certo dia, na escola, chamei os meus amigos para ir à biblioteca ler um livro. Olhamos muitos livros mas nenhum me despertou interesse. Fiquei mais algumas horas procurando um bom livro mas não encontrei. Eu já tinha desistido de ler.

SÃO DOMINGOS

Então foi quando um dos meus amigos me trouxe um livro que eu gostei muito.

No dia seguinte comecei a ler o livro que se chamava Sítio do Picapau Amarelo.

Demorei mais ou menos 3 semanas para ler o livro.

O livro é uma série de 23 volumes de literatura fantástica, escrita pelo autor brasileiro Monteiro Lobato (entre 1920 e 1947)

Um pequeno resumo desse livro é:

As histórias de Sítio do Picapau Amarelo são ambientadas no sítio de Dona Bento, uma simpática senhora que vive afastada da correria e do barulho da cidade. Ela conta com a amizade do Tio Anastácio, que cozinha deliciosas quitutes para ela e sua neta Bríndis, mais conhecido como Morizinho.

As principais personagens do Sítio do Picapau Amarelo são: Dona Bento, Pedrinho, Morizinho, Emília, Tio Anastácio, Visconde de Sabugosa, Tio Barnabé, Marquês de Rabisco, o burro Conselheiro e o renascido Quindim.

O Sítio do Picapau Amarelo está morando no meu coração até nos dias atuais. Pois eu gostei muito da diversidade cultural e da alegria dos personagens. Agradeço muito ao meu amigo por ter me apresentado o

livro, porque se não fosse ele, eu não teria conhecido esse livro tão especial premiado.

Colégio Estadual Francisco Magalhães Neves,
Piranhas, 17 maio de 2022

Aluno: Rodrigo Fume das Santos,
Série: 8º ano "B"

Atividade de
Língua portuguesa

2) Após a leitura do texto podemos perceber que Machado de Assis apresenta algumas características sociais, bem como tradições e costumes familiares. Nesse sentido, elabore um texto de memórias literárias de uma situação que você considere muito importante na sua vida.

Viagem

Eu era uma criança quando meu pai foi trabalhar na cidade de Piranhas - Goiás, 3 meses depois, decidimos nos mudar para lá. Essa foi a minha primeira viagem com 10 anos de idade. Viemos de carro próprio. Sempre moramos na fazenda, e dessa vez não foi diferente. Já morei em 4 fazendas diferentes. Porém, nos mudamos há 2 anos. Assim que nos mudamos eu e minhas irmãs começamos a estudar. Hoje tenho 12 anos, estudo no 8º ano "B", e sei dirigir a máquina das máquinas agrícolas aqui na fazenda. Essa viagem

mudou a minha vida, pois através dele
eu consegui ter mais conhecimentos e aprendi-
sagens.

D S T Q Q S S

/ 0 /

Colégio Estadual Francisco Magalhães S.
piranhas, 27 de junho de 2021

Aluno: Rodrigo Lima - 12 anos

prof: Suzana Teles Serui: 8: ano "B"

Disciplina: Língua Portuguesa

Memórias Ditorárias

Pinóquio

Pinóquio é um conto que relata sobre um menino feito de madeira criado por Gepeto onde o menino ganhou vida por uma tábua azul, o garoto mentia para todos, cada vez que ele mentia seu nariz crescia um pouco.

depois de alguns dias, quando o Pinóquio já era um menino (humano).

Gepeto foi engolido por uma baleia e pinóquio foi engolido logo após seu pai, os dois foram salvos e expulsos da baleia e viveram felizes para sempre.

Esse é um pequeno resumo do livro que eu li, faz algum tempo que eu li, por isso não sei se o meu resumo está completamente correto.

Alguns dos detalhes que eu lembro é que quando eu morava no estado da Bahia, fui na biblioteca da escola que eu estudava e encontrei esse livro de pinóquio e comecei a ler...

SÃO DOMINGOS

D T Q Q S S

No início eu achei muito interessante o livro,
 porém, quando li mais algumas páginas
 não gostei dos mentirosos que o Pinóquio contou
 para as pessoas, mas, na minha opinião
 essa história foi uma lição, porque a mentira
 trás apenas coisas ruins para a nossa vida.
 Sempre que fizermos alguma coisa de errado
 não vai levar para o bem conosco e sim
 para o mal conosco, porque mentir para
 as pessoas não seria uma boa ideia
 pois as pessoas perderiam a confiança
 completamente em você por isso tem
 que falar só a verdade seja o que for
 É isso que eu entendi do
 conto O Pinóquio.

Minha experiência com Toxas

Bem, meu nome é Aníbal Karlo, nunca gostei de ler, mas sempre lia com meus pais.

Fui alfabetizado em casa, com quatro anos, por isso, comecei a ler bem cedo, com livrinhos de princesas, como, brances de neve e os sete anões, Cinderela etc. E com cinco anos de idade, entrei no primeiro do ensino fundamental.

No quinto ano, eles passavam quase todos os meses lendo para mim e escrevemos relatos sobre o mesmo.

Eu estudei em um ano escolar municipal até o quarto ano, o mesmo ano virou municipal e militarizado; então as coisas mudaram um pouquinho, já em relação aos livros, continuou igual. Estudei lá por um ano ~~ou~~ até o quinto ano.

Quando no meu último ano de ensino fundamental 1, estudei um livro, muito bom, chamado Toxas.

O livro, traz uma mensagem muito marcante de cotidiano dos jovens.

Também que o livro Toxas, foi escrito por Gilberto Mattje em 2009.

- Ele se sentiu rejeitado pelos pais, que vivia em brigas.

Lembro também, que Texas entrou no mundo das drogas, e seu professor e uma amiga, o ajudou a sair desse mundo.

Sempre imaginei esse amigo como um mínimo de cabelos ruivos curto de pele não muito clara, e de uma altura aproximada de 1,55 a 1,60. E o professor, com a pele escura de cabelos cacheados, um homem bem musculoso e alto com seus 185 a 188 de altura.

Hoje em dia, gosto mais de ler, um que não qualquer literário, mas sim um chamado 'fanfic'.

Esse conceito consiste em uma pessoa escrever um histórico que o personagem principal e a SIH (seu nome) e o seu idolo; Não vou entrar em detalhe sobre esse gênero, pois posso acabar escrever um livro de 500 páginas, mas é muito bom e nos ensina muitas coisas.

Amei a experiência de ler os livros, texto e, contudo cheguei a conclusão que, todas as pessoas precisam de uma oportunidade de melhorar suas vidas, não necessariamente

mente sobre riquezas, mas sobre condições de vida tranquilamente.

11/1/20

Eu comecei a leitura pela minha mãe, ela sempre lia livros pra mim, foi por causa dela que eu me interessei pela leitura, e com isso não tive nenhuma dificuldade em aprender a ler.

A minha mãe sempre trabalhava, então ela não tinha muito tempo disponível, mais sempre que podia ela parava um pouco pra poder ler para mim, ela também me incentivava a aprender a ler. Eu gostava muito de ouvir ela contando essas histórias, me lembro até hoje, ela me contava a história da chapeuzinho vermelho.

Foi a minha melhor experiência com a leitura. Na escola também não foi diferente, desde que eu entrei eu aprendi a ler muito rápido, então a escola teve um papel importante para mim em relação a leitura, lembro que eu ficava na minha carteira quietinha só lendo algum livro. Sem contar com as professoras que gostavam da minha leitura, e me incentivaram mais.

Quando eu entrei na terceira série de ensino fundamental, comecei a ler livros medianos, que não tinham muitas páginas e nem poucas. Foi me familiarizando ainda mais. Sem contar com as leituras de alguma atividade na sala de aula.

Quando eu entrei no quinto ano eu já começava a fazer resumos dos livros que eu lia, um livro que eu realmente gostei foi "TOSCO", realmente gostei muito. No sétimo ano comecei a ler vários livros, um que também gostei muito foi "O BOM GIGANTE AMIGO: BGA" é um dos meus preferidos.

 É eu tenho certeza que no futuro vou continuar

lendo livros, porque a literatura é realmente espetacular e maravilhosa.

Evelyn - 14 anos

Início do amor pela Literatura

Colégio Estadual Francisco Magalhães Leivas
Pirambas, 17 de maio de 2021

2- Após a leitura do texto podemos perceber que Machado de Assis apresenta algumas características sociais, bem como tradições e costumes familiares. Nesse sentido elabore um texto de memórias literárias de uma situação que você considerou muito importante na sua vida.

Uma vez, lá no 3º ano, eu tinha uns oito ou sete anos, eu estava meio triste porque eu era novata e não conhecia ninguém, eu seja, não tinha ninguém pra brincar, e eu era tímida. Citei que, um garoto (eu esqueci o nome) chegou perto de mim e começamos a conversar, aí ela perguntou se eu gostava de ler, eu respondi que sim, então ela foi pra biblioteca dela e voltou com dois livros. Ela disse que tinha pegado na biblioteca e que a gente tinha que terminar de ler rápido pra podermos devolvê-los.

A gente ficou um tempo lendo os livros e depois que a gente terminou começamos a comentar sobre eles. Depois disso nos tornamos amigas, e sempre vamos a biblioteca juntas. Isso foi importante pra mim porque a literatura me

deu uma amiga, a literatura me traz coisas boas.

Evelyn - 14 anos

Amizade na Literatura

21/06/2021

Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas
Piranhas, 21 de junho de 2021

Um livro que é muito memorável para mim é o livro "Tosco", eu realmente gostei muito dele, mais que conta a história de superação dele, faz muito tempo que eu li esse texto então talvez eu não me lembre muito. Eu me lembro que a vida dele com a família não era muito boa, o seu pai era agressivo, e sua mãe não dava muita atenção. Ele era realmente muito sozinho, sofria calado, e chorava escondido e bem baixinho, para ninguém escutar. Começou a brigar para se sentir importante, dessa forma ele mais que se sentia "especial", ele realmente ganhava muita moral com isso.

Citi que ele começou a conhecer pessoas ruins como o Pitbull, e foi assim que ele começou a fumar e se drogar, começou a robar. Ele entrou em um mundo que ele achava que era o melhor coisa. Ele era expulso das escolas, pois nenhuma suportava ele e a sua personalidade, e ainda mais sem nenhum apoio desde criança, claro que isso foi uma das causas dele ter se tornado aquilo. Citi que um dia, um professor começou a ajudá-lo, o professor Jefferson realmente ajudou muito o Tosco a sair daquela vida. Tosco conseguiu um emprego, começou a tentar mudar a forma de vida dele, começou a tentar uma vida diferente daquela que ele vivia. E conseguiu ele se libertar de tudo que o atormentava.

Começou a fazer faculdade e trabalhar duro a noite. Citi que ele conheceu Laura, um pre

tilibra

21/06/21

sente para Teco que o fez mais feliz. Começou a realizar seus sonhos. Fez as pazes com a mãe, se formou e ainda se tornou professor de Educação física, e ainda se tornou pai. Essa é realmente uma história de superação, que tudo é questão de escolhas e que tudo tem o seu preço.

Evelyn - 14 anos

data
 fecha

D	S	T	Q	Q	S
D	L	M	M	J	V

Quando eu tinha entre três a quatro anos eu me lembro que via em uma "escolinha" de alfabetização da minha igreja, e lá foi onde eu comecei a aprender a ler e a escrever, além de ser o lugar onde eu entrei em contato com os primórdios clássicos. Eu me recordo que a primeira história bíblica que me foi mostrada era, a história de Eva, eu me lembro da sensação de quando a professora me esse texto para mim, eu fiquei indignado de lá porque Adão e Eva pecaram mesmo tendo tudo, eu não consigo entender o porque dele ter feito isso, e ainda por cima, ter me amaldiçoado no meio disso tudo. Lá eu não consigo entender as palavras da Bíblia, mas graças a isso eu entendi quando que as palavras não são de formas diferentes. Eu me lembro que aos 8 anos li novamente esse texto e dessa vez fui discutir com minha mãe sobre o texto, ela falou que ela não percebeu porque escreveu isso como se ela não achava que os outros idiotas e idiotas, falei minha opinião sobre o texto e ela me explicou que cada um tem um ponto de vista e que devemos respeitá-los, de qualquer forma foi um texto que me ajudou a entender isso, e sou muito grato.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEED
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas.

Piranhas, ^{setembro} 03 de agosto de 2021.

Professora regente: Suzana Miranda Teles

Pesquisa: A recepção de clássicos da Literatura na Educação básica: desafios e possibilidades no âmbito da docência.

Aluno (a) Juan Karllon Elias de Sousa Turma: 8º ano B"

Letão e Eva - Machado de Assis II Part.

Juan Karllon - 13 anos.

Quando eu tinha entre três a quatro anos eu me lembro que ia em uma "escolinha" de alfabetização da minha igreja, e lá foi onde eu comecei a aprender a ler e a escrever, além de ser o lugar onde eu entrei em contato com os meus primeiros clássicos. Eu me recardo que o primeiro clássico que me foi mostrado era o "Letão e Eva", eu me lembro da sensação de quando a professora leu um texto para mim, eu fiquei indignado de ser porque Letão e Eva pareceram mesmo tendo tudo, eu não conseguia entender o porque deles ter feito isso, e ainda por cima, ter nos amaldiçoado no meio disso tudo! Até hoje não consigo entender ao pé da letra, mas graças a esse texto eu aprendi que as pessoas pensam de formas diferentes. Eu me lembro que aos 8 anos li novamente esse texto e dessa vez fui discutir com minha mãe sobre o texto, ela falou que Eva pecou porque queria ser como Deus, mas eu achava que ela só era idiota e egoísta, falei minha opinião sobre a minha mãe me ensinou que cada um tem seu ponto de vista e que devemos respeitá-lo, de qualquer forma foi esse texto que me ajudou a entender isso, e sou muito grato.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - FPGEEB
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas.

Piranhas, 16 de agosto de 2021.

Professora regente: Suzana Miranda Teles

Pesquisa: A recepção de clássicos da Literatura na Educação básica: desafios e possibilidades no âmbito da docência.

Aluno (a) Luiz Gomes Ribeiro Turma: 8º ano _____

Chapéu Vermelho memória Histórica
Luiz - 12 anos

Uma história infantil que marcou a minha infância foi a do Chapéuzinho Vermelho. Eu estava na quinta série quando isto me marcou, eu estava estudando quando a minha professora falou para a turma que nós faríamos uma peça teatral sobre a história do Chapéuzinho Vermelho, ali ela designou as personagens, após a designação ela contou a história detalhada, com contos sobre como eu interpreto a história infantil do Chapéuzinho Vermelho.

Em a história gira em torno de uma garotinha cuja idade citada é entre 10 a 14 anos, ela se chama Chapéuzinho Vermelho por que ela usa uma capa vermelha, continuando a história, um certo dia sua mãe pediu para ela levar um bolo / Pão para a sua avó que estava com grandes enfermidades, ela foi até a avó mas encontrou um lobo tentando enganar a

data . . .
 fecha . . .
 D S T Q A S S
 D L M M J V S

falando que era caminho mais curto
 sendo que a verdade era mais longo,
 Perigoso, então o lobo foi mais rápido
 na casa da avó e adivorou, colocou a roupa
 dela, depois de um tempo o Chapeuzinho
 chegou e ficou conversando com o lobo, o
 lobo então pegou a menina e para descer
 a garatinha, até que o lobo perdeu
 a paciência e começou a correr atrás do
 Chapeuzinho, aí perto um capado e tinha
 o gosto de sangue da garota, então
 após chegar ele aliou no lobo, então
 após o almoço do lobo e salva a norozi
 nha,

Com este historia é de minha memória
 infantil

Ariel Gomes R.
 12 anos



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEED
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas.

Piranhas, 03 de agosto de 2021.

Professora regente: Suzana Miranda Teles

Pesquisa: A recepção de clássicos da Literatura na Educação básica: desafios e possibilidades no âmbito da docência.

Aluno (a) Priscil Gomes Turma: 8º ano A

Memória Vermelha - II Part

É um recorde de uma história infantil que marcou a minha infância foi a da Chapeuzinho Vermelho, eu estava na quinta série quando isto me marcou, eu estava estudando quando a professora falou para a turma que nós faríamos uma peça teatral sobre mesmo, após ela conversar a turma quem queria participar das personagens, ela dirigiu as personagens, eu fui um deles mas não me lembro qual, outro ponto pare se destacar é que a peça foi apresentada apenas para a sala de aula. Por momentos é isto, agora vou começar a contar os pontos interessantes desta peça.

A história gira em torno de uma garotinha em torno de 10 a 11 anos, ela era conhecida como Chapeuzinho Vermelho pois ela usava uma capa vermelha. [...] Um certo dia sua mãe lhe pediu para ela levar alguns doces para a sua avó que estava enferma, então ela saiu para levar esses doces para sua avó, no caminho ela tinha se deparado com um lobo, o lobo estava tentando enganar ela mostrando vários outros caminhos, infelizmente a Chapeuzinho Vermelho foi enganada, assim o lobo foi até a casa primária e a avó [...]. Depois a gente chegou lá, mas o lobo estava com a roupa de sua avó, e a história continua.

Comentário:

Em isto é uma memória de minha mente, pois ela trata algo Marcante e interessante (que no caso seria: Nunca se deve levar por um estranho (seu enganado(a)) pois há vera com quem não é muito agradável. Bem as contos e as contos

Priscil - 12 anos

em esta ^{para reparar} ~~para~~ ^{reparar} algo, como "não acreditar em estranhos," no caso da história da Chapeuzinho Vermelho, os professores ou familiares tendem a contar essas histórias como fábulas para reparar um ensinamento que será importante no decorrer de sua vida.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEED
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas.

Piraiñas, 16 de agosto de 2021.

Professora regente: Suzana Miranda Teles

Pesquisa: A recepção de clássicos da Literatura na Educação básica: desafios e possibilidades no âmbito da docência.

Aluno (a) Ricard Gomes Ribeiro Turma: 8º ano 1

A memória do Espelho.

16/08 - 1º ano

Bem um conto que eu achei muito interessante e sobre o
 conto O Espelho, que se trata sobre um
 homem que foi nomeado como um "general"
 do exército, ele foi nomeado de alto
 cargo, ele foi tão, como eu posso dizer
 o abençoado de todas as maneiras ele
 se tornou um general de um exército, ele
 se tornou um superior aos outros
 e os seus companheiros o elogiavam
 todos os seus aliados e subordinados
 tinham inveja da maneira que o
 protagonista liderava os outros, o dia
 em que um dia teve o orgulho de
 "pluri", mas um dia ele viu um espelho
 antigo de sua família e quando ele
 viu o seu "reflexo" ele viu aquele se
 tornou um homem pobre e se perguntou
 de sua verdadeira origem, de um homem
 pobre que não se auto-proclamava
 superior aos seus amigos/companheiros,
 bem está como uma breve memória inventada.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEEB
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas.

Piranhas, ^{setembro} 02 de agosto de 2021.

Professora regente: Suzana Miranda Teles

Pesquisa: A recepção de clássicos da Literatura na Educação básica: desafios e possibilidades no âmbito da docência.

Aluno (a) Immanuel Evandro Cunha Turma: 8º ano B

Lembranças do Conto Cinco e Cada Um

Immanuel - Idade 19

No início de 2021 lembro que eu estava do
minha aula online de português, um dia prof-
sor me apresentou a gênero de narrativa literária
isso era uma coisa nova para mim e acabou me
lembrando como aprendi a ler, lembro que eu
tinha 9 anos e estava no jardim em uma escola
minha professora apresentou contos e achei incrível
aquilo e comecei a gostar muito, também lembro
que no 1º ano minha professora mostrou uma conto
literária, chapeuzinho vermelho, três porquinhos e
Cinderela gostei muito deste conto, lembro que em
2018 o vídeo eu estava vendo na minha televisão
e achei a história do cinderela, isso me fez lembrar
do conto literário ^{que eu li no 1º ano} que eu li e minha professora
me mostrou histórias em quadrinhos e ficamos
dias estudando isso e recentemente minha professora
me mostrou um novo conto e isso me fez lembrar
este vídeo meu conto favorito pois foi lá que conheci
o conto mostrou um homem honesto chamado Delimian
chamou um cercadorinho para pagar e ele acabou

realizou ~~meu~~ ^{meu} ~~engajado~~, ~~então~~ ^{mas} o martírio do coronavírus
 foi passando, tive contato com este texto durante as aulas
 online que ocorreram durante a pandemia do covid-19.
 Lembro que no início da pandemia fecharam as escolas
 e falavam que iriam ser apenas 14 dias mais sempre quando
 estivessem perto de voltar as aulas aumentavam o tempo para
 retornar, e isso foi me deixando triste porque eu queria
 ver meus amigos, e depois de 1 ano e 6 meses que as
 aulas retornaram, fiquei muito contente por ver meus
 amigos, mas temo que manter distanciamiento

data
 fecha 02.09.27
 D S T Q Q S S
 D L M M J V S

Os três porquinhos 11, parte

Nome: Pedruge

Idade: 13 anos

Em um belo dia sai da minha casa para ir para a escola, no intervalo de recreio tive uma ideia, chamei os amigos para ler um livro, poucos porém, procuramos um livro e achamos um que era muito interessante, começamos a ler o livro que se chamava Os três porquinhos, e ficamos admirados com a esperteza dos porquinhos, para fugir do lobo, eu gostei muito desse livro porque ele me trouxe esperança pra nunca desistir dos seus sonhos, pois eles algum dia vai se realizar, igual a dos porquinhos que sonhou em fugir do lobo e virou verdade, em seguida acabamos de ler o livro, fomos procurar outros mas nenhum nos interessou igual a dos três porquinhos. A parte que eu mais gostei no livro foi que ninguém havia ensinado eles a fazer nada, eles aprenderam as coisas sozinhos e eu aprendi com os porquinhos que na vida tudo que fizermos com pressa não vai dar certo, então não adianta querer tudo que é fácil pois devemos começar com uma base bem feita.

A parte que eu mais gostei foi quando o lobo correu atrás dos porquinhos e quase matou eles mas felizmente o porquinho conseguiu se refugiar na casa de irmão mais velho, que era feita de tijolo. Eu achei interessante quando os porquinhos saíram de casa. Mas será que eles fizeram a coisa certa.

data
 fecha
 0 3 1 0 3 3
 0 1 0 0 1 0

Memórias da infância
 Ellaysa Alves Gomes
 idade = 13

Bom, quando eu era mais pequena, eu estava aprendendo a ler, então eu gosto de ler, aqueles livros infantis eles tinham imagem eu achava muito bom, ler o ver as imagens e agora que estou mais grande, continuo gostando de livros mais infantil acho mais legal não gosto de ler livros sem imagem, como eu estava aprendendo queria ler muito mais agora que estou mais grande gosto de ler menos. Bom mais agora que estou com o meu 13 anos a professora de português passou um conto chamado as três moças e eu gostei muito dele, não sei explicar por que eu gostei e uma coisa entre eu e ele.



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
 ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
 MESTRADO - PPGEED
 CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO**



Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas.
 Piranhas, 01 ^{de setembro} de agosto de 2021.
 Professora regente: Suzana Miranda Teles
 Pesquisa: **A recepção de clássicos da Literatura na Educação básica: desafios e possibilidades no âmbito da docência.**
 Aluno (a) Ellaysa Alves Gomes Turma: 8º ano A

Memória das Três Moças II - parte
 Ellaysa Alves Gomes idade = 13

Bom eu nunca estudei, conto de memória literária estou no 8º ano, e comecei a estudar, estava nas aulas online, por causa do covid, a professora de português passou as tarefas, lembrei que ela quer fazer um livro de memórias, ela passou várias coisas e eu gostei de um conto chamado as três moças, me lembrei que conta sobre, uma mulher que está muito doente e ela queria uma moça e o marido dela foi buscar e aí não tinha as moças se não quer saber mais vai ler o conto garanto que você vai gostar.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEED
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas.

Piranhas, 17 de agosto de 2021.

Professora regente: Suzana Miranda Teles

Pesquisa: A recepção de clássicos da Literatura na Educação básica: desafios e possibilidades no âmbito da docência.

Aluno (a) Ellyssa Athies gomes Turma: 8º ano A

As três maçãs

Ellyssa - 18 anos

Bom, certo dia a professora, passou o clássico, das três maçãs, como nós estávamos sem aulas presenciais nós estávamos fazendo online então a professora de português, passou para os alunos fazerem as tarefas e então ela passou o texto da Três Maçãs. O texto conta sobre uma mulher que está muito doente, e ela estaria com desejos de comer uma maçã então o marido dela imediatamente foi ao mercado comprar as maçãs, e quando ele chegou no mercado, não tinha maçãs. Um agricultor disse: 'Esta fruta é rara, só pode ser encontrada em Basra no jardim do califa'. O marido da mulher falou: Por amor à minha mulher, eu vou até Basra, em quinze dias e quinze noites. Ele falou que do voltar de Basra, encontrou a mulher ainda mais doente. Ele disse que a

data
fecha
D S T Q Q S S
D L M M J V S

colocou as três maçãs de lado e
ela não comeu. Ele falou que foi
a loja, dele e viu um escravo
passando e esse escravo estava
com uma maçã na mão. O marido
da mulher perguntou ao escravo:
A onde o senhor encontrou essa maçã
quero uma igual para mim.
O escravo respondeu: Eu estava
respondendo e depois que eu cheguei
de viagem, fui vizita, minha
amante e ela me deu umas das
três maçãs, ela falou que o mari-
do dela foi até Basra para pega
as maçãs. Ele falou que se ouvir
essas palavras, o mundo ficou
feito para ele, e ele fechou a
loja e foi para casa. Ao chega-
r ele tinha duas maçãs, ele
perguntou a ela: cada a outra
maçã? Ela respondeu: Não sei e
ai ele matou a esposa dele e jogou
ela no rio Tigre, e depois ele
estava andando, e viu o filho
chorando ao ver o filho chorando
perguntou ao filho: O que foi filho?
Ele respondeu: e que passou um
homem aqui e me tomou a
maçã que o senhor tinha pego
do parana mamãe, eu tinha
pegado, falei para o maçã que
o senhor tinha pegado em

D S T Q Q S S
D L M M J V S

Basra. ai o pai do menino
falou que fez sentindo o que
o menino disse, ai ele se
entregou para o rei. fim



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEEB
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas.

Piranhas, _____ de agosto de 2021.

Professora regente: Suzana Miranda Teles

Pesquisa: A recepção de clássicos da Literatura na Educação básica: desafios e possibilidades no âmbito da docência.

Aluno (a) Lina History Para Soares Turma: 8º ano A

Minhas Memórias Literárias

Meu Nome é Lina History Eu tenho 14 anos.

Atualmente eu tenho 6 anos eu estava na segunda série e ensino fundamental eu sou uma menina que tinha muita dificuldade na leitura mais eu sempre fui uma menina dedicada. Um dia a professora contou uma história para nós. Eu me apaixonei na história a história se chamava a Bela adormecida que é um conto muito bom e eu recomendo. Então eu decori a história da Bela adormecida. Eu professora abençoada a mim esforço, nunca perguntou se eu podia não apresentar na festa na final do ano. Eu me lembro que eu estava com muito medo de não chegar mas eu acabei e no dia da apresentação eu ensaiei tanto a história que no dia da apresentação eu não errei. E a professora me deu parabenos e depois disso eu comecei a ler mais que eu gosto muito para a professora me ajudar na leitura. Então lá eu achei clássicos literários infantis como Branca de Neve e os sete anões, Chapeuzinho amarelo e muitos outros. Então cada um mais eu li ficando mais na leitura e eu até hoje eu sei a história da Bela adormecida. E por isso que eu hoje eu sou na história infantil.



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEEB
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO**



Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas.

Piranhas, ~~02~~ ⁰¹ de ~~agosto~~ ^{Setembro} de 2021.

Professora regente: Suzana Miranda Teles

Pesquisa: **A recepção de clássicos da Literatura na Educação básica: desafios e possibilidades no âmbito da docência.**

Aluno (a) Robson Cristyanny P da Silva Turma: 8º ano 1

Na minha infância, os primeiros contatos que tive com os livros literários foi através do meu pai. Num belo dia ele chega em casa com um livro literário para mim da história da Bela e a Fera. Ele deu a história para mim e eu fiquei encantada. A partir daí, ele lia essa mesma história quase todos os dias e eu fui aprendendo a ler também e a me encantar com a literatura literária. Tive os meus momentos de desistência e aprendizada também. Posso dizer que na minha infância tive bastante experiência com livros literários. Porém, este gosto ficou só na infância mesmo porque fui crescendo e esse gosto diminuindo. Agora, com os aulas sobre os temas literários da professora Suzana, estou começando a tomar gosto novamente.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEEB
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas.

Piranhas, 02 de agosto de 2021.

Professora regente: Suzana Miranda Teles

Pesquisa: **A recepção de clássicos da Literatura na Educação básica: desafios e possibilidades no âmbito da docência.**

Aluno (a) Guilherme Augusto de S. Peres. Turma: 8º ano A

Guilherme - 13 anos.

Des de os três (03) anos de idade me recordo que todos os noites minha mãe fazia a leitura de uma livro que eu gostei muito. Lembro-me que ele tinha 365 páginas, uma página para cada dia do ano, o nome era: (Smilingada e sus turmas), foi meu primeiro contato com a literatura que me criou a memória.

Eu tinha muita vontade de ir para a escola; então aos três (03) anos fui matriculado em uma escola, mas me lembro a mãe dela me lembra que todos os dias eu levava na escola de dente para a escola, palmeira a brigatária, os professores eram super legais e cantavam histórias todos os dias, todos os dias eu participava das quadras (Festa de São João), com vários danças e músicas. Até hoje me lembro das roupas e pinturas que fazíamos nas festas.

Quando minha idade tinha quatro (4) anos, e já tinha muita vontade de aprender a ler, e na primeira (1ª) aula de ensino fundamental já lia alguns pequenos livros, como: Os três porquinhos, que foi o primeiro que mais gostei de ler, e contava a história para meus colegas.

Após que quando aprendi a ler, fiquei muito entusiasmado, quando saía de casa, passava horas todos os finais de semana, formações, etc. foi muito importante
Esses livros que minha mãe lia para mim, pois me proporcionou a facilidade de interpretar e compreender a leitura de textos diversos.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEEB
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas.

Piranhas, 16 de agosto de 2021.

Professora regente: Suzana Miranda Teles

Pesquisa: **A recepção de clássicos da Literatura na Educação básica: desafios e possibilidades no âmbito da docência.**

Aluno (a) Nicelle Brito de Jesus Almeida Turma: 8º ano "C"

Memórias de Nicolle

nicolle - 13 anos

Quando eu estava no 1º ano minha mãe me contou uma história chamada Chapeuzinho Vermelho. Eu entendi que não podemos acreditar em histórias, pois na história, o lobo fala para a chapeuzinho ir pelo caminho mais longo, para ele se tornar o vizinho da chapeuzinho, minha mãe me contou essa história quando eu estava em casa no avô, e uma parte que ela me falou a mãe fazia parte um que é caçar, mata o lobo e tira a minhoca da chapeuzinho de dentro do barriga do lobo, a parte que eu mais gostei foi a parte um que a chapeuzinho desobedece a mãe dela, que avô falou para ela não dar moral para vizinhos, e ela ensina o lobo, foi pelo "meu" caminho, eu gosto dessa história por conta que a chapeuzinho aprende que não se acredita em quem não conhecemos. Minha mãe falou que na casa de chapeuzinho ela não educava muito a mãe dela, por isso o lobo apareceu, essa história via ela é muito boa, para aprendermos duas lições não acredite em pessoas estranhas e não desobedeça os pais.



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA
MESTRADO - PPGEEB
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO



Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas.

Piranhas, 02 de ^{Setembro} agosto de 2021.

Professora regente: Suzana Miranda Teles

Pesquisa: **A recepção de clássicos da Literatura na Educação básica: desafios e possibilidades no âmbito da docência.**

Aluno (a) Nicolle Loreia Lopes Almeida Turma: 8º ano "C"

Memoórias de Nicolle = II Parte

Nicolle - 13 anos

Eu lembro que quando eu estava nos primeiros anos, eu tinha várias experiências literárias, e uma dessas experiências era sobre a história que minha vó me contou chamado Chapeuzinho Vermelho, nessa história ela me falava que não poderíamos acreditar em monstrinhos, pois foi por isso que se perdeu o meu avô de Chapeuzinho. Eu me lembro que no 3º ano as professoras pediram para fazer um resumo de sua história favorita. No 4º ano eu comecei ler sozinho, e assim eu li vários, mas uma coisa que me lembro também que minha história preferida era a Bela e a Fera, e foi assim que comecei a fazer minhas coleções de livros, eu lembro que no 6º ano eu comecei a ler na biblioteca, de história mais difícil e completa, para mas facilitar a coleção, nesse época eu fiz uma peça junto com meus colegas, a peça era um peça literária e musical chamado Dona Jaratinha, no sétimo ano, essa vontade de ler aumentou pois foi o início da quarentena, eu amava ler um livro chamado Nape o menino que não existia, esse livro fez parte da minha coleção, junto com muitos outros livros, e isso me fez pensar o escrever e desenhar. Escrevi um conto chamado Li todo malhada e illustrei todo o livro. Essa vontade de ler livros foi aumentando e hoje em dia já li 15 livros

mas os meus favoritos são contos de Shakespeare e Lyrus Rouca e Nape o menino que não existia. Não gosto de ler pelo telefone pois a não livros que está a magia do livro. Quando fui ler um livro, aproveitei aquele momento em que eu li o livro que eu queria ver o lado bom do livro e do leitor. Eu lembro que o livro contos de Shakespeare foi produzido por Maria Quintana e tem 357 páginas, Nape o menino que não existia foi escrito por Edson Bueno e o Lyrus Rouca foi escrito por Paulo Ventura.

data
 fecha

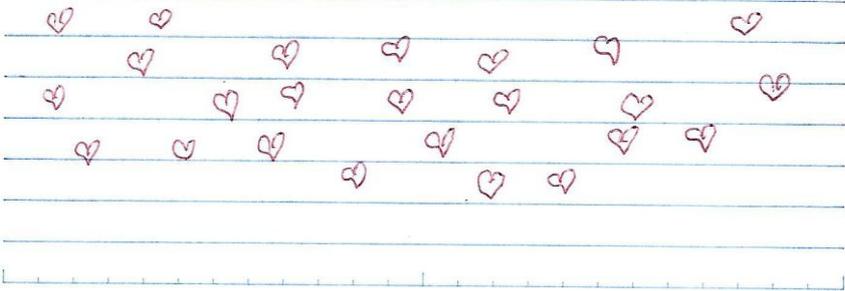
D	S	T	Q	S	S
D	L	M	J	V	S

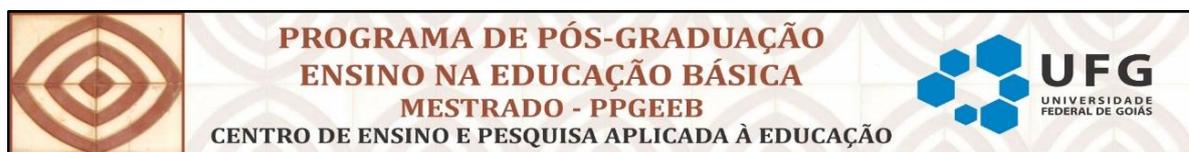
* * * * *
 * A história que mais marcou minha vida *

Nome: Gabrielly Vitória e Idade: 19 anos.

Die então vamos falar sobre mim: Eu me lembro que

Eu nunca gostei de ler mas minha mãe comprou um livro da Cinderela e pediu pra mim ler e li no e na sexta eu comecei a ler e gostei e fui lendo e interin li até e no outro dia comecei a lição de ~~o~~ cinderela peguei meus sapatos e ~~para~~ fingindo ser meu sapatinho de cristal era muito bom e foi assim que eu comecei a gostar de ler e foi essa história que marcou minha vida e essa história é muito interessante por que é de uma que era bem feliz mas ela perdeu o pai e a sua mãe mas antes de seu pai morrer ele tinha casado com uma mulher mal e ela tinha 2 filhas mais também ele estava trabalhando mas ela teve um final feliz. E foi por isso que eu gosto de ler essa foi a melhor história que minha mãe me contou. E essa foi a história que marcou mais a minha vida. Obrigada pela oportunidade, ler é muito importante e faz bem pra nossa vida. Feito com amor e dedicação. Obrigada.



APÊNDICE 6. **PRODUTO EDUCACIONAL**

SUZANA MIRANDA TELES

CLÁSSICOS LITERÁRIOS E MEMÓRIAS DE LEITURAGOIÂNIA
2023

SUZANA MIRANDA TELES

CLÁSSICOS LITERÁRIOS E MEMÓRIAS DE LEITURA

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica como requisito para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes

Orientadora: Dra. Ilma Socorro Gonçalves Vieira

GOIÂNIA
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Teles, Suzana Miranda
Clássicos Literários e Memórias de Leitura [manuscrito] / Suzana
Miranda Teles. - 2023.
XL, 40 f.

Orientador: Profa. Dra. Ilma Socorro Gonçalves Vieira.
Produto Educacional (Stricto Sensu) - Universidade Federal de
Goiás, Centro de Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE), Programa
de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (Profissional), Goiânia,
2023.

Bibliografia.
Inclui siglas.

1. Docência. 2. Educação Básica. 3. Leitura de clássicos da
literatura. 4. Recepção do jovem leitor. I. Vieira, Ilma Socorro Gonçalves,
orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



ATA DE EXAME DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO E DO PRODUTO EDUCACIONAL

Aos vinte e quatro dias do mês de junho do ano 2022, às 08:00 horas, via teleconferência, foi realizada a **Defesa de Dissertação** intitulada "A RECEPÇÃO DE CLÁSSICOS DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO ÂMBITO DA DOCÊNCIA" e do produto educacional "Clássicos literários e memórias de leitura", pelo(a) discente **Suzana Miranda Teles**, como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestra em Ensino na Educação Básica. Ao término da defesa, a Banca Examinadora considerou a Dissertação e o Produto Educacional apresentados **APROVADOS**.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Proclamado o resultado, o(a) Presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata, juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Profa. Dra. Ilma Socorro Gonçalves Vieira (CEPAE/UFG) – presidente,

Profa. Dra. Célia Sebastiana da Silva (CEPAE/UFG) – membro interno,

Profa. Dra. Keila Matida de Melo (FE/UFG) -membro externo,

Profa. Dra. Vivianne Fleury de Faria (CEPAE/UFG)- membro suplente interno.

Profa. Dra. Maria Aurora Neta (UFG) - membro suplente externo.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Ilma Socorro Gonçalves Vieira, Professor do Magistério Superior**, em 24/06/2022, às 09:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Keila Matida De Melo, Professora do Magistério Superior**, em 24/06/2022, às 11:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Celia Sebastiana Da Silva, Professor do Magistério Superior**, em 11/07/2022, às 19:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2998568** e o código CRC **968F6915**.

Referência: Processo nº 23070.032781/2022-97

SEI nº 2998568

TIPO DE PRODUTO EDUCACIONAL

(De acordo com a Resolução PPGEEB/CEPAE N° 001/2019)

Desenvolvimento de material didático e instrucional (propostas de ensino tais como sugestões de experimentos e outras atividades práticas, sequências didáticas, propostas de intervenção, roteiros de oficinas; material textual tais como manuais, guias, textos de apoio, artigos em revistas técnicas ou de divulgação, livros didáticos e paradidáticos, histórias em quadrinhos e similares, dicionários, relatórios publicados ou não, parciais ou finais de projetos encomendados sob demanda de órgãos públicos);

Especificação: Livro paradidático.

DIVULGAÇÃO

- Filme
- Hipertexto
- Impresso
- Meio digital
- Meio Magnético
- Outros. Especificar: ____

FINALIDADE PRODUTO EDUCACIONAL

Material Paradidático abordando a recepção dos clássicos da Literatura com alunos do 8º ano da segunda fase do Ensino Fundamental II.

PÚBLICO ALVO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Estudantes da segunda fase do Ensino Fundamental.

IMPACTO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional apresenta:

- Alto impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado e transferido para um sistema, no qual seus resultados, consequências ou benefícios são percebidos pela sociedade.
- Médio impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado no sistema, mas não foi transferido para algum segmento da sociedade.
- Baixo impacto** – Produto gerado apenas no âmbito do Programa e não foi aplicado nem transferido para algum segmento da sociedade.

Área impactada pelo Produto Educacional:

- Ensino
 Aprendizagem
 Econômico
 Saúde
 Social
 Ambiental
 Científico

O impacto do Produto Educacional é :

Real - efeito ou benefício que pode ser medido a partir de uma produção que se encontra em uso efetivo pela sociedade ou que foi aplicado no sistema (instituição, escola, rede, etc). Isso é, serão avaliadas as mudanças diretamente atribuíveis à aplicação do produto com o público-alvo.

Potencial - efeito ou benefício de uma produção previsto pelos pesquisadores antes de esta ser efetivamente utilizada pelo público-alvo. É o efeito planejado ou esperado.

O Produto Educacional foi vivenciado (aplicado, testado, desenvolvido, trabalhado) **em situação real, seja em ambiente escolar formal ou informal, ou em formação de professores** (inicial, continuada, cursos etc)?

Sim Não

Em caso afirmativo, descreva essa

O produto educacional foi vivenciado com 60 estudantes, de dois 8º anos da segunda fase do Ensino Fundamental II, da Escola da Rede Estadual, do Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas (FMS). A vivência ocorreu em oito (8) aulas.

REPLICABILIDADE ABRANGÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional pode ser repetido, mesmo com adaptações, em diferentes contextos daquele em que o mesmo foi produzido.

Sim Não

A abrangência territorial do Produto Educacional, que indica uma definição precisa de sua vocação, é

Local Regional Nacional Internacional

COMPLEXIDADE DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui:

Alta complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese, apresenta método claro. Explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, há uma reflexão sobre o produto com base nos referenciais teórico e teórico-metodológico, apresenta associação de diferentes tipos de conhecimento e interação de múltiplos atores - segmentos da sociedade, identificável nas etapas/passos e nas soluções geradas associadas ao produto, e existem apontamentos sobre os limites de utilização do produto.

Média complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Apresenta método claro e explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, resulta da combinação de conhecimentos pré-estabelecidos e estáveis nos diferentes atores - segmentos da sociedade.

Baixa complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Resulta do desenvolvimento baseado em alteração/adaptação de conhecimento existente e estabelecido sem, necessariamente, a participação de diferentes atores - segmentos da sociedade.

Sem complexidade - Não existe diversidade de atores - segmentos da sociedade. Não apresenta relações e conhecimentos necessários à elaboração e ao desenvolvimento do produto.

INOVAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui:

Alto teor inovativo - desenvolvimento com base em conhecimento inédito.

Médio teor inovativo - combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos.

Baixo teor inovativo - adaptação de conhecimento existente.

FOMENTO

Houve fomento para elaboração ou desenvolvimento do Produto Educacional?

Sim Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo de fomento:

Programa de Apoio a Produtos e Materiais Educacionais do PPGEEB

Cooperação com outra instituição

Outro. Especifique: _____

REGISTRO DE PROPRIEDADE INTELECTUAL

Houve registro de depósito de propriedade intelectual

Sim Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo:

Licença Creative Commons

Domínio de Internet

Patente

Outro. Especifique: _____

Informe o código de registro: <http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/br/>

TRÂNSFERÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi transferido e incorporado por outra instituição, organização ou sistema, passando a compor seus recursos didáticos/pedagógicos?

Sim Não

Em caso afirmativo, descreva essa transferência

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi apresentado (relato de experiência, comunicação científica, palestra, mesa redonda, etc) ou ministrado em forma de oficina, mini-curso, cursos de extensão ou de qualificação etc. em eventos acadêmicos, científicos ou outros?

Sim Não

Em caso afirmativo, descreva o evento e a forma de apresentação:

TELES, Suzana Miranda. A Recepção de Clássicos da Literatura na Educação Básica: desafios e possibilidades no âmbito da docência. VI Seminário de Dissertações do Mestrado em Ensino na Educação Básica – PPGEEB/CEPAE/UFG. Goiânia: UFG, 2019. 275p. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1014/o/ANAIS_VI_Semina%CC%81rio_Mestrado_2019_-_versa%CC%83o_final_2.pdf

TELES, Suzana Miranda. A Recepção de Clássicos da Literatura na Educação Básica: desafios e possibilidades no âmbito da docência. Anais do VII Seminário de Dissertações do Programa de Pós- Graduação em Ensino na Educação Básica - PPGEEB-CEPAE/UFG, de 14 a 16 de setembro de 2020 / Coordenação, Almiro Schulz ... [et al]. – Goiânia (GO): CEPAE / UFG, 2020. 184 p. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1014/o/Anais_-_VII_Semina%CC%81rio_Mestrado_2020_-_Ficha_catalogra%CC%81fica.pdf

O Produto Educacional foi publicado em periódicos científicos, anais de evento, livros, capítulos de livros, jornais ou revistas?

Sim Não

Em caso afirmativo, escreva a referência completa de cada publicação:

REGISTRO(S) E DISPONIBILIZAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Produto Educacional Registrado na Plataforma EduCAPES com acesso disponível no link: http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/720177
Produto Educacional disponível, como apêndice da Dissertação de Mestrado do qual é fruto, na Biblioteca de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Goiás (UFG) (https://repositorio.bc.ufg.br/tede/).
Outras formas de
Outras formas de acesso

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, eu agradeço ao meu Deus pela força e por ter me proporcionado essa oportunidade de realizar mais esse sonho, que aos meus olhos era inalcançável. Gratidão eterna a TI meu Senhor e meu Rei. Aos meus pais e aos meus irmãos pelo incentivo. Ao meu grande amor, meu cúmplice, meu companheiro e amado filho Josué, que desde o início dessa jornada esteve sempre ao lado. Você é parte dessa conquista, filho amado. Aos meus amigos (a) por sempre torcerem pela minha vitória. Ao Programa de Pós-Graduação do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, da Universidade Federal de Goiás (CEPAE/UFG), por oportunizar esse momento de suma importância na minha vida. Sinto imensa gratidão a minha professora orientadora Doutora Ilma Gonçalves por todos os momentos de orientação, por ter acreditado no meu trabalho, por ter me incentivado mostrando sempre que eu era capaz de finalizar essa pesquisa com exatidão. Mais do que uma orientadora, um ser humano incrível, de imensurável estima. Agradeço também as professoras examinadoras doutora Célia Sebastiana e Keila Matida de Melo pelas contribuições tão significativas que enriqueceram ainda mais esse trabalho. Minha gratidão eterna a todos vocês por me proporcionar a realização de um sonho!

TELES, Suzana Miranda. **Clássicos Literários e Memórias de Leitura**. 2023. 40 f. Produto Educacional relativo a Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

RESUMO

Este Produto Educacional apresenta, por meio de um livro de memórias, os resultados de uma investigação sobre a recepção dos clássicos da literatura na Educação Básica, em dois formatos: do livro impresso e do livro digital, desenvolvido durante o Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do CEPAE/UFG, entre os anos de 2019 a 2022, cujo produto final é a dissertação “A Recepção de Clássicos da Literatura na Educação Básica: desafios e possibilidades no âmbito da docência”. A coleta de dados ocorreu com alunos/as do 8º ano do Ensino Fundamental, no Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas da cidade de Piranhas-Goiás. As produções apresentadas estão divididas em duas partes: na primeira, consta o resultado das atividades realizadas por meio de ensino remoto, devido à pandemia da Covid-19; na segunda parte, consta o resultado das atividades realizadas em ensino presencial. Fundamentado em teóricos que discorrem sobre a importância dos clássicos literários na formação do leitor, como Calvino (1997), Machado (2009) e Colomer (2017), e a respeito da recepção leitora, como Jauss (1979, 1990) e Iser (1996). Para a elaboração deste Produto, foram cumpridas três etapas: planejamento, execução das ações previstas no projeto de pesquisa e organização das produções dos/as alunos participantes da pesquisa, abordando a recepção dos clássicos da literatura na Educação Básica.

Palavras-Chave: Docência. Educação Básica. Leitura de clássicos da literatura. Recepção do jovem leitor.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
1 Memórias – primeira etapa.....	17
1.1 A leitura	18
1.1.1 História literária	18
1.1.2 Memória marcante	19
1.1.3 Memória de fábula	19
1.1.4 Valor da infância	19
1.1.5 Viagem	20
1.1.6 "Pinóquio"	20
1.1.7 Minha experiência com "tosco".....	21
1.1.8 Início do amor pela Literatura.....	22
1.1.9 Amizade na literatura.....	22
1.2 Lembrança de um livro emocionante	23
2 Memórias - segunda parte	24
2.1 "Adão e Eva"	25
2.1.1 A vida da gente.....	25
2.1.2 A memória do "espelho"	26
2.1.3 Memória vermelha	26
2.1.4 Lembrança do conto "O incômodo cadáver".....	26
2.1.5 Conto "Os três porquinhos"	26
2.1.6 Memória das "três maçãs".....	28
2.1.7 Minhas memórias literárias	28
2.1.8 A literatura na minha infância	29
2.1.9 Como eu conheci a literatura	30
2.2 Memórias de Nicolle	30
2.2.1 A história que mais marcou a minha vida	31
3. NA “ODISSEIA” DA VIDA, OS LIVROS AUXILIAM AS PESSOAS.....	32
4 CRÉDITOS	33
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	34

APRESENTAÇÃO

Pegar um livro e abri-lo guarda possibilidade do fato estético. O que são as palavras dormindo num livro? O que são esses símbolos mortos? Nada, absolutamente. O que é um livro se não o abriremos? Simplesmente um cubo de papel e couro, com folhas; mas se lemos acontece algo especial, creio que muda a cada vez.

Jorge Luís Borges

Este Produto Educacional é fruto da minha prática pedagógica, durante a realização da pesquisa de campo para conclusão do mestrado profissional pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, da Universidade Federal de Goiás (PPGEEB-Cepae-UFG). Para a elaboração deste Produto, foram cumpridas três etapas: planejamento, execução das ações previstas no projeto de pesquisa e organização das produções dos/as alunos participantes da pesquisa, em um livro de memórias, divulgado em dois formatos: livro impresso e livro digital. O Produto tem por objetivo contribuir com a prática dos profissionais que atuam na Educação Básica e integra a Dissertação de Mestrado intitulada “A recepção de clássicos da literatura na Educação Básica: desafios e possibilidades no âmbito da docência”.

Sua construção se deu com alunos/as do 8º ano do Ensino Fundamental, no Colégio Estadual Francisco Magalhães Seixas da cidade de Piranhas-Goiás. As produções apresentadas estão divididas em duas partes: na primeira, consta o resultado das atividades realizadas por meio de ensino remoto, devido à pandemia da Covid-19; na segunda parte, consta o resultado das atividades realizadas em ensino presencial.

O primeiro momento de elaboração das atividades que compõem este Produto Educacional aconteceu durante as aulas de Língua portuguesa, por meio de aplicativos e plataformas digitais. Inicialmente, foi utilizado o aplicativo *WhatsApp*, como o principal meio de postagem das aulas remotas e de orientação para a realização das atividades. Em seguida, os/as alunos/as participavam das aulas síncronas pelo *Google Meet*, serviço de comunicação que possibilitava realizar as apresentações e introduzir os conteúdos que seriam abordados, explicar as propostas de atividades e, ainda, facilitava sanar as dúvidas dos/as estudantes, de maneira mais rápida e eficaz.

Durante esse momento, houve o cuidado em mencionar a proposta do trabalho de pesquisa, a relevância dos seus resultados e a importância da leitura literária, em especial dos

clássicos, para a formação do jovem leitor. A ideia explorada foi de que a leitura literária pode ser considerada como um passaporte para outros mundos, como uma viagem que se inicia na primeira linha do texto, mas que não sabemos jamais onde terminará. Em se tratando da leitura dos clássicos, inserimos no diálogo com os/as alunos/as a noção de que temos um universo sem fim, assim como menciona Ítalo Calvino, um dos mais importantes escritores italianos do século XX que, em sua obra *Por que ler os clássicos* (1997), nos ajuda a pensar sobre “o que faz de um texto clássico um clássico”.

Aproveitamos também para o diálogo com os/as jovens leitores/as participantes da pesquisa o que mencionam Shwarcz e Mendes (2015):

Partindo da ideia de que um autor clássico é aquele que precisamos ler para constituir nossa formação como seres humanos, selecionamos esses “nossos clássicos”. Afinal, clássicos são os livros que nos põem em contato com modelos, valores, conceitos que plantam uma semente que será revisitada sempre que estivermos refletindo e assim reelaborando a compreensão de nossas vidas e experiências no mundo. (SCHWARCZ; MENDES, 2015, p. 10).

Ainda recorremos à ênfase dada por Calvino (1997, p. 9), ao dizer que “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. E, ao escolhermos os contos literários que seriam trabalhados com os/as participantes da pesquisa, tivemos o cuidado em destacar aqueles considerados clássicos e que poucos/as estudantes (ou quase nenhum/a) haviam lido ou ouvido suas narrativas. Trabalhar com contos de Joaquim Maria Machado de Assis, autor considerado canônico da literatura nacional, e com contos da coleção árabe *As mil e uma noites* foi uma opção da pesquisa. Os contos machadianos selecionados são os seguintes: “Adão e Eva”, “Teoria do medalhão” e “O espelho”. Os contos árabes são: “As três maçãs” e “O incômodo cadáver”.

O conto “Adão e Eva” foi publicado, inicialmente, na *Gazeta de Notícias*, em 1º de março de 1885, e em *Várias Histórias*, em 1895. Trata-se de uma proposta de reescritura de uma passagem do texto bíblico, para a qual Machado de Assis recria de forma humorada e pessimista “a queda do homem”. Sobre o autor, Oliveira (2010, p. 7) diz que “Ele faz uso da paródia, recriando um texto sagrado, vestindo-o de uma roupagem profana. Isso se constitui uma das marcas do estilo machadiano: parodiar textos, principalmente filosóficos e literários”. Portanto, pode-se considerar que a narrativa clássica “Adão e Eva”, de Machado de Assis, é uma paródia sobre a criação do mundo, a partir das personagens de Adão e Eva, em uma perspectiva realista.

Nesse mesmo sentido, nas mais diferentes formas de abordar os aspectos realistas da vida humana, Machado de Assis manifestou nos contos “Teoria do medalhão” e “O espelho”, presentes na coletânea *Papéis Avulsos*, publicada em 1882, uma visão mais cética e pessimista da vida do homem, uma vez que, na leitura desses dois clássicos, observa-se, por meio dos personagens centrais, a falta de sentido na vida. Hansen (2015, p. 123) destaca que: “A aparência superando a essência; a superfície subjugando a profundidade são temas dos conhecidos contos [...] os quais, portanto, têm muito a dizer a uma sociedade como a atual, que supervalorizada a imagem”. Desse modo, é possível destacar que os textos machadianos são marcados por temas diversos, uma vez que, em sua maioria, observa-se o predomínio do estilo irônico, traços determinantes das obras de Machado de Assis, autor de ação, com textos voltados para a vida prática, proporcionando uma leitura capaz de promover reflexões e de provocar ideias inovadoras, a partir da experiência do homem representada por meio de personagens memoráveis.

A obra *As mil e uma noites* foi escrita por volta do século XIII, mas foi apenas no século XIV que o livro estava completo e sua primeira tradução foi realizada por Antoine Galland, composta por uma coleção de narrativas que apresentam tramas diversas, marcadas pelos personagens de Sahriyar (sultão) e Sahrazad, esposa que envolve o sultão por meio da narrativa de vários contos, em busca de garantir sua sobrevivência. A respeito dessa obra, vale recorrer às palavras de Leme (2018, p. 6) para enfatizar que os textos “As três maçãs” e “O incômodo cadáver” se inscrevem entre aqueles que têm “por objetivo enredar o leitor, tornando-o, da mesma forma que Sahriyar, sujeito ao desenrolar dos acontecimentos”. Assim, a seleção desses contos para o trabalho em sala de aula trazia, em certa medida, a perspectiva de envolver os/as alunos/as participantes da pesquisa em um universo em que a arte de narrar e ouvir histórias poderia ser recuperada.

No sentido de maximizar o entendimento dos contos “As três maçãs” e “O incômodo cadáver”, por parte dos/as estudantes, foram buscadas versões que favorecessem a leitura e, conseqüentemente, tornassem a assimilação das narrativas mais satisfatória, com enredos curtos, mas repletos de acontecimentos e personagens, com descrições que apontavam os desejos, anseios e sentimentos de cada um, possibilitando que o leitor se envolva de forma a criar expectativas em relação ao desenrolar dos fatos.

O segundo momento das atividades da pesquisa de campo se deu quando as aulas estavam retornando de forma híbrida, no segundo semestre do ano de 2021. Na ocasião, a escola estava oferecendo os dois formatos de ensino, remoto e presencial, sendo este último apenas para cinquenta por cento da capacidade de cada sala de aula, de modo que, cada turma

era constituída de uma média de 18 estudantes, aproximadamente. Nesse momento, o intuito era analisar os resultados das atividades nos dois formatos de ensino. No entanto, as atividades precisaram ser realizadas de forma mais breve, vista a exigência em cumprir as propostas curriculares de ensino para a turma envolvida na pesquisa, conforme definido pela Rede Estadual de Educação do Estado de Goiás, com foco na superação das defasagens de ensino e aprendizagem, em decorrência da pandemia da Covid-19.

Assim, os/as estudantes foram esclarecidos/as de que retomáramos a pesquisa, com o propósito de ampliar as informações obtidas, realizar novamente a leitura das obras clássicas trabalhadas no modelo de ensino remoto e finalizar as produções dos textos de memórias. O primeiro conto exposto foi o machadiano “Adão e Eva”. A partir da leitura compartilhada, foram destacados e discutidos alguns aspectos da narrativa, tais como: personagens, tempo, espaço, enredo, ponto de vista da narração, clímax e desfecho. Os/As jovens leitores/as, em todos os momentos dessa leitura, demonstraram-se muito empolgados pelo fato de o texto de Machado de Assis fazer alusão ao texto bíblico sobre o “pecado”, tornando-o mais receptível no contexto da leitura.

A abordagem dos demais contos, “Teoria do medalhão” e “O espelho”, seguiu com um entusiasmo semelhante, embora alguns alunos demonstrassem maior dificuldade nas leituras, alegando ser a linguagem dos dois textos mais complexa. É importante ressaltar que esse posicionamento já era esperado, uma vez que, aquele fora o primeiro contato que o grupo de estudantes teve com tais obras clássicas. Foi preciso, portanto, realizar uma explanação, destacando os aspectos e partes do conto que cada estudante havia compreendido, em forma de esboço, e, no fim, retomar a narrativa de maneira que a turma toda conseguisse acompanhar e participar das discussões.

Igualmente, os contos “As três maçãs” e “O incômodo cadáver”, da coleção *As mil e uma noites*, foram bem recebidos pelos/as estudantes, que se envolveram nas leituras, acompanhando todo o enredo e se implicando nas questões suscitadas, ora se empolgavam, ora se identificavam com os personagens injustiçados. A partir da leitura e das discussões realizadas, conseguiram pontuar suas visões de mundo e compartilhar suas experiências, posicionando-se, criticamente, frente às narrativas.

Na sequência das atividades, houve a etapa das produções dos/as alunos/as, que resultaram neste Produto Educacional. Para tanto, foi trabalhado o gênero “memórias”, explorando-se alguns textos pouco extensos, considerando haver pouca ou nenhuma familiaridade dos/as alunos/as com o gênero.

Durante o processo de produção dos textos de memórias, os/as jovens leitores/as foram convidados/as a rememorar as narrativas literárias que haviam ouvido/lido durante os anos iniciais da vida escolar. Os destaques feitos por eles/as se limitavam a experiências baseadas em contos populares, como “Chapeuzinho vermelho”, “Branca de Neve e os sete anões”, “Os três porquinhos” e “Cinderela”.

Outro momento da pesquisa de campo, que muito colaborou para a finalização deste Produto Educacional, foi o destinado a provocar nos/as jovens leitores/as reflexões sobre suas leituras literárias realizadas nos Anos Finais do Ensino Fundamental. As experiências apresentadas confirmaram a importância do acesso aos contos escolhidos como suporte para a pesquisa, já que, a leitura deles proporcionou à turma do 8º ano conhecer mais sobre clássicos e, possivelmente, despertou interesse para a leitura de outros clássicos.

Assim, é possível considerar que este Produto Educacional é o resultado de uma pesquisa acadêmica com potencial transformador da realidade dos/as jovens leitores/as envolvidos nas atividades, pois é possível vislumbrar a busca futura entre ele/as por leituras de textos desafiadores, na forma e no conteúdo, como é o caso dos que se estabelecem como clássicos da literatura, brasileira ou estrangeira. Desse modo, o trabalho realizado na escola campo da pesquisa poderá continuar a reverberar e cumprir o importante papel de contribuir para que aqueles/as estudantes construam uma trajetória de formação leitora, que vá além das suas experiências na Educação Básica.

Memórias – primeira etapa

Quando pensamos na produção de trabalhos artísticos/literários, vemo-nos diante de algumas reflexões, principalmente ao realizá-los através da *internet*, com jovens estudantes que estão vivenciando uma nova realidade de ensino e aprendizagem, como ocorreu com ensino remoto, que se tornou a alternativa possível durante o ápice da pandemia da Covid-19. Entramos em um espaço desconhecido, movediço, em todos os termos, planejamento, condições de aplicação dos recursos, reflexão e estudo, saber qual a melhor estratégia e o momento adequado para a realização das atividades... Todo esse trabalho não foi fácil, principalmente diante das dificuldades de acesso dos alunos às possibilidades tecnológicas e digitais de que dispúnhamos. Ainda assim, as produções relativas à primeira etapa da pesquisa de campo evidenciam que muitas barreiras podem ser vencidas, especialmente, se a mediação docente se fundamenta na aposta no potencial criativo dos/as alunos/as.

As seguintes produções de textos de memórias fazem parte da primeira etapa da pesquisa e são o que os/as estudantes puderam nos oferecer, frente aos desafios enfrentados no contexto de ensino remoto. Acreditamos que, embora uma série de fatores tenham influenciado nesse trabalho, os resultados poderão ser relevantes para profissionais que buscam um suporte de mediação, para o processo de ensino e aprendizagem.

A leitura

Rafael-13 anos

A leitura é muito importante, quando eu estava no quarto ano à professora me contou uma história e foi a partir desse momento que eu comecei a gostar da leitura. Eu achei bem interessante porque não tinha a oportunidade de ter uma escola para aprender a ler e, quando eu tive essa oportunidade eu fui. Achei muito interessante e me lembro de que o meu pai me deu um livro e eu lia quase toda a noite. Sempre que acho alguma coisa interessante eu leio, principalmente agora que o mundo está sofrendo por causa da Covid-19. É bom ler algumas coisas para distrair a cabeça e também, a leitura é transformadora. Através dela o leitor pode frequentar cidades, viajar pelo mundo, imaginar e até mesmo criar um vínculo com os personagens dos livros. Um exemplo censurado por sua capacidade de influenciar as massas contra os governos opressores no Brasil, a difusão da literatura foi censurada em dois períodos durante o estado no qual Getúlio Vargas era presidente e durante os anos da ditadura militar e, também, a leitura é um fonte inesgotável de prazer. Mas por incrível que pareça, muitos não sentem essa sede em sua totalidade, não sabem a importância da leitura. Ler é exercitar a alma é coexistir com a história, é compreender que a leitura é sobre o ser humano e, somos da humanidade o incentivo a leitura. Além de ser uma importante ação cultural, promove também a inclusão social e o desenvolvimento de nossas ideias, a leitura é tão importante e útil ao nosso espírito, assim como a luz que nos livra da escuridão.

História Literária

Júlia-14 anos

Na minha infância ouvia minha mãe contar a história sobre a Cinderela. Na história, Cinderela era uma moça muito sonhadora e humilde, mas com a perda de seus pais ela sofreu com os maus tratos da madrasta que sempre a escravizou. Na história aprendemos que nunca devemos maltratar e ser egoísta com as pessoas, Cinderela sofreu bastante por conta de sua madrasta, que sempre quis ser superior e quis ter tudo de Cinderela,

principalmente sua vida e beleza. Eu gostei da parte que Cinderela conheceu o príncipe e se casam. Eu aprendi que na vida nada se consegue humilhando as pessoas e trapaceando, quando você quer uma coisa, batalhe por ela.

Memória marcante

Júlia-14 anos

Algo que tenho na memória que marcou muita vida foi o falecimento da minha avó quando eu tinha três anos de idade. Um acontecimento que eu tento superar até hoje, isso marcou minha vida porque além de eu não ter aproveitado ela muito, eu a perdi cedo demais. Mas nada é para durar. “A vida é dor e sofrimento se você preferir, afinal de contas eu não lembro de ter sofrido antes de nascer, e tenho a nítida impressão de que não sofrerei depois de morrer.” A filosofia marca muito minha vida e eu acho que sem a filosofia estarei perdido, então, esses são os caos que marcou minha vida. Eu comecei a ler filosofia pela internet, depois disso eu acabei pedindo um livro.

Memória de fábula

Júlia-14 anos

Quando eu fazia o sexto ano eu lia fábulas, gostava do Leão e o ratinho. Essa fábula as pessoas nunca esquecem, né?! Uma fábula que passa uma mensagem, uma respectiva moral que é “uma boa ação ganha outra”. Na fábula conta que uma vez o ratinho ficou preso na pata do leão, mas ele o soltou, ai certo dia o leão acabou sendo preso as redes dos caçadores e o ratinho na intenção de ajudar, roeu com os seus dentes afiados as cordas da armadilha e soltou o leão, por isso que a moral é “Uma boa ação ganha outra”. A fábula o “Burro e o leão” é bem interessantes porque a mensagem que passa diz que não devemos se importar para certas coisas que as pessoas dizem, e nem perder o tempo brigando com pessoas arrogantes. O burro simplesmente agride com palavras o leão, mas o leão não liga. Mora da história: “Não dê ouvidos a certas coisas”.

Valor da infância

Rodrigo – 12 anos

Eu morava na cidade de Correntina no estado da Bahia e estudava no período matutino; certo dia, na escola, chamei os meus amigos para ir à biblioteca ler um livro. Olhamos muitos livros mas nenhum me despertou interesse. Fiquei mais algumas horas

procurando um bom livro mas não encontrei. Eu já tinha desistido de ler quando, um dos meus amigos me trouxe um livro que eu gostei muito.

No dia seguinte, comecei a ler o livro que chamava o Sítio do Picapau Amarelo. Demorei mais ou menos três semanas para ler o livro. O livro é uma série de 23 volumes de literatura fantástica, escrito pelo autor brasileiro Monteiro Lobato. Um pequeno resumo desse livro é: As histórias do Sítio do Picapau Amarelo são ambientadas no sítio de Dona Benta, uma simpática senhora que vive afastada da correria e do barulho da cidade. Ela conta com a amizade da Tia Anastácia, que cozinha com deliciosos quitutes para ela e sua neta Lúcia mais conhecida como Narizinho. As principais personagens do Sítio do Picapau amarelo são: Dona Benta, Pedrinho, Narizinho, Emília, Tia Anastácia, Visconde de Sabugosa, tio Basnabé, Marquês de Rabicó, o burro conselheiro e o rinoceronte Quindim.

O sítio do Picapau amarelo está marcado na minha vida até nos dias atuais. Pois eu gostei muito da diversidade cultural e da alegria dos personagens. Agradeço muito ao meu amigo por ter me apresentado o livro, porque se não fosse ele eu não teria conhecido essa obra tão especial para mim.

Viagem

Rodrigo – 12 anos

Eu era uma criança quando meu pai foi trabalhar na cidade de Piranhas-Goiás, três meses depois, decidimos nos mudar para lá. Essa foi a minha primeira viagem com 10 anos de idade. Viemos de carro próprio, sempre moramos na fazenda e, dessa vez, não foi diferente. Já morei em quatro fazendas diferentes, porém, nos mudamos há 2 anos. Assim que nos mudamos eu e minhas irmãs começamos a estudar. Hoje tenho doze anos e estudo no 8º ano “B” e sei dirigir a maioria das máquinas agrícolas aqui na fazenda. Essa viagem mudou a minha vida pois, através dela eu consegui ter mais conhecidos e aprendizado.

Pinóquio

Rodrigo – 12 anos

Pinóquio é uma história que trata de um menino feito de madeira, criado por Gepeto, em que o menino vem a ganhar vida pela magia de uma fada azul. O garoto mentia para todos, cada vez que ele mentia seu nariz crescia um pouco. Depois de alguns dias, quando o Pinóquio já era um menino (humano), Gepeto vem a ser engolido por uma baleia e Pinóquio foi engolido logo após seu pai. Os dois foram salvos, expelidos da baleia e viveram

felizes para sempre. Esse é um pequeno resumo do livro que eu li, faz algum tempo que eu li e por isso, não sei se o meu resumo está completamente correto.

Alguns dos detalhes que eu lembro é que quando eu morava no Estado da Bahia, fui na biblioteca da escola que eu estudava e encontrei esse livro do Pinóquio e comecei a ler. No início eu achei muito interessante o livro, porém, quando li mais algumas páginas não gostei das mentiras que o Pinóquio contava para as pessoas mas, na minha opinião, essa história foi uma lição. Porque a mentira trás apenas coisas ruins para a nossa vida.

Sempre que fizermos alguma de errado, lembremos que essas atitudes sempre nos leva para um mal caminho porque mentir para as pessoas não seria uma boa ideia pois, as pessoas podem perde a confiança completamente em você. É importante falar sempre a verdade e isso, essa reflexão, foi o que o conto acrescentou para mim.

Minha experiência com Tosco

Anna Karla – 12 anos

Bom, meu nome é Anna Karla, nunca gostei de ler mas sempre lia com meus pais. Fui alfabetizada em casa com quatro anos, por isso, comecei a ler bem cedo com livrinhos de princesa como Branca de Neve e os sete anões, Cinderela entre outros. E com cinco anos de idade entrei no primeiro ano do Ensino Fundamental.

Na minha escola eles passavam quase todos os meses, livros para lermos e escrevermos relatos sobre o mesmo. Eu estudei em uma escola municipal até o quarto ano e depois essa escola virou municipal e militarizada então, as coisas mudaram um pouquinho; já em relação aos livros, continuou igual. Estudei lá só um ano, até o quinto ano. Ainda no meu último ano do ensino fundamental, estudei um livro muito bom chamado Tosco.

O livro traz uma mensagem muito marcante do cotidiano dos jovens. Lembro que o livro Tosco foi escrito por Gilberto Mattje em 2009. O personagem principal se sentia rejeitado pelos pais que vivia em brigas. Lembro também que o Tosco entrou no mundo das drogas e seu professor e um amigo, o ajudou a sair desse mundão.

Sempre imaginei esse amigo como um menino de cabelos ruivos e curtos, de pele não muito clara e de uma altura aproximada de 1,55 a 1,60. E o professor, com pele escura e de cabelos cacheados, um homem bem musculo e alto, com seus 1,85 a 1,88 de altura. Hoje em dia, gosto mais de ler; só que não qualquer livro literário mas sim um chamado Fanfic.

Esse contexto consiste em uma pessoa escrever uma história que o personagem principal é o s/n (seu nome) e o seu ídolo. Não vou entrar em detalhe sobre esse gênero pois

posso acabar escrevendo um livro de 500 páginas, mas de fato, é muito bom e nos ensina muitas coisas.

Amei a experiência de ler o livro Tosco e, portanto, cheguei a conclusão que todas as pessoas precisam de uma oportunidade de melhorar suas vidas, não necessariamente sobre riquezas, mas sobre condições de viver tranquilamente.

Início do amor pela Literatura

Evelyn – 14 anos

Eu conheci a leitura pela minha mãe, ela sempre lia livros para mim, foi por causa dela que eu me interessei pela leitura e com isso não tive nenhuma dificuldade em aprender a ler. A minha mãe sempre trabalhava então ela não tinha muito tempo disponível, mais sempre que podia ela parava um pouco pra poder ler para mim, ela também me incentivava a aprender a ler. Eu gostava muito de ouvi-la contando essas histórias, me lembro até hoje de um dia em que ela me contou a história da Chapeuzinho vermelho.

Foi a minha melhor experiência com a leitura e na escola, não foi diferente. Desde que eu entrei eu aprendi a ler muito rápido, então a escola teve um papel muito importante para mim em relação a leitura. Lembro que eu ficava na minha carteira quietinha só lendo algum livro. Sem contar com as professoras que gostavam da minha leitura e me incentivam mais.

Quando eu entrei na terceira série do ensino fundamental, comecei a ler livros médios, que não tinham muitas páginas e nem poucas e fui me familiarizando ainda mais, sem contar com as leituras de alguma atividade na sala de aula. Quando eu entrei no quinto ano eu já começava a fazer resumos de livros eu lia, um livro que eu realmente gostei foi Tosco, realmente gostei muito. No sétimo ano comecei a ler vários livros, um que também gostei muito foi o “Bom Gigante Amigo: BGA” é um dos meus preferidos.

E eu tenho certeza que no futuro vou continuar lendo livros porque a literatura é realmente espetacular e maravilhosa.

Amizade na literatura

Evelyn – 14 anos

Uma vez, lá no 3º ano, eu tinha uns oito ou sete anos, eu estava meio triste porque eu era novata e não conhecia ninguém, ou seja, não tinha ninguém pra brincar, e eu era tímida. Até que uma garota (eu esqueci o nome) chegou perto de mim e começamos a conversar, aí ela perguntou se eu gostava de ler, eu respondi que sim. Então ela foi para a carteira dela e

voltou com dois livros. Ela disse que tinha pegado na biblioteca e que a gente tinha que terminar de ler rápido para podermos devolver.

A gente ficou um tempo lendo os livros e depois que a gente terminou, começamos a comentar sobre eles. Depois disso nos tornamos amigas e sempre íamos a biblioteca juntas. Isso foi importante pra mim porque a literatura me deu uma amiga, a literatura me traz coisas boas.

Lembranças de um livro emocionante

Evelyn – 14 anos

Um livro que é muito memorável para mim é o livro “Tosco”, eu realmente gostei muito dele meio que conta a história de superação dele, faz muito tempo que eu li esse texto então talvez eu não me lembro muito. Eu me lembro que a vida dele com a família não era muito boa, o seu pai era agressivo, e sua mãe não dava muita atenção. Ele era realmente muito sozinho, sofria calado, e chorava escondido e bem baixinho, para ninguém escutar. Começou a brigar para se sentir importante, dessa forma ele meio que se sentia “especial”, ele realmente ganhava muita moral com isso.

Até que ele começou a conhecer pessoas ruins como o Pitbull, e foi assim que ele começou a fumar e se drogar, começou a roubar. Ele entrou em um mundo que ele achava que era a melhor coisa. Ele era expulso das escolas, pois nenhuma suportava ele e a sua personalidade, e ainda mais sem nenhum apoio desde criança, claro que isso foi uma das causas dele ter se tornado aquilo. Até que um dia, um professor começou a ajudá-lo, o professor Jeferson realmente ajudou muito o Tosco a sair daquela vida. Tosco conseguiu um emprego, começou a tentar mudar a forma de vida dele, começou a tentar uma vida diferente daquela que ele vivia. E ele conseguiu se libertar de tudo que o atormentava.

Começou a fazer faculdade e trabalhar duro a noite. Até que ele conheceu Laura, um presente para Tosco que a fez mais feliz. Começou a realizar seus sonhos. Fez as pazes com a mãe, se formou e ainda se tornou professor de Educação física, e ainda se tornou pai. Essa é realmente uma história de superação, que tudo é questão de escolhas e que tudo tem o seu preço.

Memórias – segunda etapa

*Escrevo porque à medida que escrevo vou me entendendo e entendendo o que quero dizer, entendo o que posso fazer.
Escrevo porque sinto necessidade de aprofundar as coisas, de vê-las como realmente são...*

Clarice Lispector

A segunda etapa das produções dos textos de memórias ocorreu em um cenário de retomada gradual das aulas presenciais. O grupo de jovens leitores do 8º ano que participaram dessa etapa foi constituído conforme a capacidade da sala de aula. Ao todo, foram 18 alunos, variando algumas vezes, devido às restrições e necessidade de distanciamento social. Além de investigar possíveis discrepâncias entre as produções realizadas na primeira etapa da pesquisa de campo, ocorrida por meio de ensino remoto, e as últimas produções, realizadas no ensino presencial, havia o intuito de ampliar o número de produções para compor este Produto Educacional. Uma importante constatação foi de que o formato no qual foram produzidos os textos de memórias literárias, na segunda etapa, favoreceu, significativamente, o acompanhamento do processo de produção dos/as alunos/as e a mediação das reflexões feitas pela turma, por parte da pesquisadora, aumentando-se, assim, as possibilidades de contribuir para a formação leitora dos/as envolvidos/as na pesquisa de campo.

Para tanto, os/as estudantes tiveram a liberdade de escrever textos de memórias diversos, destacando os fatos e detalhes mais marcantes em sua trajetória de vida e de leitura literária, incluindo relatos pessoais sobre o contato com clássicos na infância e as experiências de leitura dos contos clássicos trabalhados no contexto da pesquisa científica.

Tanto na primeira, quanto na segunda etapa da pesquisa de campo, foi possível constatar a relevância da experiência estética promovida pelo texto literário e o quanto a mediação docente é importante para que sejam rompidos os desafios acerca da recepção dos clássicos pelos jovens leitores, no contexto da sala de aula e para além dela. De fato, todo o cenário social e educacional está em constante mudança, e isso demanda que os mediadores de leitura literária – como é o caso da professora e do professor que atuam na Educação Básica, especialmente nos Anos Finais do Ensino Fundamental –, cultivem um olhar atento quanto às tendências de cada novo tempo e as possibilidades existentes em cada contexto histórico, para que o acesso e a promoção da leitura dos clássicos possam ser garantidos para as jovens gerações.

Seguem os textos de memórias literárias produzidos na segunda etapa da pesquisa de

campo:

Adão e Eva – Machado de Assis

Jean Karillos – 13 anos

Quando eu tinha entre três a quatro anos, eu me lembro de ter ido em uma “escolinha” de alfabetização da minha igreja e lá foi onde eu comecei a aprender a ler e a escrever, além de ser o lugar onde eu entrei em contato com os meus primeiros clássicos. Eu me lembro que o primeiro clássico que me foi mostrado foi “Adão e Eva”. Eu me lembro da sensação de quando a professora leu esse texto para mim. Eu fiquei indignado de o porquê Adão e Eva pecaram mesmo tendo tudo, eu não conseguia entender o sentido deles terem feito isso e, ainda por cima, terem nos amaldiçoado no meio disso tudo! Até hoje não consigo entender ao pé da letra, mas graças a esse texto eu aprendi que as pessoas pensam de formas diferentes. Eu me lembro que aos 8 anos li novamente esse texto e dessa vez, fui discutir com minha mãe sobre o texto. Ela falou Eva pecou porque queria ser como Deus, mas eu os achava só uns idiotas e egoístas. Falei muita opinião sobre e minha mãe me ensinou que cada um tem seu ponto de vista e que devemos respeitar. De qualquer forma foi esse texto que me ajudou a entender isso e sou muito grato.

A vida da gente

Kauã – 13 anos

Quando eu estava no jardim da infância eu conheci essa história, a professora me contou e prestei bastante atenção. Eu gostei do chapeuzinho vermelho e dos três porquinhos, eu me lembro que na história da chapeuzinho vermelho a mãe dela manda ela levar doce para a avó, no caminho, o lobo mal viu a menina com os doces e como ele estava como fome foi atrás dela bem escondidinho, conforme ela andava o lobo ia atrás. Quando estava perto da casa da avó dela, o lobo foi na frente, chegou lá e viu que a vovó estava doente e trancou-a no quarto e vestiu suas roupas se passando pela avó. Chegando na avó, a chapeuzinho achou estranho o jeito que a avó estava agindo e perguntou: _ Que nariz são esses que você tem, vovó? E perguntou várias outras coisas. A chapeuzinho surrou o lobo mal, pegou a vovó colocou na cama deu os doces pra ela. Eu gostei dessa história porque o lobo mal não tentou enganar a chapeuzinho vermelho mais.

A memória do espelho

Ariel – 12 anos

Bem, um conto que eu me lembro é sobre o conto “O espelho”, que se trata de um homem que foi nomeado como um “general” do exército. Ele foi aglomerado de elogios e carinho, ele foi tão...como eu posso dizer? Abençoado de todas as maneiras. Por ele ser um general, ele se denominava superior aos outros, até seus companheiros o elogiavam, todos os seus aliados e subordinados tinham inveja da maneira que o protagonista liderava os outros, o homem de que um dia teve origem da “plebe”, mas um dia ele viu um espelho antigo de sua família e quando ele viu seu reflexo, percebeu que deixou se levar pela luxúria e se esqueceu da sua verdadeira origem, de um homem pobre que não se autoproclamava superior a seus amigos e companheiros. Bem, esta é uma breve memória encurtada.

Memória vermelha

Ariel – 12 anos

Uma história infantil que marcou a minha infância foi a da Chapeuzinho Vermelho. Eu estava na quinta série quando isso me marcou, eu estava estudando quando a minha professora falou para a turma que nós faríamos uma peça teatral sobre a história chapeuzinho vermelho. Ali, a minha professora designou os personagens, após ela contou a história detalhadamente, vou sobre eu interpreto a história infantil da chapeuzinho vermelho. Bem, a história gira em torno de uma garotinha cuja idade citada era entre 10 a 14 anos, ela se chama Chapeuzinho Vermelho porque ela usa uma capa vermelha. Continuando a história, certo dia, sua mãe pediu para ela levar uns doces e pães para a sua avó que estava com grandes enfermidades. Ela foi até a avó mas encontrou um lobo tentando enganá-la falando que era caminho mais curto, sendo que na verdade, era o mais longo e perigoso. Então, o lobo foi mais rápido a casa da avó e a devorou, colocou a roupa dela e, depois de um tempo, a Chapeuzinho chegou. Ficou conversando com o lobo e o lobo tentando enganá-la para devorar a garotinha; até que o lobo perdeu a paciência, começou a correr atrás da menina. Ali perto um caçador ouviu os gritos de socorro da garota e então, abriu o estômago do lobo e salva à vovozinha. Bem, esta história é da minha memória infantil.

Lembrança do conto “O incômodo cadáver”

Immanuel – 13 anos

No início de 2021, lembro que em uma das minhas aulas online de português, a minha professora me apresentou o gênero de memórias literárias. Isso era uma coisa nova

para mim e acabou me lembrando como aprendi a ler, lembro que eu tinha 4 anos e estava no jardim 2 em uma creche. Minha professora apresentou contos e achei incrível aquilo e comecei a gostar muito, também lembro que no 1º ano minha professora mostrou uns contos literários como “A Chapeuzinho vermelho”, “Os três porquinhos” e a “Cinderela”, eu gostei muito desses contos. Lembro que em 2018, a noite, eu estava mexendo na minha televisão e achei o filme da Cinderela e isso me fez lembrar dos contos literários que ouvi no 1º ano. Minha professora me mostrou histórias em quadrinhos e ficamos dias estudando e recentemente, minha professora apresentou um novo conto “O incômodo cadáver”, este virou o meu conto favorito pois traz belas reflexões.

Esta história passa em capital da grande Tartária, em que um alfaiate honesto que se chamava Suliman estava em seu ateliê e escutou um corcundinha tocando e pensou em chamar ele para jantar em sua casa porque iria alegrar a sua esposa. Suliman chamou ele, o corcundinha aceitou. A noite, ambos já estavam esperando para jantar, a esposa de Suliman havia terminado de fazer o peixe e os serviu, o corcundinha comeu tão rápido que os espinhos ficaram em sua garganta e morreu. Suliman com medo de ser condenado a morte, carregou o corpo do corcundinha e colocou na casa de um médico perto de sua casa. O médico ao sair de casa trombou no cadáver do corcundinha e fez ele cair abaixo e pensou que havia matado ele, o médico de ser condenado a morte colocou o corpo do corcundinha em uma chaminé de uma casa de um vendedor. O vendedor chegando em sua casa pensou que era um ladrão e bateu no corpo do corcundinha e percebeu que estava morto e achou que havia matado ele, ficou com medo de ser condenado a morte e colocou o corpo perto. Ao amanhecer, um homem encontrou o corpo e gritou chamando atenção dos guardas, os guardas levaram o homem para o Rei e lá descobriu que o corcundinha era o bobo da corte do rei e lá, o homem iria ser julgado a morte quando apareceu os outros e confessaram seus crimes.

Tive contato com esse texto em uma das minhas aulas de português via online durante a pandemia do Covid-19 e este texto me fez pensar em assumir erros e confessar. Sempre devemos assumir os erros, pois outras pessoas podem se achar culpadas.

Lembro que no início da pandemia fecharam as escolas e falaram que iria durar apenas 14 dias, mais sempre quando estava prestes a voltar às aulas, aumentavam o tempo para retornar e isso foi me deixando triste porque eu queria ver meus amigos, depois de 1 ano e 6 meses que as aulas retornaram. Fiquei muito contente por ver meus amigos, mais ainda temos que manter distanciamento.

Conto “Os três porquinhos”

Rodrigo – 13 anos

Em um belo dia sai da minha casa para ir para a escola, no intervalo do recreio tive uma ideia, chamei os meus amigos para ler um livro, poucos foram, procuramos um livro e achamos um que era muito interessante, começamos a ler o livro que se chamava “Os três porquinhos”. Ficamos admirados com a esperteza dos porquinhos para fugir do lobo, eu gostei muito desse livro porque ele me trouxe esperança e a nunca desistir dos seus sonhos, pois eles algum dia irão se realizar igual aconteceu com os porquinhos que, sonhou em fugir do lobo e se tornou verdade. Em seguida acabamos de ler o livro, fomos procurar outros mas nenhum nos interessou igual a dos três porquinhos.

Uma das partes que eu mais gostei no livro foi o fato de que ninguém havia ensinado eles a fazer nada, eles aprenderam as coisas sozinhos e eu aprendi com os porquinhos que na vida tudo que vem fácil vai fácil, então, não adianta querer tudo que vem fácil pois devemos começar com uma base bem feita.

A outra parte que eu gostei foi quando o lobo correu atrás dos porquinhos e quase matou eles, mas, infelizmente o porquinho conseguiu se refugiar na casa do irmão que era bem feita de tijolo. Eu acho interessante quando os porquinhos saíram de casa, mas será se eles fizeram certo?!

Memórias das “três maçãs”

Elloysa – 13 anos

Bom, quando eu era menor, eu estava aprendendo a ler. Eu gostava de ler aqueles livros infantis, eles tinham imagens e eu achava muito bom, agora que eu estou maior eu continuo gostando de livros infantis mais diminui muito o gosto pela leitura. Eu nunca estudei o gênero memória literária, estou no 8º ano e em 2020 veio um vírus para o Brasil chamado “Covid-19” e por causa disso, nós ficamos de quarentena e começamos com as aulas online e já estamos em 2021.

Bom, certo dia a professora passou o clássico das Três maçãs, como nós estávamos sem aulas presenciais nós estávamos fazendo online, então, a professora de português passa para os alunos fazerem tarefas e então ela passa o texto das três maçãs. O texto conta sobre uma mulher que está muito doente, e ela estava com desejos de comer uma maçã. O marido dela imediatamente foi ao mercado compra as maçãs e quando ele chegou ao mercado, não tinha maçãs. E um agricultor disse: Esta fruta é rara, só pode ser encontrada em Basra no jardim do Califa. O marido da mulher falou:

_ Por amor a minha mulher eu vou até Basra em quinze dias e quinze noites. Ele falou que ao voltar de Basra encontrou a mulher ainda mais doente. Ele disse que colocou as três maçãs de lado e ela não comeu. Ele falou que foi a loja dele e viu um escravo passando e esse escravo estava com uma maçã na mão. O marido da mulher perguntou ao escravo onde o senhor encontrou essa maçã e o escravo respondeu: _ Eu estava viajando e quando eu cheguei de viagem fui visitar minha amante e ela me deu uma das três maçãs, ela falou que o marido dela foi até Basra para pegar as maçãs. Ele falou que ao ouvir essas palavras o mundo ficou preto para ele, e ele fechou a loja e foi para casa. Ao chegar lá só tinha duas maçãs, ele perguntou a ela:

_ Cadê a outra maçã? E ela respondeu:

_ Não sei. Ai ele matou a esposa dele e jogou ela no rio tigre e depois, ele estava andando e viu o filho chorando. Ao ver o filho chorando perguntou:

_ O que foi filho? E ele respondeu:

_ É que passou um homem aqui e me tomou a maçã que o senhor tinha pegado, falei para o moço que o senhor tinha pegado em Basra. O pai no menino o que ele fez, sentido pelo o que o menino disse, ele se entregou ao rei. Fim!

Minhas memórias literárias

Ana Cristiny – 14 anos

Quando eu tinha 6 anos, eu estava no segundo ano do ensino fundamental, eu era uma menina que tinha muita dificuldade na leitura, mais eu sempre fui uma menina dedicada. Um dia, a professora contou uma história para nós. Eu me apaixonei na história, a obra se chamava a Bela adormecida que é um conto muito bom e eu recomendo. Então eu decorei a história da Bela adormecida. A professora vendo o meu esforço, me perguntou se eu podia me apresentar no festival no final do ano. Eu me lembro que eu estava com muito medo de passar vergonha, mas eu aceitei. No dia da apresentação, eu ensaiei tanto o conto que no momento da apresentação eu me sai muito bem. E a professora me deu os parabéns, a partir desse dia eu comecei a amar a leitura e, na época, eu pedia muito para a professora me deixar ir á biblioteca. Então, eu achei várias histórias infantis como a Branca de neve e os sete anões, Chapeuzinho vermelho e muitos outros. Então cada vez mais eu ficava boa na leitura. E até hoje eu sei a história da Bela adormecida de cor. E, por isso, que até hoje eu amo ler histórias infantis.

A literatura na minha infância

Esther Cristynny – 12 anos

(Aluna de inclusão)

Na minha infância, o primeiro contato que tive com os livros literários foi através do meu pai. Num belo dia ele chega em casa com um livro literário para mim da história da Bela e a fera. Ele leu a história para e eu fiquei encantada. A partir daí, ele lia essa mesma história quase todos os dias e eu fui aprendendo a ler também e a me encantar com a leitura literária. Tivemos bons momentos de descontração e aprendizado também. Posso dizer que na minha infância tive bastante experiência com livros literários. Porém, este gosto ficou só na infância mesmo porque fui crescendo e esse gosto diminuindo. Agora com as aulas sobre memórias literárias da professora Suzana estou começando a tomar gosto novamente.

Como eu conheci a literatura

Gustavo – 13 anos

Desde os três (03) anos de idade me lembro que todas as noites minha mãe fazia a leitura de um livro que eu pedia muito. Lembro-me que ele tinha 365 páginas, uma página para cada dia do ano e o nome era “Smilinguido e sua turma”, foi meu primeiro contato com a literatura que me veio à memória.

Eu tinha muita vontade de ir para a escola, então aos três (03) anos minha mãe me matriculou em uma escola, não me lembro o nome dela mas lembro que todos os dias eu levava escova de dente para a escola pois era obrigatório. As professoras eram super legais e contavam histórias todos os dias, todos os anos nos participávamos da quadrilha (festa de São João) com várias danças e músicas, até hoje me lembro das roupas e pinturas que faziam nos rostos.

Quando mudei de cidade eu tinha quatro (04) anos e já tinha muito interesse em aprender a ler, e no primeiro (1º) ano do ensino fundamental já lia alguns pequenos livros como “Os três porquinhos”, que foi o primeiro que mais gostei de ler e contar a história para os meus coleguinhas.

O fato que quando aprendi a ler, fiquei muito entusiasmado, quando saía de casa, passava lendo todas as faixadas de comércio, farmácias e etc. Esses livros que minha mãe lia para mim foram muito importantes pois me proporcionou a facilidade de interpretar e compreender a leitura de textos diversos.

Memórias de Nicolle

Nicolle – 13 anos

Eu lembro que quando eu estava no primeiro ano, eu tinha várias experiências literárias e uma dessas experiências era sobre a história que minha avó me contou chamada “A Chapeuzinho vermelho”. Nessa história ela me falava que não poderíamos acreditar em estranhos, pois, foi por isso que o lobo comeu a avó da chapeuzinho. Eu me lembro que no 3º ano, as professoras pediram para fazer um resumo de sua história favorita. No 4º ano eu comecei a ler sozinha, somente eu e os livros, era uma coisa ótima. Lembro também que minha história preferida era “A Bela e a fera” e, foi assim que comecei a fazer minha coleção de livros. Eu lembro que no 6º ano eu comecei a ler na biblioteca, da história mais difícil e complexa para a mais fácil e racional. Nessa época eu fiz uma peça junto com meus colegas, a peça era uma peça literária e musical chamada “Dona baratinha”. No sétimo ano essa vontade de ler aumentou pois foi o início da quarentena e eu amava ler um livro chamado “Napo - o menino que não existe”, esse livro fez parte daquela época, junto com muitos outros livros e isso me inspirou a escrever e a desenhar. Escrevi um conto chamado “A fada malvada” e ilustrei todo o livro. Essa vontade de ler livros foi aumentando e hoje em dia já li 15 livros mas os meus favoritos são os contos de Shakespeare, “O anjo rouco”, “Napo-o menino que não existe”. Não gosto de ler pelo telefone pois, é no livro que está a magia da leitura. Quando for ler um livro, aproveite aquele momento só você e o livro. Eu lembro que o livro “Contos de Shakespeare” foi traduzido por Mário Quintana e tem 357 páginas, “Napo – o menino que não existe” foi traduzido por Edson Bueno e “O anjo rouco” foi escrito por Paulo Venturelli.

A história que mais marcou minha vida

Gabrielly – 14 anos

Eu me lembro que nunca gostei de ler mas minha mãe comprou um livro da “Cinderela” e pediu para mim ler o livro, na sexta-feira eu comecei a ler e gostei, fui lendo e me distrai tanto que li até no outro dia. Comecei a brincar de Cinderela, pegava meus sapatos e ficava fingindo ser meu sapatinho de cristal, era muito bom e foi assim que eu comecei a gostar de ler, sendo essa a história que marcou a minha vida. Essa história é muito interessante porque é de uma moça bem feliz, mas ela perdeu o pai e a sua mãe. Mas antes de seu pai morrer ele tinha se casado com uma mulher mal e ela tinha 2 filhas que eram ruins também. Cinderela vivia trabalhando, mas ela teve um final feliz. E foi por isso que eu gosto

de ler, essa foi a melhor história que minha mãe me contou que marcou mais a minha vida. Obrigada pela oportunidade. Ler é muito importante e faz bem para a nossa vida.

3. NA “ODISSEIA” DA VIDA, OS LIVROS AUXILIAM AS PESSOAS

Eis que chegamos ao final da proposta desse trabalho, um fim que é apenas um começo para novas oportunidades, novas vivências e novas experiências. Na certeza de ter realizado o melhor que se poderia diante do contexto no qual a pesquisa foi realizada, a da pandemia da Covid-19. No início, houve muitas dificuldades, devido às constantes informações sobre os avanços da contaminação no país pelo novo Coronavírus e as incertezas sobre como daríamos continuidade ao desenvolvimento do projeto de pesquisa.

O contato presencial com os estudantes nos foi vedado, tínhamos apenas os recursos oferecidos pelas Tecnologias da Comunicação e Informação, e isso parecia bem dificultoso, uma vez que a proposta da pesquisa trazia como premissa o diálogo, a interação humana. Ainda assim, optei por acreditar, persistir, perseverar, na esperança de que tudo daria certo no final. E deu!

A leitura de obras consideradas como Clássicos da Literatura sempre foi a minha paixão leitora. Quando entrei na graduação, meu primeiro contato com a leitura clássica no ensino superior foi com as obras de Homero, *Ilíada* e *Odisseia*. Nunca me esquecerei do herói Aquiles, da sua força e crença em si mesmo, de Odisseu, um rei inteligente e astuto, que conseguiu com o “cavalo de troia” ganhar a guerra para a Grécia. Embora Ulisses tenha passado por uma odisseia, ele sempre agia com perseverança e astúcia, e jamais desistia.

Minha motivação está na minha crença, acredito na influência positiva da leitura literária na vida dos jovens, principalmente da leitura de clássicos. E aqui, tomo posse de uma frase do poeta Mario Quintana: “Livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas”. Quintana entendia a importância dos livros na vida das pessoas e sua influência para as gerações futuras.

Os protagonistas dessa odisseia são os estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental, jovens leitores que abraçaram a proposta do projeto de pesquisa aplicado nas aulas de Língua Portuguesa. Cada um/a deles/as entregou em uma folha de papel o que estava presente nas linhas de suas memórias, como textos de memórias de leitura literária clássica ou, simplesmente, como relatos de memórias de algo que marcou muito a sua infância, a sua vida. É possível perceber que, em suas memórias, existem lembranças de momentos e experiências com clássicos infantis e juvenis no contexto da sala de aula, da interação entre professor e

aluno, entre pais e filhos, entre avós e netos, entre amigos. Percebemos desse modo que as experiências com a leitura de clássicos acontecem não somente no contexto escolar, mas também perpassam de geração para geração.

Finalizamos este trabalho, com o contentamento quanto aos resultados que obtivemos, pois, mesmo diante do contexto no qual ele foi produzido, conseguimos contribuir para a formação de jovens leitores. Esses jovens conseguiram resgatar de suas memórias as histórias que leram ou ouviram na infância, e ainda conseguiram compartilhá-las, nos auxiliando na elaboração deste Produto Educacional, que é resultado também de um importante processo de reflexão teórico-crítica sobre o ensino de literatura na Educação Básica.

4 CRÉDITOS:

Os textos que seguem são créditos da pesquisa realizada, que foi acompanhada e apreciada por profissionais que, a partir da leitura dos relatos de memórias dos/as jovens leitores, sentiram-se inspiradas a também revisitar suas memórias de leitura literária e compartilhá-las por meio deste Produto Educacional. Registrar esses créditos se tornou importante, sobretudo, porque eles sinalizam para algo que se constituiu como expectativa deste trabalho: a possibilidade de os relatos aqui apresentados inspirarem outros leitores, de forma que estes se sintam convidados ao exercício de rememoração e de escrita que foi tão valioso na realização da nossa pesquisa.

Memórias de leitura literária

Ilma – professora

Minhas memórias de leitura literária têm como marco inicial um tempo em que eu ainda não sabia ler, pois foi em meio às histórias narradas pelo meu avô materno, que comecei a apreciar poesia genuinamente brasileira, como “Canção do exílio”, do poeta Gonçalves Dias. Eu me lembro que, com ar saudosista, de quem ainda na infância havia deixado sua terra natal, na Bahia, ele declamava os últimos versos do poema:

Não permita Deus que eu morra,
 Sem que eu volte para lá;
 Sem que disfrute os primores
 Que não encontro por cá;

Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

O último verso saía como se houvesse reticências, em vez de ponto final, e o tom parecia traduzir os mistérios e a infinitude não só daquela poesia, mas também dos motivos poéticos de Gonçalves Dias e da saudade que meu avô a ninguém revelava.

Sempre estudei em escolas públicas e, infelizmente, não tive nenhuma professora ou professor que manifestasse qualquer afinidade com a leitura literária. Nas escolas não havia biblioteca e sequer se mencionava a importância desse espaço de abrigo de tão valioso patrimônio cultural! E a formação dos professores, em sua maioria, era ligeiramente básica, não favorecia para que eles fossem referências de leitores para seus alunos. Penso sempre com pesar sobre isso, mas sem rotular ou culpar meus professores por aquela condição, pois a gente só é capaz de oferecer aquilo que tem, e sei que eles nos ofereciam o que tinham de melhor.

Na carência de livros literários na escola, os textos dos livros didáticos ganhavam grande importância. E foi por meio desses materiais destinados ao estudo da língua que tive acesso à obra de Monteiro Lobato, de forma recortada, mas permitindo que a gente cruzasse a porteira do Sítio do Pica-Pau-Amarelo e vivesse algumas aventuras maravilhosas, como viajar com Pedrinho, Narizinho, Emília e Visconde no País das Maravilhas. Para minha sorte, em casa as aventuras no Sítio continuavam com um conjunto de histórias em quadrinhos que meu irmão tomava emprestado de um amigo.

*Durante o ensino fundamental e o ensino médio, faltaram-me indicações, propostas ou obrigações de leituras literárias, mas não me faltaram colegas e amigos que sugerissem, e até emprestassem, obras interessantes, como **O meu pé de laranja-lima**, de José Mauro de Vasconcelos, **E agora?** e **Justino, o retirante**, da escritora Odette de Barros Mott, **O estudante**, de Adelaide Carraro, **Ana Terra**, de Érico Veríssimo, **Vidas secas**, de Graciliano Ramos, **O cortiço**, de Aluísio de Azevedo, entre outros. Concluo com isso que a literatura não tem mesmo fronteiras, pode cruzar os nossos caminhos de diferentes formas, e, quanto mais a gente estiver aberta a imaginar, mais ela pode nos envolver e se tornar parte indispensável da vida.*

Quando fui fazer vestibular, o curso de Letras era segunda opção, porque eu pensava que queria ser jornalista. Hoje sei que, para minha felicidade, fiquei com a segunda opção, já que Jornalismo não constava entre os cursos do vestibular que prestei. E eu pude confirmar, no decorrer do curso, que a escolha não poderia ser outra, e que a literatura, por

ser arte, me permite perceber o mundo para além da minha própria história, me permite, inclusive, viver outras vidas, em outros tempos, em outros lugares, na medida em que cada obra me apresenta novas personagens e novas maneiras de pensar, de sentir, de ser!

Como professora, levo tempo pesquisando obras para propor aos meus alunos e reviro meu repertório para fazer as melhores escolhas, aquelas que possam fazer um valioso sentido para cada um deles. E fico muito feliz, quando os vejo comentando, compartilhando leituras, porque acredito que a leitura literária que hoje realizam muito acrescentará em suas trajetórias pessoais e profissionais, independentemente das escolhas que fizerem para seus futuros!

Goiânia, 20 de maio de 2022.

Descortinando memórias

Giselle Ribeiro

As memórias ocupam uma área no nosso cérebro, dizem os neurologistas, mas, eu, que não sou neurologista nem nada, me atrevo a dizer que as memórias não ficam em lugar nenhum, e em todo o corpo ao mesmo tempo. Nas marcas que o tempo trás, nas cicatrizes de tombos de bicicleta e quedas de cima das árvores na infância, no riso compartilhado, no choro e no colo. Em mim, as memórias literárias principiam quando meus pais fizeram uma nova aquisição para a nossa casa, uma TV à cores 21 polegadas, eu, que já era curiosa tive ali no fim dos anos 80 uma poderosa ferramenta para desenvolver a criatividade e consciência, quando era posta em frente a telinha para a mãe desenrolar seus trabalhos domésticos recebia informação através dos programas infantis, nestes, eram transmitidos desenhos animados, histórias, cartas de telespectadores, telefonemas e muita interação com a plateia.

Também aprendi literatura com os discos de meu pai, era assim que eu lia o mundo ao meu redor, ainda não sabia juntar as letras, formar sílabas ou palavras, mas persisti sendo a leitora que podia ser. Foi então, que em um dia fui levada a um espaço, neste, havia muitas crianças e uns adultos legais, havia chegado a tão sonhada hora de ir para a escola. E de repente, sem pudores algum, o universo ao meu redor foi transformado e a minha própria existência ganhou significados outros, até então, desconhecidos para a pequena criatura curiosa.

Já no Ensino Médio (2001/2003), tive a oportunidade ler muitas obras indicadas pelos professores, eles sempre nos atentavam: “Tal obra cairá no vestibular! Leiam!”, eu lia todos inclusive os chamados “Clássicos Literários”. Uma característica minha como leitora era sempre me apegar aos personagens e por vezes era influenciada pelos mesmos, imaginava ser a própria personagem, e outras me cansava e queria a liberdade de se viver no mundo real e fazer minhas escolhas, ou me pegava pensando em como agiria se tivesse em meu lugar numa, ou noutra situação.

Um personagem tem uma vida gerada pelo autor, e se torna imortal, ou, o que imagino é que nunca morreu ou morrerá, sempre estará ali contando a mesma história e revivendo todos os fatos em uma espécie de Looping Infinito. A literatura para mim além de arte, é quase uma condição existencial, nela me abrigava por horas. Ainda hoje, começar um novo título é empolgante, mergulho no enredo, passo a amar todo o universo que o livro retrata, muito embora, eu não faça parte, mas, posso convidá-los a tomar um café enquanto me contam sua história e me despertem os mais variados sentimentos. O que a literatura me proporciona como expressão artística, é que esta, me furta a realidade e me envolve no contexto que se apresenta. Sendo eu uma leitora feroz de poesias, um dos gêneros preferidos. E aqui, venho me despedir com:

Receita de poema

Um poema que desaparecesse
à medida que fosse nascendo,
e que dele nada então restasse
senão o silêncio de estar não sendo.

Que nele apenas ecoasse
o som do vazio mais pleno.
E depois que tudo matasse
morresse do próprio veneno.

(Antônio Carlos Secchin)

Goiânia, 01 de junho de 2022.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

- ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível.** – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- _____. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** – São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ASSIS, Machado de. *Obra Completa.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **No meio do caminho.** Disponível em <https://www.culturagenial.com/poema-no-meio-do-caminho-de-carlos-drummond-de-andrade/> acesso em 31/10/2021.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural.** Tradução de Paulo Soethe. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- AZEVEDO, Ricardo. **Formação de leitores e razões para a Literatura.** Artigo publicado em SOUZA, Renata Junqueira de. (org.) *Caminhos para a formação do leitor.* São Paulo, DCL, 2004.
- BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas: O valor da escuta nas práticas de leitura.** Tradução de Alexandre Morales. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.
- BARTHES, Roland. **Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977.** Tradução e posfácio de Leyla Perrone – Moisés. – São Paulo: Cultrix, 2013.
- _____. **O prazer do texto.** Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- Bishop, Elizabeth. **Poemas escolhidos.** Seleção, tradução e textos introdutórios Paulo Henriques Britto. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras completas II.* Rio de Janeiro/São Paulo: Globo, 2003. P. 167-169.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira.** – 21 ed. – São Paulo: Cultrix, 2017.
- BURLAMAQUE, Fabiane Verardi. **Leitor formado, leitor em formação: a leitura literária em questão.** Maria Zaira Turchi, Vera Maria Tietzmann Silva (Org.). São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2006.
- CANUTO, Geraldo. **Definição de memória-teoria.** Disponível em: <https://generostextuais2010.blogspot.com/> Acesso em: 30 de Maio de 2021.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade.** 9ª edição revista pelo autor. Ouro sobre Azul, Rio de Janeiro: 2006.
- _____. **A literatura e a formação do homem.** *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos.** Companhia de bolso- 2ª reimpressão. Rio de Janeiro, 1997.
- CADEMARTORI, Ligia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CECCANTINI, João Luís Tápias. **A adaptação dos clássicos.** *Proleitura.* FCL, UNESP de Assis, ano 4, n. 13, p. 6-7, abr. 1997.
- _____. **Vida e paixão de Pandomar, o cruel de João Ubaldo Ribeiro:** um estudo de produção e recepção. UNESP de Assis, 2015.
- COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual.** Tradução de Laura Sandroni. – 1ª ed. – São Paulo: Global, 2017.
- _____. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual;** tradução Laura Sandroni. – São Paulo: Global, 2003.

- COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. – 3. ed. rev. ampl.; 1.reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CORTINA, Arnaldo. SILVA, Fernando Moreno da. **Um olhar sobre a leitura de Best-Seller**. Pesquisa em Educação, Cultura, Linguagem e Arte. Travessias, 2004.
- CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. Tradução de Sandra Vasconcelos. – São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, 199.
- DOSTOIÉVSKI, F. **Memórias do subsolo**. Tradução de Boris Schnaiderman. 6° ed. Editora 34, São Paulo: 2009.
- ECO, Humberto. **A definição da arte**. Tradução de Eliana Aguiar – 1° ed. – Rio de Janeiro: Record, 2016.
- _____. **Os limites da interpretação**. Tradução Pérola de Carvalho. – São Paulo: Perspectiva, 2015. – (Coleção estudos ; 135 / dirigida por J. Guinsburg)
- FARAÇO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba – PR: Criar edições, 2003.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Editora Cultrix LTDA, 1957.
- GALLAND, Antoine. **As mil e uma noites**. Apresentação de Malba Tahan; tradução de Alberto de Diniz. – Rio de Janeiro: HarperCollins, 2017.
- GUDULE. **Contos e lendas das mil e uma noites**. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 31 a 39.
- HANSEN, Marise. **Clássicos brasileiros: orientação para o trabalho em sala de aula**. Organização e edição de Mariana Mendes. Caderno de leituras. Companhia das Letras, 2015, p. 117 a 129.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria de efeito estético**. São Paulo: Ed. 34, 1996. 1v.
- IZQUIERDO, Iván. **Memória** [recurso eletrônico] / Iván Izquierdo. – 2. ed. rev. e ampl. – Porto Alegre : Artmed, 2014.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/go/piranhas/panorama>. Acesso em 28/10/2021.
- JAUSS, Hans Robert; LIMA, Luiz Costa. **A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: 1979. 213 p.
- JAUSS, Hans Robert. **Pour une esthetique de la reception**. Paris: Gallimard, 1990. 305 p.
- JOUBE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Marcos Bagno e Marcos Marcionilo, tradutores. – São Paulo: Parábola, 2012.
- _____. **A leitura**. Tradução Brigitte Hervot. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 9.ed.,3° reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2010.
- KLEIMAN, Â. **Abordagens da leitura**. Vol. 7, n° 14, pp. 13-22. Scripta, Belo Horizonte: 2004.
- LACAN, Jacques. **O estádio do espelho como formador da função do eu**. In: ZIZEK, Slavoj. Um mapa da ideologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 29.
- LARROSA, J. **Literatura, experiência e formação**. In: COSTA, M.V. (Org.). Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. P. 133-160.

- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo** / Marisa Lajolo - 1.ed. - São Paulo: Ática, 2011. (Educação em ação)
- LANGER, Judith. **Pensamento e experiências literários**. Compreendendo o ensino de Literatura. Passo Fundo: UPF Editora, 2005.
- LEME, Elaine Cristina Senko. **UMA ANÁLISE HISTÓRICO-LITERÁRIA DA OBRA “AS MIL E UMA NOITES”**. Recôncavo: Revista de História da UNIABEU, Volume 8, Número 14, janeiro-junho de 2018.
- LISPECTOR, Clarice. **Sonhe**. Disponível em <https://www.refletirpararefletir.com.br/poemas-e-poesias-da-clarice-lispector> acesso em 31/10/2021.
- LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. V.2. Ilustrações Paulo Borges. São Paulo: Globo, 2007.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e Por que Ler os Clássicos Universais desde cedo**. 1º ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19 ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994. – (Coleção primeiros passos; 74)
- MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. – 29. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Cultrix, 2012.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. In. PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. (Pontifícia Universidade Católica). São Paulo, SP – Brasil, 1981.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. – Campinas, SP: Pontes, 4º edição, 2002.
- OLIVEIRA, Éris Antônio. Realidade e criação artística em *Grande Sertão: Veredas*. Goiânia: Ed. da UCG, 2007.
- OLIVEIRA, Davi da Silva. **CONSIDERAÇÕES SOBRE A PARÓDIA BÍBLICA DA CRIAÇÃO DO MUNDO NO CONTO MACHADIANO “ADÃO E EVA”**. Acta Científica – Ciências Humanas – v.1, n.18, 1º Semestre de 2010.
- O Que faz de uma obra um clássico?** Revista Poiésis, n. 11, p.191-213, nov. 2008
PPP – Projeto Político Pedagógico – Col. Estadual “Francisco Magalhães Seixas-GO”.
- PRADO, Jason (Org.); CONDINI, Paulo (Org.). **A formação do leitor : pontos de vista**. Rio de Janeiro : Argus, 1999. 320 p.
- PRENSKY, M. **Digital Natives Digital Immigrants**. On the Horizon , MCB University Press, Vol. 9 No. 5, October, 2001.
- PORTER, Eleanor H. **Poliana moça**. Adaptação de Giselda Laporta Nicolelis. São Paulo: Escala Educacional, 2006. (Série Reviver).
- RESENDE, Vânia Maria. **Ética, estética e afeto na literatura para crianças e jovens**. Elizabeth D’Angelo Serra (org.). – São Paulo: Global, 2001.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. 11. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- SILVA, Antônio Gonçalves da. **(Patativa do Assaré)- Inspiração Nordestina**. – Rio de Janeiro: Circuito, 2018. – 352 p.
- SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. MOURA, Maria Aparecida. **A estética da recepção e as práticas de leitura do bibliotecário-indexador**. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 12, n. 1, p. 123-135, jan./ abr. 2007.

- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira Isaac Nicolau Salum; tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. – 34° ed. – São Paulo: Cultrix, 2012.
- SARTRE, Jean-Paul. **A imaginação**. Tradução de Paulo Neves, - Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.
- SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. MOURA, Maria Aparecida. **A estética da recepção e as práticas de leitura do bibliotecário-indexador**. Perspectivas em Ciência da Informação, v. 12, n. 1, p. 123-135, jan./ abr. 2007.
- SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A memória em questão: uma perspectiva histórico-cultural**. Educação & Sociedade, ano XXI, nº 71, Julho/00. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/KVJmjgPbDQt56Jz3XXK9BRF/?format=pdf&lang=pt>
- SOUZA, Renata Junqueira de. (org.) Caminhos para a formação do leitor. São Paulo, DCL, 2004. ISBN 85-7338-927-3
- SOUZA, Ana Aparecida Arguelho de. **Literatura infanto-juvenil** / Rony Márcio Cardoso Ferreira, organizador. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2013.
- SUTHERLAND, JOHN. **Uma breve história da literatura**. Tradução Rodrigo Breuning. – 1° ed. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução de Caio Meira. – 9° ed. – Rio de Janeiro: DIFEL, 2019.
- _____. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- YASTES, Frances Amélia. **A arte da memória**. Trad. De Flávia Bancher. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tânia M. K. **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. – São Paulo: Global, 2009.
- _____. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: InterSaberes, 2012.
- ZUMTHOR, P. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

ANEXOS

IMAGEM 1 - Certificado de registro do Programa de Bibliotecas

**INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA**

Programa de Bibliotecas

CERTIFICADO DE REGISTRO

O DIRETOR DO INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO, nos termos do Decreto nº 48.902, de 27 de agosto de 1960,

RESOLVE,

expedir o presente CERTIFICADO à

BIBLIOTECA DEPUTADO COSTA LIMA DA ESCOLA ESTADUAL DE
PIRANHAS
localizada em ...PIRANHAS.....
Estado ...DE GOIAS....., sob o número ...23.503.....,
inscrita na Categoria de ...ESCOLAR.....

Brasília, ..29.. de ...OUTUBRO..... de 19..83.

Diretor do Instituto Nacional do Livro



Imagem 2 – Biblioteca da escola campo da pesquisa

